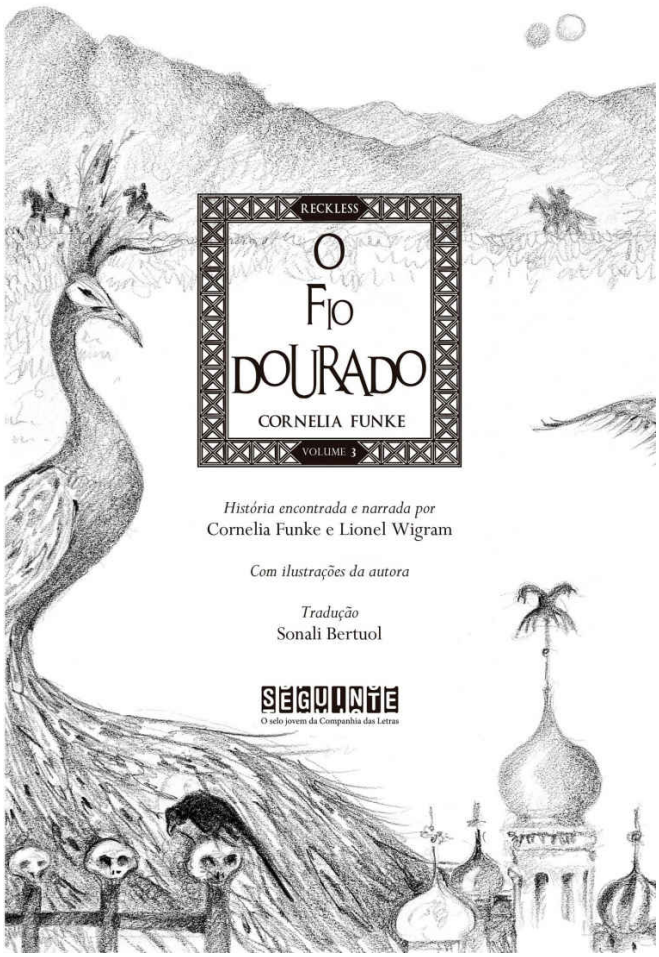


RECKLESS

O Fio Dourado

CORNELIA FUNKE

VOLUME 3



RECKLESS

O Fio Dourado

CORNELIA FUNKE

VOLUME 3

História encontrada e narrada por
Cornelia Funke e Lionel Wigram

Com ilustrações da autora

Tradução
Sonali Bertuol

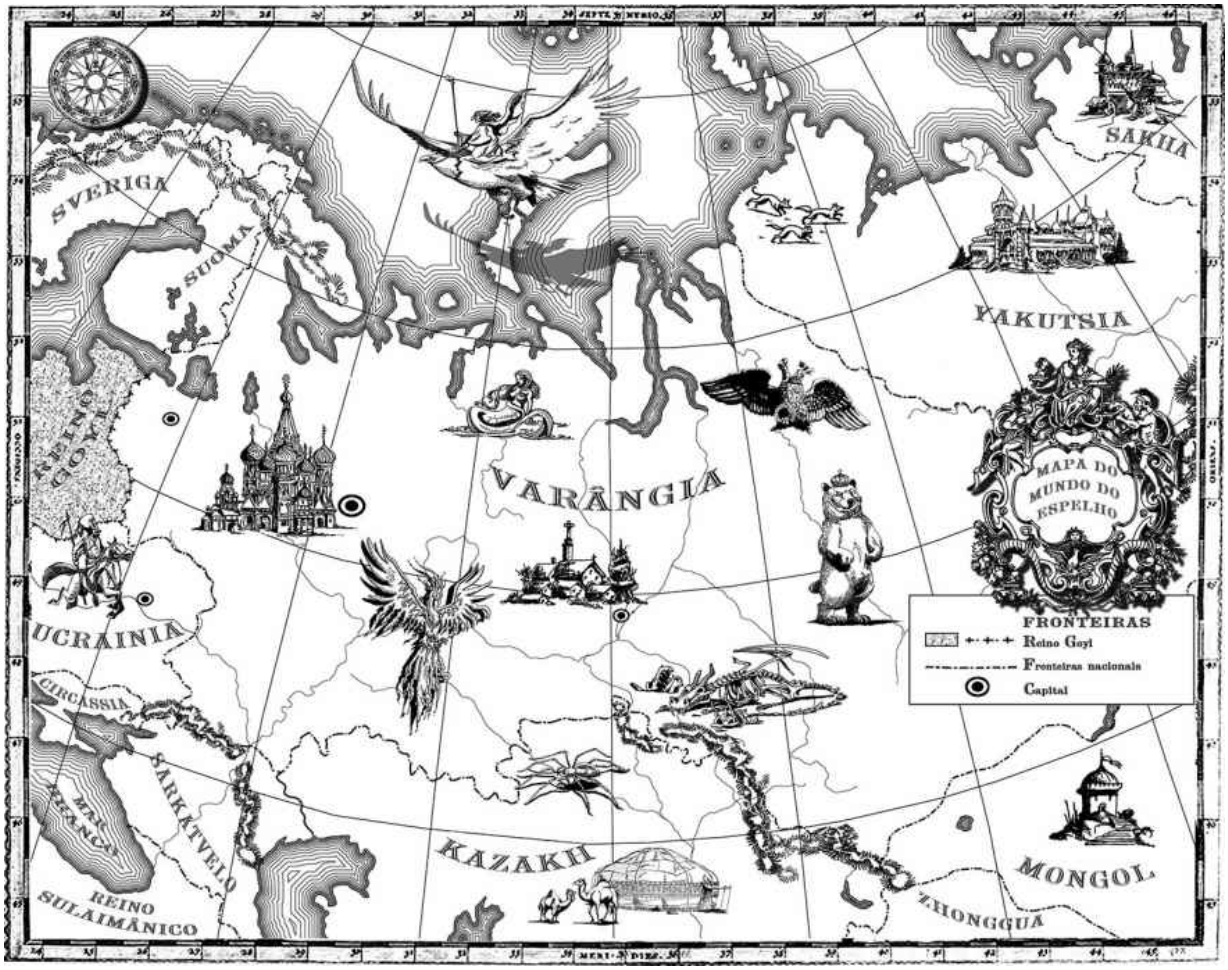
SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para
a fênix Mathew Cullen
e seus magos, em ordem alfabética de sobrenome:

o agenciador de apostas Mark Brinn,
os olhos de bruxo Andy Cochrane,
o canadense David Fowler,
a fada de Marina del Rey Andrin Mele-Shedwig,
o domador de criaturas fantásticas Andy Merkin.



E para
Thomas Gäthgens,
Isotta Poggi
e, por último somente pela ordem alfabética,
Frances Terpac,
que abriu para mim e para Jacob as câmeras do tesouro do Getty Research Institute.


SVERIGA
SUOMA
SAKHA
YAKUTSIA
REINO GOYL
VARÂNGIA
MAPA DO MUNDO DO ESPELHO
UCRÂINIA
CIRCÁSSIA
KARKATVELO
REINO SULAIMÂNICO
KAZAKH
MONGOL
ZHONGGUA
FRONTEIRAS
Reino Goyl
Fronteiras nacionais
Capital

Sumário

1. O príncipe de pedra da lua
2. Uma aliança entre velhos inimigos
3. O mundo dele
4. Um esconderijo seguro
5. O preço
6. Visita para Clara
7. O berço ensanguentado
8. Insônia
9. Acabado
10. Cães demais
11. Era uma vez
12. No lugar errado
13. A dívida do irmão
14. Pelas estradas dele
15. Cego
16. Como uma porta aberta
17. Um velho conhecido
18. A advertência
19. Apesar disso
20. A aflição da heinzelina
21. Espelho, espelho meu…
22. Guerra
23. Em breve
24. Jogo mortal
25. Como nos velhos tempos
26. O rosto postiço
27. Mil passos para o leste
28. As cores da baba yaga
29. A borboleta esquecida
30. Tudo perdido

31. Desaparecida
32. A outra irmã
33. A cidade de ouro
34. O baile do tsar
35. Laços
36. Dela mesma
37. As coisas que desejamos
38. Ridículo
39. Uma parte sua
40. Existem outros
41. O urso do leste
42. Os salteadores nas árvores
43. Histórias perdidas
44. Uma nova mão
45. Dela
46. As perguntas erradas
47. Um recado para Celeste Auger
48. O traje de guerra
49. Em casa
50. O presente dos goyls
51. Um conto de fadas
52. Esquecimento
53. O filho perdido
54. Palavras ocultas
55. Traição
56. Parque Prividenij
57. Voe, tapete, voe!
58. Os mortos errados
59. Montanhas mentirosas
60. O lugar apropriado
61. No destino
62. Covarde
63. Caminhos separados
64. Desprotegida
65. A Fiandeira
66. Tanto a perder

67. Tão fraca
68. Tudo voltará a ser como deveria
69. Como nos sonhos dela
70. A partida
71. O carrasco
72. Prata e ouro
73. Não



1
O príncipe de pedra da lua

Cara de Boneca não deu à luz facilmente. Nem mesmo o jardim do palácio oferecia refúgio contra seus gritos, e a Fada Escura escutava aqueles gemidos e as lamúrias e odiava o que sentia. Ela queria que Amália morresse. Naturalmente. Desejava isso desde o dia em que Kami'en dissera "sim" à mulher em seu vestido de noiva ensanguentado. Agora havia algo a mais: um incompreensível anseio pela criança que arrancava gritos da linda e tola boca de Amália.

Sua magia a mantivera viva todos aqueles meses. A criança que não podia ser. "Você vai salvá-la. Prometa para mim!" Toda vez o mesmo pedido sussurrado depois de amá-la. Kami'en ia para a sua cama à noite só por isso. O desejo de fundir sua carne de pedra com a humana o deixava indefeso.

Ah, como Cara de Boneca gritava! Como se alguém separasse com uma faca a criança do seu corpo, tornado desejável pelos lírios das fadas. Mate-a de uma vez, príncipe sem pele. O que dá a ela o direito de se denominar sua mãe? Teria apodrecido dentro de Amália como um fruto proibido sem toda a magia que a Fada Escura havia utilizado. Sim, ele era filho dela. Ela o vira em seus sonhos.

Kami'en não foi buscá-la pessoalmente para ajudar. Não naquela noite. Ele mandou seu cão de caça, sua sombra de jade de olhos leitosos. Como sempre, Hentzau evitou encarar os olhos da Fada Escura quando parou na frente dela.

— A parteira disse que ela vai perder a criança.

Por que a Fada Escura foi com ele?

Pela criança.

Que o filho de Kami'en tivesse escolhido a noite para vir ao mundo a enchia de uma satisfação secreta. Amália temia tanto a escuridão que uma dúzia de lampiões a gás ficava

permanentemente acesa em seus aposentos, mesmo que a luz pálida e leitosa ferisse os olhos do marido.

Kami'en estava em pé ao lado da cama. Ele se virou quando os criados abriram a porta para sua amante. Por um momento, a fada pensou ver em seu olhar uma sombra do amor que encontrara ali em outros tempos. Amor, esperança, medo: sentimentos perigosos para um rei, que a pele de pedra tornava fácil para Kami'en esconder. Ele se parecia cada vez mais com uma das estátuas que seus inimigos humanos construíam de seus reis.

A fada se aproximou da cama de Amália, fazendo a parteira se assustar e derrubar uma bacia com água e sangue. Até mesmo os médicos recuaram diante de sua presença. Médicos goyls, humanos, anões. De sobrecasaca, pareciam um bando de corvos atraídos pelo cheiro da morte, e não pela perspectiva de uma nova vida.

O rosto de boneca de Amália estava inchado de dor e medo. As lágrimas faziam os cílios em volta dos olhos violeta grudarem. Olhos de lírios das fadas… A Fada Escura pensou olhar para a água do lago que lhe dera à luz.

— Saia! — A voz de Amália estava rouca de tanto gritar. — O que você quer aqui? Ele mandou chamá-la?

A Fada Escura imaginou os olhos violeta se apagarem e a pele que Kami'en gostava tanto de tocar ficar fria e flácida. A tentação de deixá-la morrer era doce. Que pena não poder ceder a ela. Cara de Boneca levaria consigo o filho de Kami'en.

— Sei por que você não deixa a criança sair — a Fada Escura sussurrou. — Você tem medo de olhar para o bebê. Mas não vou permitir que o sufoque com sua carne agonizante. Traga-o ao mundo ou farei com que o tirem de seu corpo.

Cara de Boneca olhou para ela. A Fada Escura não sabia ao certo se o ódio em seu olhar era mais por medo ou por ciúme. Talvez o amor proporcionasse frutos mais venenosos do que o temor.

Amália pariu a criança e o rosto da parteira se desfigurou de nojo e horror. Nas ruas, já o chamavam de Príncipe Sem Pele, mas ele tinha uma pele. A magia da Fada Escura lhe dera uma, firme e lisa

como a pedra da lua, e igualmente transparente. Sua pele revelava tudo o que ela envolvia: os tendões, as veias, o pequeno crânio, os globos oculares. Parecia a Morte, ou seu mais novo filho.

Amália tapou os olhos com as mãos soltando um gemido. O único que olhava para a criança sem repulsa era Kami'en. A fada fechou suas mãos de seis dedos em torno do corpo escorregadio e acariciou a pele transparente até que ela ficasse vermelha e opaca como a de seu pai. Ela dotou o pequeno rosto de tal beleza que todos os olhos que acabavam de se voltar para ele se fixaram enfeitiçados nos traços, e Amália estendeu as mãos para o bebê. A Fada Escura, porém, pôs a criança nos braços de Kami'en. Não olhou para ele ao fazer isso e, quando saiu pelo corredor escuro, o rei não a deteve.

Ela parou para tomar fôlego numa sacada. Suas mãos tremiam quando as limpou no vestido muitas e muitas vezes, até não sentir mais o corpo morno que haviam tocado.

Não havia nenhuma palavra para criança em sua língua. Já fazia muito tempo que não.



2
Uma aliança entre velhos inimigos

John Reckless já estivera no salão de audiências do Torto uma vez. Com outro rosto e outro nome. Fazia cinco anos? Era difícil acreditar que não eram mais, mas recentemente ele havia aprendido muito sobre o tempo… sobre dias que demoravam como anos, e anos que passavam depressa como dias.

— Elas seriam melhores?

O Torto franziu a testa irritado quando o filho escondeu novamente um bocejo atrás da mão. Embora fosse segredo, todo mundo sabia que Louis sofria do distúrbio do sono da Branca de Neve. A Casa Real mantinha silêncio sobre onde e quando o príncipe herdeiro da Lorena contraíra a doença (era comum que, em nome do progresso, os efeitos da magia negra fossem designados como doenças). Mas já se discutira no parlamento de Álbion que perigos (e vantagens) significaria ter no trono de Lutis um rei que a qualquer momento podia cair num sono semelhante à morte durante dias. O serviço secreto de Álbion afirmava que o Torto havia recorrido até mesmo a uma bruxa devoradora de crianças para curar o príncipe — sem muito sucesso, a julgar pelo bocejo que Louis escondia a cada dez minutos atrás da manga bordô.

— Tem minha palavra e a de Wilfred de Álbion, majestade. As máquinas que construirei não apenas voarão mais alto e mais rápido do que os aviões dos goyls como estarão substancialmente mais bem equipadas com armamentos.

John não mencionou que tinha tanta certeza disso porque os aviões dos goyls também haviam sido construídos a partir de seus projetos. Nem mesmo Wilfred de Álbion sabia do passado de seu mais famoso engenheiro. O nome roubado e o novo rosto o haviam protegido dessas revelações. Pelo que se ouvia, os goyls ainda estavam à sua procura. Nariz e queixo diferentes eram um preço

pequeno por dias despreocupados. As noites ainda eram perturbadas pelos pesadelos que os anos passados na prisão dos goyls lhe haviam impingido, mas ele havia aprendido a se virar dormindo pouco. Os últimos anos tinham mesmo lhe ensinado muitas coisas. Não o haviam tornado melhor — ele ainda era um covarde egoísta e egocêntrico movido pela ambição (certas verdades era bom nunca perder de vista), mas a prisão não apenas lhe dera clareza quanto a isso como lhe ensinara uma quantidade inestimável de informações sobre o Mundo do Espelho e seus habitantes.

— Caso seus generais tenham receio de que os aviões não sejam a resposta adequada à superioridade militar dos goyls, posso lhes assegurar que o parlamento de Álbion compartilha dessa preocupação. Me foi concedida permissão de apresentar à Lorena duas das minhas mais recentes invenções.

A permissão, na verdade, havia partido do rei, mas era melhor manter as aparências. Álbion tinha orgulho de suas tradições democráticas, por mais que o poder em última instância ainda estivesse nas mãos do rei e da nobreza. Na Lorena não era diferente, mas ali o povo tinha uma visão menos romântica dos príncipes e das autoridades, uma das causas das rebeliões armadas que no momento assolavam a capital.

Louis bocejava mais uma vez. O príncipe herdeiro tinha a fama de ser tão idiota quanto parecia. Idiota, temperamental e com uma inclinação para a crueldade que preocupava o próprio pai — e Charles da Lorena estava envelhecendo, embora tingisse os cabelos de preto e ainda fosse um homem bonito.

John acenou para um dos guardas que o haviam escoltado de Álbion até ali. A Morsa (o apelido de Wilfred I era tão acertado que John sempre tinha receio de um dia se dirigir a ele usando esse nome) desejou que fizesse boa viagem. Apesar da conhecida aversão de John a navios, o rei insistira que fosse seu melhor engenheiro quem levaria a ideia de uma aliança ao Torto. Os projetos que o guarda estendeu a seu ajudante haviam sido preparados de próprio punho por John para aquela audiência — com a omissão de alguns detalhes, que forneceria posteriormente,

assim que a aliança fosse selada. Afinal, ele estava apresentando tecnologia de outro mundo.

— Eu os batizei de “couraças”. — John teve que conter um sorriso quando seus inimigos da Lorena se debruçaram sobre os desenhos com uma mistura de inveja e espanto. — A cavalaria dos goyls é impotente contra essas máquinas.

O segundo projeto mostrava mísseis com ogivas explosivas. Em alguns momentos a consciência de John o levara para o banco dos réus. Afinal, ele poderia ter fornecido àquele mundo invenções que o tornassem mais saudável e mais justo para seus habitantes. Normalmente, ele aliviava a culpa com uma generosa doação a um orfanato ou às defensoras dos direitos da mulher em Álbion, ainda que isso lhe evocasse muitas recordações de Rosamund e de seus dois filhos.

— Quem vai fabricar essas válvulas?

John voltou ao presente, no qual era um homem sem filhos e a mulher de sua vida, quinze anos mais nova do que ele, era filha de um diplomata leonês.

— Se eles podem construir essas válvulas em Álbion podemos fazer o mesmo aqui — disse rispidamente o Torto ao engenheiro que fizera a cética pergunta. — Ou devo mandar meus engenheiros estudarem nas universidades de Pendragon e Londra?

O rosto de John mudou de cor, e os conselheiros do Torto o contemplaram com olhares frios. Todos no salão sabiam o que significava a resposta de seu rei. Sua decisão fora tomada: Álbion e a Lorena fechariam uma aliança contra os goyls. Uma decisão histórica para aquele mundo. Duas nações que havia séculos não desprezavam um pretexto para declarar guerra uma à outra eram convertidas em aliadas pelo inimigo comum. O velho jogo.

John decidiu escrever no jardim do palácio o comunicado que informava seu sucesso diplomático ao rei e ao parlamento de Álbion, embora não tivesse sido fácil encontrar um banco ao lado do qual não houvesse uma estátua. A fobia de imagens de pedra era mais um dos penosos efeitos colaterais de sua prisão.

Enquanto ele redigia uma notícia que abalaria as relações de poder naquele mundo, seus vigias uniformizados observavam as

damas que passeavam entre as sebes cuidadosamente escoradas. Elas confirmavam o boato de que o Torto ambicionava reunir em sua corte as mais belas mulheres do país. John achava tranquilizador que Charles da Lorena fosse um marido ainda pior do que ele. Afinal, antes de encontrar o espelho, ele nunca enganara Rosamund. E quanto a seus casos amorosos em Schwanstein, Vena e Blenheim, era discutível se o que acontecia em outro mundo era considerado traição. *Sim, John, é.*

Quando assinou no final do comunicado (com uma caneta-tinteiro que ele modernizara discretamente, porque o incomodava sempre lambuzar os dedos com tinta), ele viu, andando rápido em sua direção pelos brancos caminhos de pedregulhos, um homem que estivera ao lado do príncipe herdeiro na sala do trono. Ele vestia uma sobrecasaca antiquada e não era muito mais alto que um anão adulto. Os óculos, que ajeitou enquanto parava na frente de John, tinham lentes tão grossas que os olhos pareciam os de um inseto. Suas pupilas de fato eram pretas e brilhantes como as de um besouro.

— Sr. Brunel? — Fez uma reverência e deu um sorriso subserviente. — Com licença. Arsene Lelou, tutor de sua alteza, o príncipe herdeiro. O senhor me permitiria… — ele pigarreou, como se o assunto fosse um espinho na garganta — … hum… incomodá-lo com um pedido?

— Claro. Do que se trata?

Talvez o sr. Lelou precisasse de ajuda no esclarecimento de alguma inovação técnica. Certamente não era fácil ser professor de um futuro rei num mundo que crescia com tanta rapidez. Mas a questão não tinha nada a ver com a nova magia, como eram chamadas daquele lado do espelho a técnica e a ciência.

— Meu, hum, aluno real… — ele sussurrou — tem mandado realizar investigações sobre o paradeiro de um homem que trabalhou para a Casa Real de Álbion. Como o senhor entra e sai dali, gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe pedir em nome de sua alteza que nos auxilie na busca.

John já havia escutado histórias terríveis sobre como Louis da Lorena procedia com seus inimigos. O homem pelo qual Arsene

Lelou perguntava tinha sua mais profunda compaixão.

— Claro. De quem se trata?

Nunca fazia mal simular-se solícito.

— Seu nome é Reckless. Jacob Reckless. Ele é um famoso caçador de tesouros, que trabalhou também para a imperatriz da Austrásia.

John constatou irritado que sua mão tremia quando entregou o despacho assinado para um de seus guardas. Com que facilidade o corpo traía alguém!

Arsene Lelou notou o tremor.

— Um fogo-fátuo — explicou John. — Já faz anos, mas o tremor nas mãos permaneceu. — Ele nunca se sentira tão grato por seu novo rosto. Afinal, seu filho mais velho era muito parecido com ele. — Por favor, diga ao príncipe herdeiro que pode encerrar suas investigações. Pelo que sei, Jacob Reckless morreu no ataque goyl à frota de Álbion.

Ele ficou muito orgulhoso pela indiferença em sua voz. Com certeza, Arsene Lelou não percebera que John ficara vários dias sem conseguir trabalhar quando ouvira a notícia que ele agora repetia com serenidade. Sua reação o surpreendera de tal maneira, que inicialmente ele pensara que as lágrimas que haviam molhado o jornal eram de outra pessoa.

Seu filho mais velho… Havia anos que John sabia que Jacob o seguira através do espelho. Todos os jornais falavam sobre seu sucesso como caçador de tesouros. Apesar disso, o encontro inesperado em Goldsmouth fora um choque considerável, mas seu novo rosto o protegera. Ele escondera tudo o que sentira no momento: tanto o susto quanto o amor — e a surpresa ao perceber que ainda o amava.

John não se espantara com o fato de que Jacob o seguira. Afinal, não fora totalmente sem querer que ele deixara num de seus livros as palavras que indicavam o caminho. (Ele próprio as descobrira num livro de química que Rosamund herdara de um de seus ilustres antepassados.) John achava fascinante que seu filho mais velho tivesse se dedicado à tarefa de buscar o passado perdido daquele mundo, enquanto ele mesmo levava o futuro para lá. No que dizia

respeito a caráter, Jacob era muito parecido com a mãe. Rosamund sempre fora muito mais de preservar as coisas do que modificá-las. Um pai podia se orgulhar de um filho que havia abandonado? Sim. John havia recortado cada artigo sobre o sucesso de Jacob, cada ilustração de jornal que retratava seu rosto ou suas façanhas. Sem que ninguém, nem sua amante, soubesse, claro. Ele também escondera dela as lágrimas pelo filho.

— O ataque dos goyls? Ah, sim, sim. Impressionante. — Arsene Lelou afastou uma mosca da testa pálida. — Essas máquinas voadoras têm ajudado demais os goyls em suas vitórias. Espero com impaciência ardente pelo dia em que suas máquinas defenderão nosso solo sagrado. Graças à sua genialidade, a Lorena dará finalmente uma resposta adequada ao rei de pedra.

O sorriso lisonjeiro que Lelou dirigiu a John o lembrou do confeito com que as devoradoras de crianças cobriam os batentes das portas. Arsene Lelou era um homem perigoso.

— Assim mesmo, gostaria que me permitisse corrigi-lo — ele prosseguiu com satisfação perceptível. — O serviço secreto de Álbion não parece ser tão bem informado quanto sua reputação. Jacob Reckless sobreviveu ao naufrágio da frota. Tive o duvidoso prazer de encontrá-lo algumas semanas depois. Ele declara que Álbion é sua pátria. Além disso, minhas investigações apuraram que costuma solicitar o parecer de Robert Dunbar, um professor de história da Universidade de Pendragon, em suas caças ao tesouro. Tudo isso torna absolutamente provável que em algum momento se faça ver na corte de Álbion. Afinal, ele depende de clientes reais. Acredite, sr. Brunel, eu não o teria importunado se não tivesse a certeza de que o senhor pode prestar um grande auxílio ao príncipe herdeiro nessa questão!

John não poderia dar um nome aos seus sentimentos. Mais uma vez eram surpreendentemente arrebatadores. Lelou devia estar enganado! Quase não houvera sobreviventes e ele consultara as listas de nomes dezenas de vezes! *E agora, John?* Que diferença fazia se seu filho mais velho estava vivo ou morto? Renunciar à única pessoa que poderia ter amado desinteressadamente fora o preço de uma nova vida. Mas, nos túneis escuros dos goyls, o

desejo de ser absolvido por seu filho crescera como uma das plantas sem cor que eles cultivavam em suas cavernas… e com ele a esperança de que o amor que descartara tão negligentemente não estivesse perdido para sempre. John tinha que admitir que quase sempre fora perdoado: por sua mãe, sua mulher, suas amantes… mas um filho provavelmente não perdoava com tanta facilidade, sobretudo quando era tão orgulhoso.

Ah, sim, John se lembrava do orgulho de Jacob! E de sua coragem. Felizmente ele era muito jovem para perceber como o pai era covarde. Medo… Toda a vida de John tinha sido marcada por esse sentimento: da opinião dos outros, de não ter sucesso e dinheiro, das próprias fraquezas, da própria vaidade. Na prisão dos goyls, no começo, fora quase um alívio finalmente ter um bom motivo para ter medo. A covardia era muito mais ridícula quando se vivia uma vida na qual a maior ameaça física era o trânsito…

— Sr. Brunel?

Arsene Lelou ainda estava diante dele.

John obrigou-se a sorrir.

— Tem a minha palavra, sr. Lelou. Vou manter meus ouvidos atentos. Caso escute falar de Jacob Reckless, enviarei notícias.

Os olhos de besouro de Arsene Lelou brilhavam de curiosidade. Arsene Lelou não caíra na história do fogo-fátuo. Isambard Brunel tinha um segredo. John estava certo de que ele era um colecionador de segredos e um mestre na arte de transformá-los em ouro e influência no momento certo. Mas ele próprio tinha alguma experiência em esconder os seus.

John se levantou do banco. Não podia fazer mal lembrar ao Besouro quem era o mais alto dos dois.

— Seu aluno real se interessa pelas teorias da nova magia, sr. Lelou?

Jacob costumava escutá-lo por horas quando ele lhe explicava como funcionava um interruptor ou qual era o segredo de uma bateria. O mesmo filho que se lançara com tanta paixão ao redescobrimento da antiga magia. Seria um ato inconsciente contra o pai? Afinal, John nunca escondera que tinha interesse apenas pelos milagres feitos pelo homem.

— Ah, sim, claro. O príncipe herdeiro é um grande defensor do progresso.

Arsene Lelou se esforçava seriamente para soar convincente, porém seu olhar constrangido confirmava o que se dizia na corte de Álbion sobre Louis: com exceção do jogo de dados e de garotas de qualquer condição social, nada era capaz de capturar o interesse do futuro rei por mais do que alguns minutos. Além disso, segundo espiões, Louis desenvolvera nos últimos tempos uma paixão por armas de todo tipo — o que era preocupante levando em conta sua inclinação para a crueldade, mas vantajoso para os planos de Álbion de pôr em andamento uma modernização do arsenal de ambos os exércitos.

E você vai ensiná-los a construir tanques e mísseis, John. Não, não era verdade que ele não tinha consciência. Todos tinham. Mas havia tantas outras vozes que se faziam ouvir em sua cabeça muito mais facilmente: a ambição, o anseio pela fama e pelo sucesso mundano… e para vingar quatro anos roubados. Ele admitia que os goyls não tratavam seus prisioneiros tão mal quanto o rei de Álbion, sem falar do Torto. Mas John queria vingança mesmo assim.



3
O mundo dele

O edifício em que Jacob crescera erguia-se mais alto no céu do que as torres do palácio que intimidavam Fux quando criança. Aquele mundo era diferente. Ela não sabia como descrever essa diferença, mas a sentia tão claramente como aquela entre o pelo e a pele. As últimas semanas lhe haviam esclarecido muito sobre o que Fux não entendera todos aqueles anos.

Os rostos rígidos de pedra olhavam do alto das fachadas cinzentas, como os fósseis das cidades dos goyls, mas entre todo aquele aço empilhado, muros de vidro, tubos que soltavam gases nocivos e o barulho infindável dos automóveis, o outro mundo parecia uma peça de roupa que ela e Jacob usavam secretamente. Pessoas, casas, ruas… No mundo dele havia tudo isso em demasia. E muito poucas florestas onde encontrar proteção. Não havia sido fácil chegar até a cidade em que Jacob crescera. As fronteiras de seu mundo eram vigiadas com mais rigor do que as da Ilha das Fadas. Documentos falsificados, uma foto na qual seu rosto traía toda a perplexidade que ela não conseguia espantar, estações, aeroportos, novas palavras. Fux vira nuvens de cima, ruas que à noite pareciam serpentes de fogo. Ela nunca esqueceria nada daquilo. Mas estava contente que o espelho através do qual haviam chegado não era o único e logo eles estariam em casa novamente.

Era por isso que estavam ali. Para voltar, e para ver Clara e Will. Jacob falara ao telefone com o irmão algumas vezes desde que haviam chegado a seu mundo. Ele fizera desaparecer o jade da pele de Will, mas tinha consciência de que tudo o que o irmão vivera do outro lado do espelho não poderia ser apagado. Quanto Will havia mudado? Jacob jamais perguntara em voz alta, mas Fux sabia que pensava naquilo. Ela, no entanto, tinha que admitir que se perguntava mais sobre o que Jacob sentiria ao rever Clara. Mesmo

que, depois de tudo o que os dois haviam vivido nos últimos meses, Jacob e Fux parecessem tão próximos que quase parecia indiferente a ela se beijasse outra. Quase.

A porta que Jacob segurava aberta para ela era tão pesada que quando criança Fux certamente não teria conseguido abri-la sozinha. Ela sentiu o calor dele como um lar quando passou junto a ele. Um lar que continuava a ter mesmo naquele mundo. Jacob estava contente por Fux estar ali, ela via isso nele. Suas duas vidas reunidas. Fazia anos que Jacob perguntava se ela queria ir com ele. Fux tinha pena de dizer não toda vez.

Enquanto Jacob trocava gentilezas com o porteiro ofegante, Fux observava o amplo vestíbulo. Ele crescera num palácio, comparado com a casa miserável em que ela passara a infância! Com sua grade, o elevador, para o qual ele a chamou com um aceno, lhe lembrava muito uma jaula, mas Fux se esforçou para não demonstrar seu desconforto a Jacob, como fizera no avião no qual haviam chegado. Apenas a visão das nuvens havia compensado o sufoco metálico.

— Só mais uma noite. — Jacob lia os pensamentos naquele mundo também. — Assim que eu me livrar dessa coisa maldita, voltaremos.

A balestra. Jacob carregava sob a camisa o saco mágico que a escondia. A magia ainda funcionava. Jacob não sabia explicar como. Até então, todos os objetos mágicos com que atravessara o espelho haviam perdido seu poder. Ele atribuía isso à magia élfica da balestra, mas o vestido de pelo de Fux também funcionava. Ela ficara muito aliviada quando constatara isso. A raposa a ajudaria a não se perder completamente naquele mundo estranho. Mesmo não sendo fácil encontrar lugares nos quais pudesse se transformar sem ser percebida.

A vertigem que sentiu quando saiu do elevador lembrou Fux do dia em que, ainda criança, subira numa árvore muito alta. Uma janela emoldurava a cidade de Jacob: árvores de vidro, relva de chaminés, flores de caixas-d’água enferrujadas.

Fazia quase um ano que Fux não via Will. Em sua memória, ele ainda tinha a pele de pedra, mas a alegria em seu rosto quando o

rapaz abriu a porta para eles fez essas lembranças se dissiparem como sonhos ruins, embora tivesse achado que parecia cansado. O espelho havia dado aos dois irmãos dons bastante diferentes, mas tudo o que era mágico não era assim mesmo? A uma das irmãs, o ouro; à outra, o piche fervente…

Will quase não parecia notar o quanto ela havia mudado, mas Clara olhou para Fux tão espantada como se não pudesse acreditar que tinha diante de si a mesma menina que conhecera no outro mundo. Sempre fui mais velha que você, Fux queria dizer, é o pelo que faz isso. Ela era ao mesmo tempo jovem e velha. Lembrou-se da proximidade que tivera com Clara — e do sentimento de traição quando surpreendera Jacob com ela. Clara também lembrava. Fux viu isso em seu olhar.

Jacob havia lhe pedido que não contasse a Clara nem a seu irmão que ele quase pagara a pele de Will com a própria vida. Assim, Fux não disse nada sobre sua corrida contra a morte, apenas respondeu a perguntas como se estivesse gostando daquele mundo. As coisas sobre as quais não falamos…

Em algum momento, ela perguntou a Clara onde ficava o banheiro. Na volta, parou diante do quarto de Jacob. Uma estante com livros gastos, fotos de Will e de sua mãe sobre a escrivaninha, na qual havia talhado suas iniciais. Havia mais alguma coisa. A silhueta de uma raposa. Fux passou os dedos sobre o entalhe colorido com tinta vermelha.

— Tudo certo?

Jacob estava na porta. Fux constatou mais uma vez como ele ficava diferente com as roupas daquele mundo. O que ela deveria dizer? Jacob lhe contara que, no começo, quando chegara pelo espelho, Alma precisara alimentá-lo durante dias com ervas medicinais. Mas no mundo dele não havia nenhuma bruxa que pudesse fazer seu corpo se adaptar.

— Por que você não volta? Eu vou depois, amanhã à noite.

Sobre a cama, na parede, havia fotos penduradas, não as sépia do seu mundo, mas com cores vivas, de rostos que nada diziam a Fux. Ela já tivera certeza de conhecer cada canto do coração de Jacob, mas ele era como um país pelo qual ela viajara apenas por

algumas partes. Ela queria conhecer os lugares de que ele gostava naquele mundo, entender de onde vinha… mas por enquanto era suficiente. Seu corpo sentia falta do seu próprio mundo, como se ela estivesse respirando errado por tempo demais.

— Sim — ela disse —, talvez você tenha razão. Will e Clara vão entender, não vão?

— Claro. — Ele acariciou a testa dela. Doía, como se o barulho do mundo dele, tal um enxame de vespas, tivesse feito um ninho dentro dela.

Fux havia imaginado o quarto no qual o espelho estava pendurado quase exatamente igual. A escrivaninha empoeirada do pai de Jacob, as miniaturas que tanto se pareciam com o avião com o qual haviam fugido da fortaleza dos goyls, as pistolas que pareciam vir do mundo dela… e talvez viessem de fato.

— Você não está indo por causa dela, está? — Jacob tentou soar casual, mas Fux percebeu que a pergunta estava na ponta da língua dele havia horas.

— Dela? — Ambos sabiam de quem ele falava, mas Fux não resistiu à tentação. — Da vendedora de chocolates? Ou da garota da qual você comprou flores para Clara?

Ele sorriu, aliviado com o sarcasmo.

— Mande um telegrama para Dunbar quando chegar a Schwanstein. — O olhar que ele lançou para o espelho revelou a Fux o quanto gostaria de ir com ela. — Pergunte o que ele sabe sobre elfos dos amieiros. Quero saber quantos existem, como reconhecê-los, quem são seus inimigos, seus aliados, como é sua magia, quais são suas fraquezas… tudo o que ele puder encontrar.

Robert Dunbar era um dos mais prestigiados historiadores de Álbion. Seu conhecimento havia ajudado Jacob em muitas caças ao tesouro. Além disso, ele era um meio far-darrig, razão pela qual escondia uma cauda de rato sob a sua casaca — e devia a Jacob a sua vida.

— Elfos dos amieiros? Você tomou gosto pela coisa e agora quer encontrar mais armas mágicas?

— Não. Acho que uma me basta. — A seriedade na voz de Jacob revelou que ele tinha em mente algo sobre o que ainda não queria

falar.

— É melhor que algumas coisas nunca sejam encontradas, Jacob. — Fux não sabia dizer o que a fazia repetir a advertência que Dunbar lhes fizera poucas semanas antes.

— Não se preocupe. — Jacob lhe estendeu as roupas de que ela precisaria no outro mundo. — Não estou procurando elfos perdidos. Só quero me assegurar de que ainda não os encontrei.

Fux deveria ter ficado, mas não sabia de qual mundo ele falava. Ele devia estar certo, já que aquele era o mundo dele.

Jacob se encostou na escrivaninha de seu pai quando ela se dirigiu para o espelho. Fux sentiu sua falta assim que tocou o vidro.



4
Um esconderijo seguro

O Metropolitan situava-se acima do tráfego ininterrupto da cidade como um templo, embora Jacob não tivesse muita certeza de qual Deus ele reverenciava: o da arte, o do passado ou o do desejo humano de criar o inútil e vestir o útil de beleza. No alto da ampla escada, apinhavam-se grupos de alunos, e o vigia ranzinza que perguntou a Jacob aonde ia quando não entrou na fila para comprar ingressos revelou-se bastante loquaz quando o rapaz mencionou o nome de Fran. Com certeza, ela era a única curadora que trazia pão caseiro (feito de acordo com uma receita medieval francesa) e bolo de nozes para os funcionários. Frances Tyrpak teria se sentido muito bem do outro lado do espelho, e não apenas porque ali seu conhecimento sobre armas antigas se mostraria de grande utilidade.

Jacob pegara emprestada a mochila de Will para transportar a balestra. Sua própria mochila estava tão surrada que combinava mais com um caçador de tesouros do que com um visitante de museu, e a própria Fran poderia não assimilar bem o fato de ele tirar o pesado objeto, menor do que a palma da mão, do saco mágico.

Espadas, sabres, lanças, estrelas da manhã… a coleção de armas do MET poderia equipar um exército medieval, e as vitrines ao longo das quais o vigia conduziu Jacob continham apenas uma pequena parcela dela. Todos os museus modernos daquele mundo dispunham de câmaras de tesouros que ocupavam andares inteiros. Contudo, elas eram menos românticas do que as do outro lado do espelho, mesmo oferecendo proteção muito mais efetiva contra a deterioração: eram salas climatizadas, sem janelas, onde preciosidades eram escondidas em gavetas brancas, cofres e atrás de portas metálicas. O esconderijo perfeito para uma arma que jamais deveria voltar à luz do dia.

Fran supervisionava dois homens que vestiam a figura de um cavaleiro com uma armadura de ouro e prata, tarefa que já não seria nada fácil nem com um homem vivo. A figura rígida, montada num cavalo igualmente rígido, complicava ainda mais o trabalho deles, que não se revelaram especialmente hábeis, motivo de Fran franzir a testa.

— Uma armadura de desfile. Florença, 1737. — Ela recebeu Jacob com um tom seco, como se o encontrasse todos os dias em suas salas de exposições. — Foi usada apenas no casamento de um príncipe. Um tanto ridícula e de um mau gosto ostensivo, mas é uma visão magnífica, não é? Dizem que seu dono mandou estofá-la e quase morreu de calor. — Fran apontou para uma das vitrines. — A lança que você conseguiu para mim vai bem. Ainda não acredito que veio da Líbia. Um dia vou descobrir a verdade. Mas é muito preciosa.

Jacob teve que sorrir. Era realmente uma pena não poder convidar Frances Tyrpak para uma viagem através do espelho.

— Confesso que a espada tem um segredo — ele disse, enquanto depositava a mochila num dos bancos estofados, nos quais era possível se sentar e admirar com que maestria os seres humanos produziam ferramentas que serviam ao objetivo de matarem-se uns aos outros. — Mas juro que não menti sobre o país de origem.

O país atrás do espelho se chamava Lubim, mas as fronteiras eram praticamente idênticas. Era governado por um emir louco, que afogava seus inimigos em barris de água de rosas. A lança fazia escorpiões dourados brotarem do solo onde quer que fosse cravada. Jacob supunha que ela havia perdido seu poder ali, mas, desde que o saco mágico e o vestido de pelo de Fux haviam conservado a magia, não tinha mais certeza disso — o que fazia da vitrine uma visão tranquilizadora. Fazia apenas duas noites que Jacob passara algumas horas de insônia listando para si mesmo tudo o que havia trazido para aquele mundo.

Os olhos de Fran arregalaram-se atrás dos óculos com aros de tartaruga quando ele tirou a balestra da mochila.

— Século XII?

— Talvez — respondeu Jacob, enquanto lhe estendia a arma, embora não fizesse a menor ideia de quando e onde os elfos dos amieiros a haviam produzido. Caso mandasse verificar a idade da madeira do cabo, Fran obteria resultados bastante enigmáticos.

Um dos homens que vestiam o cavaleiro perdeu o equilíbrio na escada, e uma braçadeira ornada com pedras preciosas apenas não bateu na cabeça de Fran por um triz, caindo com um baque metálico a seus pés. Ela lançou um olhar severo para o homem. Sua preocupação não se dirigia nem à própria cabeça nem à braçadeira medieval, mas à balestra, que levou junto ao peito com um cuidado quase maternal.

Jacob ergueu a braçadeira e examinou as pedras que estavam incrustadas no metal.

— Vidro.

— É verdade. Os descendentes desbarataram as pedras. Era muito comum nessas famílias. A nobreza italiana estava sempre falida. — Fran apontou para a prata com a qual o cabo da balestra estava revestido. — Esses ornamentos não se parecem com nada que eu conheça.

— Evite tocar esse revestimento por muito tempo.

Fran ergueu as sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque… existem histórias sobre essa balestra. A prata pode estar impregnada de veneno. E dizem que há uma maldição sobre ela, dessas que têm efeito até mesmo nos nossos tempos sem deuses. O que quer que seja, o último dono enlouqueceu.

E eu deparei com seu cadáver vivo, pensou Jacob. Seria difícil explicar a Fran que se atribuíam à maioria das armas mágicas forte maldade e astúcia. E a determinação para matar.

— Olha só! Jacob Reckless, supersticioso? — Fran sorriu tão incrédula que Jacob entendeu aquilo como um elogio. Ela pôs a braçadeira sobre a vitrine ao lado. — Você a adquiriu legalmente, não?

— Fran Tyrpak! — Jacob conseguiu expressar indignação sincera. — Os documentos das minhas mercadorias não estão sempre em ordem? — Ele havia aprendido a forjar selos e

documentos com um dos mais talentosos falsificadores do outro mundo. Uma formação imprescindível quando se negociava com mercadorias de outro mundo.

— Claro. — Fran observou a armadura com desconfiança e cobiça. — Talvez até em ordem demais.

Um assunto perigoso.

Jacob pegou a braçadeira e a entregou para os homens.

Fran a havia esquecido.

— Nunca vi uma corda como essa — ela murmurou, olhando a balestra. — Poderia jurar que é de vidro, se não soubesse melhor.

Vamos lá, diga a verdade, pedia seu olhar. Que arma é esta? Os olhos atrás dos óculos o fitavam tão argutos que por um momento Jacob não sabia mais se tinha ido ao lugar certo. Talvez ele tivesse abusado da sorte com a lança.

— A corda é realmente de vidro — ele disse. — Uma técnica muito rara.

— Tão rara que nunca ouvi falar dela? — Fran ajeitou os óculos antes de examinar novamente o cabo da balestra. — Muito incomum. Acho que vi um padrão semelhante há alguns anos no cabo de uma adaga. Mas ela vinha da Inglaterra.

Outra arma de elfos dos amieiros naquele mundo? O que isso significava? Nada de bom. A sensação de perigo que Jacob sentiu não costumava fazer parte daquele mundo.

— Essa adaga também pertence à coleção de vocês?

— Não. É de um colecionador particular, pelo que lembro. Posso tentar descobrir. Quanto quer pela balestra?

— Ainda não tenho certeza se vou vendê-la. Você pode guardar para mim por um tempo? O negociante com o qual a consegui trata tão mal suas mercadorias que ela estaria mais segura na tumba de uma múmia.

Uma sombra pairou sobre o rosto de Fran, como se Jacob tivesse acusado o homem de canibalismo. Provavelmente ela consideraria isso um crime menos condenável.

— Você a conseguiu com um desses bandidos que causam mais danos do que todas as emissões tóxicas do mundo? Thistleman? Dechoubrant? Se dependesse de mim, todos seriam fuzilados. Mas

por que você não quer vendê-la? Normalmente não é sentimental. Ela é importante para você?

Ah, ela teria gostado da história! A fortaleza do rei morto, o tritão, o relógio, o tiro do goyl…

Jacob afivelou a mochila vazia.

— Digamos que devo algo a ela.

Fran lançou-lhe um olhar tão penetrante como se quisesse literalmente arrancar a verdade dele, mas seus dedos já haviam se fechado firmemente em torno do cabo da balestra. Ela era uma caçadora de tesouros como ele, guardiã de um passado perdido que deixara rastros de ouro e prata. Era uma pena que ele não pudesse lhe contar da flecha que atravessara seu peito e salvara sua vida. Ou dos dois exércitos que o objeto dizimara sozinho. Fran saberia apreciar essas histórias.

— Bem, vou mandar arquivar a balestra — ela disse. — Nossos especialistas em conservação podem examiná-la?

— Claro. Eu mesmo gostaria de saber mais sobre sua história.

E sobre o artífice capaz de produzir cordas de vidro, pensou Jacob. Mas seria difícil descobrir alguma coisa sobre os elfos dos amieiros num laboratório daquele mundo, mesmo num tão bom quanto o do MET.

— Por quanto tempo você quer que eu a guarde para você?

— Um ano?

Até então ele esperava saber como poderia destruir a balestra. Eles haviam tentado fogo, explosivos e uma serra. Ela não sofrera nem um arranhão. O fogo apenas deixara o cabo um pouco mais escuro.

Num museu era possível esquecer em que mundo se estava, mas na escada do lado de fora o barulho do tráfego lembrou Jacob tão abruptamente disso que ele quase não sabia mais como voltar para casa. Não que nas ruas de Vena ou Lutis o barulho fosse menor — era surpreendente como carruagens e fiacres eram barulhentos. Ali, as pessoas se apinhavam nas calçadas largas, a caminho das

estações de metrô e quiosques de café, mas em sua mente ele já via diante de si apenas a ruína e os telhados de Schwanstein ao longe. Quando avistou Clara no pé da escada, tropeçou em uma turista que subia os degraus.

Will? O coração de Jacob acelerou com toda a preocupação que mantinha sob controle desde que havia enviado seu irmão de volta. Era ridículo demais como todo gesto incomum, toda expressão que não lhe parecesse conhecida o lembrava dos momentos no palácio em Vena, quando Will quase o matara. Clara sorriu, tranquilizando-o, e ele diminuiu o passo, antes que tropeçasse sozinho. O que ela estava fazendo ali então?

Sim, o quê, Jacob? Ah, como ele podia ser tão idiota... Caminhava direto para a armadilha como um filhote desavisado, mas o rosto no pé da escada lhe parecia familiar. Lembrava Jacob de tudo o que haviam vivido juntos. A lente do tempo tornara agradável até mesmo a história da água de cotovias. Ele notou que, apesar do calor da manhã de verão, ela estava usando luvas de couro, mas não fez caso disso.

— O que está fazendo tão cedo num museu?

Nem mesmo a pergunta deixou Jacob desconfiado. Ela o beijou no rosto.

— Faça como você fez com os unicórnios — ela sussurrou.

Então o empurrou para os automóveis que passavam.

Freadas. Buzinas. Gritos. Talvez o dele próprio.

Jacob fechou os olhos tarde demais.

Sentiu como um estilhaço quebrava seu braço.

Metal e vidro.



5
O preço

Estava tão silencioso que por um momento Jacob supôs que estava morto. Mas então ele sentiu seu corpo. A dor em seu braço.

Abriu os olhos.

Não estava ajoelhado no asfalto como esperava, ou no próprio sangue, mas em lã azul-marinho, entretecida com fios de prata, tão macia e fina como apenas se encontrava nos tapetes mais valiosos.

— Desculpe pela brincadeira de mau gosto. Usar a namorada do seu irmão como isca foi simplesmente irresistível. Ela é tão bonita como a mãe de vocês, mas falta algo de misterioso, não acha? Deve ser exatamente isso que seu irmão aprecia nela. Ele próprio é misterioso demais.

Jacob ergueu os olhos em busca de um rosto. Seu pescoço doía, como se alguém tivesse tentado quebrá-lo. A alguns metros de distância, havia um homem sentado numa poltrona preta de couro. A mesma poltrona podia ser vista no museu diante do qual Clara o empurrara para os automóveis, na seção de design moderno. Ele não sabia ao certo o que o fazia se sentir pior — se o choque com o táxi ou o rosto impassível de Clara quando o empurrara para a rua.

O estranho devia ter uns quarenta anos e era de uma beleza estranhamente antiga. Seu rosto teria ficado bem num retrato de Holbein ou de Dürer. O terno que ele vestia, assim como sua camisa, eram contemporâneos. Ele sorriu com um ar divertido quando o olhar de Jacob se deteve no minúsculo rubi que trazia na orelha.

— Ah, você lembra.

Em seu encontro em Chicago ele tinha outra voz. Norebo Johann Earlking.

— Rubis — Ele pôs a mão na orelha. — Sempre tive uma queda por eles.

Jacob conseguiu se levantar, embora tivesse precisado se apoiar numa mesa.

— Este é seu corpo verdadeiro?

— Verdadeiro? Uma grande palavra. Vamos dizer que ele é mais próximo disso do que o que lhe mostrei em Chicago. As fadas gostam de fazer mistério com seus nomes, nós fazemos o mesmo com nosso corpo.

— Então o nome é verdadeiro?

— Ele soa verdadeiro? Não. Você pode me chamar de Jogador. Guerreiro, Ferreiro, Escriba. Gostamos de usar nomes que descrevam nossos ofícios.

Ele seguiu o olhar de Jacob.

— Fantástico, não? A um pulo de Manhattan. É espantoso como é fácil se esconder sob o manto do aparente abandono.

As construções deterioradas que se viam pela janela formavam um estranho contraste com os móveis caros. Edifícios em ruínas se perdiam em meio à hera e à vegetação selvagem de uma floresta que vencera a luta contra a ocupação humana.

— É comovente como vocês mortais levam a sério as aparências. — O Jogador se levantou e andou devagar até a janela. — Os animais não se deixam enganar tão facilmente. Há algumas décadas, vocês quase repararam em nós, porque uma garça rara queria dividir esta ilha conosco.

Ele deu uma tragada no cigarro que segurava entre os dedos finos — seis dedos em cada mão, a marca dos imortais — e soprou a fumaça na direção de Jacob. A sala ficou ampla como o salão de um palácio, com paredes de prata e candelabros de vidro élfico. A única coisa que não mudou foi uma escultura em mármore de uma beleza perturbadora. Ela tirou a última dúvida de Jacob sobre com quem estava lidando. Mostrava uma árvore em cujo tronco estava esculpido um rosto com uma expressão de grito.

— Exílio. Primeiro tenta-se torná-lo suportável imitando as coisas de casa. — O Jogador deu mais uma tragada no cigarro. — Mas logo isso fica monótono, lembrando com demasiada frequência aquilo que se perdeu.

A visão diante da janela se dissolveu em fumaça. As árvores desapareceram e a silhueta de uma cidade se refletiu de forma estranha e familiar na água de um rio. Nova York, há… cem anos? Nenhum sinal do Empire State Building.

— O tempo. Outra coisa que vocês levam a sério demais. — O Jogador amassou o cigarro num cinzeiro de prata, e o salão voltou a ser a sala na qual Jacob voltara a si, com o mesmo aspecto degradado. — Não foi nada má a ideia de fazer a balestra desaparecer nos arquivos de um museu. Afinal, você não podia saber que Frances Tyrpak é uma grande amiga minha. Mesmo que ela me conheça com outro rosto. O MET deve muito do que expõe às nossas doações. Mas suponho que você saiba que não está aqui por causa da balestra. Ou se esqueceu da sua dívida comigo?

Dívida…

Jacob pensou sentir o cheiro de flores-do-esquecimento. As flores dos barbas-azuis. Sim, a preocupação com a balestra facilitara esquecer essa dívida. Junto com o desespero que o levara à imprudência de fazer um trato mágico. Imprudência? Ele não tivera escolha. Estava perdido no labirinto do barba-azul.

— Neste mundo, há uma história comovente sobre um stilz que ensina uma camponesa inútil a transformar palha em ouro — disse o Jogador. — Ele apenas exige o que lhe pertence por direito, mas ela o engana.

Hoje eu frito, amanhã eu cozinho!
Depois de amanhã será o filho da rainha!

A ameaça de Rumpelstilzchen nunca o impressionara. Recém-nascido… Sua mãe precisara lhe explicar o que isso significava. E mesmo agora — quem na sua idade pensava em recém-nascidos? Ele nem sabia se queria ter filhos um dia.

O Jogador viu seu alívio e sorriu.

— Você parece não ter problemas com meu preço. Deixe-me explicar melhor: assim que a raposa puser o primeiro filho de vocês nos seus braços, ele será meu. O pagamento poderá demorar. Mas chegará.

Não.

Não o quê, Jacob?

— Por que ela teria um filho meu? Somos amigos, nada mais.

O Jogador olhou para ele com um ar tão divertido como se Jacob tivesse tentado convencê-lo de que o mundo era plano.

— Ah, por favor! Você está falando com um elfo! Conheço seus desejos secretos. O meu negócio é realizá-los.

— Diga outro preço. Qualquer outro. — Jacob quase não reconheceu a própria voz.

— Por que o faria? Este é meu preço e você vai pagá-lo. A raposa terá filhos belíssimos. Espero que não demorem muito a chegar.

Todo o amor de repente tinha gosto de culpa; todo o desejo, de traição. Como as próprias vontades ficavam claras quando não podiam ser realizadas. Todo o absurdo que ele inventara para si mesmo — que ele não a amava dessa maneira, que aquilo não significava nada. Mentiras. Ele queria tê-la ao seu lado para sempre, ser o único que importava em sua vida, o único que um dia lhe daria filhos e a veria envelhecer…

Nunca, Jacob. Ele havia vendido seu futuro. Não era nenhum consolo o fato de que o fizera para salvá-la.

— O pagamento apenas pode ser cobrado no mundo em que o pacto foi feito. — A tentativa de Jacob era lastimável.

— Para o qual eu não posso voltar sem me transformar numa árvore? Ah, sim. Não esqueci esse detalhe. Mas terei que desapontá-lo. Logo voltaremos. Pelo menos alguns de nós.

O elfo estava de novo à janela.

Dê o fora daqui, Jacob.

Havia duas portas, mas… e depois? Se o elfo havia dito a verdade, eles estavam numa ilha. Havia algumas no East River, mas atravessá-lo a nado não era uma perspectiva atraente, muito menos com um braço quebrado.

O Jogador ainda estava de costas para Jacob. Ele falava de fadas, do desejo que tinham de vingança, da ingratidão humana… Parecia gostar de ouvir a si mesmo. Quem mais o ouvia? Ele falara de outros. Quantos haviam escapado? O olhar de Jacob fixou-se no espelho encostado na parede, ao lado da escultura que mostrava o

elfo paralisado como estátua. Ele era ainda maior do que o do escritório do pai. Da moldura brotavam as mesmas rosas de prata, mas entre as gavinhas espinhosas repousavam pegas prateadas.

O Jogador ainda estava de costas para Jacob, e o espelho estava a poucos metros de distância.

O rapaz se pôs diante dele antes que o elfo se virasse. O vidro era quente como o flanco de um animal, mas, por mais firmemente que pressionasse a mão sobre o reflexo de seu rosto, continuava a mostrar a sala.

O Jogador se virou.

— Até mesmo sua raça produz uma infinidade de espelhos diferentes. Você acha mesmo que somos menos criativos? — Ele se aproximou da escrivaninha que estava sob uma das janelas e folheou os papéis em cima dela. — Fadas e elfos dos amieiros já pertenceram uns aos outros como o dia e a noite, sabia? Nossos filhos eram mortais, mas sempre extraordinários. Eles foram coroados, declarados gênios, venerados como deuses. Neste mundo, podemos ter filhos com mulheres mortais, mas quase sempre são de uma mediocridade espantosa.

Jacob ainda estava diante do espelho. Por mais que tentasse, não conseguia passar para o outro lado. Era como se o vidro cortasse uma camada de sua alma.

— Ele rouba seu rosto — Jacob ouviu o Jogador dizer. — Ironicamente, a ideia de obter com nossos espelhos colaboradores mais confiáveis do que vocês veio de um mortal. Mostrem-se.

Ficou quente, e a luz que vinha de fora desenhou duas silhuetas no vidro. Toda a sala se espelhou nelas, a parede branca, uma mesa, uma janela. Os corpos ficaram mais visíveis quando os rostos adquiriram uma cor como a da pele humana e os móveis refletidos viraram roupas. A ilusão era perfeita, exceto pelas mãos. A garota desta vez não as escondia sob as luvas: unhas de prata, dedos de vidro e o rosto de Clara. O rapaz ao seu lado aparentava ser mais jovem do que Will, mas quem podia dizer que idade eles tinham?

— Apenas algumas semanas — disse o Jogador.

Jacob se perguntou se ele podia ouvir pensamentos.

— Você já conhece Dezesseis. Dezessete possui ainda mais rostos do que ela, mas penso que poderia ser útil dar a ele o seu também.

Jacob empurrou a garota para trás quando ela lhe estendeu a mão. Seu irmão — se é que ele poderia chamá-lo assim — não gostou, mas o elfo lançou-lhe um olhar de advertência, e a figura de Dezessete voltou ao espelho até se tornar invisível como vidro polido. Dezesseis seguiu-o, mas não sem antes sorrir para Jacob com os lábios de Clara.

— O hospital onde roubei o rosto da namorada do seu irmão é um lugar interessante. Lá se pode ver bem a morte fazendo seu trabalho. A mortalidade é um grande mistério. — O elfo tirou do bolso um medalhão que continha dois espelhos; não muito maiores do que o mostrador de um relógio de pulso, um deles de vidro claro, o outro escuro. — Só precisei deixar o medalhão em cima da mesa das enfermeiras. É impossível para vocês resistir a um espelho… como se precisassem se assegurar o tempo todo de que ainda têm o mesmo rosto. Vocês se assustam quando alguém o muda.

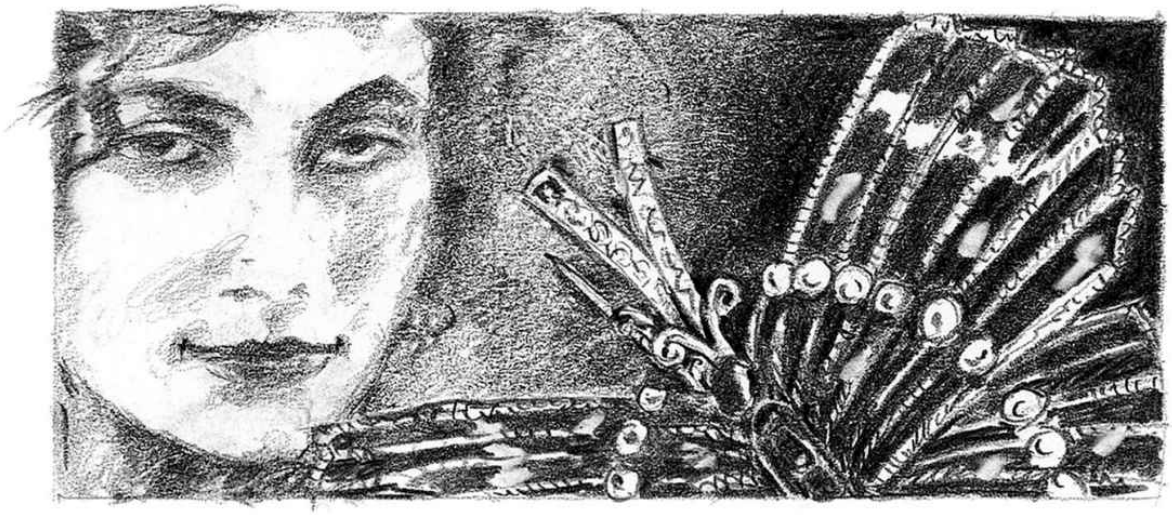
O Jogador transformou-se no homem que Jacob conhecera em Chicago como Norebo Johann Earlking.

— A altura, os olhos verdes… Oberon, o elfo que devia sua estatura de anão à maldição de uma fada. Confesso que esperava que a alusão não lhe passasse despercebida. O nome era tão evidente. Roubei o rosto de um ator que fez o personagem no teatro. Sempre acho divertido brincar com as imagens que vocês fazem dos meus semelhantes. E de vocês mesmos.

As figuras se alternavam. Algumas pareciam familiares a Jacob, outras não. Até que de repente ele olhou para um rosto que lembrava apenas de fotos.

O Jogador tirou os cabelos grisalhos de John Reckless da testa.

— Sua mãe nunca notou a diferença. Eu gostava muito dela. Até demais, devo admitir. Mas temo que, assim como o seu pai, eu não a tenha feito muito feliz.



6
Visita para Clara

Clara notou a garota pela primeira vez quando conversava no corredor com um dos médicos sobre uma criança que fora internada com apendicite. Seu rosto pareceu familiar, mas ela tinha muitas coisas na cabeça para desperdiçar pensamentos com uma estranha.

Will não dormira de novo e não queria conversar sobre o que o mantinha acordado. Ele se desviava com evasivas, para ela e para si mesmo. A lua, algo que havia comido, um livro que queria ler até o fim… Will costumava esconder de si mesmo preocupações, desejos e sentimentos dos quais se envergonhava. Clara precisou de um bom tempo para perceber isso. Ele era invisível… ficava difícil seguir seu rastro. Às vezes, ela imaginava que Will tinha um quarto fechado em seu coração, no qual ele próprio não entrava. Exceto quando dormia.

Mas não era apenas ele. Clara se sentia estranha fazia algumas semanas. Era como se alguém tivesse entrado em sua cabeça e levado algo dela. Sentia isso de forma especialmente forte quando olhava no espelho de manhã. Às vezes seu rosto lhe parecia estranho, outras ela tinha a impressão de ver seu próprio rosto quando criança ou o de sua mãe no vidro embaçado. Clara se lembrava de coisas nas quais não pensava fazia anos. Toda a sua vida parecia se apresentar diante dela, como se alguém tivesse remexido em suas lembranças. Ela não dissera nada a Will nem a ninguém. “Alguém esteve na minha cabeça e roubou alguma coisa” seria um comentário ridículo para uma enfermeira.

Ela se sentira tentada a falar com Jacob sobre aquilo. Era absurdo como se alegrava toda vez que o via. Não adiantava dizer a si mesma que não era de Jacob que sentia falta, mas da vida que ele vivia — e de seu mundo. Clara se envergonhava por nunca se

cansar de ouvir as histórias que ele e Fux contavam. Ela não evitava tudo o que podia lembrar Will do outro mundo? Não amaldiçoara mil vezes o espelho? E mesmo assim, quando Will não estava lá, ela se pegava entrando furtivamente no quarto empoeirado e olhando para o vidro, como se pudesse lhe mostrar o mundo que esperava como um fruto proibido. Will sentia a mesma coisa? Se fosse o caso, nunca mostrava.

Ela estava sentada na sala das enfermeiras para escrever um relatório sobre um paciente quando a garota na qual havia reparado apareceu na porta. Clara não a ouvira entrar.

— Clara Faerber? — Ela sorriu. Clara reparou que, apesar do dia quente, ela usava luvas. Eram de couro amarelo-pálido. — Tenho algo para lhe entregar. De um admirador.

A garota tirou um estojo da bolsa e o abriu antes de entregá-lo. Sobre o tecido prateado, havia um broche de mariposa, com asas esmaltadas de preto. Clara nunca tinha visto algo tão bonito. Antes de se dar conta do que fazia, segurou-o. Ela quase não resistiu à tentação de espetá-lo no avental.

— De quem é? — ela perguntou. Will jamais lhe daria um presente tão caro. Eles mal tinham dinheiro para as despesas do apartamento. A mãe dele o havia deixado altamente endividado.

Clara se feriu no alfinete quando guardou o broche de volta no estojo.

— Não posso aceitar isso.

A garota ignorou a resposta.

— Clara. — Ela pronunciou seu nome como se saboreasse o som em sua língua. Afinal, como sabia seu nome? Claro. O crachá em seu avental.

Ela tirou o broche do estojo e, apesar dos protestos da outra, colocou-o no avental dela.

— Eu gostaria de ter um nome — ela disse. — Dezesseis. Isso apenas lembra todos os que vieram antes de mim.

Do que ela estava falando? Clara notou que havia uma gota de sangue em seu dedo. A picada era surpreendentemente profunda. De repente ela ficou muito cansada. Eram tantos plantões noturnos…

Clara ergueu o olhar. A garota tinha seu rosto.

— Ele é quase tão bonito como seu nome — ela disse. — Tenho muitos rostos. — Então ela voltou a ser a garota do corredor. Sim, Clara conhecia aquele rosto. Lembrava uma foto da mãe de Will. Ela tentou se levantar e bateu o joelho na mesa à qual estava sentada.

Suas pernas cederam. Dormir. Ela queria apenas dormir.

— Fusos, espinhos de roseiras… — disse a garota com desdém. — Um broche é muito melhor.



7
O berço ensanguentado

A mulher estava histérica. Donnersmarck não entendia uma palavra do que ela balbuciava em seu dialeto enquanto mostrava as mãos manchadas de sangue. Os dois soldados goyls que haviam encontrado a ama gritando no corredor estavam visivelmente enojados por tanta falta de controle, mas mesmo em seu rosto de pedra se via um traço do horror que a fazia gritar tão alto pelo palácio.

— Onde está a imperatriz?

— No quarto de vestir. Ninguém tem coragem de dizer a ela. — O soldado que respondeu tinha a mesma pele de cornalina que o rei. Amália admitia no palácio apenas guardas com a cor da pele do marido.

"Ninguém tem coragem de dizer a ela." Portanto, eles recorreram ao seu ajudante. Sem dúvida, Donnersmarck realmente teria desejado dar outras notícias à filha de sua antiga senhora. Apesar de semanas de silêncio, Amália o acolhera sem perguntas em seu serviço. Ele contara sobre o barba-azul, mas omitira todo o resto: as terríveis feridas que o homem-veado havia aberto, as semanas com a devoradora de crianças… Leo von Donnersmarck, ajudante da imperatriz — mesmo a filha do comerciante que ele queria tomar como esposa no outono não sabia nada sobre as cicatrizes em seu peito. Ele não queria lhe explicar por que, ao lado delas, as impressões digitais de uma bruxa haviam marcado sua pele como ferro quente. Seu peito parecia lama pisoteada em um campo de batalha, mas isso não era o pior. Em seus sonhos, quase todas as noites, ele se transformava no veado que o ferira, e tudo o que podia fazer era implorar ao deus sinistro que protegia os guerreiros e soldados que preservasse o corpo pelo qual sua noiva havia se apaixonado.

Os aposentos do príncipe de pedra da lua ficavam longe dos de sua mãe. Afinal, a criança não deveria perturbar o sono de Amália. Assim, as tenebrosas novidades daquela manhã ainda não haviam chegado até ela.

Diziam que o espelho diante do qual a jovem imperatriz estava sentada provinha do mesmo vidreiro que fizera o famigerado espelho falante de sua tataravó. “Espelho, espelho meu, existe alguém no mundo mais bela do que eu?” Caso o espelho de Amália respondesse à pergunta, com certeza todas as manhãs ele lhe daria a resposta que ela queria ouvir. O cabelo dourado, a pele imaculada, os olhos violeta — havia apenas uma mulher cuja beleza se comparava à de Amália, e ela não era humana. O dia e a noite… o rei dos goyls. Desde seu casamento, ele preferia o dia, e sua amante vestia a escuridão como um véu que lamentava a morte do amor. Devia ter um gosto amargo o fato de que haviam sido os lírios das fadas que dotaram sua rival da beleza que seduzia Kami’en.

A pajem que, como todas as manhãs, borrifava lágrimas de ninfas nos cabelos de Amália lançou um olhar irritado para Donnersmarck quando ele entrou. Era cedo demais. Sua senhora ainda não estava pronta para se mostrar ao mundo.

— Majestade?

Amália não se virou, mas seu olhar encontrou o dele no espelho. Havia menos de um mês, ela festejara seu vigésimo primeiro aniversário, mas para Donnersmarck ela parecia uma criança que se perdera na floresta. De que lhe adiantavam a coroa e o vestido dourado? Até mesmo seu rosto sua mãe comprara, porque aquele com que a filha vira o mundo pela primeira vez não era belo o suficiente.

— É sobre seu filho, majestade…

A escuridão do mundo penetrava furtivamente tanto em palácios quanto em cabanas.

Amália ainda não se virara. Ela apenas olhava para ele pelo espelho. Havia algo além da costumeira perplexidade em seu olhar, mas Donnersmarck não conseguiu identificar.

— A ama ainda não o trouxe. Está atrasada. Eu não deveria tê-la contratado. É uma inútil! — Amália passou a mão nos cabelos como

se fossem de um estranho. — Minha mãe tem razão. Camponeses são mais burros do que gado e criados não são mais inteligentes que panelas.

Donnersmarck evitou olhar para a pajem, ainda que ela estivesse acostumada às ofensas de sua senhora. “E quanto aos soldados?”, ele ficou tentado a perguntar. “São tão burros como seus uniformes? E os operários? Idiotas como o carvão que lançam em fornalhas insaciáveis?” Amália nem teria notado a ironia. Ela acabara de encerrar uma greve enviando os soldados de seu marido. Sem a anuência de Kami’en. Uma criança na floresta. Com um exército atrás de si.

— Não acredito que seja culpa da ama. Seu filho não estava no berço esta manhã.

Os olhos violeta se arregalaram. Amália afastou os dedos da pajem, que estavam paralisados em seu cabelo. Ela ainda olhava para o espelho, como se tivesse que ler em seu rosto o que estava sentindo.

— O que isso significa? Onde ele está?

Donnersmarck abaixou a cabeça. A verdade, nada além da verdade. Mesmo que fosse terrível.

— Meus homens estão procurando. Mas o berço e o travesseiro estavam manchados de sangue, alteza.

Uma das pajens começou a soluçar. As outras apenas o encaravam com a boca aberta. Amália ficou ali sentada observando sua imagem no espelho, até que o silêncio se fez mais alto do que os gritos da ama.

— Então ele está morto. — Ela foi a única a dizer o que todos pensavam.

— Ainda não sabemos. Talvez…

— Ele está morto! — ela interrompeu Donnersmarck. — E você sabe quem o matou! Ela tinha ciúme do meu filho porque não pode ter um. Mas só se atreveu a fazer algo contra ele com Kami’en fora!

Amália pressionou a mão em sua boca perfeita. As pupilas violeta nadavam em lágrimas quando ela se virou.

— Traga-a até mim! — ela ordenou enquanto se levantava. — Na sala do trono!

As pajens olharam para Donnersmarck com uma mistura de horror e compaixão. Na cozinha, as criadas contavam que a Fada Escura mandava cozinhar serpentes para dar à sua pele o brilho das escamas; os criados sussurravam que caía morto quem tocasse com os sapatos a barra de seu vestido; os cocheiros juravam que tinha morte certa aquele sobre o qual sua sombra incidisse; os jardineiros, que era fatal pisar nas pegadas que ela deixava no jardim em seus passeios noturnos. Mas ainda estavam todos vivos.

Por que ela faria algo contra a criança? O menino nascera apenas graças a ela.

— Seu marido tem muitos inimigos. Talvez…

— Foi ela! Tragam-na! Ela matou meu filho! — Sua cólera era tão diferente da de sua mãe. Não havia razão nela. Donnersmarck inclinou a cabeça em silêncio e se virou.

Traga-a até mim. Amália podia igualmente ter ordenado que ele levasse o mar até ela. Por um momento, cogitou levar consigo todos os guardas do palácio para conferir ênfase ao convite. Mas, quanto mais homens levasse, maior seria a provocação — e a tentação de demonstrar a eles quão ridícula era qualquer tentativa de violência perante sua magia. Os dois soldados que haviam trazido a ama não conseguiam esconder seu medo quando Donnersmarck lhes revelou que apenas os dois o acompanhariam.

A má notícia já se espalhara por todo o palácio, embora Donnersmarck tivesse ordenado que a ama fosse trancada em seu quarto. Nos rostos que encontrou, viu não apenas o terror, mas também um alívio mal disfarçado. O príncipe de pedra da lua tinha o rosto de um anjo, mas para muitos, tanto goyls quanto humanos, tinha sido uma criança maldita. Tinha sido? Você já está falando sobre ele no passado? Sim. Ele vira o berço.

Desde que Amália anunciara a gravidez, a Fada Escura vivia numa casa que Kami'en mandara construir especialmente para ela nos jardins do palácio. O rei mandara seus guardas pessoais vigiarem o local. Ninguém sabia ao certo de quem era preciso proteger sua amante… Dos homens embriagados de amor que caíam em seu feitiço quando ela lhes lançava um olhar furtivo de sua carruagem ao passar? Dos seguidores da velha imperatriz, que

todos os dias pichavam nas casas da cidade “Morte aos goyls” ou “Morte à fada”? “Besteira! O rei de pedra não protege a fada! Ele protege seus súditos da sua amante!”, zombavam os panfletos que pela manhã se encontravam nos bancos dos parques e nas estações. Afinal, ninguém duvidava de que, com sua magia, a Fada Escura poderia defender sem esforço os exércitos reunidos da Lorena e de Álbion.

Traga-a até mim.

Quando o topo da fachada envidraçada surgiu atrás das árvores, Donnersmarck surpreendeu-se por um momento com a esperança de que a Fada Escura estivesse numa de suas excursões, das quais voltava apenas dias depois. Os cavalariços sussurravam que tartarugas enfeitiçadas puxavam sua carruagem e que seu cocheiro era uma aranha à qual dera a forma humana.

Mas a Fada Escura estava em casa — caso chamasse aquele lugar de sua casa. Ou qualquer outro.

Os guarda-costas — um goyl de jaspe e um de pedra da lua — deixaram Donnersmarck passar sem uma palavra. Ao contrário de Amália, a Fada Escura não exigia que seus guardiões tivessem a cor da pele de Kami’en. Eles barraram a entrada aos dois soldados. Donnersmarck não protestou. Caso a Fada Escura o quisesse matar, ninguém poderia impedi-la. Até agora, ele apenas a vira de longe, sozinha ou ao lado de Kami’en, em bailes e recepções oficiais — a última vez fora na festa pelo nascimento do príncipe. Ela não levara nenhum presente. A pele que mantinha a criança viva tinha sido o bastante.

E ali estava ela.

Nenhum criado ao seu lado. Nenhuma pajem. Apenas ela.

Sua beleza tirava o fôlego como uma dor repentina. A Fada Escura nada tinha de criança. Nunca fora uma.

Kami’en mandara, de acordo com seu desejo, cobrir a casa com um telhado de vidro — luz para as árvores que a fada mandara plantar entre os ladrilhos de mármore. As mudas tinham apenas algumas semanas, mas os galhos já tocavam o teto de vidro e as paredes haviam desparecido entre as trepadeiras floridas. A presença da fada as fazia crescer como se ela fosse a própria vida.

Até mesmo o vestido que usava parecia ter sido confeccionado com folhas.

— Há um desenho sinistro em seu peito. O veado já se manifestou? — Ela via o que ele conseguia manter guardado de todos os outros. Donnersmarck queria se esconder entre as árvores. Sua sombra no mármore era tão escura como o chão da floresta na frente da casa da devoradora de crianças.

— A imperatriz deseja vê-la.

Não olhe para ela.

A Fada Escura prendeu o olhar dele com o seu.

— Por quê? — Donnersmarck sentiu sua cólera como um animal se mexendo atrás das árvores. — Sei que a criança ainda está viva. Diga isso a ela. A própria imperatriz morrerá caso isso se altere. Enviarei minhas mariposas até que façam ninhos em sua pele. Você consegue gravar isso? Quero que repita palavra por palavra, devagar. A inteligência dela é tão surda como seu ódio. Vá!

As sombras sob as árvores formaram lobos e unicórnios atrás do divã forrado de seda no qual Donnersmarck sabia que a fada nunca se sentava, serpentes no tapete que Kami'en mandara tecer para ela em Nagpur. Seu lugar não era entre paredes que mãos mortais haviam construído. Donnersmarck percebeu atrás de sua raiva uma dor que o comoveu mais do que sua beleza. Ele estava ali, olhava para ela e não entendia como o rei dos goyls podia dormir no quarto da Cara de Boneca enquanto ela estava ali.

— O que ainda está esperando? — a Fada Escura perguntou, mas dessa vez sua voz soou branda. Dos ladrilhos sobre os quais Donnersmarck estava brotaram flores.

Ele se virou.

— Me procure quando o veado se manifestar — ela disse. — Posso lhe mostrar como domá-lo.

Os guardas abriram as portas, mas Donnersmarck quase não os viu. Ele saiu, trôpego, para o amplo pátio, a mão no peito palpitante. Os dois soldados olharam para ele interrogativamente. Donnersmarck viu como estavam aliviados por estar sozinho.



8
Insônia

Quatro horas. Fux escutava as badaladas do sino da igreja fazia horas. Ela dormia no quarto de Jacob, como fazia sempre que ele não estava lá. A cama tinha seu cheiro, ou talvez sua imaginação a fizesse sentir o cheiro dele. Fazia meses que Jacob não ia para Schwanstein. Pela janela, podia ver um último cliente bêbado indo embora. O tilintar de vidro denunciava que Wenzel recolhia os copos sujos das mesas na taverna lá embaixo. No quarto ao lado, Chanute tossia, sem conseguir dormir. Wenzel lhe contara que o velho não passava bem fazia semanas, mas havia ameaçado afogar num barril do seu vinho mais ácido quem contasse isso a Jacob, que teria feito o mesmo se fosse o contrário. Os dois eram tão parecidos — sempre muito empenhados em não mostrar o quanto um era importante para o outro.

Fux só compreendeu quão mal Chanute se sentia quando ele lhe pediu que buscasse Alma Spitzweg. O velho caçador de tesouros não suportava bruxas, nem as claras nem as escuras. Elas lhe davam medo, muito embora preferisse cortar o braço que lhe restara a admitir isso. Mas, depois que o médico de Vena não pudera ajudar (o que confirmara a opinião ruim de Chanute sobre a gente da cidade), restou apenas a velha bruxa, que tampouco podia suportá-lo, e ainda guardava rancor por Chanute ter ensinado Jacob a caçar tesouros.

Alma passara por ali naquela noite. Fux sentiu o cheiro de tomilho e menta das fadas, e a tosse de Chanute começou a soar menos torturante. Quase sempre, Alma misturava em suas beberagens alguns pelos de seus gatos, mas era melhor não contar isso a Chanute. Lá fora, um cão latiu e Fux pensou ouvir o grito agudo de um polegar. Ela enfiou a mão debaixo do travesseiro até encontrar o vestido de pelo. Desde que voltara, Fux o usara apenas duas vezes,

mas a tentação de desprezar os anos que lhe roubava ainda era grande. Em cada biblioteca em que Jacob fazia pesquisas sobre a busca de um tesouro, ela procurava referências a uma magia que desacelerasse o envelhecimento de transmorfos, mas tudo o que encontrara até então havia sido histórias sobre como eles morriam jovens, a menos que em algum momento tivessem queimado sua pele. Assim, ela se exercitava em ser humana.

Fux saíra com Ludovik Rensman e Gregor Fenton, que já lhe pediram dezenas de vezes para posar para uma das fotografias que os cidadãos de Schwanstein admiravam em suas vitrines. Nenhum dos dois sabia sobre o pelo. Ninguém em Schwanstein sabia, a não ser Wenzel e Chanute. Quando Ludovik tentara beijá-la, ela o repelira balbuciando alguma desculpa afoita. Ludovik Rensman jamais vira a Floresta Negra nem mesmo de longe, como ela poderia lhe explicar as lembranças que os tímidos beijos traziam de volta — dos beijos de outro numa carruagem negra, da câmara vermelha, do medo branco que ela bebera… Fora um terrível presente do barba-azul que desde aquela noite desejo rimasse com morte e medo.

Não eram os pensamentos certos para pegar no sono.

Fux afastou o cobertor com o qual Jacob dormira tantas vezes e pegou suas roupas. O cheiro do outro mundo as impregnava. Clara não se deixara demover de lavá-las. Atrás da porta de Chanute finalmente fazia silêncio, mas dois heinzels brigavam por um pedaço de pão. Fux espantou-os antes que o acordassem. Alma saiu do quarto. À noite, o rosto dela parecia ainda mais enrugado do que durante o dia. Como todas as bruxas, podia aparentar ser tão jovem quanto quisesse, mas quase sempre usava o rosto que não negava sua longa vida de bruxa. “Gosto de parecer tão velha quanto a idade que tenho por dentro”, ela dizia quando alguém era estúpido o suficiente para lhe perguntar a respeito.

O sorriso que ela deu a Fux parecia cansado, embora a bruxa estivesse acostumada a noites longas. Ela era chamada para cuidar de vacas e crianças doentes, para curar dores da alma e do corpo, ou quando existia a suspeita de alguém ter sido enfeitiçado. As mulheres confiavam mais em Alma do que no médico da cidade. Ela

era a única bruxa num círculo de quase cem milhas, exceto pela devoradora de crianças da Floresta Negra, que agora passava seus dias numa fonte, na forma de uma tartaruga.

— Como ele está?

— Como estaria? Parou de beber tarde demais para morrer de velho tranquilamente em sua cama. Posso aliviar a tosse, não mais do que isso. Se quiser remédios mais fortes, terá que procurar uma devoradora de crianças. Mas ele ainda não está à beira da morte, embora pense que sim. Homens! Algumas noites com tosse e acham que é ela batendo à porta. O que você tem? Por que não está dormindo?

— Nada.

— No começo, Jacob ficava semanas sem dormir quando atravessava o espelho. Foi sua primeira vez? — Alma prendeu seu cabelo grisalho no topo da cabeça. Era espesso como o de uma mulher jovem. — Sim, eu sei do espelho, mas não diga nada a Jacob. Ele se preocupa que alguém descubra. Jacob está com o irmão?

Fux não sabia por que estava surpresa. Alma vivera quando a ruína ainda era um palácio.

— Na verdade, ele deveria ter voltado há alguns dias…

— O que no caso de Jacob não quer dizer muita coisa — Alma disse.

Elas trocaram um sorriso que não teria agradado Jacob.

— Se ele não voltar logo, talvez seja bom lhe avisar sobre Chanute — disse Alma. — O velho me daria de comida aos cavalos se soubesse que estou dizendo isso, mas Jacob vai lhe fazer bem. Não conheço nenhuma outra pessoa pela qual o coração afogado em aguardente de Albert Chanute bata mais. A única concorrência talvez seja a atriz cujo rosto o charlatão tatuou no peito. O bocó ficou tão constrangido que não queria desabotoar a camisa!

Chanute começou a tossir novamente. Alma suspirou.

— Por que ele me dá pena? Toda vez que batia em Jacob eu o amaldiçoava com a peste da aranha, e agora deixo que atrapalhe meu sono. As devoradoras de crianças se livram da piedade comendo um coração jovem. Eu gostaria que houvesse um método

mais apetitoso. Você me acompanha enquanto faço um chá que ele vai cuspir no meu vestido porque não vai ter gosto de aguardente?

Fux tinha certeza de que Alma não precisava de companhia. A bruxa devia ter visto que ela mesma precisava de distração dos pensamentos que a mantinham acordada. Wenzel tinha ido dormir, e a taverna estava vazia quando desceram. Era raro ele estar na cama antes do dia clarear. Por ordem de Chanute, o Ogro Voraz apenas fechava quando o último cliente ia para casa. A cozinha escura estava com o cheiro da sopa que Tobias Wenzel fizera para o dia seguinte. Ele sempre dizia que não fora um bom soldado, mas era um ótimo cozinheiro. Fux aqueceu um pouco da sopa enquanto Alma fervia a água para o chá.

— Já faz tempo que sei do espelho. Bem antes de Jacob. Ele não foi o primeiro que vi sair da torre.

A revelação foi tão surpreendente que Fux deixou a sopa esfriar. Ela nunca fazia perguntas sobre o espelho. Jacob não gostava de falar sobre aquilo, talvez porque fora segredo durante muito tempo.

— Não estou falando do pai de Jacob — prosseguiu Alma. — Ele viveu em Schwanstein, mas eu não gostava dele, por isso nunca contei nada a Jacob. Não. O primeiro veio quase meio século antes. Em Vena, reinava algum Luís ou Maximiliano que deu sua filha como refeição para um dragão. A ruína era o mais belo castelo de caça da Austrásia e metade de Schwanstein andava à procura de um gigante que havia raptado um padeiro. Provavelmente, ele queria dá-lo de presente aos filhos. Gostam de capturar pessoas para esse fim. — No coador no qual Alma despejou o chá, ficaram retidos alguns pelos pretos de gato. — Erich Semmelweis… Nunca me esqueci do nome porque ele me lembrava do padeiro sequestrado. Este é também o nome de solteira da mãe de Jacob, como vim a saber depois. O Semmelweis que encontrei deve ter sido um antepassado de Jacob. Ele era pálido como uma larva e tinha o mesmo cheiro dos alquimistas que tentavam transformar corações em ouro em Himmelpfortgrund. Semmelweis era um grande sucesso em Vena. Por um tempo, deu aulas para o filho do imperador. — Alma virou-se para Fux. — Você deve estar se perguntando por que estou lhe contando tudo isso no meio da noite.

Em algum momento, Erich Semmelweis foi embora de Vena com uma noiva. Ele espalhou que ia velejar com ela no Novo Mundo. As pessoas acreditaram em Semmelweis, assim como acreditaram na história de Álbion de Jacob, mas um ano depois vi os dois saírem da torre e pouco depois Semmelweis mandou me chamar, porque sua mulher não conseguia dormir. Jacob disfarça muito bem como é cansativo mudar de mundo, mas ele próprio ficou doente várias vezes no começo, portanto, tome cuidado.

— O que aconteceu com a mulher de Semmelweis?

Alma encheu de chá quente uma caneca que Chanute dizia ter roubado do rei de Álbion.

— Alguém roubou seu filho recém-nascido. Sempre suspeitei do stilz na ruína. Ela teve mais dois filhos e veio visitar os pais com eles algumas vezes, mas em algum momento Semmelweis saiu sozinho da torre.

Uma noiva de Vena. A mente cansada de Fux precisou de um tempo para entender o que isso significava.

— Você precisa contar isso tudo para Jacob!

Alma balançou a cabeça.

— Não. Você pode dizer que sei do espelho, mas todo o resto ele próprio vai descobrir. Para Jacob, tudo gira em torno do pai. Quem sabe? Talvez seu anseio por esse mundo também tenha a ver com sua mãe.



9
Acabado

Os guardas de Amália sequer impediam a plebe de subir nos muros que separavam os jardins do palácio das ruas. Dali também partiam as pedras das crianças em direção à casa da fada. O fato de ela apenas precisar erguer a mão para rejuntar o vidro estilhaçado deixava os agressores furiosos, mas a Escura gostava de lhes mostrar quão ridículo achava o ódio deles. Se ela pudesse parar a gritaria com a mesma facilidade… E nenhuma palavra de Kami'en.

Em seu silêncio, os súditos liam que ele acreditava na versão de Amália. Era fácil encontrar desculpas: ele não havia recebido as cartas dela; os revoltosos a haviam interceptado; a resposta se perdera ao longo do caminho da Prússia para Vena. Mas a fada desistira de se enganar. Os soldados de Kami'en ainda a vigiavam, mas não estavam mais em sua porta para protegê-la. Não expulsavam os lançadores de pedras nem faziam algo contra os insultos que os súditos de Amália gritavam dia e noite do outro lado do muro. Ela era sua prisioneira — ainda que não se atrevessem a se pôr em seu caminho.

Bruxa da água, fada-demônio… os nomes que gritavam não eram novos. Apenas um fora acrescentado: infanticida.

Kami'en realmente acreditava que ela havia matado seu filho, depois de tudo o que fizera para manter a criança viva? Custara tanto que ela ainda se sentia fraca. E agora a dor com seu silêncio…

Suas irmãs haviam profetizado quando ela deixara a ilha: a Escura se tornaria a sombra dela mesma. Teria pagado esse preço pelo amor de Kami'en, embora se envergonhasse de admitir, mas talvez esse fosse sempre o começo do fim.

Suas mariposas a envolviam como fumaça, sombras aladas de um amor perdido, as únicas ajudantes que lhe haviam restado. Não, havia mais alguém. O vidro quebrado se estilhaçou sob as botas de Donnersmarck quando ele andou até ela. Ele era um pária, e sempre seria diferente dos que gritavam lá fora, embora ainda viesse a esconder isso por um tempo.

— As revoltas no norte estão se alastrando. Ninguém pode dizer quando Kami'en voltará para Vena.

A fada tirou um caco de vidro do cabelo castanho. Ela o estava deixando solto novamente, como as irmãs. Havia se vestido como uma mulher humana para Kami'en, prendido o cabelo como elas, dormido em casas. Dera a ele milhares de filhos com os goyl-homens. Como podia traí-la daquela maneira? Kami'en… seu próprio nome agora tinha gosto de veneno.

Donnersmarck escutou os sons que vinham de fora. A gritaria era mais alta do que no dia anterior. Acima deles, mais um vidro arrebentou. A fada ergueu a mão. Por um momento, imaginou que o vidro se tornava água e a levava para longe dali, de todos os gritos, dos soldados de Kami'en e da Cara de Boneca… Estava cada vez mais difícil domar sua ira.

— Não posso mais garantir sua segurança. — Donnersmarck não abaixou os olhos quando falou com ela. Não tinha medo de encará-la.

— Eu mesma posso cuidar disso.

— Toda a cidade está em revolta. Amália mandou queimar suas carruagens e espalhou que tudo o que você toca é maldito.

Cara de Boneca mostrava um talento considerável para intrigas. E que oportunidade para ganhar a compaixão de seus súditos, depois que perdera seu afeto com o casamento com o goyl. A plebe até esquecera o quanto abominara seu filho de pedra da lua. Agora ela era apenas a mãe enlutada.

— O que aconteceu com a criança?

Donnersmarck balançou a cabeça.

— Nenhuma pista. Três dos meus soldados estão à procura, os únicos em quem ainda confio.

Ela própria enviara dezenas de mariposas em busca do bebê, mas nenhuma havia voltado ainda. Olhou para os cacos a seus pés. Sua jaula quebrada. Aquele que a prendera estava longe, muito longe. Não. Ela própria havia se trancado ali.

Donnersmarck ainda estava lá. Seu cavaleiro, depois que o rei a traíra.

— O que quer fazer?

O quê? Era difícil se libertar do amor. A fita não se deixava romper depois de tecida, e a trama daquela era bem firme.

A Fada Escura se pôs sob as árvores que mandara plantar. Eram do tipo que cresciam à beira do lago que dera à luz a suas irmãs e a ela. Colheu duas bagas que pendiam de galhos densamente cobertos de folhas. Quando rompeu a primeira, dois cavalos minúsculos pularam em sua mão, verdes como a baga. Começaram a crescer assim que ela os depositou nos ladrilhos. Da segunda, rolou uma carruagem. Folhas e flores verde-claras brotaram dela enquanto aumentava. As rodas e os eixos eram pretos, assim como a boleia e os bancos estofados de couro. Escuros como sua dor, escuros como sua cólera.

Donnersmarck estava ali parado, como todos ficavam quando eram testemunhas de magia: incrédulos, desejosos, com inveja… Todos queriam esse poder.

Carruagem. Cavalos. A Fada Escura ergueu a mão. Agora ela apenas precisava de um cocheiro. A mariposa que pousou em seus dedos abriu as asas nas quais o preto parecia salpicado de ouro. A cabeça e o corpo tinham um brilho verde-esmeralda.

— Chithira, Chithira — a Escura sussurrou para a mariposa. — Você me ajudou a encontrá-lo. Agora precisa me levar para longe dele.

A mariposa abriu as asas até tocar a mão da fada suavemente como um beijo. Então pousou a seus pés e se transformou num jovem. O traje preto que vestia parecia salpicado de ouro como as asas. O turbante e o colete eram verdes e brilhantes como esmeralda, e seu rosto pálido denunciava que havia tempo não estava naquele mundo. Chithira… seu nome era um dos poucos dos quais a Fada Escura lembrava. Ele era um príncipe que se

apaixonara por ela mais de cem anos antes, e se mantivera fiel mesmo depois de sua morte, como muitos que sucumbiam à Escura e suas irmãs. Estavam acostumadas a que o amor dos mortais durasse para sempre.

Chithira subiu na boleia sem dizer nada. Donnersmarck olhava para a carruagem e para o cocheiro ainda incrédulo, como se tivesse se perdido num sonho, mas o sonho era o amor de Kami'en. E era hora de acordar.

A fada segurou o vestido e observou ao redor uma última vez. Cacos. Era a única coisa que restava, mortos como água petrificada. O que mais além de morte uma fada podia colher quando se envolvia com um mortal?

Donnersmarck abriu a porta da carruagem. A Escura já sabia desde muito antes que ele iria com ela, antes mesmo dele próprio. Iria para protegê-la, mas também na esperança de que o protegesse do que se agitava em seu peito.

Os guardas de Kami'en se puseram no caminho dos cavalos verdes, mas Chithira já passara pelos unicórnios das irmãs uma vez. Os guardas do palácio correram cada qual para um lado quando viram seu rosto pálido como a morte. Enquanto Donnersmarck abria a porta, a Fada Escura olhava para a sacada de onde Teresa de Austrásia anunciara o casamento da filha. Amália não aparecera. Talvez ela a tivesse deixado viver.

Talvez.



10
Cães demais

Três atentados nos últimos dias, dois em estações de fronteiras, o terceiro contra Kami'en. Seus guarda-costas haviam se postado de forma tão idiota que o próprio Hentzau tivera que matar os responsáveis. Depois ele mandara executar os guarda-costas — e ameaçara cortar pessoalmente a língua de quem se aproveitasse do episódio para reclamar do desaparecimento do goyl de jade. Os mexericos continuaram mesmo assim. "Primeiro o goyl de jade o abandonou, agora a fada. O rei dos goyls também deve morrer, como seu filho de pedra da lua."

O autor do atentado que conseguira chegar até a tenda de Kami'en não era um dos rebeldes humanos que se revoltavam contra os invasores (Hentzau entendia muito bem sua motivação). Não. Era um goyl de ônix. Havia apenas algumas semanas, os ônix haviam coroado um dos seus como legítimo rei dos goyls. Um rei das sombras, em aliança com a Lorena e Álbion, traidor do próprio povo. Nada surpreendente. Os ônix sempre haviam sido parasitas que viviam do sangue e do suor de seus súditos. Sob seu domínio, apenas podiam florescer os que haviam nascido como ônix. Hentzau mandara encher de vermes a cabeça do autor do atentado e a enviara a Nias'ny, o mais poderoso de seus lordes. Ele residia na Lorena, mas seus espiões estavam por toda parte.

Eram cães demais… Hentzau pôs debaixo da língua um dos comprimidos contra dores no peito que o médico pessoal de Kami'en lhe receitara. Eles ajudavam tão pouco quanto os que o médico humano de Amália lhe prescrevera em Vena, portanto, Hentzau enviara um dos seus soldados à floresta subterrânea ao norte da fortaleza real, onde viviam as mulheres dos minérios. Os sucos que elas ferventavam queimavam até mesmo a língua de um

goyl, mas Hentzau apenas sobrevivera aos ferimentos que sofrera nas Bodas Sangrentas graças às suas beberagens.

Ele tinha que voltar para debaixo da terra! Lá não precisava de comprimidos nem de sucos de mulheres dos minérios. Mas o idiota do administrador do quartel lhe havia destinado um escritório no quarto de uma torre, com uma janela, pela qual entrava tanta luz, que logo ele estaria cego. Hentzau requisitara seu emparedamento, mas parecia que os únicos soldados que entendiam de construção haviam morrido numa escaramuça com os rebeldes.

Apesar de todas as janelas e torres, Kami'en gostava de montar seus quartéis em castelos humanos. Daquele eles haviam expulsado um nobre latifundiário de Holstein, que antes de fugir havia se vingado mandando soltar ratos no porão. Trinta dos homens de Hentzau estavam no hospital porque a luz do dia os incomodava tanto que apesar disso haviam dormido lá. Quanto mais eles viviam na superfície da Terra, mais vulneráveis se tornavam às doenças humanas — um fato que os ônix gostavam de lembrar quando afirmavam que os goyls nada tinham que fazer na superfície. Mas Hentzau, assim como Kami'en, não se esquecera do que acontecia quando eles se conformavam com uma vida debaixo da terra. Havia muita coisa ali que os humanos cobiçavam, não apenas prata, ouro e pedras preciosas. Minério, carvão, gás, óleo… O que se podia escavar da terra se tornara tão precioso quanto o que crescia nos campos.

— Tenente Hentzau? — Nesser apareceu na abertura da porta.

— O quê? — Ele fez o frasco de comprimidos desaparecer rapidamente dentro da gaveta da escrivaninha. Nesser não merecia a aspereza em seu tom de voz, mas já havia muitos que sussurravam que o cão de caça do rei estava velho e doente, embora a Fada Escura fosse a única que tivesse ousado dizer isso diante de Kami'en. Por todos os deuses, Hentzau estava contente por ela ter ido embora.

— Os últimos despachos estão aqui. — Nesser se pôs atrás dele antes de fazer um sinal para o mensageiro entrar. Depois de um ataque em que Hentzau ficara levemente ferido, Kami'en fizera de Nesser sua guarda-costas pessoal. Contra a vontade dele. O cão de

caça do rei protegido por alguém que poderia ser sua filha. Nada muito pior podia acontecer… mas ele admitia que Nesser era mais eficiente que os idiotas que protegiam o rei.

O mensageiro era um dos goyl-homens que haviam permanecido a serviço dos goyls, embora sua pele tivesse voltado a ser mole feito uma lesma em muitos lugares. Hentzau teria mandado fuzilar todos, mas eles haviam se revelado muito úteis como batedores e espiões, embora mal se lembrassem de sua vida humana. Aquele fora um goyl de rubi. A pedra ainda se mostrava na testa e na face, e os olhos castanhos tinham um brilho dourado. Agora já havia exércitos inteiros deles, que perambulavam saqueando em cima e embaixo da terra.

A herança da fada. Sim, Hentzau estava contente por ela ter partido, embora não ousasse imaginar os danos que poderia lhes causar como inimiga. Seus espiões afirmavam que ela havia viajado para o leste. O Reino Sulaimânico? Improvável. Seu sultão achava que a magia devia ser permitida somente aos homens. Mas havia outros aos quais a fada podia oferecer sua magia: os cossacos na Ucrainia, os tsares de Varângia, os príncipes-lobos de Kamchatka e Yukaghiria… Havia séculos, os goyls mantinham com a maioria dos mandatários orientais intensas relações comerciais (algumas de suas mais antigas cidades ficavam no leste), mas Hentzau tinha certeza de que muitos de seus velhos aliados se voltariam contra eles se em troca a fada lhes prometesse sua magia. Sua maior preocupação era o príncipe-lobo, casado com Isolda da Austrásia, porém a irmã mais nova da imperatriz deposta morrera havia algumas semanas. Envenenada pelo seu consorte, sussurravam em Vena.

Os despachos que o goyl-homem trouxe não melhoraram o humor de Hentzau: um incêndio numa das fábricas de aviões, um mensageiro goyl assassinado na Bavária, um ataque suicida numa das cidades-cavernas subterrâneas. Quatrocentos mortos. O último despacho vinha de Thierry Auger, um dos espiões humanos na Lorena. Ele comunicava que o Torto recebera um hóspede interessante: Isambard Brunel — o homem que construía aviões e

odiava viajar. Era a primeira vez que Brunel saía de Álbion. O fato de ele fazer isso para visitar o rei da Lorena era muito preocupante.

Nesser fez um sinal para o goyl-homem sair da sala. Ele pressionou o punho contra o peito como um deles ao se despedir. Apesar disso, Hentzau jamais se acostumaria a eles. Nesser ficou na porta à espera. Hentzau não tinha filhos, mas provavelmente tinha algo muito próximo de sentimentos paternais por ela. Ele apreciava até mesmo suas fraquezas… a falta de autocontrole, a impaciência, a necessidade de ver o mundo em preto e branco — tudo o que era bom do seu lado, tudo o que era ruim do lado dos inimigos. Invejável. A vida era tão simples quando se era jovem, mesmo que não parecesse assim aos jovens.

Brunel com o Torto… talvez fazer da má notícia uma boa notícia. Não, melhor. Um presente.

— Avise o adido de Kami'en que preciso falar com o rei. Imediatamente.

Hentzau pôs a mão no peito assim que Nias'ny fechou a porta atrás de si. A dor era terrível, mas como soldado ele estava acostumado a viver com ela.

Kami'en não mandava mais emparedar as janelas de seus aposentos havia muito tempo. Ele consultara uma bruxa sobre seus olhos e zombava de Hentzau porque temia mais a magia do que o branco leitoso que turvava sua visão. O rei dos goyls estava junto à janela, provavelmente pensando na fada, quando Hentzau entrou.

Hentzau tinha certeza de que ele ainda a amava. Se Kami'en acreditava ou não que havia matado seu filho — havia coisas que nem mesmo Hentzau sabia sobre ele. Seu rosto, como sempre, não o traiu quando se virou. Cornalina. Pele de fogo, como os goyls a chamavam.

— Brunel em Lutis. Suponho que estamos pensando a mesma coisa — ele disse depois de correr os olhos sobre o despacho de Thierry Auger. — A Morsa não é tão burra quanto eu pensava.

Mande reforçar as tropas ao longo da fronteira da Lorena e assegure-se de que não falte pó élfico ao príncipe herdeiro.

— Não vai ser suficiente. — Hentzau coçou a pele. A luz do dia que entrava pela alta janela era cinzenta como granito, mas assim mesmo doía. — Precisamos de tumultos em suas colônias, anarquistas em suas cidades, para que não possam unificar as tropas… e temos que nos assegurar de que o leste está do nosso lado. Proponho dar um presente ao tsar. Um que lhe dê confiança militar para desafiar Álbion e a Lorena.

— Que presente poderia ter um efeito tão milagroso?

… e seria mais atraente do que aquilo que minha amante poderia oferecer ao tsar? Eles ainda não a haviam mencionado depois que ela partira, embora o mundo inteiro falasse dela.

— O presente acaba de cair no nosso colo, majestade.

Ambos gostavam do jogo de ler pensamentos no rosto um do outro. Haviam lutado muitas guerras juntos. Tantas coisas partilhadas: derrotas, vitórias, medo, cólera, desespero, alívio, triunfo… e a embriaguez que a proximidade da morte trazia.

— Interessante. — Kami'en olhou para a janela. Ela estava voltada para o leste. — De quantos homens você precisa?

— Dez. Mais do que isso chamaria muita atenção. Também gostaria de levar alguns goyl-homens.

— É mesmo? Você não queria que eu mandasse fuzilar todos?

— Um bom soldado muda de estratégia antes que o inimigo espere que ele faça isso.

Kami'en sorriu.

Tantas coisas compartilhadas… O cão de jaspe ia defender seu rei até que a matilha o dilacerasse, mas antes ele deixaria um urso ao seu lado.



11
Era uma vez

Will ainda estava acordado quando o telefone tocou. Duas horas. Clara pusera o despertador velho de sua mãe em cima da escrivaninha. Mantivera muitas de suas coisas no apartamento e frequentemente fazia perguntas sobre ela, talvez porque nunca tivesse conhecido sua própria mãe.

Ele pegou o telefone sem se preocupar com o horário. Havia semanas que Clara fazia o plantão noturno, e Jacob muitas vezes ficava fora até o amanhecer. Além disso, ambos sabiam que era raro ele ir cedo para a cama. Quando criança, Will já tinha medo de seus sonhos, mas desde a temporada atrás do espelho eles haviam se tornado um verdadeiro território inimigo.

— Will? Aqui é o dr. Klinger. Clara trabalha na minha seção.

O tom lembrou Will de outro telefonema com a mesma mistura de sobriedade e simpatia. “Sua mãe piorou. Talvez fosse bom você vir.” Daquela vez o telefonema não chegara de surpresa, mas agora as palavras simplesmente não faziam sentido. Ela só tinha ido trabalhar!

— Você precisa vir aqui. Explico melhor quando chegar.

Ele se pôs a caminho imediatamente. No táxi, tentou em vão ligar para Jacob.

* * *

Sua mãe não morrera no hospital no qual Clara trabalhava, mas assim mesmo o elevador lembrou Will das semanas em que a visitara. O elevador, o cheiro nos corredores.

O médico já o esperava. Will se lembrava de tê-lo encontrado numa festa que os colegas de Clara haviam feito para ela. “Um coma repentino”, “inconsciente”, “uma das enfermeiras a

encontrou”… fragmentos de frases que apenas denunciavam sua perplexidade. Will o seguiu até um dos quartos e lá estava ela deitada numa cama. Dormindo.

Will já vira um sono daqueles, mas como poderia explicar a alguém naquele mundo sobre a princesa que encontrara entre rosas murchas? No avental de Clara, que estava na cadeira ao lado da cama, havia um broche que Will nunca vira antes. Ele tinha a forma de uma mariposa, com asas pretas a antenas prateadas.

O mundo errado.

O médico lhe transmitiu ainda mais perplexidade. “Infecção rara”, “um ferimento no dedo”, “exames de sangue”… Will não disse nada. O que deveria dizer? Que ela recebera a visita de uma fada?

Pediu ao dr. Klinger que os deixasse sozinhos e se aproximou da cama. Nenhuma trepadeira com espinhos o mantinha à distância, nenhuma torre de palácio. *É muito fácil, Will. Beije-a.* Mas ela parecia tão estranha… como sua mãe antigamente. Ele tentou esquecer onde estava, lembrar-se de onde a encontrara pela primeira vez, mas o que veio à mente foram outras imagens: a casa de doces, a caverna, a repulsa quando ela acariciou sua pele de jade.

Apenas um beijo.

Mas tudo o que ele fez foi ficar ali parado. Talvez seu coração ainda fosse de pedra. Como podia ser que o amor lhe escapasse tão facilmente e que ele a traísse naquele momento? Will tinha simplesmente que beijá-la como antes, lembrar-se da primeira vez, no corredor do hospital diante do quarto da sua mãe. Por que o amor e a morte com tanta frequência estavam lado a lado?

Seus lábios estavam quentes e pareceram familiares. Mas ela não acordou, e tudo o que Will viu foi a morta na torre, com as rosas, a pele de pergaminho e os cabelos de palha descorada.

Acorde, Clara! Por favor! Eu te amo.

Ele a beijou mais uma vez, mas tudo o que sentiu foi o próprio desespero. *Eu te amo.* Ela o amava mais. Ainda linda.

O médico voltou e contou sobre outros exames que seriam feitos. Will assinou os papéis e tentou ligar para Jacob. De novo e de novo. Sem resposta.

O médico prometeu ligar se alguma coisa se alterasse e o mandou para casa.

Ele não sabia se tomava o elevador ou se ia pela escada. Em algum momento, encontrou-se novamente na rua, esperando pelas lágrimas que não vinham e olhando para os faróis dos automóveis, como se pudessem lhe explicar o que acontecera. Jacob. Ele precisava falar com o irmão. Ele saberia algum jeito, alguma magia. Que fizesse o quê? Restituísse o verdadeiro amor? O que quer que fosse…

Will olhou para o hospital. Ele não podia deixá-la ali, precisava levá-la consigo. Jacob encontraria alguma coisa, então Clara acordaria e ele a amaria como merecia.

— Você se culpa muito depressa, Will. Será que é porque seu irmão não leva a sério suas dívidas?

Will se virou. O estranho que estava sentado num dos bancos na frente do hospital pronunciara seu nome como um velho conhecido, mas não conseguia se lembrar de já tê-lo visto. Clara chamava aqueles assentos de “bancos das lágrimas”, porque era o primeiro lugar onde as pessoas paravam quando saíam do hospital com más notícias.

— Desculpe, já nos conhecemos? — Era o tipo de pergunta que se fazia quando alguém queria ser deixado em paz ou era tão incorrigivelmente gentil como Will.

O estranho sorriu.

— Sim, mas você devia ser muito jovem para lembrar. Eu era um amigo muito próximo de sua mãe.

Uma ambulância passou. Alguém esbarrou em Will. Tanta gente, mesmo àquela hora. Mas alguma coisa naquele desconhecido não combinava com o lugar. Ou era a atmosfera que não combinava com ele. Talvez fosse apenas um sonho. Desde que voltara, Will pensava isso com frequência. Como Jacob podia estar sempre mudando de mundo? Era enlouquecedor…

Por que Clara não acordara? Se ele tivesse cuidado melhor dela… Se não tivesse deixado de amá-la…

O estranho o observava com um ar divertido, como se ouvisse seus pensamentos. Ele ainda não havia se apresentado. De repente

Will ouviu em sua cabeça: “Se eu tivesse, se eu fosse, se eu pudesse… Sempre o bom filho, irmão, amigo, amante… Will Reckless, a tela na qual os outros pintavam. O que há com você? Quem você quer ser, Will?”.

— Sente comigo por um momento. — O estranho apontou para o banco ao seu lado. Will hesitou. Ele tinha que voltar. Para Clara.

— Sente, Will. — A voz do estranho era afetuosa como uma brisa morna, mas não soava como um pedido. — Tenho uma oferta para lhe fazer.

Um bêbado passou cambaleante. Um casal se beijava no ponto de ônibus. O verdadeiro amor…

— Desculpe — disse Will. — Preciso voltar. — Ele apontou para o hospital. — Minha namorada…

— Ah, sim. Minha oferta tem a ver com ela. — O estranho apontou novamente para o banco. Um princípio de impaciência era perceptível em seu gesto. A calçada suja, os rostos cansados, a loja de café da esquina… o estranho fazia tudo parecer irreal. Will sentou hesitante ao lado dele. Tinha uma pequena pedrinha vermelha na orelha. Do que isso o lembrava?

— Suponho que tenha tentado com um beijo. Infelizmente funciona muito poucas vezes. — Ele tirou uma cigarreira de prata do bolso. — O sono do fuso é uma das mais antigas magias das fadas, muito eficaz e fácil de executar. Suponho que seu irmão tenha advertido você e sua namorada. Você recusou o presente dela, a pele da pedra sagrada. Os imortais levam muito mal esse tipo de coisa. E já que ela não pode ter você…

O cigarro que ele acendeu era tão branco e fino como seus dedos. Ele tinha seis em cada mão. O mundo errado. Toda aquela noite pertencia ao mundo errado.

— As fadas adoram brincar com o destino, Will. Isso não se restringe aos seus famosos feitiços de amor. Nós dois sabemos do que estou falando: outra pele, um sono mortal, uma prisão de madeira… — O isqueiro que ele tirou do bolso do casaco também era de prata. — Mas desta vez seu irmão não pode fazer com que tudo volte a ser como era. Desta vez, você mesmo precisa agir. Esse é seu maior desejo, não é? Que tudo volte a ser como era

antes. Antes de você cometer o erro de seguir seu irmão. — Ele soprou a fumaça e ignorou os olhares de reprovação que os passantes lhe lançavam. — “Era uma vez…” Não é à toa que os contos de fadas começam assim, Will. Mas para chegar o “eles viveram felizes para sempre” é preciso fazer por merecer.

Em meio ao véu de fumaça que se levantava sob as luzes da cidade, Will pensou ver a figura de uma mulher envolta por mariposas pretas.

— É incrível, não? — O homem à sua frente tirou um saco do bolso. — Ela própria o imunizou contra seu feitiço apenas para proteger seu amado. O amor faz até os imortais de bobos. — Ele pôs o saco no colo de Will. Jacob tinha um bem parecido. — Tudo começou com ela, Will. E só pode terminar com ela.

O saco parecia vazio, mas quando Will pôs a mão dentro dele seus dedos encontraram um cabo de madeira.

O estranho se levantou.

— Parta em busca dela. Use meu presente e você tem minha palavra: tudo voltará a ser como deveria. — Ele se abaixou, aproximando-se de Will. — Vou lhe mostrar quem você é, Will Reckless. Sua verdadeira cara… é isso que todos vocês buscam, não é?

Ele não esperou pela resposta. Virou-se e andou em direção ao carro que estava estacionado junto ao meio-fio. O motorista desceu e abriu a porta traseira para ele. Will ficou ali parado com o saco na mão, até que o veículo desapareceu no tráfego.

Jacob continuava sem atender o celular, e o rosto de Clara estava pálido como o de um cadáver quando ele voltou para o hospital. Will não teve coragem de beijá-la novamente, e a enfermeira apenas sacudiu a cabeça com indiferença profissional quando ele perguntou se poderia levá-la para casa.

O apartamento estava tão silencioso quando ele abriu a porta, os quartos tão vazios. “Era uma vez.” Will se sentou na mesa da cozinha e tirou do bolso o saco que o estranho lhe dera. Com hesitação, pôs a mão lá dentro e olhou pasmo para a arma que veio à luz, tão bela e terrível ao mesmo tempo. O revestimento do cabo estava quente, como se a prata se derretesse sob seus dedos, e

nos desenhos gravados no metal escondia-se um sussurro. Will fechou os dedos em volta do cabo, esticou o arco de vidro, ajeitou a flecha de prata e assustou-se com o que sentiu: o desejo de fazer a flecha voar, no coração da escuridão, para o lugar de onde vinha a magia. Mas ela não tinha coração.



12
No lugar errado

Fux já esperara por Jacob tantas vezes por meses a fio que parecia absurdo se preocupar depois de três dias, mas quando a tosse de Chanute a manteve acordada pela quarta noite foi fácil convencer a si mesma de que precisava encontrá-lo. A perspectiva de passar sozinha para o outro lado do espelho não era nem um pouco atraente, mas para Fux o medo era mais um motivo para fazê-lo. Esse sentimento era um animal que crescia quando se cedia a ele.

Ela pegou o cavalo de Chanute. Ele era selvagem como um cachorro sem dono, mas Jacob já subira com ele até a ruína vezes suficientes para que o animal encontrasse sozinho o caminho de volta para o estábulo. Chanute afirmava que nem mesmo uma matilha de lobos era capaz de assustá-lo. Mesmo assim, quando Fux o soltou em frente à torre, o animal tratou de ir logo trotando para longe dali. Nenhum cavalo gostava da ruína. Alma acreditava que o motivo era o fantasma de um servo que em vida torturava os cavalos do senhor do castelo. Dele não havia nenhum sinal naquela manhã, mas Fux descobriu pegadas de botas na terra umedecida pelo orvalho diante da torre. Ela havia encontrado rastros também quando voltara — na escada arrebentada que levava para os estábulos. Wenzel contara que o prefeito de Schwanstein estava tentando vender a ruína para pôr um fim aos boatos de que era amaldiçoada. Talvez fosse a hora de pensar em outro esconderijo para o espelho, embora os muros carbonizados tivessem espantado todos os compradores até então.

O silêncio que preenchia a torre lembrou Fux de todos os dias que ela passara esperando Jacob diante de sua porta, com medo de que ele não voltasse.

O espelho naquela manhã estava claro, como se alguém o tivesse polido. Fux já se pusera na frente dele algumas vezes, mas sempre acabara se virando e esperando por Jacob em seu mundo. Ela não o seguia, essa era a regra — os caminhos dele, os caminhos dela. Mas que regra era aquela? Mais de Fux que de Jacob. Ele sempre queria que ela fosse junto.

Fux estendeu a mão e pressionou-a contra o vidro.

Ficou escuro, o que era estranho. A torre estava iluminada pela luz da manhã e o horário era o mesmo nos dois mundos. Fux tentou distinguir os contornos da escrivaninha, da janela através da qual se via a cidade de Jacob. Seus olhos rapidamente haviam se acostumado à escuridão, o pelo aguçava seus sentidos humanos mesmo quando ela não o usava. Mas não havia janela nem escrivaninha. O lugar em que estava tinha o mesmo cheiro dos velhos estábulos de pedra onde se escondia quando criança para não ter que remendar redes de pesca durante horas. Ela viu janelas emparedadas e fileiras de caixas ao longo de uma longa parede. Algumas delas eram do tamanho de uma pessoa, outras ela conseguiria carregar.

Como o espelho tinha ido parar ali?

Entre as caixas, havia outros espelhos, a maioria menor do que aquele pelo qual ela viera, mas havia de todos os tamanhos e formas. A única coisa que tinham em comum era a moldura de prata. Fux teve a impressão de que estava numa sala com centenas de portas de vidros e precisava descobrir em qual delas Jacob entrara.

Ela pressionou a orelha contra o portão, a única saída. Vozes masculinas, motores de carros… Provas de que estava no mundo de Jacob.

Ele estava bem.

O pelo ensinara Fux a ignorar o medo, mas era mais difícil quando ele era por Jacob. Ela abriu o portão somente o suficiente para poder espiar através dele.

Era como se visse dois lugares ao mesmo tempo.

Um deles parecia abandonado: um amplo pátio, o chão coberto de cardos e urtigas, uma série de edifícios vazios, e ao redor uma

densa floresta. Mas, sobre esta, havia uma segunda imagem tão imprecisa como se a realidade que mostrava tentasse se tornar invisível. Fux conhecia aquele tipo de magia do seu mundo: lugares que se escondiam para preservar um segredo: pontes, castelos, cavernas do tesouro… às vezes permaneciam invisíveis até que alguém os tocasse ou dissesse uma palavra mágica, mas era raro que iludissem a transmorfa. Ela apenas estava surpresa por encontrar tal magia no mundo de Jacob.

Os edifícios que se escondiam entre as construções abandonadas tinham torres e frontões como os que Fux via nos castelos em seu mundo, mas as altas fachadas de vidro com vigas de metal ela só conhecia do mundo de Jacob. Atrás deles, entre as árvores, viu caldeiras gigantescas e chaminés prateadas. Sobre os dois tanques que limitavam o pátio abandonado à sua direita pairavam nuvens de fumaça cintilantes.

Onde ela estava? E quem se escondia com magia no mundo de Jacob?

Não, Fux. Não era hora de descobrir isso.

Onde estava Jacob?

Uma caminhonete entrou no pátio. Os homens que desceram e começaram a descarregá-la pertenciam tão claramente àquele mundo que tornavam os edifícios de vidro ainda mais irreais. Um deles tinha consigo um cão, grande como um bezerro, e Fux ficou feliz por ainda não ter se transformado. Nenhum dos homens olhou em sua direção quando ela saiu pelo portão, mas o cão a percebeu. “Ela é uma raposa!”, advertiram seus latidos. O homem que o segurava pela guia mandou-o se calar, mas ficou observando ao seu redor. Fux ainda conseguiu se esconder atrás de alguns barris antes que a descobrisse. Ela farejou água. Talvez um rio.

Fux se transformou assim que o cachorro desapareceu com seu dono num dos edifícios abandonados. Como raposa, ela podia ver ainda mais claramente o mundo que se escondia através de magia: plantas que para os olhos humanos eram apenas sombras prateadas, enxames de elfos da relva nos arbustos que davam as flores de cujo pólen se obtinha pó élfico. Nada daquilo pertencia

àquele lugar. Quem trouxera para ali? Ela andava por entre os arbustos para esconder seu cheiro. Farejou mais de um cão.

Caixas podres e barris enferrujados, montes de vidro entre tijolos cobertos de musgos e vegetação. O cheiro que envolvia os prédios escondidos fez seu pelo se arrepiar. Ela não o conhecia nem do seu mundo nem daquele. Evitou-o, assim como os tanques sobre as quais pairava a fumaça brilhante.

Ele estava bem.

Outro edifício apareceu entre as árvores. Era daquele mundo, e à primeira vista parecia abandonado, mas nas janelas brotavam grades dos tijolos, tal trepadeiras de prata. Jacob estava em algum lugar atrás delas. A raposa sabia. Para essa certeza quase não havia explicação, mas Fux jamais se arrependera de confiar nela.

Ele estava bem. Não. A raposa temia o oposto, embora o cheiro de doença e morte que envolvia os edifícios abandonados fosse tão insípido que certamente anunciava desgraças já esquecidas. Por trás dele, o cheiro era de vida, fraco como o de um animal ou de uma pessoa feridos.

A raposa não alcançava a janela, então Fux se transformou novamente, mas isso trouxe de volta o medo humano e todas as perguntas inúteis. O que acontecera? Como o espelho chegara àquele lugar enfeitiçado? Ela não tinha tempo para buscar as respostas, ou logo haveria apenas uma pergunta: por que você não o salvou, Fux?

Ela estava abrindo caminho entre as urtigas e a madeira morta em direção a uma das janelas quando ouviu passos atrás de si. Tentou chamar o pelo, mas era tarde demais, e amaldiçoou os corpos humanos por serem tão grandes, enquanto buscava esconderijo atrás de uma árvore. Felizmente, o homem que vinha em direção ao edifício trazendo um prato de comida era menos atento do que os cães, que ainda latiam. Ele quase pisou na mão de Fux quando passou por ela. Seu rosto parecia estranho, como se alguém o tivesse moldado em barro sem muito cuidado. O coração de Fux parecia que ia sair pela boca quando o viu, mas não de medo, e sim de alívio. Apenas se levava comida para alguém que

estava vivo. Agora ela só podia esperar que esse alguém fosse Jacob.

O homem desapareceu nos fundos do edifício e Fux ouviu quando ele destrancou uma porta. Foi difícil resistir à tentação de segui-lo imediatamente. Ela o teria dominado com facilidade. Anos antes, porém, havia pensado o mesmo sobre o criado de um vampiro catalão, mas antes que conseguisse pegá-lo ele se transformara num morcego e, com fortes guinchos, alertara seu dono sedento de sangue. Parecia que tinham se passado dias até que Rosto de Barro aparecesse novamente. Ele falava com alguém, mas, quando se virou, Fux viu o celular em sua mão, um lembrete de em que mundo estava.

A fechadura da porta era tão estranha para ela como aquele mundo, mas seus dedos já haviam aberto criptas de reis e o cofre de um troll. Enquanto se esgueirava através da porta, ela se perguntou se o feitiço de invisibilidade se destinava aos homens que descarregavam a caminhonete. Rosto de Barro devia tê-lo percebido, do contrário teria acionado o alarme já no primeiro passo atrás da porta. Entre as tábuas sujas do assoalho, escondiam-se fios prateados, que com certeza anunciavam todos os visitantes indesejados que cometessem a imprudência de pisar neles.

Fux tampouco confiou nas flores que brotavam por toda parte do reboco arrebentado. Elas se pareciam muito com as flores que emolduravam o espelho que a havia levado até ali, e seu perfume preenchia o ar com cheiro de mofo como uma canção de ninar. Não pertenciam àquele mundo, assim como o espelho, os elfos da relva ou os edifícios que podiam se tornar invisíveis.

Tudo ao redor de Fux parecia perigosamente belo como uma planta carnívora que se abria entre o bolor das paredes e as fezes de rato para fazer presas, e a cada passo crescia seu medo de que Jacob tivesse caído na armadilha. Mas as primeiras salas que verificou estavam vazias. Ela seguiu os rastros pelas tábuas do assoalho até uma escada que levava ao porão. Fux acreditou ouvir passos e quando aguçou os ouvidos notou alguém praguejar com voz abafada. Não era a voz de Jacob, mas ele estava ali, ela sentiu como o toque de uma mão conhecida. Escutou um motor à

distância, o barulho de água batendo contra madeira ou pedra, vozes e passos, preocupantemente altos. Mas não se aproximavam.

As flores cresciam também nos degraus da escada. Fux evitou tocá-las com todo o cuidado. A escada terminava num amplo porão, do qual saía um corredor com salas sem janelas. As grades no batente das portas eram difíceis de ver, mesmo para ela. Grades de prata. Atrás delas, as celas estavam vazias. Com exceção da última.

Fux reconheceu o corpo imóvel atrás das grades, embora Jacob estivesse de costas. Ela pôs as mãos nas grades. A sensação era de pegar em ar, o feitiço era tão forte que nem com o toque se revelava. Fux retirou as mãos. Sua pele ficou tensa, como se tivesse virado prata.

— Ah, bonjour. Ou é bonsoir lá fora? — O homem que estava sentado no chão atrás de Jacob vestia roupas daquele mundo. Ele havia encostado as costas na parede como se fizesse muito tempo que estava ali sentado. Seu cabelo preto era encaracolado como lã de carneiro. — Seu rosto é novo. De quem o roubaram. Simonac! — Ele se levantou, os punhos cerrados como um boxeador que se prepara para o próximo round. — Você veio para me convidar para dar mais uma olhada no espelho de vocês, não foi? *Sacrament*, meu rosto parece agradar mesmo a vocês. Mas Sylvain Fowler não irá voluntariamente, *ma puce*.

Ele ergueu os punhos e deu socos no ar, como se pudesse provar dessa maneira que dificultaria as coisas para ela.

Fux quase riu. Se pelo menos Jacob se mexesse…

— Não há motivo para lutar — ela disse. — Não sou um deles. Estou aqui por causa dele. — Ela apontou para Jacob. O que fizeram com ele?

As luvas que tirou do bolso já a haviam defendido de muitas armadilhas mágicas, mas Fux não tinha certeza se ajudariam ali.

— *Ostie de moron!* — Sylvain baixou os punhos. — Não reconhece mais seus semelhantes, Sylvain? Ela é uma humana! — Ele se debruçou sobre Jacob. — Acho que está tudo bem com ele. Deve ter sido só excesso do pó deles. Como você o encontrou? O amor e tudo o mais? — Seu suspiro soou invejoso e compassivo ao mesmo tempo. — Não entre! Tem alguma coisa na porta! — Ele

arregaçou as mangas. Ao lado da tatuagem de uma folha de bordo flamejante, uma faixa da sua pele brilhava como metal. — É o que acontece quando você tenta.

— É uma grade invisível por magia de camuflagem. — Fux envolveu uma das barras com a sua mão enluvada para testar.

— Pelo quê? — Sylvain a olhou como se ela estivesse fora de si.

A fechadura da porta era fácil de arrombar quando se podia vê-la. As luvas tinham um brilho prateado quando Fux as tirou. A pele de Jacob estava morna, e ele respirava tão regularmente como se dormisse. Fux não viu nenhum ferimento, mas seus dedos localizaram sob o cabelo escuro a minúscula cabeça de um alfinete fincado em sua têmpora direita. Na Lorena havia um conto de fadas — sua mãe lhe contara muitas vezes — no qual o diabo mantém um príncipe preso por cem anos enfiando uma agulha de prata em sua cabeça. Ele acorda assim que sua irmã o tira. Em seu mundo, muitas vezes era aconselhável seguir tais exemplos, mas aquele era o mundo de Jacob.

— Posso carregá-lo se ele não conseguir ficar em pé — disse Sylvain. — Precisamos atravessar o rio, eles controlam toda a ilha! Isso não vai ser fácil, mas talvez encontremos um barco.

Fux calculou que ele devia estar da casa dos quarenta anos, mas os olhos vivos e a boca larga o faziam parecer um garoto bonito que envelhecera um pouco. Ainda que com certeza tivesse quebrado o nariz mais de uma vez.

— Não precisaremos de barco. Iremos por outro caminho. — *Ela estava falando no plural? Fux!* Não podia levar nenhum estranho pelo espelho. Mas Sylvain tinha razão, talvez ela precisasse de ajuda. Mesmo assim era aconselhável descobrir um pouco mais sobre o homem.

— Por que você está aqui? — Ela se esforçou para a pergunta soar como mera curiosidade.

— Eu trabalhava para eles.

— Eles?

Jacob estremeceu assim que Fux tocou a cabeça do alfinete.

— Immortal Glass & Silver. Vendi os espelhos para eles.

Espelhos. *Puxe de uma vez, Fux.* Jacob suspirou novamente, mas o alfinete saiu sem resistência de sua têmpora.

— Tabarnak, minha filha, é ruiva como você — murmurou Sylvain. — Penso o tempo todo nela desde que olhei no maldito espelho. *Maudite marde.* O vidro do diabo não rouba apenas o rosto, ele traz à tona recordações, como se alguém tivesse remexido você por dentro. Toda a sujeira que já foi esquecida… Mas o pior são as coisas boas!

Isso não soava como o espelho que a havia trazido até ali. No mundo do qual Fux vinha, havia espelhos que realizavam desejos, ajudavam, desvendavam a verdade… eles podiam ser uma promessa ou a armadilha perfeita. Bruxas cuspiam no vidro do espelho antes de olhar neles, para se assegurar de que não estavam enfeitiçados.

Jacob começou a se mexer. Fux precisou sussurrar seu nome meia dúzia de vezes até que finalmente abrisse os olhos. Eles estavam opacos.

— Fux? — Jacob tateou em busca do rosto dela. — Não consigo ver.

Ela estava muito contente por ouvir a voz dele, mas havia tão pouco tempo para a alegria quanto para o medo. Jacob gemeu quando se apoiou com a mão direita para se levantar.

— O que aconteceu com seu braço?

— Longa história.

Fux ajudou-o a ficar de pé. Ele estava tão fraco que precisou se apoiar na parede.

— Deveríamos esperar escurecer — disse Sylvain.

— Quem é ele? — Jacob apertou os olhos. Felizmente, parecia reconhecer vultos pelo menos.

Sylvain fez uma reverência.

— Sylvain Caleb Fowler. Parece que temos os mesmos inimigos. Isso é um começo, não?

Ele tinha razão sobre ser melhor esperar escurecer, mas Fux queria sair logo dali. Aquele lugar a deixava doente.

— Você poderia tentar achar o barco — ela disse a Sylvain, e puxou Jacob para a porta aberta. — Boa sorte.

Sylvain praguejou e foi atrás deles. Por um triz Fux conseguiu evitar que pisasse nas flores da escada.

— Este lugar é enfeitiçado — ela sussurrou. — Seus olhos podem ajudá-lo tão pouco quanto os de Jacob. Fique onde está e pise apenas onde eu já pisei.

Fux fez um sinal para que ambos esperassem enquanto quebrava cuidadosamente as flores que cresciam ao longo dos degraus. Ela só esperava que seus dedos não disparassem o alarme, nem o peso do seu corpo, mas tudo continuou em silêncio. A cada instante, enquanto parava para escutar o andar de cima, sua razão perguntava como conseguiria fazer Jacob atravessar o pátio e chegar até o espelho sem serem percebidos. Mesmo que ele pudesse ver, mal se aguentava em pé. Somente lhe ocorreu uma possibilidade, e para ela Sylvain seria necessário.

Foi necessária uma paciência infinita para atravessar a sala diante da porta. Fux estendeu uma manta sobre as tábuas para que não pisassem nos fios de prata.

— Você conhece bem a área? — ela perguntou a Sylvain quando finalmente pararam diante da porta. Lá fora, nada se mexia, e as vozes que ouviam soavam tranquilizadoramente distantes.

— Sim, claro. Eu não disse que forneci as caixas durante meses? — Sylvain apontou na direção de onde Fux viera. — Ali atrás estão armazenados os espelhos, e ali… — ele apontou para o norte, onde Fux via as chaminés de prata — fabricam o vidro. Câlisse. A ilha maldita do East River. Dizem que nem mesmo os pássaros ficam aqui. Minha mulher me advertiu. Ex-mulher. “Sylvain”, ela disse, “por que você acha que eles pagam tão bem? As ilhas são amaldiçoadas. Procure um trabalho decente.” Mas o que é que se ganha com um trabalho decente?

Fux tapou sua boca.

— Nem mais uma palavra! — ela sussurrou. — Ou você pode tentar o rio!

Funcionou. Sylvain ficou quieto como um ratinho enquanto seguia Fux e Jacob se esgueirando em direção ao pátio. Quando chegaram, a caminhonete se fora, mas havia chegado visita. Jacob e Sylvain provavelmente não viam os três carros nem o prédio

diante do qual esperavam. Talvez a Sylvain parecessem veículos normais. O feitiço de camuflagem não apenas tornava invisível, às vezes dava às coisas outra aparência. Fux se lembrou de uma tigela de avelãs que encontrara numa caverna. Jacob vira apenas a tigela, mas ela segurara na mão uma pequena balança de prata.

Os guardas que esperavam ao lado dos carros tinham o mesmo rosto de barro do homem com a comida, mas suas armas pareciam ser daquele mundo. Jacob, cego e fraco, jamais passaria por eles sem ser notado. Como se não bastasse, o homem com o cão apareceu atrás de um dos carros. Era o único humano que Fux via. Se é que ele realmente era humano. Ele era muito jovem para um guarda.

— Vocês precisam chegar até aquele prédio — ela sussurrou para Sylvain. — Aquele na frente da caldeira de vidro. Vão se esgueirando pelo outro lado.

Sylvain olhou para ela sem entender. *Ele não enxerga a caldeira nem os carros, Fux.* Ela só podia esperar que os arbustos floridos que cresciam entre as árvores apenas alimentassem os elfos da relva, e não disparassem nenhum alarme.

— O edifício ao lado do bujão de gás enferrujado — ela se corrigiu.

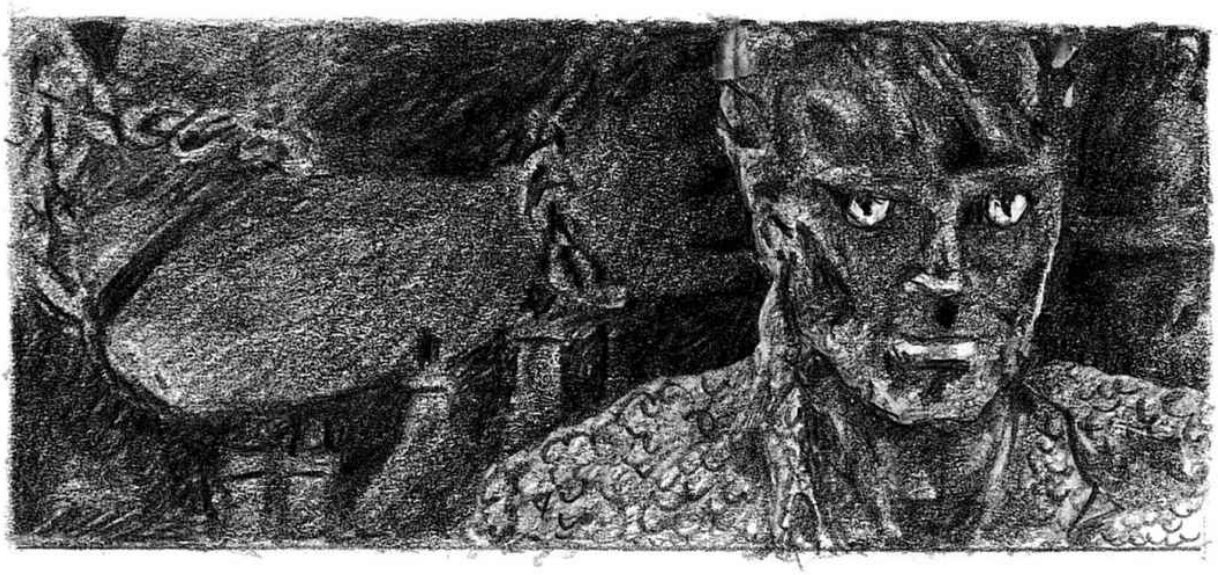
Sylvain assentiu aliviado, mas Jacob apertou os dedos mais firmemente em volta do braço dela.

— O que você pretende? — Jacob perguntou.

Como se ele não soubesse. Apenas não estava gostando daquilo. Eles já haviam escapado juntos de situações mais desesperadoras. Agora veriam se teriam a mesma sorte no mundo dele.

O cão ergueu a cabeça. Eles farejavam o suor humano a milhas de distância. Fux pretendia lhe dar algo mais atraente para cheirar. Ela esperou até que Sylvain desaparecesse com Jacob entre as árvores antes de sair para o pátio. Um dos guardas gritou para outro. Eles sacaram suas armas quando ela se transformou na frente de seus olhos.

A raposa correu. Correu para longe do edifício em que o espelho estava.



13
A dívida do irmão

Schwanstein. Quando criança, Will adormecera muitas vezes com esse nome nos lábios. Era um lugar mágico. Tudo o que ele encontrara de sombrio e tenebroso naquele mundo não mudara esse fato. Da ruína se viam as torres da igreja. Elas se revelaram um ótimo ponto de orientação e, quando Will perguntou o caminho para o Ogro Voraz (apesar dos olhares espantados com os quais encaravam suas roupas), cada nome de rua o lembrava de uma história que seu irmão havia lhe contado.

Jacob ficara tão zangado por Will tê-lo seguido pelo espelho por conta própria que nunca o levava junto quando ia para Schwanstein, e depois o jade tornara isso impossível. Jacob sempre fora bom em guardar segredos, mesmo que fosse a existência de um irmão mais novo. Will nem mesmo conseguia esconder as notas ruins de sua mãe. O único segredo que poderia ter a esconder de seu irmão mais velho era o fato de que se lembrava muito bem das coisas que haviam se passado atrás do espelho, ainda que elas lhe parecessem lembranças de outra pessoa.

O cheiro de fumaça velha de cigarro e de vinho azedo, a porta do forno da devoradora de crianças na parede, o braço do ogro em cima do balcão… Jacob descrevera tantas vezes a taverna de Albert Chanute que era como se Will já a tivesse visitado centenas de vezes. Quando criança, ele sempre sonhara em admirar os troféus de Chanute e planejar caças ao tesouro com seu irmão numa das mesas.

— Já estamos fechados! — Cabelo loiro-claro, óculos redondos… Tobias Wenzel. Jacob falara dele apenas numa de suas últimas visitas. O cozinheiro de Chanute perdera a perna na guerra contra os goyls. Will estava contente de que sua pele não revelasse mais que fora guarda-costas do rei.

— Fux está aqui? — Ele não conseguia gravar seu nome humano. — Sou irmão de Jacob. Will.

A muleta com a qual Wenzel mancou até o balcão era incrustada de pedras semipreciosas, como as que os oficiais goyls usavam no colarinho para a identificação de sua patente. Pedra da lua, jaspe, rubi. Lembranças…

— Não, ela não está. — Wenzel serviu um copo de aguardente para si mesmo. As mesas ainda pareciam sujas depois de uma longa noite. — Não sabia que Jacob tinha um irmão.

O olhar que ele lançou para o rapaz era desconfiado e curioso ao mesmo tempo.

Fux não estava lá. E agora? Will não queria apenas contar a ela que não tinha notícias de Jacob havia dias: ele tinha esperanças de que ela soubesse onde poderia encontrar a fada. Por um momento, ficou tentado a perguntar por Chanute, mas, se metade das histórias que seu irmão contava sobre ele fosse verdade, de manhã tão cedo estaria ainda de pior humor do que o cozinheiro.

— Posso deixar um recado para ela?

Wenzel virou a aguardente.

— Claro.

O único pedaço de papel que Will encontrou no bolso foi o folheto de uma peça de teatro que Clara e ele tinham visto fazia algumas semanas. Tudo voltará a ser como deveria.

Will se sentou a uma das mesas. O que deveria escrever? Apesar de tudo o que haviam vivido juntos, ele sempre se sentia tímido perante Fux. Wenzel estava olhando para ele, e Will escondeu a caneta esferográfica atrás da mão. Talvez ele conseguisse encontrar no quarto de Jacob algumas roupas que chamassem menos atenção dos que as que estava vestindo.

De uma porta ao lado do balcão saiu uma menina magra como um pássaro e no máximo com nove anos de idade, mas era visível que estava acostumada ao trabalho pesado. Ela parou hesitante quando viu Will, mas finalmente pôs o balde de água que carregava ao lado de uma mesa suja e fez três heinzels descerem do bolso do seu avental para o balcão. Will ouvira falar de heinzels pela primeira vez no dia de seu aniversário de seis anos, quando Jacob lhe dera

um casaco minúsculo de presente. Ele nunca se esquecia de seus aniversários e toda vez que abria um presente seu os dedos de Will tremiam de expectativa. A única pessoa para a qual ele os mostrara era Clara. *“Suponho que tenha tentado com um beijo?”*

Os heinzels começaram a lavar os copos sujos, e Will pôs novamente a esferográfica sobre o papel. *Escreva.* O quê? Que Clara dormia como se estivesse morta e um estranho tinha prometido que podia reparar tudo? Ele dobrou o papel e o guardou de volta no bolso.

Os heinzels faziam um barulho espantosamente alto, embora não fossem muito maiores do que os copos que lavavam. Em meio ao burburinho, o próprio Wenzel notou o goyl apenas quando ele já estava junto ao balcão. Os heinzels não lançaram ao hóspede mais do que um rápido olhar, mas a garota tropeçou apavorada no balde de água e o rosto de Wenzel endureceu de ódio.

— Vocês já fecharam, eu sei — o goyl se adiantou. — Quero apenas uma informação.

Will havia esquecido como a voz deles soava áspera. Sonhos dourados passaram por ele. Um rosto de jaspe e um rei com pele vermelha e opaca… imagens perdidas… sua cabeça estava cheia delas.

O goyl era um ônix, a pele mais distinta que podiam ter, mas o preto opaco era marmorizado por uma pedra verde. O visitante indesejado não usava uniforme como os goyls que Will encontrara nas ruas de Schwanstein. Os lagartos, com cuja pele eram confeccionados seus uniformes, Will vira com seus próprios olhos às margens de um lago subterrâneo.

— Sou obrigado a servir vocês, mas ninguém disse que preciso falar. — Wenzel bateu tão forte com a muleta contra o balcão que os heinzels se esconderam atrás de algumas garrafas.

O goyl lhe deu um sorriso traiçoeiro. Ele não era tão alto como a maioria deles.

— Você esqueceu quem governa esta espelunca agora? Essa bravata pode lhe custar mais uma perna.

A menina olhava para ele com horror e fascinação, mas se abaixou depressa para enxugar a água derramada quando Wenzel

olhou em sua direção.

O goyl ergueu os olhos em direção ao braço do ogro que estava sobre o balcão.

— Estou procurando um homem que se hospeda aqui regularmente. Aliás — ele observou ao redor com um ar de desprezo —, eu esperava que pudesse se permitir um alojamento melhor. Jacob Reckless?

Wenzel agiu como se tivesse se esquecido de Will e mandou os heinzels de volta para o trabalho.

— Faz meses que ele não aparece por aqui e, mesmo se eu soubesse onde está, por que diria a um pele de pedra?

— Sim, por quê? — O goyl olhou para suas garras. — Diga a ele que o Bastardo esteve aqui e que vou encontrá-lo. Encontro tudo o que procuro, e ninguém sabe disso melhor do que ele.

— Vou dizer apenas uma coisa a Jacob: que um maldito goyl perguntou por ele e que precisa tomar mais cuidado — Wenzel retrucou rispidamente.

Will se levantou. O goyl mediu-o inexpressivo quando se encostou ao seu lado no balcão. Will se lembrou do nojo que ele mesmo em algum momento sentira ao ver pele humana.

— O que você quer de Jacob Reckless?

— Não sabia que isso era da sua conta, cara de lesma. — O goyl pôs a mão no bolso e depois depositou uma pedra da lua sobre o balcão. — Ele roubou uma coisa minha. Isto aqui é seu se souber onde ele está. Esse aí — ele apontou para Wenzel — não merece recompensa.

Will não conseguia desviar o olhar da pedra. Pedra da lua vermelha. Os guarda-costas de Kami'en a usavam na gola.

— Só ouvi falar dele — Will disse. — É um caçador de tesouros famosos, não é? Não sabia que também era um ladrão.

Will abaixou a cabeça enquanto falava. Ele lembrava como era fácil para um goyl ler expressões humanas.

— Mudei de ideia sobre o recado — ele disse a Wenzel. — Preciso entregar uma coisa para a Fada Escura. Sabe me dizer onde ela mora atualmente?

Wenzel lançou um olhar malicioso para o goyl.

— Ninguém sabe onde ela se meteu. A fada deixou Kami'en. Agora veremos se os peles de pedra podem vencer a guerra mesmo sem magia.

— A Fada Escura… — Will sentiu o olhar do goyl como dedos em sua pele. — Sua mãe lhe contou o que as fadas fazem com tolos como você? Elas vão transformá-lo numa de suas mariposas antes mesmo que seu olhar de cachorrinho a alcance. — Ele guardou a pedra da lua no bolso antes que algum heinzel tentasse pegá-la.

— Você não sabe onde ela está?

Os heinzels começaram a brigar. Soavam como grilos nervosos.

— Mesmo se eu soubesse… por que deveria dizer a um cara de lesma como você? Leia os jornais. Eles não escrevem sobre outra coisa desde que a Escura foi embora de Vena.

— Junto com suas maldições! — Wenzel gritou para o goyl segurando um copo de aguardente vazio. — Os goyl-homens estão se transformando de volta. Logo o rei não terá mais soldados.

O Bastardo puxou com a garra um copo que estava em cima do balcão.

— Ainda há o suficiente. E quem disse que os goyl-homens lutarão por vocês só porque voltaram a ter pele macia? Talvez eles prefiram morrer por um rei que não cace seus soldados como animais nem os venda pelas joias de uma amante em alguma colônia distante.

Morrer por um rei. Will não conseguia desviar o olhar das garras pretas do goyl. Afiadas como vidro, como quando haviam rasgado seu pescoço. O tempo se abria como um chafariz. Ele estava novamente na catedral protegendo Kami'en com o próprio corpo.

O goyl o observava.

— Bem, boa sorte, então. — Ele estendeu a mão sobre o balcão e, antes que Wenzel pudesse impedi-lo, pegou uma garrafa de aguardente. — Você vai encontrar bastante concorrência. Amália está oferecendo os rubis que usa desde seu casamento como recompensa pela captura da fada. — O Bastardo enfiou a garrafa na mochila e jogou algumas moedas sobre o balcão. — As pedras valem mais do que toda a Austrásia. A mãe dela mandou roubá-las de um dos lordes de ônix.

Dois homens entraram na taverna.

Eles olharam para o goyl com a costumeira mistura de repulsa e medo quando ele passou. O Bastardo fez uma careta para eles. Na porta, virou-se mais uma vez e, com um olhar para Will, pôs o punho fechado sobre o coração.

Will enfiou rapidamente a mão no bolso quando percebeu que seus dedos se fechavam para responder. Atrás de si, ouvia Wenzel falar mal dos seres de pedra com os novos clientes. Eles começaram a descrever um futuro glorioso, no qual expulsariam todos os goyls de volta para debaixo da terra e eles morreriam sufocados como ratos. Um dos homens, de pele tão pálida que de fato lembrava uma lesma, falou sobre como era prático o fato de os goyls se petrificarem após a morte, porque assim os cadáveres podiam ser trabalhados como pedras preciosas.

“Encontro tudo o que procuro.”

Will saiu. Era dia de feira e os camponeses armavam as barracas: frutas e legumes, galinhas e gansos, heinzels e um suposto asno falante estavam em oferta. Will olhou ao redor. Ele precisaria de um cavalo e de provisões.

O goyl estava do outro lado da praça, encostado num portal de cima do qual a cabeça de um unicórnio observava os cidadãos de Schwanstein. Todos passavam longe do Bastardo. Ele parecia se divertir muito com isso.

— O que foi? Ainda não posso lhe contar onde a fada está — ele disse quando Will parou na sua frente. Malaquita. Essa era a pedra que entremeava a pele escura de ônix. Will não tinha certeza de como sabia disso.

— Sou irmão de Jacob Reckless.

— Devo me surpreender? — O Bastardo piscou para ele. — Ele anda com uma foto sua. Comovente. Admito que sempre fui muito grato à minha mãe por ter me poupado da concorrência de um irmão.

— Meu irmão não é um ladrão. Você disse que ele o roubou?

O goyl o observou com um olhar tão sarcástico que Will pensou senti-lo sob a pele. O que ele achara ali? Jade?

— Não quero destruir suas ilusões. Tenho certeza de que você tem muitas. Mas Jacob Reckless é um ladrão mentiroso, mesmo que não tenha pendurado um cartaz dizendo isso diante do nariz do irmão mais novo.

Will deu as costas para o goyl sem dizer nada. Ele preferia esconder a raiva. A pedra o assustava como um escorpião saído do canto mais sombrio do seu coração. Nada a tornava mais assustadora do que a sensação de não poder mais dominar a cólera e o ódio. Os goyls desfrutavam de ambos como o efeito de uma droga.

— Pelo meu coração de pedra… — Will ouviu o Bastardo rir atrás de si. — Você é muito mais sensível do que seu irmão. Quer que eu o ajude a encontrar a Fada Escura?

Will se virou.

— Não tenho dinheiro.

— Não quero dinheiro. Só os reis podem pagar o Bastardo. — Ele desencostou da parede em que se apoiava. — Quero de volta o que seu irmão roubou de mim. Você acha que pode conseguir?

— O que é?

O Bastardo ficou observando uma garota que passava. Ela virou a cabeça depressa quando sentiu o olhar dourado.

— Um saco mágico. Ele parece vazio, mas o conteúdo me pertence.

Will precisou se controlar para não apalpar o saco que carregava sob a camisa.

— Qual é o conteúdo?

Duas mulheres passaram por eles. Elas olharam com desprezo para Will, como se ele estivesse conversando com o diabo, e seguiram depressa quando o Bastardo estalou os dedos atrás delas.

— Uma balestra. Nada especial, herança de família.

Ele não era um bom mentiroso. Talvez nem estivesse se esforçando.

— Acho que sei o que você quer da Fada Escura — ele sussurrou para Will. — Contam por aí algumas histórias interessantes sobre o irmão de Jacob Reckless. Que teria crescido nele a pele mais

sagrada que um goyl pode ter, mas que seu irmão a expulsou de seu corpo.

O coração de Will começou a bater depressa.

O goyl tirou um amuleto de baixo da camisa de pele de lagarto. Era de jade.

— Se eu fosse você, ia querê-la de volta. Quem seria tão burro a ponto de trocar pedra sagrada por pele de lesma?

— É isso mesmo — exclamou Will. — Você adivinhou. A Fada Escura é a única que pode devolvê-la.

Mentiras… Ele levantou o olhar involuntariamente. Jacob havia lhe contado muitas mentiras sobre as cicatrizes em suas costas, até que Will finalmente soubera que elas haviam sido causadas por unicórnios. Jacob teria acreditado que ele queria de volta a pele de jade?

— Acho que temos um trato. — O goyl fez o amuleto desaparecer sob a camisa de lagarto. — De quebra você me mostra o espelho pelo qual você veio. — Ele sorriu. — Deixe-me adivinhar… Ele está aqui perto, não está? Dá para perceber pelas suas roupas. Não se usam coisas assim em Schwanstein.

Will forçou-se a não olhar para a colina onde ficava a ruína. Um goyl no outro mundo… quem seria o próximo? Uma bruxa devoradora de crianças? O stilz que o atacara quando passara a primeira vez pelo espelho? Por um momento, ele estava tentado a perguntar ao Bastardo pelo estranho que lhe dera o saco com a balestra, mas teve medo da resposta.

— Que espelho? — ele perguntou. — Não sei do que está falando. Temos um trato?

O goyl olhou para a frente, na direção do Ogro Voraz.

— Claro — ele disse. — Por que não?



14
Pelas estradas dele

Humanos. Eles estavam por toda parte. Como larvas de insetos numa poça. A mortalidade era fértil. Campos, ruas, cidades… o mundo recriado de acordo o gosto mortal deles, pintado, escavado, escorado e cercado. Ela também os abominava antes de Kami'en tê-la preterido por uma mulher humana? A Escura não queria lembrar. Queria ceder à raiva, à repulsa, ao ódio. Se pelo menos tudo isso levasse o amor embora…

A Fada Escura não se dava ao trabalho de evitar seus povoados. Deviam ver que ela não os temia, mesmo que jogassem pedras em sua direção e queimassem bonecos de palha que a retratavam. Ela os via de trás das cortinas quando Chithira conduzia os cavalos diante de suas casas.

— Ali está ela! A bruxa-fada! — ela os ouvia cochichar. — Matou o filho de seu amante infiel. Não tem coração.

Tantas aldeias. Tantas cidades. Como um fungo do qual brotavam corpos de mortais. E todos tinham o rosto de Amália.

Às vezes, ela mandava as mariposas estenderem a rede sob a qual dormia durante o dia em frente a uma igreja, ao lado de um monumento ou diante da prefeitura. Quando alguém atirou em Donnersmarck, que vigiava o sono dela, ela passou a repousar nas florestas. Ainda não haviam queimado todas em seus fornos e fábricas.

Às vezes Donnersmarck cavalgava até a aldeia mais próxima para saber como estavam as coisas em Vena. Ele relatou que os rubis que Amália havia oferecido como recompensa pela sua captura já haviam custado a vida de seis humanas, tomadas erroneamente pela Escura. O Torto e a Morsa haviam anunciado oficialmente que Álbion e a Lorena lhe concederiam asilo. Asilo… quão idiota eles achavam que ela era? Pensavam que venderia sua

magia pela melhor oferta ou que estava buscando outro amante coroado? Qual deles podia se comparar ao rei dos goyls? Ela amara o melhor deles, e ele a traíra.

Donnersmarck também trazia notícias de Kami'en. Ele tomou o cuidado de mencionar seu nome casualmente, como se fosse apenas um entre muitos. A Escura ficou comovida por ele querer protegê-la da dor da traição de seu amado, da humilhação que significava o fato de Kami'en ainda não ter dito uma só palavra para defendê-la. O rei fizera um acordo de paz com os revoltosos do norte e agora negociava com os goyl-homens desertores… Ele era muito superior aos seus inimigos, talvez porque estes apenas fizessem guerras para ficar mais ricos. Soldados não gostavam de morrer pelo ouro que ia para os bolsos dos oficiais. Mas a vingança era um motivo que os fazia lutar com paixão. Kami'en fazia a guerra somente por vingança. Ele era a raposa que atacava seus caçadores.

Sim. Ela ainda estava do lado dele.

Chithira conduzia a carruagem pelas estradas noturnas que os soldados do rei dos goyls haviam construído e, em seu peito sem coração, a tristeza e a raiva alternavam-se como marés. As lembranças a perseguiam por mais depressa que o cocheiro morto fizesse os cavalos trotarem, vivas como se fossem o presente, mais reais do que tudo o que passava do lado de fora.

Ela voltaria a ser o que era antes de Kami'en? Queria voltar a ser?

A Fada Escura viajava somente durante a noite, mas cada vez mais apareciam em seu caminho grupos de homens que haviam encontrado em alguma taverna a coragem suficiente para fazer merecer a recompensa de Amália. A maioria das vezes Donnersmarck os expulsava sozinho, mesmo quando eles esperavam com foices e machados ou se escondiam atrás de barris em chamas. Às vezes, bastava que Chithira se transformasse diante de seus olhos. Mas uma noite, quando havia uma mulher entre os líderes, a fada soltou as mariposas e imaginou que era Amália quem se contorcia gritando na rua.

Ela já se perguntara se Kami'en também estava à sua procura. Já haviam se passado quatro dias desde sua fuga de Vena quando seis soldados goyls quiseram impedi-la de passar com sua carruagem numa floresta. Eles se calaram quando Donnersmarck perguntou se haviam sido mandados pelo rei e fixaram o olhar no chão ao ver a Escura descer da carruagem. "Não olhem para ela, a bruxa-fada." Assim Hentzau lhes havia ensinado. Mas a Fada Escura obrigou-os a olhar e a se envenenar com sua beleza.

Eles ainda seguiram a carruagem por um bom tempo. Chithira não lhes dava atenção. Mas Donnersmarck sempre voltava a encará-los e, quando em algum momento desapareceram na noite, a fada viu pela primeira vez uma sombra de medo em seu olhar — e a advertência desafiadora de que não tentasse sua magia com ele.



15
Cego

Os cães latiram. Não havia um barulho que Jacob temesse mais desde que a vida de uma raposa passara a significar mais para ele do que a sua. Ele queria parar, voltar, mas Sylvain, que para os olhos cegos de Jacob era apenas uma sombra de ombros largos, puxou-o adiante. O mundo consistia de vultos de prata, daquilo que seus dedos tocavam e dos latidos de cachorros.

Quantas vezes ele ainda esperava que ela o salvasse? Jacob jamais deveria tê-la levado para aquele mundo… Eram pensamentos inúteis. Fux era muito melhor em não admiti-los.

Ele ficou em pé novamente.

Tiros. O único ruído que era ainda pior do que latidos.

Sylvain arrastou-o para a frente. Ele praguejava em francês — não, quebequense. Atrás do espelho, essa parte do Canadá ainda pertencia à Lorena. Jacob nunca estivera lá.

Adiante.

Se Jacob não soubesse que estava em seu mundo, a mata fechada o faria pensar que havia se perdido na Floresta Negra. Mesmo os muros de tijolos ao longo dos quais se esgueiravam davam aos seus dedos a sensação de estarem carcomidos como as paredes das casas das bruxas. Através do elfo, os dois mundos se aproximavam demais. Tudo era muito mais fácil antes, quando eles tinham apenas o espelho em comum.

Sylvain abriu um portão e passou rapidamente. Atrás dele estava tão escuro que seu ajudante tropeçava às cegas como ele. Jacob tateava as caixas. Vidro… ele tirou a mão automaticamente.

— Onde estamos? — ele perguntou.

— No lugar aonde eu deveria trazê-lo. Num dos seus depósitos. Bout de ciarge! Sua amiga é louca. Deveríamos ter tentado pelo rio!

— Depósitos de quê?

— De espelhos, de que mais? *Maudit Tabarnak' Ostie d'Câlisse! Ciboire!* — As imprecações fluíam inesgotáveis como água salobra. Sylvain Caleb Fowler poderia vencer as competições de insultos dos anões.

Jacob se encostou nas caixas. Quando fechava os olhos, sua cabeça doía um pouco menos. Se a cegueira permanecesse, adeus às caças ao tesouro. Já seu braço estava como novo. Talvez o alfinete tivesse tido um efeito curativo também. O homem que o enfiara em sua têmpora parecia ter sido moldado em barro pelo elfo. Talvez fosse uma versão barata de Dezesseis e Dezessete. Jacob ainda os via diante de si: com seu rosto, com o de Clara, com o de seu pai. "Sua mãe nunca notou a diferença." O homem que fora com ele e Will ao parque, o homem que beijara sua mãe na cozinha… quantas das recordações que ele tinha de seu pai eram na verdade do Jogador? "Neste mundo podemos ter filhos com mulheres mortais." Muitas vezes, ele desejara outro pai, mas com certeza não aquele. *Pare com isso, Jacob. Ele não é seu pai. Nem seu nem de Will.* Como ele podia ter tanta certeza?

Os cães ainda latiam, mas pelo menos não se ouviam mais tiros. Talvez por que tivessem acertado.

— Como prenderam você? — Jacob perguntou a Sylvain. Ele precisava pensar em outra coisa. Enlouqueceria se escutasse apenas os ruídos do lado de fora.

— Minha curiosidade. E eu não conseguia largar o pó.

— Pó?

— Sim. Eles dão a droga para os bons clientes. Um saquinho aqui, outro lá. Cem vezes melhor do que tudo o que já ingeri. Traz de volta o prazer por tudo: pela vida, pelo amor… Dura vários dias, mas depois você fica um lixo. Como se alguém tivesse roubado seu coração.

Aquilo soava a pó élfico. Como o produziam sem elfos da relva?

Talvez ele tenha elfos da relva, Jacob. Talvez envie os caras de barro através do espelho para capturá-los. Ou Dezesseis, Dezessete e os outros quinze. Mas como nunca ouvira falar deles no outro lado? *Porque eles pareciam humanos, Jacob.* Talvez…

— Eu gostava de trabalhar para eles. Não era um serviço ruim — murmurou Sylvain —, mesmo que fosse raro ver alguém pessoalmente. E eu era realmente bem pago. Talvez tivessem perdoado o lance do pó se eu não tivesse topado com o espelho. *Ciboire.* June me falou mil vezes. Minha mulher. Ex-mulher… "Sylvain, não meta seu nariz achatado em coisas que não lhe dizem respeito." *Simonac*, mas sou um cara curioso. Já sofri muitos aborrecimentos por causa disso quando criança.

— Para quem eles fornecem os espelhos?

— Hotéis, restaurantes, lojas, escritórios… eles são muito procurados. Ninguém desconfia de nada. E por que desconfiaria? Eu quis vê-los de perto uma vez. Afinal de contas, tinha arrastado aquelas caixas durante meses, e os galpões quase nunca ficam trancados. Não tive uma sensação boa ao olhar para deles. Pensei que fosse por causa da minha cara de idiota. Mas não. Eles não roubam só isso de você. Trazem tudo de volta, quer você queira quer não. Tudo o que esqueceu, tudo o que quer esquecer.

Sim. Aquilo fazia sentido. Jacob já havia se perguntado por que de repente lembrava o tempo todo de professores, vizinhos ou amigos já esquecidos. E sua mãe. "Jacob! Venha aqui…" As imagens eram tão claras que ele pensou sentir seus beijos no rosto. Havia guardado as lembranças dela num lugar quase tão isolado como onde guardava as de seu pai. O fato de preferirem Will sempre fora uma fechadura confiável.

Um dos cães ganiu.

— Para onde você quer ir? — Sylvain o segurou pelo braço.

— Não posso ficar aqui sentado enquanto ela fica lá fora. Preciso ver como ela está.

— *Cocombre*, você não está vendo nada! — Sylvain puxou-o para junto das caixas.

Lá fora fazia silêncio novamente. Um silêncio apavorante. *Por que ela demora tanto?*

— Você também já viu um dos espelhos? — Era fácil perceber que Sylvain não gostara do encontro.

— Já — respondeu Jacob.

Mas eles não me põem nem a metade do medo que seus criadores, ele acrescentou em pensamento.

— Quando eu estava no meio de todos aqueles espelhos, pensei: "Leve um com você, Sylvain. June vai gostar dos pequenos". Eram tantos, eu tinha certeza de que não iriam notar. É verdade que eu já estava com a cara cheia de pó. Pensei que o mundo pertencia a mim! Então eu o vejo ali deitado. Um homem, só que de prata. E de repente sinto um calor, e ele está atrás de mim, como se sempre tivesse estado, tudo se espelhando em sua pele, e de repente ele tem um rosto. E outro. *Simonac*, Sylvain!, eu pensei. Você tinha razão! Os extraterrestres já estão aqui! Parti para cima dele, já fui um boxeador muito bom, campeão canadense peso pesado, a única coisa que June quis guardar foi essa taça. Mas bater não é uma boa ideia no caso de…

Jacob tapou a boca dele com a mão.

Alguém abria o portão. O barulho sufocou toda a esperança de que fosse Fux. Os homens que entraram soavam tão humanos quanto Sylvain e, para a sorte dos dois, não pegaram as caixas atrás das quais estavam escondidos. O portão se abriu mais duas vezes e eles não foram descobertos. Mas Fux não chegava, e Jacob já não se importava mais com o que devia para o elfo e o que isso significava para ela e para ele. Não se importava que tivesse que ver através de um véu prateado por toda a sua vida e que o Jogador andasse por aí com o rosto de seu pai. Era indiferente a tudo.

Se ela voltasse…

Horas. E mais horas. E mais horas. Enquanto Sylvain contou sobre seus primos canadenses e a garota com quem se mudara para Nova York, Jacob se lembrou pela primeira vez em anos do único professor que não o tratava como se fosse um idiota. E da noite em que Albert Chanute estava tão bêbado que quase o matara.

Então, finalmente, quase imperceptível, um ruído.

O clique de uma fechadura. Passos tão leves que Jacob sabia que só podiam ser de uma pessoa.

— Jacob? — A voz lhe era mais familiar do que a sua própria. A silhueta era inconfundível, mesmo com a névoa em seus olhos.

Dessa vez ele teria dito, não teria? Eu te amo. Tanto. Demais. Mas era proibido. Para sempre. O elfo receberia seu coração como pagamento.

— E agora? — sussurrou Sylvain. — Por que você quis que eu o trouxesse aqui? *Maudite marde*, caímos numa armadilha!

Fux não lhe deu atenção.

— O espelho do escritório do seu pai — ela sussurrou para Jacob. — Ele está aqui.

Aqui? Os pensamentos se atropelavam em sua cabeça dolorida. O que acontecera com Will? E Clara?

Fux balançou a cabeça.

— Vocês eram os únicos prisioneiros. — Ela pegou sua mão. — Vamos voltar. Quando puder enxergar novamente.

Sylvain relutou como uma criança quando ela lhe disse que ele precisava ficar na frente do espelho mais uma vez. Fux pegou a mão dele e a pressionou contra o vidro. Sylvain Caleb Fowler desapareceu e o espelho não era mais o segredo só deles.

Nunca fora. Provavelmente o Jogador sempre soubera onde ele estava.



16
Como uma porta aberta

— *Ayoye! Ta-bar-nak!*

Um grito estridente, os ruídos de luta. Jacob pensou reconhecer os contornos da janela da torre e, na frente dela, a silhueta do seu companheiro de cela lutando com alguma coisa. O que quer que fosse, Sylvain ganhara.

— *Sant Ciboire!* Ele se inclinou ofegante sobre alguma coisa que jazia imóvel a seus pés. — Juro que ele pulou em cima de mim! *Ah ben Tabarnak!* — A voz soou ao mesmo tempo enojada e fascinada.

— É um stilz, Sylvain — explicou Fux.

— Um o quê?! *Maudite marde*, acho que quebrei o pescoço dele!

A ideia não parecia lhe agradar. Era tranquilizador saber que não haviam levado um assassino convicto para o outro lado do espelho. E ele havia matado o stilz! Havia anos Jacob tentava capturar o velho sugador de sangue. Ele se dedicara a roubar crianças do berço com paixão. Dava pessoalmente as boas-vindas àquele mundo com uma mordida.

— E agora? — Fux ficou ao seu lado.

Para os olhos cegos de Jacob, o espelho era somente uma mancha cintilante. Era difícil imaginar que, do outro lado, ele não estaria mais no quarto de seu pai.

— Quer que eu volte para procurar Will? — Fux pegou sua mão.

— Não. Eu vou. Assim que estiver enxergando novamente. — Jacob puxou-a para longe do espelho. Por um momento, teve medo de que o elfo pudesse observá-lo através do vidro. “A raposa terá filhos belíssimos. Espero que não demorem muito a começar.” Ele soltou a mão dela, como se até mesmo o toque pudesse vendê-la ao elfo. Ao mesmo tempo, desejava-a ainda mais. Claro. Era esse o jogo, não era? Desejos proibidos, desejos realizados… sempre um preço.

Ele queria destruir o espelho, mas e depois? Tudo indicava que havia muitos, mas até que encontrassem os outros apenas aquele poderia levá-los de volta.

— Onde estamos? — Sylvain estava junto a uma das janelas da torre. — *Simonac*. Tudo parece bastante antigo. Realmente antigo!

Jacob observou o espelho, ou aquilo que distinguiu dele.

— Deixe que venham! — Fux sussurrou para ele. — Vamos lhes dar bastante trabalho para nos encontrar.

O que ele faria sem ela? Não podia renunciar a Fux. *Você não precisa fazer isso, Jacob. Só não pode desejá-la. Nunca mais.* Ele odiava isso.

Ela desceu na frente. Ele quase quebrou o pescoço quando a seguiu pelo alçapão. Ficou feliz por ter conseguido descer a salvo pela corda e pôr os pés na terra. Fux bloqueou a porta da torre com algumas pedras, para que mais tarde pudessem ver se alguém havia saído.

— *Tabarnak!* Agora mesmo havia um homenzinho minúsculo ali! — Sylvain vira seu primeiro heinzel. — Sei que os mágicos fazem coisas incríveis com espelhos, mas isso aqui…

Todos aqueles anos, e agora um estranho sabia do espelho e podia falar dele por toda parte, nos dois mundos. Não era uma ideia agradável. Não havia contado nem mesmo a Chanute Jacob!

— *Bout de ciarge!* E o que é isto?

Jacob percebeu pelo seu tom que Fux se esforçava para ficar séria.

— É um polegar, Sylvain. Eles são ladrões muito hábeis, então enxote-os quando tentarem pôr a mão no seu bolso.

— *Tabarnak!* — Era impossível ignorar o encantamento na voz de Sylvain.

Não soava como se Sylvain Caleb Fowler quisesse voltar logo para casa.



17
Um velho conhecido

John mal podia esperar para voltar a Álbion. A travessia não era realmente uma experiência pela qual ele ansiasse, mas já fazia bastante tempo a ilha era o primeiro lugar que ele chamava de lar sem achar estranho. Álbion lhe oferecera proteção quando ele estava tão quebrado que temia nunca poder rejuntar os cacos novamente. Álbion lhe proporcionara o reconhecimento pelo qual tanto ansiava, e lhe dera uma mulher que o adorava. Que importância tinha que amasse um rosto falso?

Tantos motivos para ficar feliz e satisfeito… Por que ele não ficava? Ninguém é feliz. A resposta normalmente fazia calar a voz interior que lhe trazia perguntas desagradáveis como aquelas. De qualquer forma, John sempre fora bom em ignorá-las.

Seu regresso seria comemorado com alguma pompa. Afinal, ele levava a resposta que Wilfred de Álbion esperava. John se sentia lisonjeado por ser o portador de esperanças para um rei, e os protetores uniformizados que isso implicava, embora às vezes lhe parecessem inoportunos, no final das contas eram bastante tranquilizadores. Um deles cheirava tanto a alho naquela manhã de junho que John se sentiu tentado a virar o rosto enquanto ele lhe comunicava pela janela da carruagem que ainda demorariam quase três horas até Calias. De Dunquerque, partiam balsas para Álbion com muito mais frequência, mas John insistira em fazer a travessia de Calias porque Dunquerque ficava em Flandres, que estava ocupada pelos goyls havia dois meses. O oficial que comandava sua guarda pessoal tentara convencê-lo com um tom condescendente de que até mesmo os goyls se atinham às leis internacionais e que muito dificilmente atacariam um comboio do rei de Álbion. Mas que importância tinha para John se um jovem oficial o tomasse por covarde? Ele próprio se considerava um (embora os

quatro anos na prisão fossem uma boa desculpa para sua cautela). Flandres fora uma conquista fácil, depois que o fornecimento de armas a Álbion tinha ido parar no fundo do mar. Era uma sensação estranha ter construído tanto o navio quanto os aviões que o fizeram afundar. Como se ele brincasse de guerra consigo mesmo.

Pela janela da carruagem, passavam campos e plantações de maçãs, e John decidiu esquecer a política por um tempo. A Lorena era um país belo e encantador, e ali se comia e bebia muito melhor do que em Álbion. Até mesmo a Morsa contratara secretamente um chefe de cozinha de Lutis e mandava seu vinho loreno ser vigiado quase tão rigorosamente quanto suas câmaras com tesouros. John abriu a cesta que os criados do Torto haviam preparado para sua viagem: torta de ganso temperada com um toque de gordura de cisne, mel de rouxinol, patê de escargot, rãs-bruxas recheadas, mil-folhas dourados. Não foi fácil abrir a garrafa de vinho tinto na carruagem sacolejante, mas o primeiro gole valeu o esforço. Os criados haviam incluído na cesta um copo de cristal envolto em linho loreno. Pena que ele via no vermelho escuro do vinho o rosto narigudo de Arsene Lelou. John sorveu a bebida, como se isso pudesse lavar a lembrança. “O serviço secreto de Álbion não parece ser tão bem informado quanto sua reputação. Jacob Reckless sobreviveu ao naufrágio da frota.”

Ele ainda tinha dois filhos. Bem, tinha que admitir que não pensava em Will com muita frequência. Jacob sempre fora seu preferido, e Will, o de Rosamund. Ele se casara por causa da família dela, de seus ilustres antepassados. Quando finalmente se apaixonou, era tarde demais. Não que ela já não o amasse, mas como suportar um amor que decepciona constantemente? E ele a decepcionou, e a si próprio, muitas e muitas vezes. Não era o homem que ela via nele.

Mais vinho. Bastava de recordações. Bastava do rosto dela. Ainda lembrava bem demais. Ele tinha sonhos nos quais se reconciliava com Rosamund, e ela parecia tão jovem como no dia em que haviam se encontrado pela primeira vez.

A garrafa já estava pela metade. E daí? Ele ia vomitar tudo pela amurada na travessia mesmo. John espantou uma mosca do nariz.

Seus dedos se lembraram do outro nariz, um pouco mais carnudo, mais reto… Quem teria pensado que seu rosto falso um dia enganaria seu próprio filho?

A carruagem parou tão abruptamente que ele derramou o vinho em sua camisa feita sob medida. Mais uma coisa sobre a qual conversara com o Torto — o progresso precisava de boas estradas. John limpou o patê de escargot que se espalhara em seu colo e sentiu como suas mãos estavam dormentes de medo.

Tiros.

Abaixou-se e depois espiou lá fora. O soldado que cheirava a alho estava estendido no chão ao lado do cavalo com um tiro na cabeça. Ele não conseguiu ver o outro. Com os dedos trêmulos, tirou o revólver do coldre sob o casaco. Ele aperfeiçoara a arma sem que seu aspecto exterior o denunciasse, mas mesmo assim não tinha mais do que seis tiros.

O jovem que cavalgava em direção à carruagem, com sua casaca de fino corte, não parecia um salteador, mas talvez fosse um dos que se vestiam como príncipes e se diziam protetores dos pobres. Viajar em Álbion não era mais seguro do que na Lorena, e John já havia caído duas vezes em suas mãos. Havia anos ele tentava convencer a Morsa a criar um imposto que financiasse patrulhas armadas.

— Sr. Brunel. — O estranho cumprimentou-os com uma leve mesura, enquanto apontava a pistola para sua cabeça. — Thierry Auger. A seu dispor.

Sr. Brunel… eles sabiam quem ele era. Isso não era bom. *Largue a pistola, John.* Ele era um atirador razoavelmente bom, mas nem um pouco rápido.

Resgate. Claro, era isso o que eles queriam. Dinheiro em troca do famoso engenheiro que tornara Álbion a ponta de lança dos tempos modernos. Sua boca estava seca como um pergaminho. Ele sempre tivera uma reação bastante física ao medo. Fez menção de abrir a porta da carruagem, embora mal sentisse as próprias pernas, mas o jovem salteador balançou a cabeça.

— Fique onde está. Apenas o destino da viagem se alterou. O veículo permanece o mesmo. — Um salteador que falava a língua

de Álbion fluentemente, ainda que com forte sotaque da Lorena. O sr. Auger era tão jovem que nem barba devia ter, mas sua autoconfiança mostrava alguma experiência em assalto em estradas.

O homem que apareceu ao lado de Auger era consideravelmente mais velho e não se cuidava tanto, embora estivesse bem vestido. Aparentemente, o roubo em estradas era um negócio rentável.

— Suba na carruagem com ele! — ordenou ao mais jovem. — Cuide para que não tente fugir.

Thierry Auger obedeceu. Ele pegou a pistola de John do chão antes de se sentar à sua frente. Lá fora ainda se ouviam vozes, mas John não conseguiu contar quantas eram. Eles haviam escolhido bem o local e a hora do assalto. Mesmo nos campos não se via ninguém. Atrás da cerca junto à qual o sangue do soldado morto tingia a relva, uma vaca pastava completamente desinteressada, e ao longe o sino de uma igreja tocava, como que para completar o idílio ilusório.

A carruagem deu meia-volta, e John viu pela janela como dois homens tiravam do caminho mais um de seus guarda-costas uniformizados. Ele parecia tão morto quanto o outro.

— Para onde estão me levando? — Seu corpo não apenas ficava entorpecido quando ele tinha medo: também suava em excesso constrangedor. Mas sua mente ficava espantosamente clara, como se ele se dividisse em dois e deixasse sozinho o covarde, que olhava suando e tremendo para o cano do revólver de um rapaz.

Thierry Auger acendeu um cigarro. O Torto introduzira a moda na Lorena, mas aquele ali tinha um cheiro diferente dos que o rei fumava. Folhas de samambaia de bruxa, se o nariz de John não se enganava. O efeito era semelhante ao da maconha.

— Vamos para Flandres — disse seu vigia. — Estou vendo que o senhor tem provisões aqui. Acho que vai precisar delas. Vai ser uma viagem longa.

Ele não revelou mais nada, por mais que John lhe perguntasse. As vozes que se ouviam dentro da carruagem não tinham sotaque da Lorena. John pensou ouvir uma entoação lombarda. A do líder soava a Leônia.

Passaram pela fronteira com Flandres à noite. Quando John viu os soldados goyls atrás do bloqueio, quase se pôs para fora da janela e pediu. O goyl tinha uma pele de granada, e diziam que tais goyls possuíam um temperamento bastante inconstante. Um de seus carcereiros havia sido um goyl assim.

Pare com isso, John. Seus sequestradores são humanos.

Mas por que o levavam para Flandres?

A sentinela do lado loreno lançou um olhar entediado para o interior da carruagem e fez um sinal para os sequestradores prosseguirem. Talvez ele devesse ter gritado, mas seu jovem vigia lançou-lhe um olhar de advertência. Thierry Auger pusera o casaco sobre o braço com o revólver, mas John podia calcular sem dificuldade que a arma estava apontada para seu estômago. Uma vez ele vira um homem morrer de um tiro no estômago — um dos prisioneiros de guerra que trabalhavam nas fábricas subterrâneas dos goyls. Não. Ele não pediu ajuda. Encarou bem nos olhos do goyl de granada. *Ele está vendo o rosto de Isambard Brunel, John.*

Quando o goyl desapareceu na escuridão atrás deles, Thierry Auger respirou aliviado e lhe ofereceu uma tragada de seu cigarro com um sorriso zombeteiro. Assim eles prosseguiram noite adentro. Rumo ao nordeste, se as constelações sobre os campos escuros não enganavam John. Elas eram as mesmas de seu mundo. Algumas tinham até os mesmos nomes. Um reflexo no espelho, nada mais… quantas vezes ele já havia dito isso a si mesmo a respeito daquele mundo, apesar das duas luas, apesar das fadas e das bruxas? Ele até já se perguntara se não haveria goyls do outro lado, que apenas não se arriscavam na superfície. Pensamentos inúteis, mas uma bem-vinda distração do medo que se tornava mais insuportável a cada milha…

John não imaginava quanto tempo fazia que viajavam. Auger tirara seu relógio de bolso quando o revistara em busca de armas, junto com a bolsa de dinheiro e as abotoaduras douradas que sua amante mandara gravar com as iniciais que roubara de outro engenheiro. Em nome de quem ele estava sendo sequestrado? O que o esperava? Tortura? Execução? Prisão novamente? Toda a rotina construída com tanto custo, a preciosa ilusão de estabilidade

e segurança — por que sempre se voltava a confiar em tudo, se mesmo o maior imbecil em algum momento compreende que na vida não há permanência?

Houve um momento em que seu vigia pegou no sono e John encostou a mão na porta, embora a carruagem fosse tão depressa que ele provavelmente quebraria o pescoço se pulasse. Nesse exato momento, o líder se aproximou da janela a cavalo e berrou o nome de Auger. Sorte ou azar… John não sabia ao certo.

Já estava claro quando eles pararam diante de uma casa. As janelas destroçadas e as marcas de tiros nas paredes brancas rebocadas indicavam que ela estava abandonada havia algum tempo. Ao longe, via-se um dos moinhos de vento que eram o símbolo de Flandres também no mundo de John, mas daquele lado as pás de madeira eram coloridas: azul como o céu (embora um céu azul fosse raro em Flandres), verde como os campos úmidos, vermelho como os campos de tulipas que muitas vezes cercavam os moinhos. Não havia muitas coisas em Flandres que pudessem proteger o pequeno país dos goyls.

O líder fez um sinal impaciente para John descer da carruagem. Sua barba preta e as sobrancelhas espessas teriam combinado bem com um anarquista. Quase sempre eles eram retratados assim nos cartazes. Auger pressionou a pistola nas costas de John enquanto o seguia.

Eles não foram até a casa, mas em direção a um poço.

O coração de John disparou. Ah, sim. Ainda era possível ter medo. Tantas histórias de pessoas que morriam por causa dele… Besteira! Ele já estaria morto…

No poço, como era de esperar, não havia água. Uma escada metálica levava para baixo, como as que os goyls costumavam construir em poços e galerias para chegar ao lugar de onde vinham: as profundezas da terra.

Não. Ele não voltaria. Era um corredor rápido. Nos túneis subterrâneos isso o salvara dezenas de vezes. Não apenas dos goyls, mas de morcegos gigantes, de lagartos grandes como bezerros, de aranhas cujas teias ficavam grudadas nas paredes às centenas…

John se virou. O jovem o mataria. E daí? Ele não conseguia mais pensar. Derrubou um de seus vigias, mas, antes que pudesse dar mais de um passo, Thierry Auger pressionou tão brutalmente o revólver contra seu estômago que ele caiu de joelhos com um grito.

— Eu deixaria isso para lá — sussurrou Auger em seu ouvido. — Diego arrancará seus dedos com um tiro sem pestanejar, se você dificultar. E você terá que descer no poço mesmo assim.

Diego. Ele tinha razão sobre o sotaque leonês. Como pudera se tranquilizar com o fato de serem humanos? Todo mundo sabia que os goyls tinham colaboradores humanos. Eles os pagavam com diamantes. Alguns até ofereciam seus serviços gratuitamente, porque viam os peles de pedra como libertadores de um regime ou de um rei odiado.

À primeira vista, o soldado que arrastou John pelos pés parecia um humano, mas as faixas de pedra da lua em sua testa o denunciavam — assim como suas garras pretas. Goyl-homens. Uma nova raça. Desde que a fada deixara Kami'en, ninguém sabia de que lado eles lutariam.

Diego foi o primeiro a descer no poço. Ele iluminava o caminho com uma lanterna de mineiro. O goyl-homem que substituiu Thierry Auger na guarda de John não precisava de lanterna. Os olhos de ouro raramente desapareciam.

O poço dava num túnel que os goyls haviam aberto sob a superfície da terra. Era um caminho de pedestres, mas a maioria dos túneis que John vira oferecia espaço para cavaleiros, veículos de carga pesados e, recentemente, até mesmo para trens. Durante sua prisão, ele vira a planta dessa rede de túneis que já existia havia vários séculos. Quase não existia um lugar na superfície que não se pudesse alcançar pelas passagens subterrâneas. John sabia até mesmo do projeto de um túnel que ligava Álbion à terra firme. Planos semelhantes existiam para Sveriga, mas nem mesmo John saberia dizer aos goyls como eles poderiam resolver o problema da ventilação sob a água. Ele estava contente por sua falta de conhecimento. Certamente teriam encontrado meios para fazê-lo colaborar.

A estrada que seguiam dava a impressão de ter sido aberta pouco tempo antes. Era pavimentada com ônix… o que também era uma forma de ironizar a casta de nobres que reinara antes de Kami'en. O amplo salão no qual o túnel ia dar era construído de maneira semelhante às estações que vinham sendo erguidas por toda parte na superfície, só que aquela não precisava de teto de vidro contra o vento e a chuva. Dois trens de carga esperavam nas plataformas. Provavelmente vinham das cidades portuárias de Flandres para abastecer as cidades subterrâneas dos goyls com o que as colônias do país produziam: açúcar, café, algodão, bichos-da-seda… Os goyls não tinham interesse no mercado de escravos, por mais rentável que fosse para Álbion e a Lorena. Eles simpatizavam com os povos que, como eles, eram considerados inferiores. Preferiam prisioneiros de guerra a trabalhadores forçados. Essa posição assegurou-lhes aliados fiéis também nos países para onde não viajavam por causa de seu medo do mar.

O terceiro trem, que esperava atrás dos outros numa plataforma vigiada por soldados, era blindado. A locomotiva trazia o brasão de Kami'en, que desde as núpcias com Amália era, em vez da mariposa da fada, a águia austrasiana sobre um fundo vermelho de cornalina.

O goyl que esperava por John no último vagão não devia estar se sentindo bem entre as paredes de ferro fundido. Hentzau odiava tudo o que os tempos modernos traziam, John tinha certeza de que isso não havia mudado. Seu olho esquerdo já estava tão turvo que era provável que o goyl estivesse cego. Medo, ódio, impotência… O olhar de Hentzau trouxe recordações que inundavam a mente de John como água salobra. Desde que seu sequestrador lhe informara que estavam indo para Flandres, ele temia que o goyl de jaspe fosse seu mandante — e rejeitara o pensamento como delírio persecutório. Mas a realidade de vez em quando era páreo para os piores sonhos.

A pele de Hentzau era entremeada de pequenas fissuras. Ele pagava um preço alto por sua devoção. Eram poucos os goyls que ficavam mais de um ou dois meses na superfície. Mas Hentzau estava sempre viajando, incansável, a serviço do rei. Seu rosto de

jaspe era quase tão familiar a John quanto o seu próprio — ou o de Kami'en. O rei de Hentzau estaria tão decrépito como seu cão de caça? Os retratos que saíam dele e de sua mulher humana nos jornais o mostravam inalterado. O rei dos goyls era um belo homem, bem mais jovem e atraente do que os dominadores humanos aos quais declarara guerra. "Eles nos declararam guerra muito antes", teria objetado Hentzau.

John sentia o novo rosto como uma máscara. Ela resistiria? Ele dominara o sotaque de Álbion e aprendera a lutar boxe para treinar outra linguagem corporal. Nada poderia ser mais denunciador do que velhos gestos. O tremor de nervosismo que os anos sob a terra lhe haviam trazido, apesar de tudo, não o atacava tão facilmente. Hentzau certamente se lembrava dele. E de muito mais.

— Posso perguntar qual é o objetivo deste sequestro? — *Isso, John. Assim é que se faz.* Isambard Brunel não tem medo e nada sabe sobre os goyls além do fato de serem inimigos de Álbion e de temerem o mar aberto.

— Sequestro? Não era minha intenção que o convite fosse entendido assim. A ponte pênsil de Clifton, os trechos da ferrovia entre Goldsmouth e Pendragon, o túnel sob Londra, os cabos de telégrafo até Nova Amsterdã. — Hentzau esfregou a pele rachada. — Nosso rei é um grande admirador de suas obras na arte da engenheira, sr. Brunel.

De fato, a máscara resistira, até mesmo sob o olhar leitoso do homem que durante anos não desperdiçara uma oportunidade de lhe roubar qualquer ilusão sobre si mesmo. Por que ele estava surpreso? Havia resistido ao olhar do próprio filho.

— Quanta honra. Tenho consciência de que os goyls têm a seu serviço um engenheiro pelo menos tão dotado quanto eu. Afinal, seus aviões afundaram o meu melhor navio. — Ah, o rosto falso o tornava imprudente. *Para que isso, John? Você nunca vai achar que já foi suficientemente elogiado?*

Hentzau sorriu — se é que se podia chamar de sorriso o que passou pela boca quase sem lábios.

— Ah, sim, os aviões… — A pele de pedra que estava atrás dele entregou-lhe um estojo de couro achatado. O espelho que o goyl

tirou de dentro tinha um cabo de filigrana de prata tão fino que se perdeu em sua mão de jaspe. — Quando ouvi falar pela primeira vez do engenheiro a quem Wilfred de Álbion devia seus muito admirados carros sem cavalos, encomendei a nossos espiões uma descrição desse Isambard Brunel. Ela me fez pensar que estava enganado. Mas então ouvi falar do navio de ferro. Fazia anos que tínhamos o plano de construir um. Ele só não foi realizado porque perdemos nosso engenheiro.

Hentzau se pôs ao lado de John e segurou o espelho de modo que os dois pudessem olhar nele. John fitou o retrato que o vidro mostrava. Não via o próprio rosto fazia mais de oito anos.

— Fabuloso, não? — Hentzau abaixou o espelho. — O homem do qual confisquei este objeto mágico afirmou tê-lo encontrado num dos palácios de prata abandonados. Não sei se já ouviu falar, mas é bastante insalubre entrar num deles.

John olhou ao redor. O goyl-homem estava logo atrás dele. O barba-preta vigiava a porta. *Despeça-se do sol, John. Dos passeios no ar frio da manhã, das idas a teatros e restaurantes, "Ah, sr. Brunel, que honra! George, por favor, acompanhe o cavalheiro até nossa melhor mesa", a pele da sua amante, quase tão macia como os casacos de pele que ela gostava tanto de usar…* Tudo em vão. As semanas intermináveis em fuga pelos túneis escuros, sem dormir, a pele crestada pelos lagartos de fogo, infectada por mordidas de rato e aranhas venenosas. Ele ainda se lavava compulsivamente, como se pudesse tirar as recordações do corpo com a esponja. Como tivera coragem para fugir? Ele não lembrava. A primeira vez que mostrara coragem e nem pudera contar ao mundo.

— Por que Álbion? — Hentzau guardou o espelho no estojo e entregou-o à pele de pedra. As mulheres goyls normalmente eram muito bonitas. Aquela não era uma exceção.

— Álbion era uma segunda estação. Primeiro eu conseguiria chegar até Sveriga. — John queria ter o mar aberto entre si e os goyls, a única coisa que eles realmente temiam, mas desde o começo seu objetivo fora Álbion, com as matérias-primas abundantes que suas colônias forneciam e a força de trabalho

barata do comércio de escravos, condições indispensáveis para as invenções que tinha para vender. Somente depois de meses ele conseguira embarcar clandestinamente num navio de carga que ia de Birka para Goldsmouth.

— E o novo rosto?

— Tummetotts. Eles são bastante generosos com sua magia quando alguém está desesperado.

Já era novembro, inverno profundo em Sveriga, e aquelas criaturinhas eram tão ariscas que ele quase congelara à procura delas. Soubera de sua existência pelos arquivos dos goyls. Havia controvérsias se eram parentes afastados de heinzels, hobs e follets ou uma raça nórdica de anões. Em Sveriga eram chamados também de “hjälpare i nöden”, ajudantes na dificuldade. Precisam acreditar no desespero da pessoa, do contrário não se mostram.

— Então é verdade que eles não esperam pagamento por sua ajuda?

— É. Não tem preço.

Era uma sensação bizarra ter uma conversa sobre tummetotts com um goyl, mas John não tinha adjetivo melhor para descrever sua vida havia tempos. Ele tentou contar os passos que precisaria dar até a porta do vagão. Mas e depois? Conseguiria chegar até o poço? Não. O goyl-homem podia não ser um bom atirador, mas Hentzau acertara os olhos de um corvo em pleno voo, embora preferisse o sabre à pistola, pois armas de fogo não eram compatíveis com seu conceito de honra militar.

Por um momento, John sentiu uma saudade tão forte de Álbion que lhe doeu fisicamente.

— Você não precisava ter fugido até Sveriga para encontrar socorro altruísta — disse Hentzau. — Entre nós, contam-se histórias de salamandras sem olhos que realizam os desejos dos que buscam sua ajuda e não exigem pagamento em troca. *Wagi aniotiy*, anjos de escamas. Dizem que elas vivem em cavernas com estalactites que são ricas em rochas fosfáticas. Eu mesmo nunca encontrei nenhuma, mas talvez nunca tenha ficado desesperado o suficiente… ou talvez não goste de pedir ajuda.

— Posso tomar ar fresco uma última vez? Olhar para o céu?

Hentzau encarou John cheio de escárnio.

— A mesma tendência para o drama. Posso tranquilizá-lo. Logo você voltará a ver o céu. Três, quatro dias, e estará de novo entre seus semelhantes.

Semelhantes. Isso não fazia diferença, como seus sequestradores haviam demonstrado.

Hentzau sorriu, como se tivesse adivinhado seus pensamentos. Não era verdade que quem mais compreendia uma pessoa era quem a amava. Era quem lhe causava medo.

— Você deveria ser grato a mim, John — ele disse. — Gosta de fazer o papel de profeta da nova magia. Eu o levarei para um país no qual ela ainda tem muitos opositores. Álbion já está convertido.

O pulsar de uma locomotiva fez tremer o chão sob os pés de John. Ele próprio havia lhes mostrado como funcionavam os trens subterrâneos.

— Ah, antes que me esqueça — disse Hentzau enquanto John se perguntava de que país o goyl estava falando. — Encontrei seu filho.

Mais essa.

— Ah, sim. Ouvi falar que ele roubou um de meus aviões. — John esforçou-se por soar tão indiferente quanto Hentzau. — Ele herdou a valentia da mãe. — O avião roubado, o papel de Jacob nas Bodas Sangrentas… No Londra Illustrated News não havia muito sobre isso, mas o rei de Álbion sabia mais do que estava no jornal, e o que Wilfred de Álbion sabia, na maioria das vezes, seu mais prestigiado engenheiro também sabia.

A pele de pedra ao lado de Hentzau fez um sinal para um mensageiro entrar. Ele entregou ao goyl de jaspe um relatório lacrado. Não continha boas notícias. A prisão ensinara John a ler os rostos de pedra.

— Más notícias?

O olhar que o goyl lançou para John era de advertência. Nada de confidências. O cão de jaspe de Kami'en não gostava quando alguém esquecia que estava sob seu poder. Hentzau dobrou a folha de papel cuidadosamente, como apenas se faz quando se está

longe em pensamento, e guardou-a no bolso do casaco do uniforme.

— Más notícias nas quais sua participação não é insignificante — ele retrucou. — Você está aqui para reparar isso.



18
A advertência

Compressas e um caldo amargo contra envenenamentos. Alma expulsou a prata dos olhos de Jacob. Ele ficara profundamente envergonhado quando soubera por Fux que a velha bruxa já sabia do espelho havia muito tempo. Mas Alma apenas deu de ombros quando ele se desculpou pelas mentiras que lhe dissera todos aqueles anos. Ela ouviu calada quando ele contou do Jogador, mas, quando perguntou se Alma se lembrava dos elfos dos amieiros, ela apenas sacudiu a cabeça com um ar divertido.

— Oitocentos anos? Você está superestimando minha idade. Algumas devoradoras de crianças comem cogumelos sob os amieiros de prata para falar com eles, mas dizem que sua língua se torna madeira, portanto é melhor não experimentar.

Amieiros de prata. O mais próximo ficava a menos de um dia a cavalo. Jacob sempre considerara superstição o costume de pagar árvores com moedas, colheres e anéis pela realização de desejos escusos. Depois que Wenzel contara a Fux que seu irmão havia passado no Ogro, ele se perguntava se, apesar da advertência de Alma, não deveria fazer uma visita ao amieiro.

Will atravessara o espelho?

Por quê?

Ele fugira antes que o Jogador pegasse o espelho? Mas onde estava Clara? Jacob não podia nem mesmo pensar em seu nome sem ver Dezesseis ao pé da escadaria do museu.

Fux prometeu descobrir em que direção Will desaparecera depois de sua visita ao Ogro, e Jacob decidiu falar com Chanute na esperança de descobrir algo sobre elfos dos amieiros ou sobre as devoradoras de crianças que falavam com eles.

A menina que ajudava Wenzel na taverna havia lavado as roupas de Jacob. Ele se envergonhou pela pressa que o fez deixar cair no

chão a camisa passada a ferro, fazendo com que um cartão escorregasse de baixo da manga dobrada. A letra lhe pareceu conhecida demais. Por um momento, quis jogar o cartão pela janela, mas acabou lendo as palavras escritas com tinta verde.

Lamento que não tenha querido desfrutar por mais tempo da minha hospitalidade. Não se dê ao trabalho de procurar seu irmão. Ele está levando um presente meu à Fada Escura. Chame de uma oferta de paz. Ela própria tratou de torná-lo invulnerável, portanto não há mais motivo para você bancar o protetor novamente. Ao contrário — recompensarei fartamente seu irmão. Mas ficarei realmente ofendido se alguém tentar impedi-lo em sua missão. Se enquanto isso você for acometido pelo tédio (um sentimento que conheço muito bem), a ampulheta pela qual procura em vão há anos encontra-se na casa de campo de um príncipe vêneto, não muito longe de Calvino.

Era preocupante ter um inimigo que lia os desejos mais secretos em seu coração enquanto ele próprio nada sabia sobre o outro. Jacob quis novamente jogar o cartão pela janela, mas o guardou no bolso. Tinha certeza de que o Jogador também previra que o faria.

Chanute tossira a noite inteira. Aquilo não soava nada bem, mas, quando parou diante de sua porta, Jacob ouviu risadas estrondeantes. Ele não estava sozinho. Quando viu Jacob, Sylvain calou-se de repente como um estudante contando uma piada suja ao melhor amigo. A poltrona na qual ele estava sentado fora vendida a Chanute por um estofador com a mentira de que bastava se sentar nela para se livrar até mesmo da pior bebedeira. Entre os dois havia uma garrafa de aguardente pela metade. Não era difícil imaginar onde estava o que faltava.

— Ah, que ótimo! — Jacob disse para Sylvain enquanto tirava o copo da mão de Chanute. — Faz anos que ele não bebe. Contou a você como perdeu o braço?

— Você diz sua versão ou a minha? — Chanute arrancou o copo da mão de Jacob e encheu-o até a borda. — Seja gentil com Sylvain. Ele já passou por muita coisa. Eu estava contando como

cacei esta lanterna mágica e apanhei moscas furadeiras. Foi antes do seu tempo. Minha pele parecia infestada por carunchos! — A risada de Chanute transformou-se em tosse.

Mesmo assim ele bebeu a aguardente.

— A bruxa está vindo todo dia — ele balbuciou. — Todo santo dia. Você acha que não sei o que isso significa? E quando você pretendia me contar sobre o espelho? Quando estivesse no caixão como a Branca de Neve?

Sylvain se esforçava para parecer a inocência em pessoa, mas seu rosto não permitia isso.

— Devíamos ter deixado você com o elfo até que ele desse seu rosto a todos os golens! — Jacob ralhou com ele. — Para quem mais você contou do espelho?

Chanute não deixou seu novo amigo falar.

— Sou de Álbion… Eu não dizia que você tinha um sotaque estranho? Mas você sempre foi um mentiroso melhor do que eu, e isso significa alguma coisa. Astuto como um stilz verde! Eu lhe mostrei tudo o que sei, e você em agradecimento esconde todo um mundo de mim! O que estava pensando?

Sylvain lançou um olhar tão reprovador para Jacob como se até mesmo a ele o rapaz devesse uma explicação, mas o que ele podia dizer? Que quando estava ali esquecia o outro mundo? Que lá Chanute seria considerado somente um aleijado maluco que fantasiava sobre ogros e bruxas e que ele não queria ver isso acontecer? Ou que, principalmente, receava que Chanute contasse sobre o espelho a todos que passassem pela Quinta Avenida? A verdade devia ser uma mistura desastrosa de tudo aquilo.

— Hein? — disse Chanute. — Estou esperando.

— Você não ia gostar de lá. — Até mesmo aos ouvidos de Jacob a desculpa soava muito fraca.

Chanute olhou para ele como para um traidor.

— Eu é que deveria decidir isso, não acha?

Ele estava tão ofendido que, quando Jacob perguntou se ele sabia alguma coisa sobre elfos dos amieiros, ele respondeu, bastante lacônico para seus padrões, que os contos de fadas vinham de tempos terríveis nos quais velhinhas supersticiosas que

subornavam árvores com colheres de prata acreditavam. De Sylvain ele não conseguiu saber mais nada além do que já havia escutado no depósito do Jogador. Portanto, decidiu voltar quando os dois estivessem sóbrios. Por muito tempo Chanute não perdoaria seu silêncio sobre o espelho.

— Vou pedir a Sylvain para me mostrar — ele resmungou quando Jacob já estava na porta. Chanute tinha razão de estar ofendido.

— Eu mesmo mostraria — disse Jacob. — Mas o espelho não é mais seguro. Peça ao seu novo amigo para lhe explicar isto. Me avise se lembrar mais alguma coisa sobre os elfos.

Então ele saiu à procura de Wenzel.

O cozinheiro estava na cozinha picando aipo para a sopa que era servida ao meio-dia no Ogro Voraz.

— Fux ainda não voltou — ele disse quando a cabeça de Jacob apareceu na abertura da porta. A embriaguez da noite anterior turvava seus olhos azul-claros. Era preciso esconder a garrafa de aguardente de Wenzel também. — Ela contou sobre o goyl que perguntou por você? Pele de ônix, marmorizada com verde.

Mais essa agora. Jacob conhecia apenas um goyl com aquela descrição, e no seu último encontro com ele recebera uma flecha no peito. Depois disso, Jacob roubara dele um dos mais valiosos objetos que um caçador de tesouros podia encontrar naquele mundo. Era normal que o Bastardo não aceitasse aquilo e fosse a Schwanstein atrás dele. Agora ele podia apenas esperar que ninguém lhe contasse que Jacob Reckless costumava frequentar a velha ruína.

— Naquele dia você foi muito procurado, sabe? — Wenzel jogou o aipo na sopa. Ela cheirava consideravelmente melhor do que as refeições que o próprio Chanute preparava. — Um anão também veio perguntar diversas vezes por você. Evenaugh Valiant… ele soletrou seu nome, para que eu não esquecesse. Mandou dizer que vai cortar fora seu nariz. E mais algumas partes.

Valiant. Claro. O elfo dos amieiros, o anão, duas fadas, a antiga imperatriz da Austrásia e, ele não podia esquecer, o príncipe herdeiro da Lorena. Quantos inimigos, Jacob! Que honra!

Quando Jacob perguntou se Will dissera mais alguma coisa, Wenzel apenas deu de ombros.

— Estava muito distraído com o goyl. Não, espere. Ele queria saber onde encontrar a Fada Escura.

O estômago de Jacob se contraiu.

Chame de uma oferta de paz.

O que poderia promover a paz caso a hostilidade fosse tão inconciliável quanto a maldição fazia pensar? O Jogador não mencionara nada sobre a razão pela qual as fadas os haviam castigado, mas revelara por que Will era o mensageiro ideal. “Ela própria tratou de torná-lo invulnerável.” Quem sobrevivia à maldição de uma bruxa estava imune à sua magia para sempre. Por que com as fadas seria diferente? E não, ele não queria pensar em outro motivo possível que tivesse levado o elfo a escolher seu irmão: o Jogador não era o pai de Will, nem o seu, ambos eram humanos demais para isso. Se repetisse isso a si mesmo muitas vezes, talvez se livrasse da ideia para sempre.

— Ludovic Rensman mandou flores para Fux de novo — disse Wenzel. — Mal acaba de ouvir que ela está aqui, aparece com não sei que presentes ou fica lá fora na praça do mercado olhando para a janela dela.

Ludovic Rensman… Seu pai era um dos homens mais ricos de Schwanstein. *Jacob! O que Will estaria levando para a fada?*

— Diga a Ludovic que é para minha janela que ele fica olhando.

A resposta não agradou Wenzel.

— Não está certo ela dormir no mesmo quarto que você — ele disse. — Toda a cidade está comentando. Sei que ela não liga para o que as pessoas dizem, mas você deveria protegê-la das fofocas.

Como? Ela era uma transmorfa! Em algum momento também se falaria sobre isso em Schwanstein, o mais tardar quando Ludovic Rensman pusesse um anel em seu dedo e visse o vestido de pelo

que ela usava debaixo das roupas humanas. *Talvez já tenha acontecido, Jacob.* Não era o pensamento adequado para sua cabeça dolorida. Por um momento, ele imaginou Fux passando pela praça do mercado com dois filhos. Não, aquela não era a vida que ela desejava para si. Ou era? Talvez não, mas com certeza Fux não desejava uma em que um elfo levasse seu primeiro filho.

Wenzel mexia a sopa em silêncio. Provavelmente era tão apaixonado por ela quanto Rensman. Como alguém podia não se apaixonar por Fux?

— Seu irmão pegou a estrada para Hintersberg.

Fux apareceu tão repentinamente na porta da cozinha que Jacob se sentiu flagrado.

— Clara estava com ele?

— Não. — Ela passou as mãos no cabelo, tirando a água da chuva. Tão linda. *Deixe-a livre. Ela era livre!* Não, ela não era, mesmo que ambos fossem bons em se enganar.

— Mas ele não estava sozinho. Alugou um cavalo no ferrador. Os criados disseram que havia um goyl junto. A descrição bate com Bastardo. Eles saíram juntos a cavalo.

Bastardo e seu irmão? Aquilo estava ficando cada vez pior.

Pelo menos a notícia acabou com a dúvida sobre se deveria ir atrás de Will, apesar das ameaças do Jogador. Ele torcia para que o Bastardo não o tivesse arrastado para uma festa de goyls ou o vendido a algum ogro para se vingar por sua derrota.

— Arranjei provisões e cavalos para nós. — Fux mergulhou uma colher na sopa de Wenzel. Ele ficou vermelho quando ela se inclinou sobre a panela ao seu lado. — Ah. E aqui. — Ela enfiou a mão dentro do casaco. — A resposta de Dunbar.

A leitura cansava ainda mais os olhos de Jacob, então Fux leu o telegrama em voz alta.

> Elfos dos amieiros, raposa? pt o que acordou Jacob desta vez?
> pt acabo de chegar na Tasmânia, longa história pt suponho como sempre se tratar de vida ou morte, e que não pode esperar até que eu volte pt seu fiel admirador, Dunbar pt ele está tratando você bem?

Fux sorriu ao ler as últimas palavras.

— Responda que não é possível esperar. — O que o melhor historiador de Álbion estava fazendo na Tasmânia? A colônia para a qual a pátria de Dunbar enviava não apenas ladrões e assassinos como também líderes grevistas e pacifistas certamente não dispunha de bibliotecas que pudessem se comparar às de Pendragon. Era raro que Jacob desejasse alguma coisa do mundo em que nascera, mas Robert Dunbar certamente saberia apreciar o conhecimento portátil de um computador. Se bem que os segredos que ele buscava estavam tão esquecidos que talvez não pudessem ser encontrados nem mesmo em páginas de pergaminho.

O Bastardo com Will. O goyl não consideraria desonroso se vingar do irmão mais novo pelos pecados do mais velho?

Não.



19
Apesar disso

Chanute ainda estava ofendido quando Jacob foi vê-lo à noite para se despedir. Mesmo assim ele ficou atipicamente sentimental, o que comprovava que se sentia muito mal, mas Sylvain prometeu que cuidaria dele. Jacob ainda estava zangado com o homem por ter contado a Chanute sobre o espelho, mas era bom saber que o velho não ficaria sozinho. Sylvain oferecera-se para ajudar Wenzel como pagamento pela comida e pela cama. Chanute recusara a oferta com um ar arrogante e com o argumento de que amigos não pagavam para morar com ele (algo que para Jacob era novidade), mas, depois que Sylvain acabou com uma terrível pancadaria na taverna arremessando oito participantes pela porta, Wenzel convenceu Chanute. Ao que tudo indicava, Sylvain Caleb Fowler estava inclinado a permanecer em Schwanstein pelo menos por um tempo — e ele se encaixava ali tão perfeitamente quanto um pão de mel na parede da casa de uma bruxa.

Jacob não vira o cartão do Jogador desde que o encontrara em suas roupas, mas quando Fux foi buscar os cavalos no estábulo ele não conseguiu resistir à tentação.

Novas palavras o esperavam.

Está declarando guerra?

Jacob contara a Fux sobre a última mensagem. Era mais fácil suportar a preocupação de colocá-la em perigo novamente por ignorar a advertência do Jogador se ela soubesse disso.

— Ele não mencionou que seu nome revelava seu ofício? — ela comentou quando Jacob lhe mostrou a nova mensagem. — Está apenas distraindo você daquilo em que realmente deveria pensar. O que ele pretende? Vamos encontrar Will para saber.

Novas palavras apareceram em tinta verde enquanto Fux segurava o cartão. Elas fizeram Jacob se arrepender de tê-lo mostrado.

Ele contou a você sobre meu preço, raposa?

Fux pôs o cartão no bolso do casaco de Jacob.

— Preço para quê?

Jacob sentiu náuseas de raiva. Ele odiava tanto o elfo por fazê-la se lembrar do barba-azul quanto pelo preço em si. As cicatrizes em seus punhos já dificultavam esse esquecimento o suficiente.

— Nada de mais. Ele me ajudou.

— Quando? — *Sem mentiras*, advertia o seu olhar.

— No labirinto. — Ele não pronunciaria o nome. Nem o lugar. Não era preciso explicar a ela do que estava falando.

— Você fez um trato mágico para encontrar a saída? — Fux ficou tão pálida quanto as flores com as quais o barba-azul fazia suas vítimas esquecerem. — Claro — ela sussurrou. — O que eu estava pensando? Absolutamente nada, na verdade.

E daí? Quem era capaz de pensar na casa de um barba-azul? Jacob quis abraçá-la, mas Fux o repeliu.

— Qual foi o preço?

— Não há motivo para pensar nisso. Temos que partir.

— Qual foi o preço, Jacob?

— Não tem nada a ver com você. — Porque ele havia jurado a si mesmo que nunca teria a ver com ela. Nunca. Mas foi a resposta errada.

— Como assim? Tudo o que tem a ver com você tem a ver comigo também!

Ela estava certa. *Sem mentiras, Jacob.*

— O de sempre…

Bruxas pediam aquilo, stilzes, fadas das trevas, demônios noturnos. E no maldito labirinto nem mesmo lhe ocorreu que o elfo fosse exigir aquilo. Ele tivera tanto medo por ela, um medo terrível.

— “Hoje eu frito, amanhã eu cozinho! Depois de amanhã será o filho da rainha!” — Fux repetiu os versos como se os recitasse num

sonho. Um sonho ruim.

As mesmas palavras, tanto em seu mundo como no dele, mas ali elas se tornavam realidade. Fux deu as costas para Jacob, mas ele viu o horror em seu rosto. Eles haviam encontrado mulheres que tinham feito esse trato e tentado ficar com o bebê. Fux certamente se lembrava da rendeira cuja filha fora trazida de volta e rejeitou a mãe aos berros. Ou a criança que fora desmascarada como um bebê trocado e derretera nos braços de seu pai como cera ao sol.

Jacob segurou seu braço até que ela se virou.

— A dívida é minha — ele disse. — Apenas minha. Ninguém vai pagá-la por mim, muito menos você.

Ele pôs o dedo nos lábios dela quando Fux quis retrucar.

— Amigos. Isso é tudo o que vamos ser. E é mais do que suficiente, não é? Até agora foi.

Ela balançou a cabeça e virou o rosto para que ele não visse as lágrimas.

— Quero que você seja feliz — ele disse. — Não há nada que eu deseje mais. Quero que um dia segure seu filho nos braços sem medo de perdê-lo. Ele é imortal, Fux! Pode esperar, você não. Por favor! Você vai encontrar outra pessoa.

Ele enxugou as lágrimas do rosto que tanto queria beijar, agora mais do que nunca. Mas não o fez, por ela. Jacob faria tudo por ela, mas nada seria mais difícil do que aquilo.

— Eu não me importo — ela disse.

— Não. — Ele disse para si mesmo e para ela.

Não, Jacob.

Ela ficou calada enquanto ele montou no cavalo.

Ficou calada o dia inteiro.



20
A aflição da heinzelina

Alma montou em seu cavalo em direção à ruína um pouco antes de o dia clarear, como sempre fazia para colher ervas por lá. A névoa matutina escondia os telhados de Schwanstein e o mundo tinha um aspecto enganadoramente jovem e intocado. Jacob e Fux haviam partido dias antes. Chanute contara que eles estavam em busca do irmão de Jacob.

Alma vira Will uma vez de relance depois que ele seguira o irmão através do espelho. Jacob sempre soubera que ele buscava alguma coisa, mas não queria realmente saber o que era. Não confiava em muitas pessoas, mas confiava no mundo — como um garoto de doze anos que olhava curioso embaixo de cada pedra e supunha um tesouro em cada caverna, embora já tivesse encontrado um ogro numa delas. Jacob não se preocupava com a possibilidade de que talvez o que ele encontrasse o surpreendesse. A Alma, por sua vez, Will dera a impressão de que pressentia o que encontraria — e isso o assustava. Se ela o conhecesse melhor, talvez tivesse tentado lhe explicar que a vida não permitia a ninguém se esconder de si mesmo ou do mundo. Fosse planta, animal ou gente, a vida obrigava todos a aprender e a crescer. Quanto mais se fugisse disso, mais difícil era o caminho. E era preciso seguir por ele mesmo assim.

A horta da ruína ainda estava cercada por seus muros de proteção, embora o fogo tivesse feito desabarem os muros do castelo. Nos caminhos cobertos de mato, ancinhos e pás estavam abandonados, uma prova de que o fogo surpreendera tanto os jardineiros quanto os donos do castelo. As treliças estavam podres, os canteiros, abandonados, mas Alma já sabia por experiência própria que tudo o que crescia no jardim abandonado era medicinal,

e ali se encontravam até mesmo ervas que só se sentiam em casa nas profundezas da floresta.

Ela ouviu soluços enquanto colhia as flores de um cardo raro. Entre as ervas, estava ajoelhada uma heinzelina. Ao redor da ruína, vivia mais de uma centena delas. Às vezes, Alma curava seus membros quebrados e tratava de mordidas de ratos e picadas de abelhas, que podiam se tornar bastante perigosas para seus pequenos corpos. Os heinzels confiavam mais nela do que em seu próprio médico. Eles também tinham um padre, um prefeito e dois professores. Suas casas ficavam escondidas entre os muros e os restos da ruína e o cemitério, localizado atrás da antiga capela do castelo. Eles viviam e se vestiam como os habitantes de Schwanstein, mas desprezavam os heinzels que trabalhavam ali ou se deixavam vender no mercado feito gansos ou galinhas para viver sob a proteção de um humano.

Fazia apenas algumas semanas, Alma havia retirado um espinho do pé minúsculo da heinzelina que estava chorando. Ela ergueu os olhos cheios de esperanças quando notou a bruxa, mas Alma sentiu um calafrio quando viu o menino em seus bracinhos diminutos. Ele parecia ter sido forjado em prata por um ferreiro. A heinzelina viu a perplexidade no olhar de Alma e escondeu o rosto novamente entre as mãos. No muro, já pousara um corvo dourado e logo certamente apareceriam os primeiros polegares. Não foi fácil convencê-la de que o corpo rígido de seu querido filho estaria mais seguro na casa de uma bruxa, mas finalmente ela permitiu que Alma o levasse.

Diante da porta da torre, havia uma barricada de pedras, mas Alma encontrou, ao lado das marcas das botas que Fux, Sylvain e Jacob haviam deixado alguns dias antes, dois outros rastros, cada pegada tão definida como se alguém a tivesse feito de propósito. Ficou aliviada ao ver que não seguiam Jacob e Fux. Pareciam ir atrás de outro rastro, mais antigo.

Alma tirou a figura enrijecida do heinzel do bolso do avental. Quando punha os dedos perto dos minúsculos lábios, ela podia sentir que ainda vivia. Prata. Ela expulsara a prata nos olhos de Jacob com uma receita que usava em casos de envenenamento por metal enfeitiçado. Mesmo nos seus livros mais antigos de ervas,

nada constava sobre olhos prateados, muito menos sobre membros prateados.

Alma abaixou-se para examinar as estranhas pegadas diante da torre. As bordas eram tão lisas e arredondadas como se tivesse prensado na terra úmida um dos frascos em que guardava suas ervas. Ela se levantou e olhou para o alto da torre. Havia pensado muitas vezes em destruir o espelho — até que Jacob chegara. Ela se arrependia de não tê-lo interrogado mais a fundo sobre quem tinha prateado seus olhos, mas já havia coisas ameaçadoras o suficiente naquele mundo. Stilzes, demônios noturnos, devoradoras de crianças, maldições das fadas… ela não queria ter que pensar também em elfos desaparecidos. Andava preocupada com uma criança doente e via diante de si seu rosto corado de febre enquanto Jacob contava. *Já basta, Alma, você não prestou atenção. Está ficando velha. E cansada.* Quatrocentos e vinte e três anos já eram mais do que suficiente.

Começou a chover, como se o céu quisesse lembrar aquelas que haviam declarado guerra aos elfos dos amieiros. A água e a terra às fadas. Que elemento pertencera aos outros? Não era difícil adivinhar: o ar e o fogo. Segundo as devoradoras de crianças, ninguém se lembrava mais deles porque as fadas haviam mandado seus amantes humanos destruírem todo o conhecimento a respeito.

Elas deviam ter ficado furiosas. Alma passou a mão uma segunda vez pela borda de terra ao redor das pegadas. Eram dois. Algo primordial queria voltar, mas aquilo ali era jovem. E se o mundo de Jacob os tivesse rejuvenescido? Modificado, renovado… O heinzel pesou em seu bolso quando ela se levantou. Se ninguém se lembrava, quem os reconheceria, ou aos seus mensageiros? Quantos já haviam enviado? Com que tarefa?

Acima dela, uma faia de sangue balançava seus galhos ao vento. A luz da manhã que penetrava através das folhas vermelho-ferrugem manchava a pele da bruxa, lembrando-a de outra árvore, a um dia de distância dali.

Uma língua de madeira.

Talvez ela encontrasse um caminho menos perigoso. Oitocentos anos numa árvore… devia dar vontade de ter uma boa conversa, e

Alma já havia até mesmo conversado com pedras.

Mesmo assim, levaria consigo algumas colheres de prata.



21
Espelho, espelho meu…

“Ela está indo para a Lorena”, “Enfeitiçou uma aldeia em Flandres”, “Está reunindo um exército de goyl-homens”, “Transformou-se em fumaça tóxica, em água, num enxame de mariposas”…

A Fada Escura não precisava se esforçar para apagar seus rastros. O mundo inteiro lançava falsas pistas por ela: aldeões entediados, cocheiros do correio, jornalistas da província… todos os vagabundos embriagados de pó élfico a tinham visto! Mas felizmente tinha fontes confiáveis. Não apenas o serviço de informações de Kami’en, como também os espiões dos lordes de ônix. Apesar do fiasco com a balestra, ainda o consideravam um deles (prova de que seus talentos de agente duplo eram tão respeitáveis como os de caçador de tesouros). O cocheiro de uma fábrica de cerveja que espionava para os goyls havia anos sabia de uma carruagem que atravessara um rio cinquenta milhas a leste flutuando em sua superfície. Um polegar a serviço dos ônix (os pequenos ladrões eram excelentes espiões) relatou que, no posto oeste da fronteira ucrainiana, dois soldados haviam se transformado num espinheiro branco depois de terem se colocado no caminho de uma carruagem com cavalos verdes. Sim, Nerron tinha certeza de que não apenas os generais de Kami’en, mas também os do Torto e da Morsa tinham noites de insônia: a Fada Escura sem dúvida viajava para o leste.

Por quê? A resposta não interessava a Nerron. Ela a deixava para os espiões profissionais. O que ele queria era a balestra, como prova irrefutável de que ninguém era melhor caçador de tesouros do que o Bastardo e, ao que parecia, de quebra ele entregaria o goyl de jade a Kami’en. Quem teria pensado que um passeio por uma pacata cidadezinha austrasiana lhe traria tamanha recompensa?

Mas havia uma gota amarga no cálice dourado que o destino lhe oferecia — a vingança precisava esperar. Vingança. Ele quase não pensava em outra coisa desde que Jacob Reckless lhe escapara com a balestra através do espelho. Todos os cenários que imaginara enquanto buscava pelo maldito sacripanta… não deixara de fora nenhum método de tortura! E então… ele trombara com o Filhote. Mesmo em suas mais tenebrosas fantasias não ocorrera a Nerron uma vingança mais gloriosa do que capturar o irmão mais novo de Jacob Reckless!

Nas primeiras horas cavalgando ao lado de Will, quase precisara amarrar as próprias mãos. Era difícil resistir ao desejo de bater naquela cara inocente e assim se livrar de parte da raiva que o corroía como veneno. Ele queria amarrá-lo ao cavalo e arrastá-lo pela estrada, escrever um recado para seu irmão em sua pele coberta de sangue e enviá-lo ao cozinheiro perneta do Ogro Voraz. Queria encher garrafas com seus gritos, fazer compotas com sua carne mole…

Ah! Era cruel demais não fazer nenhuma daquelas coisas, só cavalgar ao lado dele como um cordeirinho, suportar a amabilidade com a qual ele recebia qualquer criatura, a inocência com a qual encarava aquele mundo. Se o próprio Barba de Leite não tivesse declarado que uma vez tivera uma pele de pedra Nerron teria tomado por delírios de lunáticos todos os boatos que afirmavam que o irmão mais novo de Jacob Reckless era o goyl de jade!

Acreditar mesmo ele ainda não acreditava.

Estava tentado a vendê-lo ao próximo ogro.

Maldito.

Uma semana, no máximo duas, disse a si mesmo. Até então esperava já ter encontrado a fada. O Barba de Leite o levaria até o seu irmão e ele teria a balestra de volta — então poderia matar a ambos. Ou vendê-los.

Sim. Paciência, Nerron!

Como o gato diante da toca do rato.

Até então ele teria que restringir sua vingança à imaginação.

Nas primeiras noites, repousaram na floresta, mas na terceira, quando um drekavac os acordou com seus gritos horríveis, Nerron

transferiu o acampamento para uma cabana de lenhadores abandonada. O Barba de Leite não teve coragem de tirar o pelo dos coelhos que Nerron abateu, mas pelo menos conseguiu acender fogo. Nerron apanhava com frequência o Filhote seguindo seus movimentos com o olhar quando pensava não estar sendo observado, mas em seu rosto não era possível descobrir nada que ele já não tivesse visto no do seu irmão: o horror à pele de pedra, o "vocês" e o "nós", a ponte instransponível entre goyl e homem.

Era realmente difícil de acreditar que tivesse sido um deles. Os príncipes daquele mundo sonhavam em ter um rosto como o de Will Reckless — e as princesas em vê-lo escalando sua janela. O cabelo claro e fino, os olhos azuis, a boca delicada, quase feminina. Ele tinha até cílios como os de uma garota! E dava para encher potes de mel com sua doçura. Tanta amabilidade dava enjoo, e a cada "Muito obrigado, Nerron", " Bom dia", "Quer que faça a guarda?", era simplesmente irresistível a tentação de enchê-lo de pancada até que seu rosto inocente ficasse mais escuro do que o ônix. Por todas as salamandras cuspidoras de ácido — ele salvava os besouros do fogo! Parava para descansar assim que notava que os cavalos estavam cansados, desencilhava-os antes mesmo de se permitir um gole de água. A cada vez que Nerron abatia um animal parecia que a bala havia atingindo sua própria carne — fora mesmo esse garoto que defendera Kami'en de dezenas de soldados imperiais?

— Conte sobre as Bodas Sangrentas.

Eles haviam acendido o fogo e assavam uma lebre que Nerron havia caçado. Will quase deixou cair a carne morna nas chamas. Bingo.

— Seu irmão realmente imagina que o transformou em humano novamente, não é? Ele gosta de fazer o papel de herói, mas não previu que a fada ficaria zangada com sua intromissão. Você precisava tê-lo ouvido gritar quando a mariposa dela mordia seu peito!

O modo como ele o encarava.

Ah, o irmão não lhe contara nada sobre isso. E ele não perguntara a respeito. Will Reckless gostava de guardar seus pensamentos para si.

— Sabia que os guarda-costas de Kami'en ainda falam de você? Admitem que o goyl de jade poderia vencer qualquer um deles.

Por um momento, Nerron pensou vislumbrar o esboço de um sorriso no rosto inocente.

— Provavelmente exageram nas histórias — ele acrescentou. — Não?

Will olhou para as mãos.

— Não lembro.

Mentira. Era tão fácil ler o rosto deles. O Filhote tivera prazer em lutar. Talvez fosse mais parecido com seu irmão do que demonstrava. Nerron nunca entendera qual era a graça da luta, ainda que soubesse defender sua pele marmorizada. Quem queria terminar atingido por algum idiota? Ele preferia uma emboscada bem planejada, como aquela na qual pegara Jacob Reckless. Fora muita imprudência tê-lo deixado para os lobos.

— Você já a viu alguma vez? — Will olhava para o fogo enquanto perguntava.

Ela. A Escura. A Fada. A mais bela de todas. Jacob Reckless conhecia uma canção sobre como era perigoso saber seu nome.

— Já, mas só de longe.

Todas as vezes ele pensara a mesma coisa: que ela era ainda mais bela do que diziam e que Kami'en era um idiota em preferir a Cara de Boneca.

— Dizem que suas mariposas são amantes mortos.

Céus, nem isso ele sabia.

Will apenas ficou observando calado as chamas, até que Nerron finalmente o mandou dormir. Ele quase não conseguia se manter em pé enquanto se dirigia à cabana. Não estava acostumado a ficar sentado horas em cima de uma sela. Onde seu irmão o escondia?

No outro mundo, Nerron.

Quando não estava sonhando que matava Jacob Reckless, ele tentava imaginar como esse outro mundo era.

Nerron se assegurou de que o Filhote estava dormindo antes de revistar sua mochila. Ele carregava consigo um saco que apalpava com tanta frequência que deveria conter algo precioso. Nerron imaginava alguma recordação de uma namorada, como flores secas

ou um cacho de cabelo. No começo, o Filhote carregava o saco dentro da camisa, mas, depois que a chuva o encharcou algumas vezes, ele o enfiou discretamente na mochila.

As primeiras coisas que Nerron tirou eram pouco instigantes: uma bússola, um canivete, alguns táleres de ouro, roupas. Então seus dedos encontraram o saco. Era mágico! Isso era uma surpresa. Nerron pôs a mão dentro dele. Um cabo de madeira. Partes de metal. Uma corda lisa como vidro.

Ele se envergonhou por seu coração ter começado a bater tão depressa, como se fosse uma criança.

Não podia ser. Mas o saco mágico revelava seu conteúdo, e ela estava ali. Em seu colo. A arma mais poderosa daquele mundo.

Por um momento, fechou os olhos. Todos as noites sem dormir durante meses, as fantasias desesperadas de vingança, o juramento de que arrancaria a pele do corpo vivo de Jacob Reckless, o mentiroso… o Filhote tinha roubado a balestra do irmão? *E daí, Nerron?* As zombarias que ele tivera que ouvir desde que voltara com as mãos vazias… Agora todos se ajoelhariam a seus pés! Os ônix, o Torto, a Morsa… todos os larápios reais daquele mundo. Até mesmo Hentzau. Ah, ele os faria implorar! Aceitaria o ouro e os presentes, os castelos e as filhas, e então poria a balestra aos pés de Kami'en para que nunca mais se preocupasse com Álbion, o Torto ou o reizete que os ônix haviam coroado. Eles estariam mortos. Todos.

Nerron olhou para a cabana.

Inacreditável! Ele realmente acreditara na inocência do Barba de Leite! Bem, a tolerância com o irmão mais novo de Jacob Reckless acabara. Que o goyl de jade fosse para o inferno. Logo Kami'en não precisaria mais de guarda-costas.

Nerron já fora mais feliz na vida? Não, aquela era a palavra errada. Glorioso. Era assim que ele se sentia. Recompensado. Tinha conseguido. Podia esquecer o goyl de jade. O Bastardo era o melhor. Todos os goyls saberiam.

A história de como tomara posse da balestra precisava ser melhorada. Por que ele não começava com a vingança? Poderia atrair o drekavac para a cabana com um rastro de sangue e mandar

os ossos descarnados do Barba de Leite ao cozinheiro perneta, para que o entregasse ao irmão.

Um vento soprou na clareira, quente demais para aquela noite fria. Nerron o sentiu na pele, como se a fogueira tivesse começado a respirar.

Ele pôs o saco mágico debaixo do casaco e tateou em busca da pistola.

Ali. Debaixo das árvores. Alguma coisa refletia o clarão do fogo como vidro. A luz que as chamas lançavam desenhava duas silhuetas na noite. Era quase impossível distinguir os corpos, mesmo para um goyl. Folhas e árvores refletiam-se nos seus membros, os cavalos, o fogo, a escuridão da noite. Mas então tudo se transformou em pele, cabelo e roupas.

O que você está fazendo aí parado, Nerron? Pegue a balestra. Corra. Mas ele não sabia se dar as costas era uma boa ideia.

O que quer que fossem, não conseguiam decidir que rosto queriam mostrar ao mundo. Pareciam ter muitos. Olhavam para ele com seus olhos de espelhos como se não fossem eles dois, mas o próprio Nerron, que não pertencia àquele mundo. Então a garota foi até ele. Ela era bonita. Como uma vespa ou uma planta carnívora. As mãos eram de vidro. As unhas, de prata.

— Onde ele está? — perguntou com uma voz que soou tranquilizadoramente humana.

Nerron apontou para a cabana. O que quer que estivessem procurando, o Filhote daria ao Bastardo tempo para fugir, embora fosse muito irritante perder mais uma oportunidade de vingança. Nerron deu um passo para trás cautelosamente. Os cavalos estavam a apenas um metro de distância. Homens de vidro… Seriam algum espírito local?

A garota desapareceu na cabana.

Infelizmente o outro não fez nenhuma menção de segui-la. Ao contrário. De repente, ele parecia ter olhos apenas para Nerron. O Bastardo já encontrara muitas criaturas amedrontadoras. Entrara furtivamente em casas de doces de bruxas e roubara o âmbar sobre o qual dormiam salamandras devoradoras de goyls. Mas o jovem que vinha em sua direção com passos lentos como se tivesse todo o

tempo do mundo infundiu um medo novo nele. Talvez fossem os olhos, que ainda lembravam fortemente vidro colorido. Suas roupas eram tão estranhas como as do Filhote em seu primeiro encontro em Schwanstein, mas se transformaram enquanto ele andava em direção a Nerron, até que se tornaram a cópia exata de suas próprias vestes. Couro de lagarto, mas de vidro.

Quando aquilo parou na sua frente, Nerron viu o próprio rosto refletido em suas pupilas.

— Me dê o saco.

Maldito. Ele sabia da balestra? O ser estendeu a mão para Nerron, desafiador. O rosto que usava agora era ainda mais imberbe do que o de Will. Que diabos, se não fossem os olhos… As mãos de vidro e prata.

— Pode ficar com o saco — retrucou Nerron. — Mas o conteúdo é meu.

O sorriso que veio em resposta parecia uma dúzia ao mesmo tempo.

Ele se inclinou até que a sua bochecha encostou no rosto de Nerron. Sua pele era quente, mas lisa como vidro.

— Posso transformar seu coração em prata — ele sussurrou em seu ouvido — ou em vidro. O que prefere? Já fiz isso com a pele humana, com pelo e com carcaças, mas com pedra marmorizada nunca. Mal posso esperar.

Ele pôs a mão dentro do casaco de Nerron e tirou dali o saco mágico. O couro de lagarto cobriu-se de prata, mas ela desapareceu como orvalho assim que retirou a mão.

— Quem são vocês? — Nerron estava espantado que a língua dele não fosse de prata também. Seu coração batia depressa demais.

— Isso você deve perguntar a quem nos fez. Ele me chama de Dezessete.

— Fez? — Nerron não conseguia tirar os olhos do saco. Num instante o rei do mundo, e então nada além do Bastardo. Ele cerrou as mãos vazias. Queria arrancar um por um todos os rostos do crânio de Dezessete, mas provavelmente terminaria com braços de prata. Duas vezes achada, duas vezes perdida.

— Ele também fez a balestra — disse Dezessete.

Que absurdo. A balestra era uma arma dos elfos dos amieiros. Era como se dissesse que dragões e gigantes haviam voltado.

Para surpresa de Nerron, Dezessete pôs o saco mágico de volta na mochila de Will. Então olhou para o goyl como se, depois de ter copiado suas roupas, quisesse copiar também sua alma.

— Acho que eu deveria matá-lo. Ele não gosta de ladrões.

Ele… por todos os demônios das lavas… Nerron deu um passo cambaleante para trás quando as unhas de prata tocaram seu rosto.

— Espere! — o goyl exclamou. — O recado para a fada. O Filhote está levando em nome dele, não é? Seu criador. Diga a ele que para a notícia chegar ele precisa do Bastardo! Ou acredita que o Barba de Leite vai conseguir encontrar a fada sozinho?

Dezessete olhou para a pele de pedra de Nerron como se quisesse muito ver como ela ficaria prateada. Mas acabou abaixando a mão.

Respire, Nerron. Ele ainda parecia sentir as unhas de prata em seu rosto.

— Bom. Por que não? — perguntou Dezessete. — Ainda posso matá-lo. Mas é melhor você cuidar para que encontre logo a Fada Escura. Este mundo não nos faz bem.

Nerron não tinha a menor ideia do que ele estava falando. Só sabia que não queria ter um coração de prata. Muito menos um de vidro.

Dezessete observou seus dedos, como se buscasse neles vestígios de ônix.

— Nos meus rostos não há ninguém como você. Também é diferente por dentro?

Pergunta interessante. Dezessete era divertido. Como uma víbora.

— Diferente do quê? Diferente dos peles de lesma, daqueles pelos quais vocês se fazem passar?

Dezessete trocou de rosto. Ele parecia fazer isso com frequência enquanto pensava no assunto. Tinha uma coleção considerável deles. Nenhum parecia muito entusiasmado quando olhava para as duas luas no alto.

— Não entendo por que eles querem voltar.

Eles. Voltar. Parecia remeter aos elfos perdidos. A única coisa que Nerron sabia sobre eles era que tinham construído os palácios de prata abandonados que se localizavam tão profundamente sob a terra que até a pele goyl derretia lá.

— Voltar de onde?

Deixe disso, Nerron. Mas Dezessete pareceu não ouvir. Observou com desprezo a cabana em que Will dormia.

— Olhe só para isso. É tudo tão primitivo. Nada além de sujeira e decadência. O outro mundo é muito melhor.

— O outro mundo?

Nerron esqueceu a balestra. A vingança. O Filhote.

— Sim. Você nunca esteve lá? — Uma mosca foi imprudente a ponto de pousar na testa de Dezesseis. Ele a capturou tão sem esforço como a língua de um sapo.

— Me mostre como chegar lá, e eu encontrarei a fada para vocês. — Nerron se envergonhou da ansiedade em sua voz. Jacob Reckless apenas conseguira roubá-lo por causa dela. A maldita ansiedade.

Dezessete também a percebera. *Recomponha-se, Nerron.*

— Ele está atrás de um espelho, não é? — Pelo menos ele tinha a voz sob controle.

— Sim. — Dezessete abriu os dedos. A mosca em sua mão agora era de prata. — Você diz que também é diferente por dentro. E sua alma? Dezesseis tem receio de não ter uma. Você tem?

Estava ficando cada vez melhor.

— Admita que você não sabe. — Dezessete deixou a mosca cair na grama. — Porque não existe alma. Vivo dizendo isso para ela, mas não quer acreditar em mim.

Ele escutou a noite como se o vento lhe sussurrasse uma mensagem. E se transformou em vidro preto.

— Logo estarei de volta — ele disse. — Tome cuidado com Dezesseis. Ela fica furiosa rápido.

Então ele se foi. O que era? Nerron não tinha certeza. Mirou na noite, mas seus olhos não encontraram nada, e ele se abaixou e ergueu do chão a mosca prateada. O inseto endurecido era tão

perfeito que qualquer ourives renunciaria à profissão ao vê-lo. Mesmo assim, Nerron jogou a mosca fora.

“Tome cuidado com Dezesseis.”

Ele hesitou. Mas finalmente foi até a cabana.

Nerron estava acostumado a que sua pele o fizesse invisível, mas Dezesseis ergueu os olhos assim que ele atravessou a soleira da porta.

Ela estava ajoelhada ao lado de Will.

— Pensei que meu irmão tivesse matado você. Ele gosta disso.

Irmão. Nerron duvidava que tivessem sido gerados num ventre materno.

Dezesseis tocou o rosto de Will. As unhas de prata haviam desaparecido sob as luvas de couro.

Olhos de vidro.

— Fiz um trato com ele.

Ela olhou para Nerron. Ele teve a impressão de que conversava com uma lâmina. Um punhal inteiramente forjado dentro de uma bainha de vidro colorido.

Dezesseis se inclinou sobre Will. Mediu-o com olhos tão ávidos como um gato diante de uma tigela de leite.

— É muito idiota. Só posso mostrar a ele o rosto dela. Mas tenho outros muito mais bonitos.

O rosto que usava quando se virou novamente para Nerron era tão belo que o fez esquecer as unhas de prata.

— Saia — ela disse. — Quero ficar a sós com ele.

Nerron decidiu acatar a advertência de Dezessete. Quando se virou para a porta, Dezesseis se debruçou sobre Will e o beijou. O Filhote teria sonhos agradáveis.



22
Guerra

Três dias. As montanhas no horizonte já pertenciam à Ucrainia, e eles ainda não haviam alcançado Will. Mas, pouco antes da fronteira, os rastros que Fux encontrara entre tantos outros na estrada sem pavimentação pela primeira vez tinham menos de vinte e quatro horas.

Os goyls haviam baseado seu exército na fronteira com a Ucrainia, mas isso não significava que reinasse a paz do outro lado. Os príncipes cossacos que governavam o país lutavam pelo trono. Quando, logo depois da fronteira, eles caíram no meio de um tiroteio, Jacob apanhou-se pela primeira vez achando tranquilizador o fato de Nerron cavalgar ao lado de Will — embora não tivesse conseguido imaginar um bom motivo para isso.

Encostas cobertas de neve no verão, florestas escuras sobre as quais pairava uma densa neblina mesmo à tarde… a cordilheira Karpaty, que ficava logo atrás da fronteira, protegia a terra fértil da Ucrainia como os muros de uma fortaleza e era tão inexplorada que Jacob não conseguiria dizer o nome nem mesmo da metade de seus habitantes mágicos, nem todos amigáveis. Entre as árvores, espreitavam lidercs, figuras fantasmagóricas que apareciam repentinamente, e as covas cobertas com galhos que os obrigavam a manter curtas as rédeas de seus cavalos haviam enterrado gnomos do tamanho de gatos que os habitantes humanos daquela região chamavam de manoks. Das árvores, criaturas minúsculas que pareciam heinzels jogavam excremento de corvos em cima dele, e os parentes dos elfos da relva, pequenos como abelhas, cujas cidades de ninhos se espalhavam pelas copas acima deles, voavam em bandos tão densos sobre as trilhas pantanosas que horas depois ainda os encontravam nas roupas.

Nas montanhas intransitáveis, a raposa era melhor guia do que o Bastardo. Quando o terceiro dia estava chegando ao fim, o rastro que seguiam tinha menos de duas horas.

Fux ainda estava muito calada. Eles brigavam por bobagens em vez de falarem sobre o que a tornara tão monossilábica. Aquela estranheza repentina não era uma sensação, e Jacob se sentia tão mal que nem prestava atenção no caminho, isso sem falar do vento inapropriadamente quente que sentia em seu rosto de vez em quando.

Fux desceu do cavalo, pois o animal havia pisado numa pedra. Sem perceber, ela deu as costas para um corpo quase invisível entre os rochedos. As roupas de Dezessete eram cinza como a rocha que o envolvia, e seu rosto espelhava folhas e galhos enquanto se transformava naquele que havia mostrado para Jacob pela última vez no seu mundo. Jacob gritou advertindo Fux, mas já era tarde. Dezessete olhou para ela e a agarrou. Seus olhos formaram uma palavra sem som: guerra. Ele pressionou a mão contra o rosto de Fux e quando a soltou seu rosto era de prata.

Jacob correu em sua direção, sacou a pistola e atirou, desesperado. O que ele imaginava? Que o Jogador não faria suas criaturas imunes a armas humanas? A pele de Dezessete absorveu a bala como vidro líquido.

Fux não se mexeu mais. Jacob ficou ali em pé, como se seus membros estivessem paralisados como os dela.

Dezessete largou o corpo imóvel e andou até ele.

— Então nos reencontramos. — Dezessete pôs a mão no peito de Jacob. — Ele o advertiu, não?

Jacob sentiu como se sua própria respiração se transformasse em prata. Paralisava seu pulmão e penetrava em seu sangue, mas seu último pensamento foi Fux. Ele não tinha sido capaz de protegê-la. Isso partiu seu coração em mil cacos de prata.



23
Em breve

Guerra. Sim. O Jogador poliu o espelho do medalhão que gostava de chamar de seu olho de vidro. As imagens que lhe mostrava eram fornecidas por heinzels, pássaros, insetos… Alguns engoliam o vidro sem saber, outros usavam-no como adorno ou amuleto, ainda havia os que era preciso subornar com prata. Durante o exílio, o sistema se tornara falho, mas desta vez mostrara o que ele queria ver. Os dois corpos prateados eram uma bela visão. Todas as tentativas de ir atrás dele! O Jogador o perdoara, porque era o filho mais velho dela. Mas agora acabara. Fechou o medalhão. Oito séculos de espera faziam até mesmo um imortal perder a paciência.

O filho mais novo, por sua vez, estava fazendo o que ele esperava. Anos antes, o Guerreiro havia proposto iniciar Jacob em seus planos, para que em algum momento executasse a tarefa que acabara sendo confiada ao seu irmão. Mas o Jogador havia se pronunciado contra. O filho mais velho de Rosamund era um rebelde nato, sem disposição para seguir qualquer ordem ou conselho. Era preciso usar Jacob sem que ele percebesse. Fora assim que lhe levara a balestra. Já Will era fácil de impressionar e conduzir. Ele queria acreditar. Confiar. Servir.

Bem, não havia sido fácil fazê-lo atravessar o espelho. Will até desejava descobrir onde seu irmão desaparecia tantas vezes, mas jamais teria abandonado a mãe para isso. Somente depois da morte dela, ele se sentira tentado a seguir Jacob. Que os goyls o infectassem com o feitiço da fada e o tornassem imune à sua magia era apenas uma esperança. Um jogo de roleta, como se dizia naquele mundo. O Jogador admitia que nem em seus sonhos mais ousados vira Will como a corporificação de uma lenda goyl. O Vidente afirmava que os olhos interiores de algum corvo haviam lhe mostrado o jade anos antes, mas no decorrer dos séculos lera muito

em vísceras e em cristal sujo. E os advertira sobre a maldição da fada? Não.

O Jogador fechou os olhos e procurou o rosto de Rosamund na memória. Will era muito parecido com ela. A mulher nunca entendera quem e o que ela própria era e de onde vinham os anseios que sentira durante toda a vida. Talvez devesse ter pedido a seu filho mais velho para buscar a resposta. Tarde demais. A mortalidade era um destino estranho. Pelo menos, ele roubara o rosto dela antes que ficasse murcho e cansado. Já o dera a três de suas criaturas.

Suas criaturas… Graças à ajuda de Fabbro, já haviam chegado mais perto do que esperavam. O vidro sempre obedecera ao Jogador, mas para Fabbro ele cantava. Era o único deles que gostava de se mostrar como aberração. Corcunda, caolho… nada era feio o suficiente. Fabbro havia convencido as criaturas a não roubar somente rostos bonitos. Era necessário roubar centenas de rostos para que ficassem inteligentes como elfos. Demorara até que entendessem. Para os golens eram necessários no máximo três. Mas inteligência não era o problema. Era fácil fazer a terra respirar. O vidro e a prata apenas despertavam para a vida através do maior segredo de todos os elfos dos amieiros: um dos rostos precisava ser seu. Não havia muitos a cedê-lo, sobretudo depois que se verificou que as criaturas não eram absolutamente imunes à maldição. As primeiras não sobreviveram nem um dia atrás do espelho. Agora conseguiam ficar semanas, e Dezesseis e Dezessete escondiam o rosto de elfo que os fazia respirar atrás de duas centenas de rostos humanos. Afinal, eles não haviam sido enviados para cuidar dos elfos da relva ou das flores preferidas do Guerreiro. Eles vigiavam a arma que podia acabar com seu exílio — e aquele que a portava.

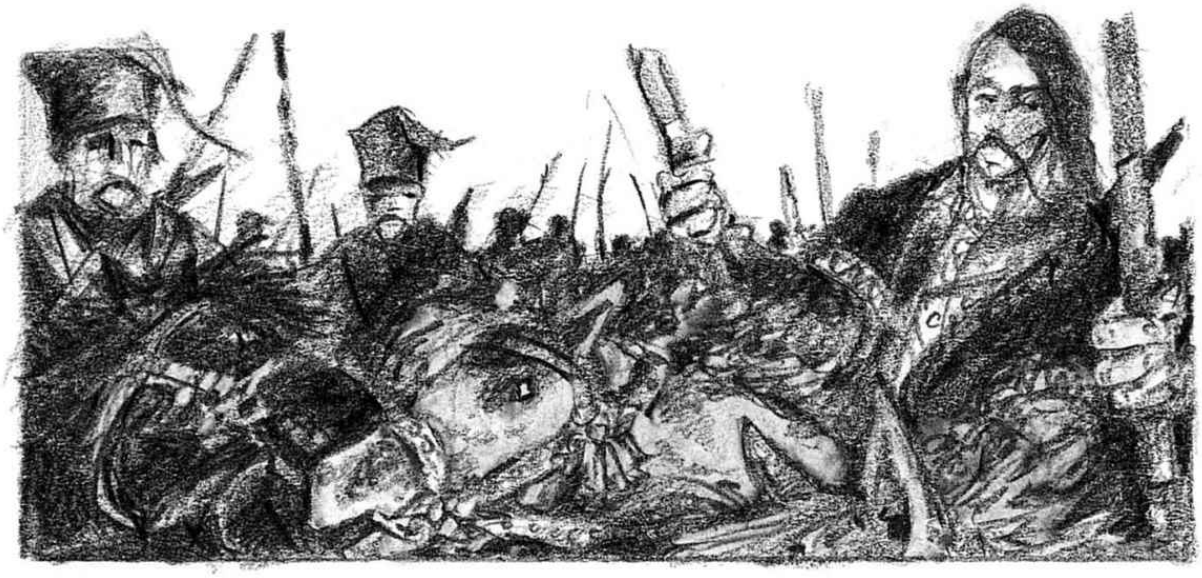
Tantas vezes ajudantes humanos os haviam traído e roubado — Guismund, Robespierre, Stone, Semmelweis… era uma lista longa. Apenas Dee tentara cumprir sua missão. Não. O jovem no qual agora eles depositavam suas esperanças teria guarda-costas de vidro.

O Jogador se pôs diante da estátua que encomendara havia mais de trezentos anos a um dos mais célebres escultores daquele

mundo, em memória de todos os que não haviam conseguido fugir. O artista havia representado o efeito da maldição de forma bastante expressiva. Para o elfo dos amieiros que se transformava, o Jogador descrevera um velho amigo para o escultor. Toda vez que observava a estátua, ele se perguntava se voltaria a vê-lo um dia. Ele e todos os outros. Havia a proposta de dividir seu velho mundo apenas entre aqueles que não haviam sido tolos a ponto de se deixar capturar. O Guerreiro queria derrubar os amieiros de prata em vez de libertar os prisioneiros. O Jogador não sabia muito bem o que achava disso. O exílio de mais de oitocentos anos juntos não havia criado laços de amizade entre ele e os outros vinte e dois que haviam escapado. Talvez em algum momento se sentisse grato por ter aliados entre os que haviam subestimado a fúria das fadas.

Um dos golens anunciou um visitante. Quem era? Letterman? O Guerreiro? Eles não o deixavam em paz desde que souberam que alguém que lhes trazia novas esperanças estava a caminho. Ainda atrairiam a atenção para a ilha com aquelas visitas constantes! O Jogador vivera em muitos lugares daquele mundo, mas não gostara de nenhum deles como de North Brother Island. Tinha uma queda pelo Novo Mundo, talvez porque proviesse do velho. Os outros ainda viajavam em carroças. Era absurdo. Eles jamais haviam entendido aquela realidade como uma chance.

Às vezes ele imaginava que era o único a escapar. A ideia lhe parecia atraente.



24
Jogo mortal

A Fada Escura já ouvira muitas histórias sobre o rio que serpenteava à sua frente em direção ao sul através dos prados encharcados. Os goyls o chamavam de Gleboki, o rio profundo, porque alguns de seus cursos de água subterrâneos o abasteciam. Eles o temiam como toda a água aberta… Quando jovem, Kami'en quase morrera afogado um pouco mais ao norte.

Ela precisaria cavalgar para mais longe para fugir do nome dele.

O sol da manhã refletia-se pálido como uma lua na larga correnteza, e a Escura estava na margem escutando o que a água contava. Ela se lembrava de tudo o que se refletira nas ondas — tanta vida em cada gota, tantas histórias esquecidas. Encheu o peito sem coração com seu rumorejar para não sentir a amargura que o amor havia semeado ali.

Ela tirou os sapatos que se acostumara a calçar nas ruas deles e andou pela água fria até encharcar o vestido à luz da manhã.

O abraço era frio, mas a água a acariciou sem exigir que se abandonasse em seus braços. Ela a lembrava daquela que havia sido antes de Kami'en. *Faça como eu, sussurrava o rio. Avance mais e mais.* Até romper a fita. Sim. Talvez ela se rompesse sem que a fada precisasse pagar por isso.

Chithira desarreou os cavalos. Ele sussurrou o nome que ela lhes dera antes de deixá-los partir. Os animais se perderam nos campos da margem como se a fada os tivesse feito de grama. Aquele país ainda era muito silencioso. Apenas uma cotovia piava, como se precisasse cantar sozinha para o novo dia.

Donnersmarck estava ao lado da carruagem quando ela voltou para a margem. Ele continuava sem receio de olhar diretamente para ela. Era claro que a desejava, mas isso não lhe causava medo — o que agradava à Escura —, tampouco ele desejava dominá-la.

Donnersmarck adicionava chifre de veado ralado à sua refeição e seus braços estavam cobertos de cortes. Ele os escondia sob a capa pela qual havia trocado o uniforme, mas a Fada Escura podia vê-los. Ele infligia dores a si mesmo quando o veado se manifestava para lembrar seu corpo da carne humana. Como um soldado podia entender que às vezes a capitulação era melhor do que a defesa?

— Está ficando mais forte. Você prometeu me ajudar.

Ela ergueu a mão, e a sombra de Donnersmarck se transformou na de um veado.

— Você me entendeu mal. Posso ajudá-lo a ser os dois, mas você precisa parar de temê-lo.

Ela o deixou para trás com a sombra da qual ele fugia. E resistiu à tentação de tornar visível a sombra da qual ela mesma fugia.

Suas mariposas haviam estendido a tenda na qual capturavam a noite entre as árvores que cresciam junto à margem úmida. Eram salgueiros jovens, recordações da noite em que, graças à sua irmã vermelha, ela própria quase terminara como um salgueiro. Desde então, sabia quão cruel era o castigo para os ladrões que haviam usado indevidamente a água de seu lago para seus espelhos.

Chithira fizera um desenho com flores no chão ao redor, uma saudação de um país distante, que ela conhecia apenas através dos olhos dele. Donnersmarck tornava sua presença desconfortável. Ele separava a vida da morte tão seriamente quanto o homem do animal. Às vezes, Chithira brincava de passar recordações através de sua mente e se divertia com a perplexidade no rosto de Donnersmarck quando de repente encontrava imagens de um palácio bengalês e de uma infância principesca em sua própria cabeça e em seu coração. Ela o proibira de fazer aquilo com frequência, mas príncipes mortos não se importavam muito em obedecer.

Lá fora, Chithira falava com algumas russalkas. A Escura as ouviu rir. Soava como água gotejando. Elas eram muito mais pacíficas do que as ninfas que se encontravam no rio à margem do qual se situava a fortaleza goyl. Não havia um lugar de que Kami'en gostasse mais. Apesar disso, fazia meses que ele não ia lá. Kami'en

não vivia para o amor. Havia muitas coisas que eram mais importantes para ele. Ela só percebera isso muito tarde.

A Escura se ajoelhou no tapete de flores de Chithira e espantou a mariposa que queria pousar em seu peito. As asas vermelhas revelavam de quem era. Fazia semanas que sua irmã enviava mensageiras aladas. Suas irmãs sempre tinham medo. Uma folha murcha, uma carta que flutuava no rio, a balestra de um rei morto… como se não tivesse visto tudo isso. “Venha. Apenas na ilha estará segura. Está expondo todas nós ao perigo!” Talvez. Mas ela não se esconderia. Queria ser livre. Kami’en quase a fizera se esquecer disso. Não aconteceria de novo.

A fada matou a mariposa e as lamúrias das irmãs ficaram grudadas em seus dedos. “Apenas na ilha estará segura.” Segura contra quê? Certamente não contra a dor do amor traído. Elas queriam que ficasse suspirando debaixo dos salgueiros com sua irmã vermelha ou enviasse a morte para Kami’en, assim como a outra tentara fazer com seu amante infiel?

Lá fora uma russalka riu. De repente começaram a penetrar sons menos amistosos através da teia das mariposas: cascos de cavalos, abafados pela relva úmida, mais altos do que a cotovia que ainda saudava o dia.

Por um momento absurdo, ela teve esperanças de sair da teia e ver Kami’en na sua frente cercado por seus guardas, embora ela soubesse o quanto detestava cavalgar. Um dos muitos medos que era mestre em esconder. O desejo que ela leu nessa expectativa a envergonhou e deixou dentro de si, apesar da vergonha, a velha saudade que se proibira desde a partida.

Os cavaleiros que vinham pela margem em sua direção não eram goyls. Eram cerca de cinquenta, nos mesmos trajes coloridos e suntuosos nos quais seus antepassados saíam para a guerra. Cossacos. Hentzau costumava dizer que só seria necessário temê-los quando eles entendessem que um uniforme estorvava menos na luta do que suas bombachas. Ao contrário dos goyls, os cossacos não ligavam para os tempos modernos. Mas, como os goyls, eram guerreiros. Escolhiam seu líder, não toleravam mulheres em suas fileiras e barbeavam o queixo para se diferenciar dos inimigos em

Varângia, apaixonados por suas barbas. E gostavam de receber cavalos em vez de ouro pelo que colhiam em seus campos férteis. O cavalo preto que o líder montava provavelmente era mais valioso do que todo o cortejo com o qual Kami'en gostava tanto de viajar. Ele estava montado tão orgulhoso na sela, como um jovem galo que com seu canto alto declarava sua aquela manhã, a lua, o rio, a terra — a Fada Escura fora imprudente ao encará-lo.

Imprudente? Não. Ele a achava tola, como todas as mulheres. A amante rejeitada de um rei.

O amor a tornara pequena.

Seus homens a encararam com a costumeira mistura de medo e desejo. Gostavam tanto de se vangloriar por serem diferentes, mas eram todos iguais.

Ao lado do jovem galo, cavalgava um dos cantores cegos sem os quais nenhum cossaco partia para a luta. O ofício era permitido apenas a eles, como se fosse possível ver melhor o passado sobre o qual cantavam sem enxergar o presente. Normalmente, viajavam mendigando pelo campo, mas alguns tinham a sorte de cavalgar com soldados — caso se quisesse chamar isso de sorte. Os cossacos gostavam de eternizar seus feitos em canções, e alguns cantores eram fuzilados por versos errados.

O líder não se dignou a dirigir-lhe a palavra diretamente. O homem que cavalgou em direção à fada era inteligente o suficiente para temer sua magia, mas se envergonhava desse medo. O crânio calvo a não ser pela chupryna, os longos cachos que apenas guerreiros cossacos experientes tinham permissão para manter. Até mesmo na corte de Amália a história de Demian Razin era conhecida: sua fuga dos calabouços do sultão de Turkmara, a coragem que demonstrara sob tortura. Havia menos de um ano, Razin tentara comprar armas dos goyls. Kami'en o mandara de volta para casa com um "não" educado. Os goyls apreciavam os cossacos por sua coragem, mas não rivalizavam em poder com seus vizinhos orientais, o tsar, os príncipes-lobos ou o cã dos hunos mongóis. Talvez o jovem galo estivesse tentando mudar essa situação com aquela visita matinal.

Razin passou a mão em seu bigode com um gesto nervoso antes de pular da sela. Os cossacos os cultivavam com a mesma dedicação com que Cara de Boneca cuidava do cabelo dourado.

Ele não ousou olhar para ela.

Donnersmarck mediu-o sem disfarçar o desprezo, mas a Fada Escura sentiu pena do velho guerreiro. Nada infundia mais medo num soldado do que aquilo que não se podia combater com armas.

— Meu senhor, o nobre príncipe Yemelyan Timofeyevich lhes dá as boas-vindas ao reino de seu pai.

Ah, sim, ela já ouvira os generais de Kami'en pronunciar aquele nome. A Escura muitas vezes participara de suas reuniões. Para desgosto dos generais, Amália fazia o mesmo.

Razin olhava para a relva a seus pés enquanto esperava pela resposta, segurando seu sabre. Os cossacos compartilhavam com os goyls a paixão por essa arma, mas a sua tinha uma ponta de dois gumes. Eles o chamavam de szabla — Kami'en possuía um exemplar muito bonito. Como sua mente sempre encontrava pretextos para pensar nele…

— O nobre Yemelyan Timofeyevich… — Razin realmente ousou um olhar furtivo. O desejo enrubesceu seu rosto como uma urticária. O desejo e a vergonha por ele. —… lhe envia as saudações de seu pai e lhe dá as boas-vindas a seu reino.

Seu reino? Até onde ela sabia, o pai dele disputava o trono com vários príncipes.

— O príncipe Yemelyan lhe oferece proteção. Os guerreiros dele são seus. Estas florestas e estes rios são seus, cada animal, cada flor…

Donnersmarck lançou um olhar interrogativo para ela. Sim, a fada queria que falasse com ele. Todo o orgulho, a cobiça pelo poder, o ímpeto incansável do combate e o anseio irrefreável por submissão… Mortais. Ela estava tão cheia deles.

— Em troca de quê? — A voz de Donnersmarck soou tão fria, que não apenas o mensageiro, mas também o príncipe franziu a testa.

Os cossacos eram melhores cavaleiros do que os goyls, mas sua bravura os tornava imprudentes. Donnersmarck fora soldado por tempo suficiente para saber disso. Seria fácil para Kami'en se algum

dia tivesse que combatê-los. Contudo, eles nunca se renderiam e lutariam no escuro de suas florestas, na névoa que pairava entre as montanhas. Todos temiam a morte. O que os fazia buscá-la constantemente, e não apenas na guerra?

O príncipe estava farto de falar através do velho guerreiro. Impeliu seu cavalo negro até eles e freou a apenas alguns passos de distância da fada.

— Viemos para acompanhá-la até o castelo do meu pai. — Ele falava na língua dos goyls. Sempre fora mais fácil viver em paz com eles no leste. Kami'en lhe contara muitas vezes das antigas cidades dos goyls. Fortalezas subterrâneas de âmbar, malaquita e jade, que ficavam ainda mais a leste, cuja população fora dizimada por pestes. Ele queria mostrá-las a ela.

"Viemos para acompanhá-la até o castelo do meu pai."

O que fora feito da Fada Escura para que o filho de um príncipe provinciano se atrevesse a falar com ela daquela maneira? Seu olhar era ainda mais ofensivo do que suas palavras. Ele a encarava como se fosse uma das concubinas que seu pai mantinha. "Vejam só a Fada Escura. Ela faz tudo pelo homem que ama. Agora que ele a deixou, está procurando outro." Sim, era isso que eles pensavam. Ela se tornara um apêndice, usara indevidamente a magia para realizar os desejos mortais dele. Tão mesquinho. E era a única culpada disso.

— Que oferta generosa — ela disse ao príncipe no idioma dele.

O idiota sorriu, lisonjeado. A ironia da fada lhe escapava, assim como sua cólera. O velho guerreiro era menos tolo. Pôs-se ao lado de seu senhor, mas não conseguiria protegê-lo. A fada leu na testa sem rugas do príncipe as imagens com as quais a ambição o iludia. Por que deveria se dar por satisfeito com o trono da Ucrainia? Seria tão poderoso quanto o rei dos goyls com a fada ao seu lado. Não, mais poderoso! Pois não seria idiota de perdê-la.

A fada observou ao redor. A magia daquele país era verde e dourada como seus campos de cereais, mas não era forte o suficiente para destruir sua ligação com Kami'en. Havia apenas uma pessoa que podia fazer isso, e o caminho até ela era ainda muito longo.

— Volte para casa! — ela disse ao jovem. — Enquanto eu ainda lhe permito.

Ela também estava cheia das palavras deles. Todo aquele barulho. Sua limitação mortal. Moscas que se vestiam de veludo e balbuciavam sobre poder e eternidade.

Tão cheia.

O jovem galo sacou o sabre em resposta. Ele tinha medo de que ela cedesse o que negava a ele aos tsares ou aos príncipes-lobos. Como se isso fosse mais perigoso do que se pôr em seu caminho. Mas ele via apenas uma mulher e dois homens para protegê-la, um deles sem armas e pálido como a morte.

— Ou você vem conosco ou volta.

Razin sacou o sabre, hesitante, como se soubesse que com isso estava selando seu destino. Os outros homens o imitaram.

A fada sentiu sua ira como se a noite regressasse.

Ela sabia que não estava dirigida aos cavaleiros à sua frente. Mas a dor dos últimos meses, o ciúme, a solidão, a traição… a tornavam ainda mais escura do que nunca.

A chuva que ela evocou transformou-se em diamantes ao cair das nuvens. Eles picavam a pele, cortavam o desejo dos rostos, caindo na relva vermelhos de sangue.

A Fada Escura deixou que os cavalos partissem, assim como o velho guerreiro e o cantor cego. Ele que cantasse o que acontecia com aqueles que acreditavam poder lhe dar ordens. Então deixou que o rio levasse os mortos.

Donnersmarck ficou observando as águas se tingirem de vermelho. Elas levaram também a ira da fada, até que ela não sentiu nada além de um vazio.

O que havia sido feito dela?

— Eles vão caçá-la — disse Donnersmarck.

— Tenho certeza de que você já viu coisas piores — ela retrucou.

— Sim — ele respondeu. — Mas, quando nós mortais fazemos isso uns aos outros, perdoamos com mais facilidade.

Chithira estava na água e via os mortos passarem. Era tão estranho que eles morressem. Envelhecer e morrer. A Escura prometera muitas vezes a Kami'en nunca abandoná-lo à morte. Ela

se perguntava se ele ainda considerava a promessa válida. Ele não tinha medo da morte — ou, se tinha, não demonstrava.

Chithira colheu flores negras da água e andou com elas até a margem.

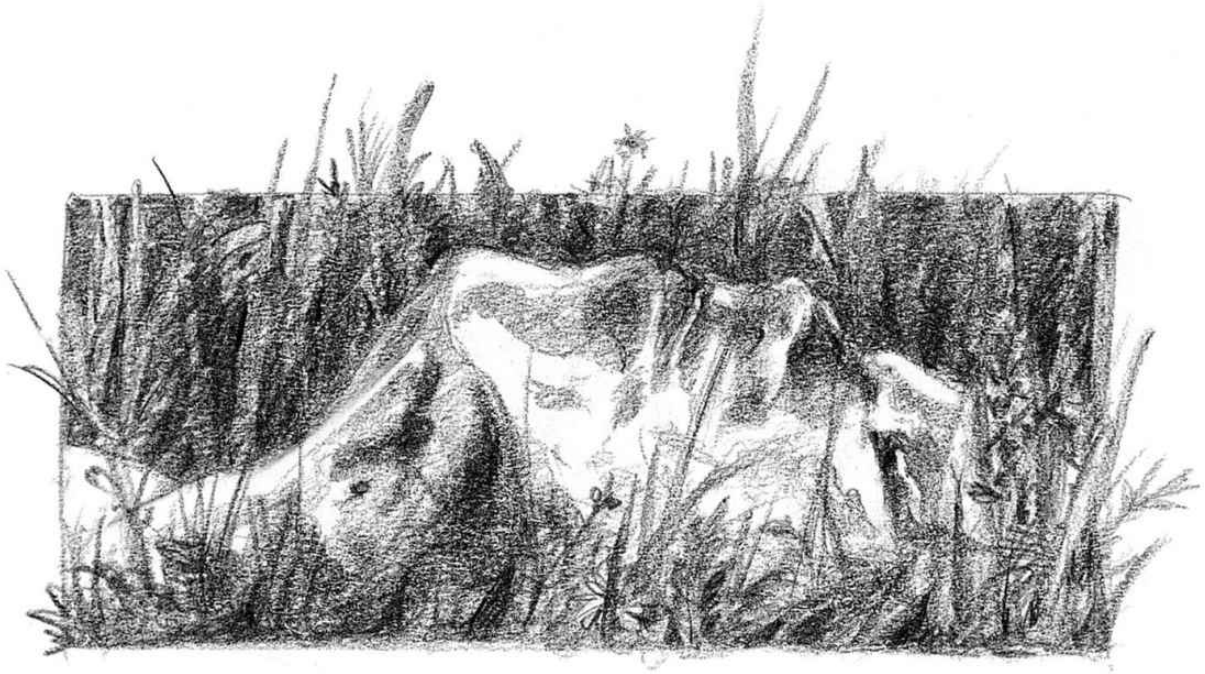
— Eu lhe dei o nome errado, Devi — ele disse, e espalhou as flores ao pé da fada.

— Qual é o correto?

— Kali.

A fada não sabia nada de seus deuses, de modo que não entendia Kami'en, mas o outro nome lhe agradara mais. Ela olhou para as flores pretas. Era tudo o que semeava? Flores da morte. Trevas…

Ela passou a mão em seus cabelos até que dezenas de suas mariposas saíssem voando em enxames. A partir de então, viajaria invisível para os olhos humanos e para suas irmãs, ou sufocaria em sua própria escuridão. Sussurrou palavras às mariposas para que elas as semeassem em conversas nos mercados, nos lábios de cocheiros e soldados. Palavras que deveriam ser tomadas por verdade, pois eram o medo do ocidente e o desejo do oriente.



25
Como nos velhos tempos

A carne de Jacob derretia, e respirar era difícil, como se ele estivesse aprendendo a fazer isso naquele momento. Fogo. Ele ardia. Mas fazia bem quando as chamas que o queimavam derretiam a prata em suas veias. Se pelo menos não estivesse tão quente.

A prata havia voltado a seus olhos. Mesmo assim, ele reconhecia o rosto que o observava preocupado. Durante muitos anos, fora o primeiro que vira pela manhã.

— Até que enfim!

A voz de Chanute soou embargada de alívio.

O líquido que deu a Jacob tinha um gosto salgado, mas pelo menos não era a aguardente que já lhe empurrara garganta abaixo como panaceia.

Agora outro rosto flutuava na película prateada.

— *Voilà! Salut!* — disse Sylvain.

Jacob tentou sentar-se, mas Chanute cravou a mão no seu ombro.

— Fique deitado! Você ainda tem prata suficiente no corpo para fazer uma dúzia de castiçais.

Dezessete.

Jacob virou a cabeça à procura de algo. Os cabelos de Fux ainda tinham um tom avermelhado, mas eram de prata.

Ele afastou a mão de Chanute. Seu corpo estava pesado como se todos os membros fossem de metal, mas ele conseguiu se ajoelhar e ir até ela. Seu rosto dava a sensação de prata posta no fogo.

— Pegou mais em Fux do que em você. — Chanute lançou alguns galhos no fogo. Ele ardia tão alto que o ar da noite cheirava a folhas chamuscadas. — Agradeça à velha bruxa por termos ido atrás de vocês. Ela encontrou um heinzel prateado nas ruínas e

imaginou que alguma coisa tivesse saído da torre. Ela fez a poção que acordou você.

— Quando vocês nos encontraram?

— Há dois dias.

Dois dias. Will agora podia estar em qualquer lugar. Dezessete fizera seu trabalho. Mas aquilo não importava no momento. O brilho do fogo se refletia no rosto de Fux como em um espelho. Jacob pôs o dedo em seus lábios. Ela ainda respirava, mas de maneira quase imperceptível.

— Por que não funcionou com ela?

— Você não vê? Seus lábios estão tão prateados que não conseguimos dar a poção. — Chanute evitou olhar para Fux. Ela era como uma filha para ele, quase tanto quanto Jacob era um filho.

— Como vocês nos encontraram? — Na testa de Fux, os cabelos se encaracolavam como se tivessem sido moldados por um ferreiro.

— Desde quando existe alguma coisa que Albert Chanute não encontre? — O catarro que ele tossiu em seu lenço tinha sangue. — Não me olhe assim — resmungou Chanute. — Alma queria mandar atrás de vocês o jovem Bachmann, que ajudou a expulsar o stilz em Weissbach, mas o que ele sabe sobre seguir rastros? Conheço você tão bem que o encontraria com os olhos vendados! — A tosse de Chanute se acalmou, mas ele parecia muito mal, como se tivesse saído da própria sepultura, e não da cama.

— Imagino como ela deve ter ficado furiosa quando Bachmann lhe contou que eu havia partido com Sylvain. — Ele riu, embora isso o fizesse tossir novamente. — Se soubesse, provavelmente teria me amarrado na cama com alguma magia.

— Que pena que ela não fez isso!

— Ah, é? Então por que você não aprende a tomar conta de si mesmo?

Como nos velhos tempos! Os dois eram muito bons em ocultar o que sentiam um pelo outro.

— Ele está tomando uma coisa que a bruxa chama de amargor da cova — disse Sylvain. — Ela não parece ter isso em alta conta.

— É este o agradecimento por eu tê-lo trazido comigo?

— Amargor da cova? Você está querendo se matar? — Jacob conseguiu se levantar. Cada movimento era difícil, como se Dezessete tivesse fundido seus membros em chumbo. *Chumbo não, Jacob. Prata.* Parecia que o fogo a derretera apenas para deixá-la correr em suas veias. Mas a película cintilante sobre sua pele atestava que pelo menos uma parte havia saído com o suor.

Chanute cuspiu.

— O que ainda resta aqui pra matar? Só queria chegar a tempo até vocês!

Sylvain passou a mão nos cabelos de Fux.

— *Ciboire.* Vou matá-lo — ele murmurou. — Juro. Vou matar todos eles.

Jacob não perguntou como ele pretendia fazer isso. Tinha a mesma frase desesperada na cabeça. *Vou matá-lo. Todos eles. Até mesmo a garota com o rosto de Clara.*

— Era um daqueles espelhins que Sylvain encontrou? — Chanute jogou mais lenha no fogo. Até mesmo o calor lembrava Dezessete.

— Era. — Ele não queria falar sobre isso. Nem sobre Dezessete nem sobre o elfo. Pôs a mão no bolso e tirou o cartão. Estava em branco.

Chanute olhou para ele.

— O que você tem aí?

Jacob deu-lhe as costas e ficou observando o cartão.

Devolva-a para mim! Devolva-a e eu voltarei. Prometo. Ele não estava mais conseguindo pensar direito.

— *Ta-bar-nak!* Fazia anos que eu não entrava numa floresta dessas! — disse Sylvain atrás dele.

Porque de onde ele vinha não havia uma floresta assim fazia séculos. O que ainda podia lhe oferecer? Alguma coisa, não importava o quê.

Eu o encontrarei. Encontrarei algo que o destrua mais do que as próprias fadas. Devolva-a para mim!

Dessa vez as palavras apareceram.

Tudo tem um preço, Jacob. E guerra é guerra.

Guerra. Ele olhou para as árvores no alto, para todos os lados, apenas não para onde Fux estava. *Está bem, vou pagar! Prometo! Pare, Jacob!* Ele ofereceria seu coração pulsante num prato ao elfo apenas para não vê-la estendida ali daquele jeito.

— *Câlisse*, eu tinha me esquecido de como isso é bom. Fiquei muito tempo na cidade. — Sylvain acariciou o pinheiro sob o qual estava, a casca do tronco. — Malditas cidades. Fungos de pedra. *Accouche qu'on baptise, Albert!* Temos que ir para o Canadá! Como são essas coisas por lá deste lado do espelho? O peixe arco-íris, as folhas…

— Canadá? Que raios é isso? — perguntou Chanute.

— Ele se refere à Arcádia. Ontário. Há muito espaço ali. O oeste é terra de índios e esquimós.

Sim, fale sobre as províncias canadenses, Jacob, assim talvez você não enlouqueça.

— É mesmo? *Tabarnak!*

— As últimas tropas que o Torto enviou para lá se transformaram em focas. — Chanute não escondia o quanto gostava dessa forma de guerra. — Lá, os animais selvagens sabem mais magia do que nossas bruxas.

Os animais selvagens. Jacob olhou para o cartão. *Diga alguma coisa. Qualquer coisa.*

A resposta veio em letras ornamentais, cada uma parecendo ter sido disposta prazerosamente sobre o papel.

Leve-a para Schwanstein. Talvez lá eu lhe diga como pode tê-la de volta.

Ele o está distraindo daquilo em que você deveria pensar. Jacob ainda queria voltar. Mas Fux não deixaria. Jacob abaixou-se e colheu as florzinhas discretas que cresciam entre as raízes de um abeto. *Acetosa perene.* Sylvain tinha razão: aquela floresta era realmente antiga. Antiga o suficiente para abrigar alguém que existia apenas daquele lado do mundo? Talvez. Mas ele precisaria procurar a casa dela mais adiante, lá onde os pinheiros davam lugar a faias,

carvalhos e espinheiros negros. Como muitas bruxas, elas preferiam florestas de folhas largas.

— No que você está pensando? Não estou gostando da sua cara. — Chanute o conhecia tão bem quanto Fux.

— Você tem pó azul aí?

— Por quê?

— Você tem?

— Primeiro me diga para que você quer.

— Você sabe exatamente para que eu quero.

Chanute tirou do cinto um saco de couro manchado.

— Mesmo que você encontre uma… olhe para você! Mal consegue ficar em pé! Desde quando é suicida? E o que você quer dela, ela não dará nem em troca da sua alma.

— Eu sei. — Jacob tirou o saco da mão calejada de Chanute. — Esqueceu quem foi meu professor?

Dezessete não tocara nos cavalos. A sensação foi de traição quando Jacob tirou o vestido de pelo do alforje de Fux, mas Chanute emitiu um grunhido de aprovação.

— Inteligente. Só é uma pena que Fux vá fuzilar você caso acorde.

Até mesmo afivelar a mochila foi difícil para seus dedos. E ele queria se medir com uma adversária que a própria Alma só conseguiria enfrentar em dias especialmente bons.

Chanute se pôs em seu caminho.

— Vou com você.

— Não. Você vai cuidar para que o fogo não apague. E mantenha os klads longe dela.

Havia criaturas caçadoras ainda mais malignas, mas um corpo prateado era uma presa atraente. Jacob não precisou explicar a Chanute tudo o que uma presa como aquela poderia atrair.

— Está bem — ele resmungou. — Então pelo menos leve Sylvain com você!

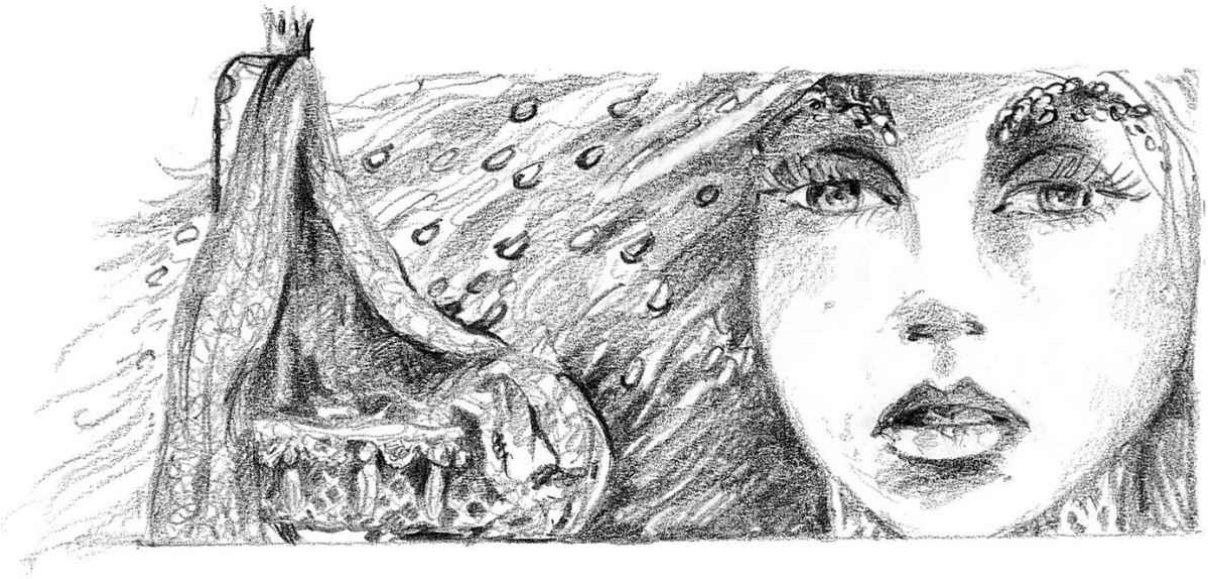
— Para que eu tenha que cuidar dele? Não.

Atrás dos dois, ele imitava o grasnar de um corvo com uma habilidade respeitável. Chanute ainda não devia ter lhe ensinado como isso podia ser perigoso naquele mundo.

Jacob lançou um último olhar para Fux.

— Por que é que ainda tento discutir com você? — exclamou Chanute enquanto Jacob ia para baixo da árvore. — Desde criança era mais teimoso do que um burro. Será que andei todo o maldito caminho até aqui só para você acabar se matando? Você deve estar mais lento que Wenzel de muleta!

A preocupação em sua voz era comovente. Antes, ele não hesitava em mandar Jacob para casas de bruxas e cavernas de ogros. Talvez os anos realmente deixassem o coração mais mole. Jacob não sabia se isso era uma boa coisa para Albert Chanute.



26
O rosto postiço

Amália sempre fazia Kami'en esperar — não de propósito, como ele mesmo fazia com visitas e suplicantes. Não. Amália não era pontual porque mudava de vestido no último momento ou mandava passar novamente pó de arroz em seu rosto, que portava como se fosse o de um estranho. Ela nunca se livraria do medo de que a beleza pudesse desaparecer tão repentinamente como o lírio das fadas a havia concedido.

A sala em que Kami'en a recebeu era a preferida de sua mãe. Como fez com a maior parte do palácio, Amália mandara redecorá-la. Comprara móveis, tapetes e quadros como se montasse uma casa de bonecas. O resultado era semelhante: ouro em excesso e o aspecto kitsch de um passado inventado pelos decoradores. Sua mãe teria abominado. Kami'en não tinha opinião muito diferente.

Ele já queria mandar o ajudante buscá-la quando sua criada favorita a anunciou. Amália adorava os rituais. Como sempre, ela se mantinha um tanto ereta demais quando entrou — numa tentativa pífia de imitar a fada — esbaforida, como se houvesse muito a fazer apesar de todos os criados e pajens. O vestido que usava era branco, a cor da inocência, com certeza não por acaso. Amália refletia por horas sobre o que usaria. Ela era previsível de uma maneira infantil. A filha da ex-imperatriz tinha a inteligência da mãe, mas não a autoconfiança. Não fazia bem às crianças os pais comprarem um rosto novo para elas porque não achavam aquele com que haviam nascido bom o suficiente.

Kami'en sabia de tudo isso antes de se casar com ela. Os espiões haviam contado coisas sobre Amália que nem mesmo a mãe dela sabia. Sua crueldade, porém, ele havia subestimado, assim como seu egoísmo desesperado e seu talento considerável de culpar os outros e fazer-se de vítima. Amália se abominava, ao mesmo tempo

que não amava nada nem ninguém mais do que a si própria. Kami'en achava que ela sentia algo por ele, mas também tinha acreditado que ela adoraria o filho. Ele suportava Amália, mas ainda a desejava — como um fruto proibido.

Niomee sempre entendera. Ela lhe revelara seu nome somente após um ano. Caso fosse seu nome. Significava verde em sua língua.

— Estou tão contente que você está aqui! — havia lágrimas nos olhos cor de violeta de Amália. Levou certo tempo para Kami'en perceber que quando chorava era por si própria.

Ela pôs o braço em volta dele e lhe ofereceu o lábio para que o beijasse, mas tudo o que Kami'en queria era bater nela por tentar jogar com ele, pela dor que suas mentiras lhe haviam causado. Niomee entendia a cólera que vinha com a carne de pedra, assim como sua impaciência e o desejo de quebrar as regras, encarar proibições como desafios e preferir o ataque à defesa.

Ele se desvencilhou do abraço menos delicadamente do que pretendia.

Os olhos dela, embaçados pelas lágrimas, ficaram alertas.

— Kami'en? Meu amor! O que há com você?

— Seu padrinho o escondeu? Quão estúpido acha que sou?

Apesar de todo o pó em seu rosto, Amália corou como uma criança pega mentindo. Como uma criança *humana*. Os goyls aprendiam a esconder seus sentimentos quando muito jovens. A pele de pedra tinha muitas vantagens.

— Eu precisava protegê-lo! Tive medo de que ela fizesse alguma coisa contra ele!

Ah, ela já tinha uma resposta preparada caso ele descobrisse a verdade.

— E o berço coberto de sangue?

Kami'en se virou de costas para ela. Não tinha certeza se seu rosto realmente não mostrava nem um pouco do desespero que sentira quando havia recebido a notícia. Durante algumas horas, realmente acreditara. Seu filho… o que importava que sua pele fosse de pedra da lua? Uma mulher humana o dera à luz, isso era tudo o que contava. Sua vingança por todos os anos em que o

haviam caçado como um monstro. Ainda olhavam para ele dessa maneira quando achavam que não estava vendo.

— Você o confiou a um caçador que nem mesmo sabe ler!

A vigília nos olhos de Amália se transformou em medo.

— Eu ia contar a você.

Kami'en foi até a janela. Atrás dos estábulos, via-se o telhado de vidro da casa em que a fada havia morado. Ele ouviu Amália balbuciar explicações, desculpas, queixas.

— A criança não está mais com seu padrinho.

Isso a fez se calar de repente. Nunca antes o rosto perfeito parecera tanto uma máscara.

— Mandei cem homens revistarem o palácio e a propriedade. Eles tiveram apenas que mostrar as ferramentas de tortura para ele para obter uma confissão. — Kami'en imitou o pesado sotaque austrasiano. — "Foi um plano de Amália! Ela mandou buscar a criança assim que a fada partiu."

Amália ficou mais pálida do que os lírios aos quais devia sua beleza.

— É mentira!

— Isso não me importa. Onde está meu filho?

Ela balançou a cabeça, de novo e de novo.

— Ele prometeu que o protegeria como seu próprio filho, até… — Ela se calou como quem compreende que está pisando em areia movediça.

Até que você expulsasse sua amante, até que você a tivesse esquecido, até que você amasse somente a mim…

— Onde está meu filho? — ele repetiu.

Ele pensara que ela era inteligente, mas era burra! Como poderia esperar amor se o fazia perder o que amava mais do que tudo? E o que era? O filho ou a fada? Mas que importância tinha a resposta? Nenhum dos dois estava lá.

Ele gostaria tanto de bater nela…

— A partir de agora este palácio será sua prisão. Os súditos não saberão, não posso permitir novos tumultos. Eu lhe dou um mês. Se até então meu filho não voltar ileso, mandarei executá-la. Junto com seu padrinho.

Ele foi até a porta.

Amália apenas ficou ali, com seu vestido branco. Kami'en ainda se lembrava do vestido de noiva encharcado de sangue. Um casamento que começara com uma traição não podia acabar bem.

Seu ajudante abriu a porta para ele, que se virou mais uma vez.

— Não cortaram a cabeça de uma de suas antepassadas na Lorena? Os goyls são menos bárbaros. Mandarei fuzilá-la.

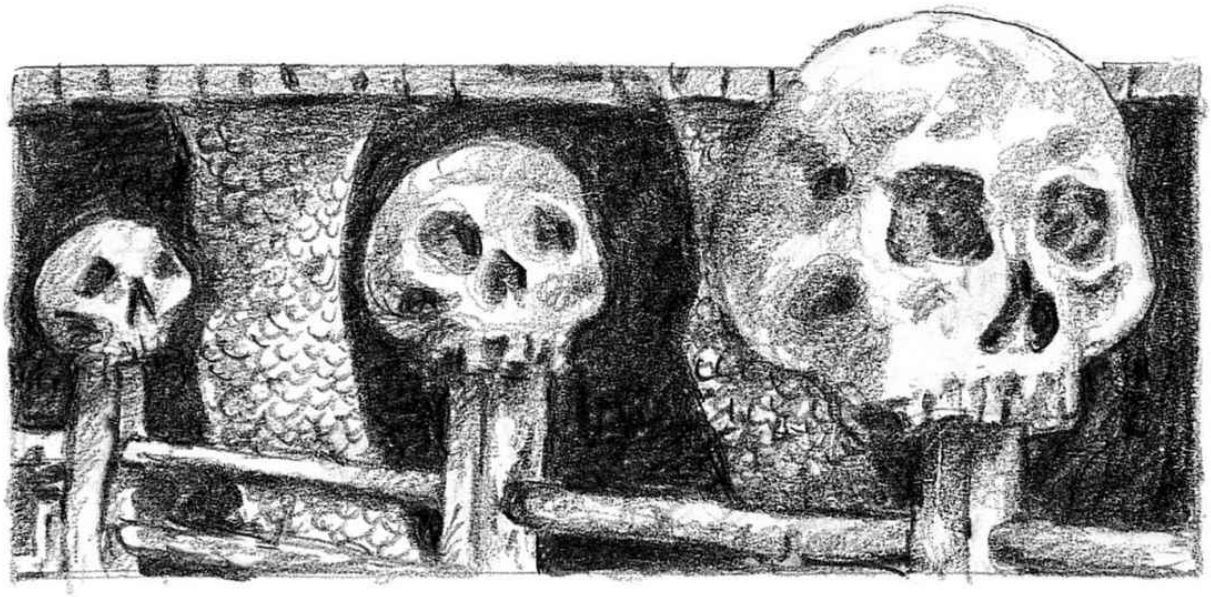
— Não sei onde ele está! Por favor! Você precisa encontrá-lo! É meu filho também! Nunca quis perdê-lo!

Kami'en já saíra pela porta quando ela perguntou:

— Você vai chamar a fada de volta?

— Por que o faria? Ela me traiu, como você.

Ele decidira ver as coisas dessa maneira. Para esquecer que a traíra antes.



27
Mil passos para o leste

Era tão difícil andar. O corpo que suas pernas carregavam parecia ter o triplo do peso. *Os bolsos cheios de prata. Não, os ossos cheios dela. A pele. A carne.*

Mil passos para o leste. Assim diziam que se chegava até ela.

Ele mal havia dado cem passos quando precisou se encostar numa faia e ofegou prata. Pelo menos era uma faia. A floresta já começava a mostrar folhas largas.

A casa dela ficava mesmo em cima de pés de galinha?

Às vezes, os contos de fadas de seu mundo descreviam o outro lado do espelho de maneira incrivelmente exata, mas algumas vezes Jacob quase pagara com a vida por confiar neles.

Cada tronco parecia fazer uma careta, rostos de elfos por toda parte.

Guerra é guerra.

Cento e cinquenta… duzentos… ele andou através do matagal da altura de seus ombros com a bússola na mão através da mata aveludada de musgo e liquens floridos. Um jovem lobo escapuliu dali quando Jacob apontou a pistola. Ele mal conseguia encaixar o dedo no gatilho.

Trezentos. Os próximos cem foram cansativos como dez mil, e sua respiração estava tão pesada como se carregasse o corpo prateado de Fux em seus ombros. Que péssimo salvador ele se saíra.

Quatrocentos. Quinhentos. Seiscentos…

Setecentos. Oitocentos.

Jacob esfregou o pó azul em sua pele chamuscada. Ele tirava o cheiro. Elas tinham narizes acurados, e pegá-las desprevenidas

poderia salvar sua vida.

Novecentos e cinquenta…

Mil.

E ali estavam eles. Até aí os contos de fadas não haviam mentido. Havia crânios fincados nas estacas da cerca que despontavam entre as árvores.

A cabana que protegiam estava coberta por esculturas de madeira: flores, folhas, animais e rostos humanos… A visão lembrou Jacob das xilogravuras que ilustravam os livros antigos de contos de fadas. Mas talvez fossem as xilogravuras que lembrassem aquela cabana.

Ele parou para esperar que sua respiração se acalmasse e o cansaço de seus membros envenenados diminuísse. Nos primeiros anos com Chanute, muitas vezes sonhara em roubar sozinho um dos crânios que vigiavam as cabanas das baba yagas. Ele queria dá-lo como abajur de presente a Chanute. Que idiota. Naquela época ele estava sempre procurando uma oportunidade de mostrar sua coragem ao mundo e a si mesmo. Isso não havia mudado, Jacob pensou ouvir Fux zombando.

Um pardal dourado calou-se em cima dele na galharia de um carvalho. Um galho podre se partiu sob suas botas. O ar cheirava a aspérula e madeira úmida.

Entre as estacas com os crânios, um sapo o encarou com seus olhos dourados. Bastou emitir um coaxado abafado e a cabana se ergueu da relva úmida, até ficarem visíveis duas pernas altas de couro. De fato, os contos de fadas de seu mundo estavam certos. No entanto, pareceu a Jacob que não mencionavam o animal certo. Pernas de galinha? As pernas vermelhas carnudas pareciam mais de um lagarto.

A cabana girou algumas vezes em torno de si mesma numa velocidade espantosa. Quando se abaixou novamente na relva, a porta estava virada para Jacob. A tartaruga saltou dali, mas sua dona não teve pressa. Talvez quisesse dar uma oportunidade de suas caveiras o examinarem.

Finalmente, ela saiu. Um rosto anguloso, flores que se transformaram no desenho de um vestido, trepadeiras entalhadas

que formavam braços e pernas. O vestido começou a se colorir enquanto Jacob andava em sua direção, uma dúzia de cores fortes, bordados que cantavam a magia do mundo e das baba yagas. A roupa não estava muito limpa — dizia-se que a sua dona gostava de esfregar terra da floresta na pele —, mas as cores envergonhavam os mais suntuosos trajes reais. Nas aldeias ucrainianas, era tradição copiar as roupas das baba yagas e passar de geração em geração os lençóis bordados para envolver os recém-nascidos e os mortos. Havia ali e em Varângia tantas histórias sobre as bruxas quanto entalhes esculpidos em suas cabanas. Dizia-se que seu nariz às vezes crescia até o alto do telhado e seus dedos terminavam em garras de corvos. Devia ser mesmo verdade, se assim quisessem. As baba yagas podiam, como todas as bruxas, mudar sua aparência. Aquela se mostrou a Jacob na primeira hora da manhã tão velha como era — mais do que a floresta em que vivia, mais do que a casa que já habitava havia séculos. Sua pele era tão sulcada como a madeira da cabana; o cabelo, cinzento como a fumaça que subia da sua chaminé; os olhos, vermelhos como a papoula selvagem que crescia atrás de sua cerca de crânios.

— Olha só o que você está me trazendo. — Ela estalou os dedos secos e a prata se dissipou da pele de Jacob como suor evaporando. — Pensei que tivessem pegado todos eles. Em prisões de casca de troncos, cegos e mudos, sufocados entre folhas, os pés lépidos agrilhoados com raízes. — Ela fez a prata dançar no ar até que pousasse em um crânio. — Um deles escapou e é seu inimigo? Isso não é bom. Nem mesmo eu poderia com eles.

Jacob andou até a cerca, mas parou a um passo dela. Do outro lado, não havia tempo nem memória. Dizia-se que as baba yagas comiam o tempo como pão.

— Não vou contar a eles que você me ajudou. Eu lhe trouxe algo muito valioso para trocar por um dos seus rushnykys.

As bruxas apreciavam quando alguém entrava no assunto sem delongas. O sorriso que se espalhou em seu rosto magro confirmava que as baba yagas não eram exceção.

— Ah. Um negócio. Por que não entra?

— Você sabe por quê.

O sorriso encheu suas rugas.

— Que pena — ela ronronou. — Seu rosto ficaria excelente na porta.

Jacob contou mais de uma dúzia entre as flores e os pássaros de madeira. Um lhe pareceu familiar. Era de um caçador de tesouros que ele conhecia, um idiota ganancioso que se divertia em alimentar seu cão-lobo com heinzels. O que tentara roubar da baba? Um de seus ovos mágicos? A galinha que os punha? Ou a mesma magia de tecido pela qual Jacob viera?

A baba yaga ergueu seu braço esquelético e, da parede da cabana, soltou-se um dos pássaros entalhados. Era um corvo. Suas penas tingiram-se de preto no voo. Ele cravou as garras no couro cabeludo de Jacob e começou a ciscar em seu crânio, como se quisesse tirar seus pensamentos de lá. Não era uma sensação agradável. Então ele voou até pousar no ombro de sua dona e enfiou a ponta do bico no ouvido dela. Seu crocitar soava como os sussurros de um ancião.

— Então você não quer meu rushnyky para si mesmo?

As árvores que cercavam a cabana rumorejaram espantadas, como se não vissem muitas vezes tamanho altruísmo.

— Não. Preciso dele para uma amiga.

A baba yaga apertou os olhos como se quisesse vê-lo mais nitidamente.

— Me mostre o que você tem para mim.

Os olhos vermelhos se arregalaram cobiçosos quando Jacob tirou o vestido de pelo da mochila.

— Ah, sim — ela sussurrou. — Esse vestido faz concorrência até mesmo ao meu.

Ela se apoiou sobre a cerca e estendeu-lhe a mão para que lhe desse a pele.

— Você tem um cheiro estranho — ela disse. — Como se viesse de longe daqui.

— De muito longe. — Jacob afastou-se da cerca e da mão estendida. — Você sabe o que acontece se me tirar o vestido à força.

— Tem razão, seria uma pena. Já volto.

Ela se virou e andou em direção à casa. Cantarolava quando desapareceu dentro dela. Dessa vez, usou a porta.

Jacob ficou lá uma eternidade.

Enquanto o corvo olhava para ele de cima do telhado.

Quando sua dona finalmente apareceu na porta, segurava um lençol que era ainda mais finamente bordado do que o vestido.

— Ele também o protege de seus inimigos. Você sabia disso? — ela perguntou quando estava novamente junto à cerca. — Mesmo daqueles que as fadas baniram para as árvores. Meu lençol deixa todos cegos.

Jacob estendeu a mão direita para o rushnyky, enquanto com a outra mão passava por cima da cerca o vestido de pelo. Ele precisou se lembrar do rosto prateado de Fux para não tirar a mão no último momento. Quando a baba yaga apertou o vestido debaixo do braço esquelético e foi mancando com ele de volta para a casa, Jacob teve a sensação de ter vendido a alma de Fux. Não havia outro meio. Ele repetia isso a todo instante enquanto seguia o próprio rastro para voltar à clareira na qual Chanute e Sylvain esperavam. Pareceu passar uma eternidade até que finalmente avistou o brilho do fogo entre as árvores.



28
As cores da baba yaga

Fux ainda estava deitada no mesmo lugar, como se nunca tivesse se mexido, presa na própria carne paralisada. Chanute cortara seu vestido prateado para que o fogo pudesse aquecê-la melhor e a cobrira com a velha manta sem a qual jamais viajava (Jacob achava que era um presente de um amor do passado.)

— Vamos, vire-se! — ele ordenou a Sylvain antes de envolver o corpo prateado com o lençol da baba yaga. O outro obedeceu calado. Tinha lágrimas nos olhos. Os insultos haviam se esgotado.

Por favor! Jacob não sabia a quem fazia o pedido. Ele não acreditava em espíritos e deuses aos quais as pessoas faziam súplicas de um lado e de outro do espelho, mas Fux sim. Jacob acariciou os cabelos endurecidos.

Por favor!

Ela o mataria caso viesse a saber com o que pagara o lençol. Não, pior. Nunca mais olharia para ele.

Chanute ajoelhou-se ao seu lado.

— Caso ela acorde… — Ele pigarreou como se o “caso” estivesse atravessado como um espinho na sua garganta. — Quero dizer… é uma desgraça ver vocês dois, deviam parar de fingir um para o outro. Droga. O próprio Ludovik Rensman com seu rosto de garoto sem barba mostra mais coragem do que você!

— O que isso tem a ver com coragem? — retrucou Jacob irritado. — Tenho meus motivos. Somos amigos, não basta? Agora cuide dos seus próprios assuntos. Por acaso lhe disse que você deveria pedir a atriz em casamento em vez de tatuá-la no peito?

Chanute passou a mão no rosto.

— Ah, eu pedi muitas vezes. Mas ela não quis.

Mesmo assim, a foto dela estava em seu quarto. Eleonora Dunsteadt… Não era uma atriz muito boa — Jacob a vira no placo

em Álbion —, mas tinha um exército de pretendentes.

Na testa de Fux, formava-se na prata um bordado com os desenhos da baba yaga.

Ela encontraria outro. Se necessário, ele encontraria para ela. Outro… *Como se apenas a ideia já não o deixasse doente, Jacob.* Apesar disso, fazia bem falar sobre Fux, como se ela pudesse responder, franzir a testa como quando ele a aborrecia.

Caso acordasse. Ela tinha que acordar.

— Vocês foram feitos um para o outro! O próprio Sylvain diz isso. — Quando Albert Chanute estava com vontade de falar, era mais fácil proibir um corvo de grasnar.

— Esqueça! É impossível. — Ele não queria falar sobre o preço do Jogador ou a briga que ele e Fux haviam tido por causa disso.

— Ah, vejo que Jacob Reckless está bancando o enigmático mais uma vez! — Chanute calou-se ofendido e andou para mais perto de Sylvain, que estava sentado entre as árvores, cabisbaixo.

As horas se passaram e os bordados da baba yaga cantavam e dançavam sobre a prata do elfo. Flores, árvores, montanhas, luas e estrelas… Jacob perdeu-se nas imagens até que um suspiro o fez erguer o olhar. Os lábios de Fux haviam se aberto, como pétalas de flor.

Ele chamou Chanute. O velho quase tropeçou nos próprios pés, tão depressa se precipitou para o lado de Fux. Sylvain foi atrás dele com uma expressão incrédula.

Chanute deu a poção de Alma para Fux com um cuidado que ninguém teria atribuído à sua única mão.

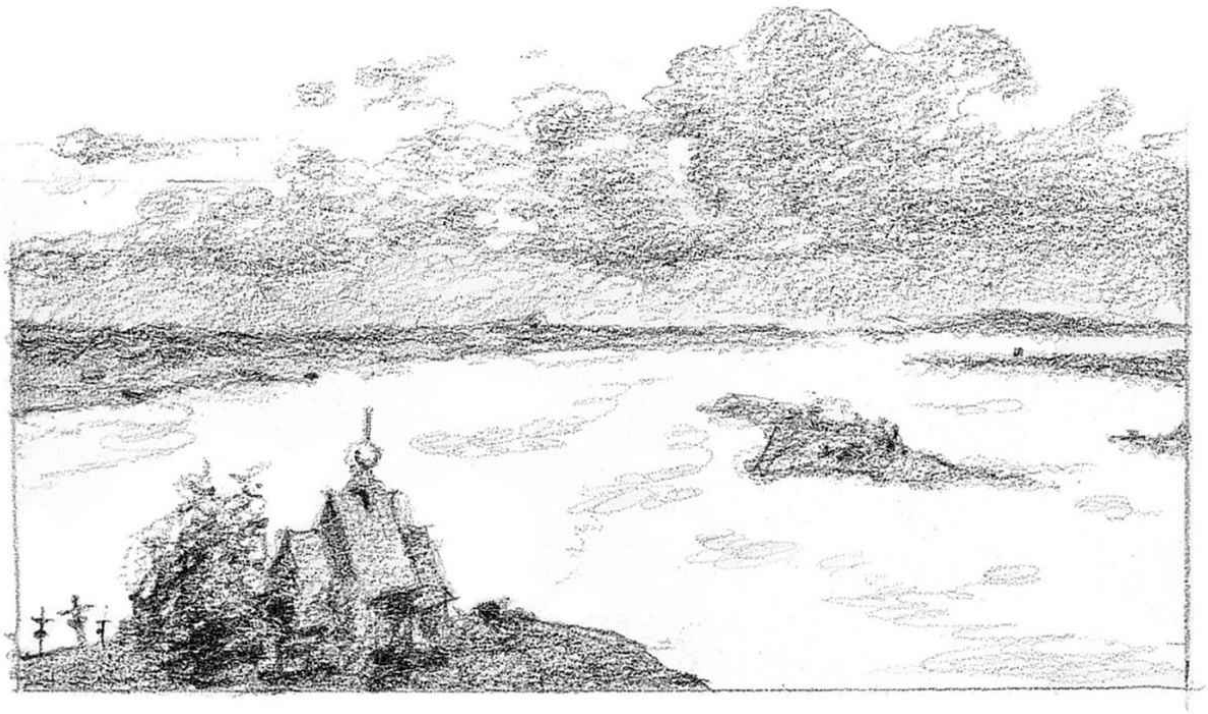
Jacob se levantou. Seus membros ainda estavam duros e pesados como os de outra pessoa. Olhou para a copa das árvores. Estava escurecendo. Era o melhor momento para visitar uma bruxa, tanto no leste quanto no oeste. Elas raramente ficavam em casa quando havia lua no céu.

— Invente alguma coisa quando ela acordar — ele disse para Chanute. — Diga que estou procurando o rastro de Will, qualquer coisa, mas não a deixe ir atrás de mim!

Chanute se pôs em pé com dificuldade.

— Você não pode pegar o vestido de volta! — Ele o conhecia bem demais. — É suicídio! Fux vai superar!

Não, ela não superaria. Ele levara sua alma. Como Fux poderia viver sem ela?



29
A borboleta esquecida

O rio era tão largo que ao vê-lo Nerron sentiu náuseas. As rodas da carruagem haviam deixado sulcos profundos na lama da margem antes que seu rastro se perdesse nas águas. Nada comprovava mais claramente o destemor de Kami'en do que a escolha de suas amantes. Ele levara para sua cama o maior medo dos goyls: uma mulher que nascera da água.

A fada não havia deixado apenas as marcas das rodas e os restos de uma teia de mariposas em alguns salgueiros jovens. Os cadáveres margeavam o rio ao longo de milhas, homens com a pele cortada e rostos que davam a impressão de terem sido aniquilados por uma formidável tempestade de granizo. Haviam chovido pedras muito preciosas… Nerron inclinou-se sobre um dos mortos e pegou alguns diamantes dos cabelos molhados.

— Ainda tem certeza de que quer que eu encontre a fada para você?

Will observou os mortos e assentiu. Talvez a visão o lembrasse do massacre na catedral. Diziam que lá as mariposas da fada haviam matado mais de trezentos homens. Nerron observou discretamente à sua volta, mas seus acompanhantes não estavam à vista. O que não significava que não estavam por ali. O goyl tinha certeza de que Will não sabia nada da existência deles. Já ele tinha o duvidoso prazer de sempre ver Dezessete. Ele achava que estavam avançando muito devagar. Dormiam e comiam demais para o espelhim, necessidade que Dezessete aparentemente não tinha. Mas a fada viajava depressa. Parecia que nunca compensariam sua vantagem, e Nerron não precisava de um rosto de espelho para lembrá-lo de quão dura seria aquela caça.

Gostaria muito de fazer perguntas ao Filhote sobre o criador de Dezessete. Teria apostado a sua pele marmorizada em que o

humano já o havia encontrado e estava viajando por seu encargo. Mas na certa Dezessete não gostaria dessas perguntas, e Nerron não desejava acabar como a mosca prateada, portanto fez o papel de pele de pedra submisso para o espelhim, seguiu o rastro da carruagem e ficou imaginando que derretia Dezessete e Dezesseis e os transformava em cálices de prata nos quais tomava aguardente de goyl. No dia anterior o Barba de Leite interrompera uma de suas fantasias perguntando-lhe se acreditava no amor verdadeiro. “O que a garota de vidro faz com você à noite?”, Nerron quis retrucar. Ela faz você sonhar com outra, com todos aqueles rostos que tem?

Amor verdadeiro! Quando falava aquilo, o Filhote tinha um ar tão culpado como se tivesse se aproveitado da inocência de pelo menos três princesas. Nerron não conseguia entender!

Mas, sempre que a tentação de arrancar dele algo mais sobre sua missão era irresistível, o ar ficava ameaçadoramente morno, e Nerron pensava sentir os dedos de prata de Dezessete na nuca.

Decididamente, estava pensando demais no Cara de Lesma. Ainda se acostumaria a ele como às salamandras domesticadas que possuíra uma vez. O olhar do Filhote estaria fazendo com que se esquecesse de quem era irmão?

Droga.

Não importava o que o Barba de Leite estava levando para a fada. Não importava por que os Caras de Espelho o vigiavam. Jacob Reckless o roubara, e o Bastardo queria vingança. Ele fazia o papel de guia porque no final entregaria Will ao açougueiro, assim como já fizera com bezerros mágicos, pombos encantados e peixes falantes. Que importava se os compradores arrancassem do corpo dele o coração ou a língua tagarela? (Nerron teria apostado suas garras em que Dezessete e Dezesseis não tinham intenções nem um pouco boas.) Vingança. Fama. Riqueza. Era o que interessava ao Bastardo. Nessa ordem. E de quebra um mundo novinho em folha.

A única coisa que o preocupava era que ele repetia isso a si mesmo vezes demais.

Talvez ajudasse imaginar, a cada vez que o Filhote lhe desse nos nervos com suas gentilezas, que preço obteria por ele num mercado

ilegal de ogros, ou que o lançava numa das armadilhas de lava nas quais os ônix queimavam vivos seus prisioneiros.

— Como você acha que ela atravessou o rio?

Que bom que o cordeiro inocente não era nem de perto tão bom quanto Nerron lendo rostos goyls.

— Ela andou por cima da água, o que mais? Não fez isso quando você tinha uma pele decente e era o guarda-costas do amante dela?

O modo como ele o encarava toda vez que usava luvas de pelica. Como se fosse um ogro.

Armadilhas de lava, Nerron. Mercado de escravos.

— Você sabe onde fica a próxima ponte?

— Ponte? Goyls não precisam de pontes.

O Filhote parecia não se lembrar do medo da água. Às vezes, parecia a Nerron uma lagarta que se esquecera de que saíra do casulo e já se transformara em borboleta.

Algo na margem refletiu a luz do sol. Ah, ali estavam eles. Metade várzea, metade rio, o sol no rosto. Nerron estava ficando melhor em reconhecê-los. Às vezes, espelhavam o que estava à sua frente, às vezes o que estava atrás, e às vezes as imagens eram tão arbitrárias como seus rostos. Eles não só se mantinham longe dos salgueiros, entre os quais ainda havia restos da teia da fada, mas também do rio. Nerron desconfiava que detestavam água tanto quanto ele.

Ele lhes mostraria para que precisavam do goyl.

Encontrou o próximo túnel a menos de uma milha ao sul do ponto em que a fada havia matado os cossacos. Os mosaicos na entrada exibiam lagartos e morcegos. Seu estilo denunciava que o túnel tinha cerca de mil anos. O medo que os goyls sentiam da água era mais antigo do que a maioria das pontes humanas, e nessa região a malha de túneis era especialmente densa, porque as Cidades Perdidas ficavam ainda mais a leste. A maioria delas era inteiramente feita de malaquita. Sua mãe lhe contava sobre elas quando ele se envergonhava dos veios em sua pele de ônix. Ela descrevera a cidade com tantos detalhes que ele finalmente acreditara tê-la visto com seus próprios olhos. Um dia…

A maior parte dos humanos hesitava antes de entrar num túnel, sobretudo quando conduzia para as profundezas de forma tão íngreme. Will Reckless não. Desapareceu dentro dele sem esperar por Nerron. Talvez a borboleta não tivesse esquecido tudo.

Os espelhins não precisavam de túnel nem de pontes.



30
Tudo perdido

Ela era feita de cores. Pintavam sua pele e seus ossos. Vermelho. Verde. Amarelo. Azul. Fux abriu os olhos e sentiu um tecido em sua pele que era quase tão quente quanto o pelo.

Alguém se inclinou sobre ela.

Chanute. O que ele estava fazendo ali? Onde ela estava?

Sylvain estava ao lado dele.

— A seu dispor, *ma jolie…*

Os pensamentos trilhavam caminhos malucos na cabeça, como se não fossem seus.

— Bem-vinda de volta! — Chanute acariciou seu rosto com a mão que lhe restava com tanta delicadeza que por um momento ela se sentiu como uma criança. Ele tinha lágrimas nos olhos, uma cena bastante inusitada. O que acontecera? Se pelo menos conseguisse lembrar… Ela se sentia como se tivesse dormido cem anos, como se curada depois de uma longa doença.

— Traga roupas, Sylvain! — disse Chanute. — Ainda tem algumas no alforje.

Roupas… Somente então Fux percebeu que estava nua sob o lençol que a envolvia. Ela o puxou para mais junto de si enquanto se sentava. Sylvain desviou o olhar encabulado quando lhe estendeu as roupas sobressalentes. O que acontecera com as que usava? E onde estava Jacob? Ela olhou ao redor em busca dele. Estava com ela, não estava? De repente vieram as imagens. Terríveis: uma figura, humana e não humana, bela e horrível ao mesmo tempo, a mão em seu rosto, como metal quente, o grito de Jacob…

Onde ele estava?

— Albert. Onde está Jacob?

Chanute emitiu um grunhido e começou a carregar seu revólver. Não era fácil apenas com uma mão.

— *Accouche qu'on baptise!* — Sylvain tirou a arma e os cartuchos da mão dele. — Vamos, diga a ela. Uma hora vai descobrir mesmo. É mais esperta do que nós três juntos!

Fux olhou para o lençol no qual acordara. Viu os pássaros, as flores — magia bordada. Difícil de encontrar, mais difícil ainda de pagar.

— Onde ele está, Albert?

Quando alguém chamava Chanute pelo nome, ele ficava como se estivesse na escola e o professor o chamasse para ir à lousa.

— Albert!

— Está bem, está bem — ele resmungou enquanto Sylvain tirava a pistola carregada da sua mão. — Vou atrás dele. Mas você fica aqui.

Sylvain olhou para o cavalo de Fux. Ela soube por que ainda antes de pôr a mão no alforje. O vestido de pelo e Jacob… as duas coisas na vida que ela simplesmente não podia perder desaparecidas. A floresta que a cercava lhe pareceu o lugar mais tenebroso em que já havia estado.

— Ele voltou para lá? — Ali estava ele de novo, o medo familiar, o pior preço do amor. — Como pôde deixá-lo ir? — ela ralhou com Chanute.

— E como você acha que poderíamos detê-lo? — ele respondeu em tom rude. Sylvain parecia um cãozinho que havia sido repreendido. E como alguém que sabia como era perder a coisa mais preciosa que possuía.

Jacob apagara suas pegadas para que ela não pudesse segui-lo. Mas Fux já vira muitas vezes como ele camuflava seu rastro. Ela não sentia mais nada da prata. Ao contrário, era como se tivesse nascido novamente, o que com certeza se devia ao lençol. A encosta que o rastro de Jacob descia logo ficou tão íngreme que os cavalos não puderam mais seguir em frente. Eles os libertaram, porque não podiam ter certeza de que voltariam pelo mesmo caminho. O tapete de folhas pontiagudas deu lugar a folhas largas

avermelhadas e à terra escura. Fux seguia o rastro tão depressa que logo ouviu Chanute ofegar atrás de si. Já Sylvain a acompanhava com passos tão lépidos como se tivesse perambulado por aquela floresta quando criança.

— Ah, *magnifique*! — Fux sempre o ouvia repetir. Ela própria poucas vezes vira uma floresta mais antiga. Algumas das árvores pelas quais passaram poderiam sustentar toda uma aldeia com seus galhos, e logo ficou tão escuro sob o denso teto de folhas que Chanute e Sylvain tiveram que segui-la mais com os ouvidos do que com os olhos.

Um grito.

Fux parou. Ela não tinha certeza se a voz que soava era de um pássaro ou de uma mulher.

— Ah, ela está furiosa! — Chanute sussurrou atrás dela. — Isso é bom. Ou muito ruim.

Quando Fux perguntou se já havia encontrado uma baba yaga antes, ele apenas cuspiu com desdém.

— Bruxa é bruxa — resmungou. — Sei como lidar com elas. — Fux ouvira coisa diferente. Jacob dizia que Chanute sempre o enviava quando se tratava de lidar com elas.

Atrás das árvores, apareceu uma cerca com crânios, brilhando como lampiões amarelados.

— *Tabarnak*! Como abóboras no Halloween! — Sylvain parecia encantado, como se nunca tivesse visto algo mais bonito.

Não, o crânio de Jacob não era um daqueles. Estavam tão carcomidos que pareciam estar ali havia muitos anos. Centenas de anos, sussurrou a raposa. Era tranquilizador ainda senti-la dentro de si. Quando desapareceria, caso o vestido estivesse perdido? Quem seria sem sua voz, sem sua astúcia, sua coragem? Celeste. Apenas Celeste…

A cabana atrás da cerca era terrível e bela ao mesmo tempo. Diziam que pássaros que fossem imprudentes a ponto de procurar insetos em seu telhado se transformavam imediatamente em madeira. A julgar pelos rostos que olhavam das paredes, algumas pessoas tinham chegado perto demais da cabana e não haviam tido a melhor sorte. Fux não encontrou o rosto de Jacob ali, mas o que

isso significava? Afinal ela estava olhando apenas para a porta da frente. O fato de que a cabana lhes mostrasse essa porta significava que a baba yaga os havia notado. Chanute fez um sinal para Sylvain.

Fux sacudiu a cabeça advertindo-o, mas Chanute não o levou a sério. Chamas foram cuspidas das cavidades oculares e da boca dos crânios assim que os dois se aproximaram da cerca. Todas as bruxas eram irmãs do fogo. Chanute lançou-se para trás praguejando e deu um tiro na caveira ao lado do portão. Sylvain derrubou outra com um galho. Ela incendiou sua blusa antes de despedaçar-se, mas Chanute abafou as chamas com seu casaco, enquanto arrastava Sylvain para debaixo das árvores.

Idiotas! Fux amaldiçoou os dois, embora soubesse que era a preocupação com Jacob que os tornava tão imprudentes.

— Excelente! — ela sussurrou. — Se Jacob ainda estiver vivo, agora a baba yaga tem todos os motivos para matá-lo. Vou sozinha, e não pensem em vir atrás de mim!

Ela ignorou o olhar apavorado de Chanute quando ele lhe estendeu seu canivete e seu cinto com armas. Nada daquilo adiantava contra uma baba yaga. A única coisa que levou consigo foi o lençol bordado que a havia salvado.

As caveiras chamuscaram seu vestido com sua luz de fogo quando ela se aproximou da cerca, mas não a atacaram. Quando ela estendeu a mão para o portão, ele se abriu sozinho.

Aquilo era bom ou ruim? *Não se prenda aos seus próprios pensamentos, Fux. Eles cegam e ensurdecem.*

Os rostos de madeira olhavam do alto para ela, e não, Jacob não estava entre eles, mas o que isso queria dizer? Ele podia ser a fumaça que subia da chaminé, a terra preta sob suas botas. A cada passo que dava, flores brotavam do chão. Fux se desviou delas cuidadosamente. Passou por cima de caracóis que carregavam sua casa através do jardim da bruxa, de lagartas e centopeias que cruzavam seu caminho.

“Quem trouxer a morte para a casa da baba yaga a colherá ali”, cantavam os pássaros atrás dela nas árvores. A raposa os entendia.

Ouvidos humanos teriam deixado passar a advertência. Ela não queria voltar a ser surda. Queria seu vestido. E Jacob.

As flores esculpidas que cobriam a porta se fecharam assim que ela bateu. Fux ficou muito tentada a pôr a mão na maçaneta, mas esperou e finalmente a porta se abriu.

Diante dela estava uma criança. Sua roupa era colorida como o lençol que Fux carregava no braço. Era uma menina, de oito, talvez nove anos (caso se pudesse contar sua idade em anos humanos). As bruxas podiam assumir praticamente qualquer forma.

— Se está atrás da minha avó — disse a criança, como se tivesse ouvido seus pensamentos —, ela saiu. Estava muito furiosa. Ele a enganou, isso não acontece com frequência.

O riso claro de criança não combinava com a cabana sombria.

Ela pegou alguma coisa no ar, e entre seus dedos apareceu um fio de linha dourada, não tão fino como o de uma teia de aranha, mas firme como lã fiada. A menina seguiu-o com os dedos, até que ele levou ao coração de Fux.

— Eu sabia. — O fio desapareceu assim que ela abaixou a mão. — Ele pertence a você.

Ela tirou o pano da mão de Fux e estendeu-o sobre a soleira. O cômodo atrás dela era escuro, mas a criança bateu palmas.

— O que vocês estão esperando?! — ela exclamou. — Temos visita, acendam a luz!

Imediatamente começou a arder ao redor uma dúzia de velas, como que acesas por uma mão invisível.

— Tragam leite e pão! — exclamou a menina. Os criados invisíveis obedeceram, e Fux sentou-se numa cadeira que empurraram até ela.

“Onde está Jacob?”, sua língua queira perguntar. “O que vocês fizeram com ele?” Mas, em vez disso, ela bebeu o leite e comeu o pão doce enquanto a menina a observava com seus olhos verdes de gato. Ela esperou até que Fux tivesse bebido o último gole e desse a última mordida. Então pegou novamente sua mão.

O cômodo para o qual puxou Fux era ainda mais escuro do que o resto da cabana. As correntes de madeira que prendiam Jacob à parede davam voltas em torno de seus braços, pescoço e pernas.

Seu rosto estava ensanguentado e arranhado, e ele estava inconsciente. Os ferimentos na testa e no rosto eram profundos.

— Ele não disse à minha avó onde pôs seu vestido — disse a menina —, embora ela tenha mandado os corvos atrás dele. Simplesmente o fez desaparecer, diante dos olhos dela!

As correntes apertaram ainda mais firme quando Fux tentou libertar Jacob, mas quando a criança as tocou elas se soltaram. Fux o segurou nos braços. Ele acordou, mas parecia embriagado. Não tinha certeza se a reconhecera.

— Rápido, leve-o — a menina apressou-a. — Antes que ela volte.

Fux precisou de todas as suas forças para segurar Jacob. Perguntou a ele pelo vestido e percebeu que mal sabia quem era e onde estava.

— Por que você está nos ajudando? — ela perguntou à menina quando a porta que dava para fora da casa abriu.

Como resposta, ela estendeu a mão, até que novamente segurou um fio brilhante entre os dedos.

— Até minha avó precisa respeitar o fio dourado. Mas ela queria tanto o vestido…

Jacob apoiou a testa no ombro de Fux. Ele mal conseguia ficar em pé.

— Dê tempo a ele — disse a menina. — Sua alma precisou se esconder, senão o corvo a teria picado em pedaços.

Ela colheu um cardo que crescia ao lado da porta e encheu a mão de Fux com as sementes espinhosas. Então tirou um lenço da manga.

— Jogue as sementes atrás de você assim que ouvir o corvo gritar. Se continuar seguindo vocês, cuspa no lenço e jogue-o para trás. Agora vá! Você vai ter que passar pelo portão sozinha. Ela sente quando saio de casa.

A cerca com as caveiras parecia estar perto, mas Fux mal conseguia segurar Jacob e a cada passo o portão parecia mais inatingível. Ela sussurrava repetidamente o nome dele, com medo de que a deixasse ali. Chanute esperava com Sylvain entre as árvores. Fiquem onde estão, Fux suplicou com os olhos — muitas vezes a raposa tinha que se virar sem palavras. Chanute segurou o

braço de Sylvain e o puxou de volta quando ele quis ir em seu auxílio.

Mais alguns passos.

Fux olhou para trás.

A neta da baba yaga estava na porta e olhava para as árvores ao redor como se já ouvisse a avó chegando.

Mais um passo. Só mais um passo, Jacob. Mas ele estava tão longe que Fux tinha medo de que nunca conseguisse sair da cabana escura, mesmo que escapassem da baba yaga.

Seus dedos encontraram o portão. Ela o empurrou com a bota, enquanto mantinha tão firmemente os braços em volta de Jacob que sentia as batidas do seu coração.

A menina ainda estava na porta, mas, quando Fux fechou o portão atrás de si, ela se fundiu com os entalhes como se nunca tivesse sido outra coisa que uma pequena figura de madeira, entre um corvo entalhado e uma mulher muito velha.

Suor escorria pela testa de Chanute, mas ele esperou até que Fux alcançasse as árvores. Sylvain carregou Jacob nos ombros sem dizer uma palavra.

Eles se voltaram para o nordeste, onde a floresta ficava menos densa. Não demorou e começaram a ouvir o corvo. Quando Fux jogou as sementes no caminho, atrás deles cresceu uma sebe espinhosa da altura das árvores, e eles ouviram a baba yaga gritar enfurecida, enquanto seguiam depressa através de riachos e charcos pantanosos, campos onde círculos verdes revelavam onde as russalkas dançavam. Quando criança, Fux tinha visto uma delas numa quermesse na Lorena. O dono do local pusera um balde de água na jaula, mas a pele verde e opaca da ninfa parecia feita de folhas murchas. Seu padrasto havia enfiado um bastão pela grade. Fux o arrancara de sua mão e saíra correndo com ele, para longe das ninfas aprisionadas, homens de madeira e follets famintos…

Eles prosseguiram pela floresta desconhecida, perseguidos pela gritaria furiosa da bruxa.

Jacob ainda estava inconsciente, e Fux não conseguia se livrar da terrível suspeita de que ele havia deixado sua alma na cabana e Sylvain carregava um invólucro vazio.

O corvo os encontrou uma segunda vez, como a neta da baba yaga havia profetizado. Fux jogou o lenço cuspido e atrás deles se formou um vasto lago. O pássaro tentou voar sobre ele, mas sua dona o chamou de volta. A baba yaga estava na margem, olhando para eles, com um vestido quase tão colorido e ricamente bordado como o lençol com o qual Jacob salvara a vida de Fux. Então ela se virou abruptamente, com o corvo no ombro, e despareceu entre as árvores. Talvez estivesse vendo sua neta no lago e a reprovação em seu rosto.

Apesar disso, Fux não parou até deixarem para trás o último trecho da floresta, até que não tinham outra coisa diante de si além de campos e prados. Chanute tossia tão terrivelmente que ela o pôs nas costas. Jacob dormia. Ele dormia e dormia, enquanto nos campos os camponeses iam e vinham. Fux sentou e se perguntou se havia perdido tudo o que importava ao seu coração na floresta que ficara para trás.

Os campos já estavam desertos à luz da lua e Sylvain praguejava em seus sonhos quando Jacob abriu os olhos. Por um momento, Fux não ousou responder ao seu olhar, por medo de não encontrar nada ali além de vazio, mas ela o havia trazido de volta. Talvez encontrasse agora em seus olhos ainda mais conhecimento sobre o lado sombrio daquele mundo. Talvez a baba yaga tivesse lhe roubado alguns anos, mas não tivesse ficado com sua alma, como se dizia que era muito frequente ela fazer.

Jacob tirou uma pena do bolso do casaco. Fux a reconheceu, embora fosse branca e estivesse coberta de sangue: era a pena de um cisne-homem. Ela própria a havia roubado de um ninho meses antes. E pagado por ela com uma cicatriz nas costas.

Jacob pôs a pena no colo dela.

O vestido de pelo apareceu tão repentinamente como se seu desejo mais profundo tomasse forma. Fux acariciou o pelo que lhe era mais familiar do que a própria pele, enquanto com a outra mão enxugava as lágrimas.

Tudo perdido. E tudo recuperado.

— Você não deveria ter voltado lá — ela disse. — É só um vestido.

Jacob acariciou a testa inchada de Fux.

— Claro — ele disse. — É só um vestido.

Ela quase o beijou só para sentir seu sorriso nos lábios. Proibido. Fux quase havia esquecido.



31
Desaparecida

A Escura havia sumido. Sem deixar vestígios. Como se o rio que havia enchido de cossacos a tivesse engolido. Até podiam pensar que ela nunca havia atravessado a fronteira de Varângia. Mas o cocheiro da carruagem do correio que Nerron deteve depois de procurar pelo seu rastro por dois dias inteiros em vão jurou, assim como o ferreiro na última aldeia e o capitão do navio que haviam encontrado pela manhã, que ela estava a caminho de Moskva, para dar ao tsar exércitos de homens-ursos e homens-lobos. Varângia derrotaria os goyls, a ladra Álbion e o rei torto da Lorena. Ah, tempos dourados! O cocheiro deformado pela artrite se transformou numa feliz criança balbuciante enquanto os descrevia. Até mesmo o capitão do navio, que estava sentado à margem com os ombros esfolados, como que morto pelo esforço de conduzir barcas de carga pela água lenta, tinha um brilho semelhante no olhar quando se gabava dos dias gloriosos que a fada traria para sua pátria.

Dizia-se… acreditava-se… ouvia-se falar… Nerron gostaria de encontrar uma prova mais concreta de que a fada estava realmente a caminho de Moskva, mas Dezessete estava cada vez mais impaciente e o acordava todo santo dia antes do amanhecer. Nerron já tinha manchas de prata nas costas dos dedos.

O cocheiro do correio despareceu entre as árvores e Will ficou ali parado observando a estrada vazia. O Filhote estava muito calado aquela manhã. Ele devia ter sonhado algo quente. Dezesseis continuava a passar todas as noites ao lado dele. Nerron quase sentia ciúme. Will ainda carregava consigo o saco com a balestra, às vezes debaixo da camisa, às vezes no bolso do casaco. Pelo jeito, o irmão nunca lhe ensinara nada sobre o temperamento traiçoeiro das armas mágicas. Um dos lordes de ônix um dia havia atacado seus dois filhos com um punhal mágico. Mas, fiel ao seu

propósito de não agir de forma protetora com o Cara de Lesma, Nerron não contou a ele nada sobre isso, nem sobre a espada mágica que esquartejara a mulher de um príncipe de Álbion. Em vez disso, divertia-se com a ideia de contar a Jacob Reckless que seu irmão mais novo tinha novamente uma pele de jade graças a ele. Pouco a pouco, essa foi se tornando sua fantasia preferida. Seguida por aquela em que apresentava ao seu cliente o Filhote em forma de estátua de prata.

— Não acredito que ela queira ir para Moskva.

Isso foi surpreendente.

— É mesmo? Ela mesma lhe contou ou viu isso num sonho?

Jacob Reckless teria respondido ao escárnio com mais escárnio, mas o irmão mais novo permaneceu tão sério que simplesmente não teve graça.

— Posso senti-la. Assim como a gente sente o sol mesmo quando não o vê. — Ele pôs a mão no coração com um ar muito sério. — Talvez ela esteja mais próxima do que pensamos.

Seria bom demais para ser verdade. Nerron não queria estar por perto de Dezessete quando ele realmente ficasse impaciente. Pensava vê-lo sob as árvores, onde a luz do dia desenhava suspeitosos focos brilhantes no ar.

— Dê água para os cavalos. E mate alguma coisa para comermos.

Will assentiu. Ele olhava para a estrada com um ar tão ausente como se estivesse vendo a fada em pé no seu final.

— Você já ouviu falar no sono da Bela Adormecida?

— Claro — Nerron retrucou. — As fadas gostam de utilizá-lo.

Will ainda olhava para a estrada.

— A pessoa acorda apenas com o amor verdadeiro. Já ouviu dizer que isso não funciona?

Mas que diabos…

— Não existe amor verdadeiro. Quantos anos você tem? Parece que estou falando com uma criança. — Nerron pôs as rédeas do cavalo na sua mão. — Volto logo.

Will seguiu-o com o olhar, como se não tivesse dito tudo o que desejava. Ele estava tão perdido ali que Nerron quase voltou para

entupi-lo com a aguardente goyl que trazia consigo para tais ocasiões. Será que o Barba de Leite podia realmente sentir onde a fada estava?

O goyl andou entre as árvores e parou assim que teve certeza de que não podia ser visto da estrada.

— Dezessete!

O ar ficou morno — agradavelmente morno para a pele goyl, mas o matagal no meio do qual eles apareciam começou a murchar, enquanto as folhas e as sombras transformavam-se em rostos e roupas. Como aquilo funcionava? Espelhos que escolhiam eles mesmos as imagens que exibiam. Eles as colecionavam como se fossem recordações?

O rosto de Dezessete era mais jovem do que os outros que ele havia mostrado a Nerron até então, mas mudou novamente enquanto ele se aproximava pelo matagal. Dezessete o quê? Rostos? Ele tinha mais. A Faca, como agora Nerron chamava secretamente Dezesseis, fitou-o como se quisesse prateá-lo com o olhar. Talvez ela não o perdoasse por saber o quanto gostava do Filhote. Ela tinha uma mancha de cortiça na bochecha. Quando notou o olhar de Nerron, escondeu-a depressa com os dedos enluvados. Casca de árvore. Dezessete tinha uma mancha semelhante na testa. A maldição… eles não eram imunes a ela! Não admirava que estivessem com pressa.

— Nenhuma pista da fada. Dizem que foi para Moskva, mas o Filhote acha que não.

— Você deveria acreditar nele. — Dezessete tirou uma lagarta da árvore ao lado da qual ele estava. — A fada o enfeitiçou. Isso cria uma ligação. — Ele trocou novamente de rosto. O novo pareceu familiar a Nerron.

— Onde você arranjou esse rosto?

Dezessete olhou para a lagarta prateada em sua mão.

— Com o irmão dele, por quê?

— Onde o encontrou?

— Ele nos seguiu. Foi muito imprudente.

Jacob Reckless os estava seguindo?

— Onde ele está agora?

Dezessete apontou para a lagarta enrijecida.

Que coquetel de sentimentos! Nerron sentia surpresa, uma alegria pérfida e — de fato — uma forte e dolorida decepção. E agora, como ficavam todos os seus cenários de vingança?

— Você o matou?

Dezessete deixou a lagarta cair no musgo com um suspiro.

— Esse era o plano, mas ele sobreviveu. Alguma magia de bruxa. Este mundo é irritante. Magia demais. Sujeira demais. Péssimas estradas. E árvores por toda parte. — Olhou cheio de aversão para o carvalho ao lado do qual estava. — Não se preocupe. Ele perdeu o rastro de vocês.

Era preciso se preocupar quando se era seguido por Jacob Reckless. Apesar disso, Nerron estava feliz que seu concorrente tivesse sobrevivido aos dedos de Dezessete. Ele gostava de suas fantasias de vingança. Era provável que Jacob apenas quisesse a balestra de volta. Mas a ideia de que talvez também o seguisse porque sabia que ele era o guia de seu irmão o apaziguava enormemente.

Ah, a vida era bela…

Infelizmente tais estados de euforia tornavam Nerron imprudente.

— Você não gosta de árvores? — ele disse, e apontou para a testa de Dezessete. A casca de tronco podia ser vista até mesmo no rosto que ele roubara de Jacob Reckless. — Parece que logo você vai se tornar uma delas. Sua irmã de espelho já está bem malhada.

Os dedos que se fecharam em torno do seu braço cortaram sua pele de pedra como lâminas.

— Cuidado — sussurrou Dezessete. — Se o Barba de Leite souber onde está a fada, para que precisaremos de você, Pele de Pedra?

Sim, ele temia que Dezessete percebesse isso. Mas o ataque era a melhor defesa.

— Para que precisarão de mim? Para manter viva sua preciosa presa! Ou pretendem transformar em prata tudo o que se puser no seu caminho? Isso poderia causar certa euforia. — Nerron ergueu do chão a lagarta que Dezessete havia tocado. — Algo assim não se deixa no chão por aí. Você tem razão. Este mundo é cheio de

coisas irritantes, e algo assim, com um brilho tão promissor, atrai as piores.

Dezessete tirou a lagarta da mão dele. Ele a examinou tão interessado como se só agora notasse como era perfeita.

— Você tem razão. Vou começar a recolhê-las. — Na bolsa do cinto em que guardou a lagarta, espelhava-se a camisa de pele de lagarto de Nerron.

— Por que vocês se mostram a mim e não a ele? — ele perguntou.

— A fada não pode nos ver — Dezesseis respondeu rudemente. Ah, ela não suportava a situação. *Não se preocupe, minha bela, é recíproco.* Toda vez que ela olhava para Will, parecia que ia derreter. No sentido mais verdadeiro da palavra. Talvez eles reagissem assim a alguns sentimentos? Uma ideia interessante…

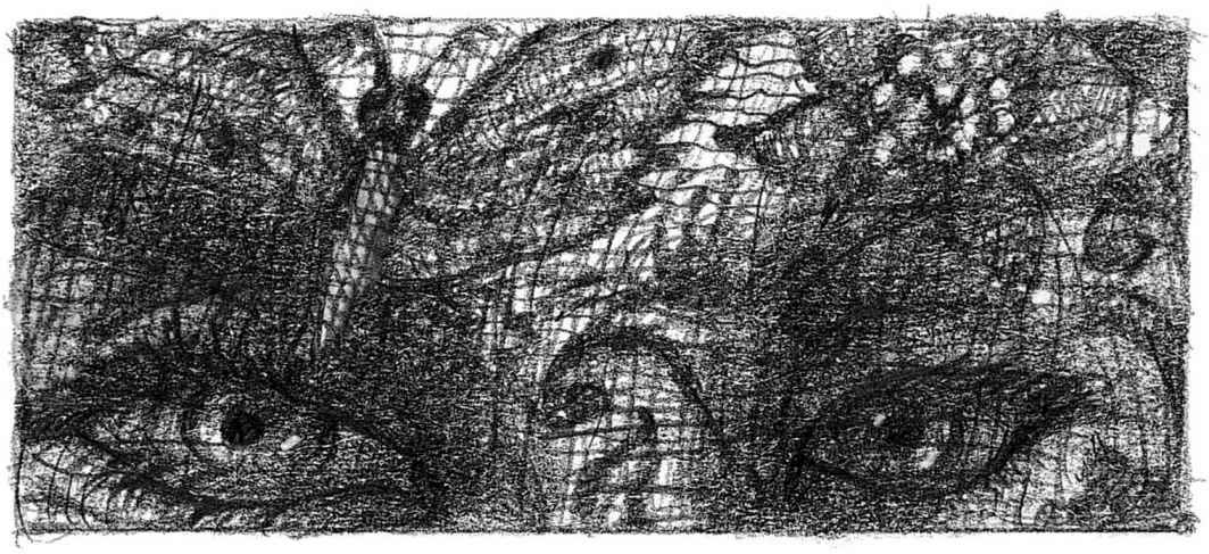
Will estava escovando os cavalos quando Nerron voltou com uma lebre abatida. Antes de partir, eles deveriam ter feito uma daquelas fotografias que eram a última moda: o Filhote e o Bastardo. Ele poderia deixar uma cópia para o irmão no Ogro Voraz.

— Então… para onde você acha que a fada quer ir?

Will hesitou por um momento, como se não tivesse certeza se o Bastardo realmente acreditava nele. Então apontou para sudoeste.

Aquilo não era muito preciso.

Mas não era de forma alguma a direção de Moskva.



32
A outra irmã

O corpo de prata, a maldição da baba yaga… Jacob não podia se lembrar de já ter estado tão cansado. Ele tinha a impressão de que havia deixado a melhor parte de si na cabana escura. Mas Fux estava viva e ele conseguira de volta o vestido de pelo. Por que ainda se sentia abatido? Ele sabia a reposta. Tinham perdido o rastro de Will, e não fazia a menor ideia de como ia reencontrá-lo.

— Não sei — resmungou Chanute quando eles compraram novos cavalos na fronteira com Varângia, ficando sem dinheiro.

— Talvez essa coisa toda seja grande demais. Não tem como acabar bem quando nos metemos com imortais, e seu irmão é adulto e pode tomar conta de si mesmo. E se mostrássemos a Arcádia e Ontário a Sylvain? Manitoba e Saskatchewan também não soam mal. Dizem que a terra lá está salpicada de tesouros excitantes, e prefiro ser transformado em besouro por algum animal selvagem do que morrer na cama em Schwanstein.

Desistir…

Chanute nunca tivera problemas com isso. Se uma caça se tornasse muito perigosa ou estivesse rumando para uma região de que não gostava, sempre era possível voltar.

Jacob olhou para Fux. Sylvain escutava as explicações sobre os entalhes que enfeitavam os beirais dos telhados da aldeia. Quase todas as criaturas mágicas de Varângia estavam reunidas ali: lobins e peles-de-urso, o pássaro da dor e o da alegria, cavalos voadores, dragões (extintos já havia muito tempo) e as baba yagas e russalkas, que se encontravam tanto em Varângia quanto na Ucrainia.

Sylvain sussurrou algo para Fux e ela riu tão despreocupadamente como Jacob não ouvia fazia tempo. Fora por pouco, por muito pouco. Sem o lençol da baba yaga ele a teria

perdido, e quantas vezes depois do barba-azul não havia jurado que nunca deixaria algo do tipo acontecer novamente?

De uma estação de fronteira, ele havia telegrafado a Dunbar contando o que acontecera. Um telefone — um reino por um telefone! Seu pai trouxera aviões e navios de ferro para aquele mundo, por que não um telefone? Enquanto esperava no guichê do telégrafo, vieram-lhe à mente muitos dos acontecimentos de que não se lembrava havia anos: uma tarde na qual seu pai (caso fosse seu pai) desmontara com ele o motor de um avião, uma briga com a mãe quando ela o apanhara no escritório abandonado com roupas rasgadas. Ela nunca suspeitara do espelho?

Jacob tinha certeza de que ainda era o espelho do elfo que lhe trazia tudo aquilo de volta. Dezessete se lembrava de todos esses acontecimentos quando usava seu rosto? Dezesseis sabia da água de cotovias quando tinha a aparência de Clara? Tantas perguntas… e ele não tinha nenhuma resposta.

Chanute lhes arranjara um quarto na única hospedaria da aldeia prometendo ao dono expulsar alguns gnomos do porão. Mas o episódio com a baba yaga prejudicara mais Chanute do que ele admitia e, quando viu o quanto Fux se divertia com Sylvain, Jacob decidiu cuidar dos gnomos sozinho. Ela até mesmo perdoara Sylvain por ele gostar de posar como seu protetor. Naquela mesma manhã, houvera pancadaria entre ele e um troll que havia esbarrado nela sem querer. Os trolls eram famosos por sua ira, mas Sylvain a havia defendido valentemente e, para se desculpar, o troll dera a Fux uma flor de madeira esculpida por ele próprio.

À esquerda da rua de terra na qual se situava a hospedaria, havia um gramado que dava num amplo açude. Alguns salgueiros deixavam seus jovens ramos verdes flutuarem na água e na outra margem um bando de gansos selvagens voava pelo céu azul-pálido da tarde. Dizia-se que os tsares de Varângia contratavam espiões minúsculos, que cavalgavam águias e gansos selvagens.

Jacob decidiu deixar os gnomos do porão esperando e sentou-se na relva úmida entre os salgueiros. Cansado e machucado, não conseguiria pegar nem meia dúzia de gnomos. Eles infestavam os porões por toda parte naquele mundo, como os ratos no seu.

Tinham até o mesmo tamanho. Ele dera a Will uma minúscula picareta com a qual abriam buracos nas paredes dos porões para construir quartos e despensas.

Onde Will estava?

Quando crianças, eles acreditavam que um podia sentir se o outro estava bem. Talvez em segredo Jacob acreditasse ainda nisso, mas, por mais que escutasse dentro de si, seu coração não lhe dizia como ou onde o irmão estava ou o que fazia. Algo parecia separar os dois, embora estivessem no mesmo mundo. Uma barreira de prata e vidro… ou de jade?

Jacob sentiu vergonha da pressa com que se virou quando ouviu um ruído atrás de si, mas ninguém apareceu entre os galhos do salgueiro. Apenas as folhas se moviam ao vento, e ele já ia se virando tranquilo quando viu o cartão na relva.

Estou impressionado. Pena que a raposa teve que devolver o lençol. Devo dizer que fica ainda mais bonita com a pele de prata, embora isso me impedisse de receber o prometido. Como pretende salvá-la da próxima vez? Com certeza não terá sempre uma baba yaga à mão.

Jacob não sabia o que era pior, a impotência ou a raiva. Ele era um peixe num anzol de prata. Devia ser divertido assistir a como se contorcia e se debatia. Sim, se pelo menos tivessem ficado com o lençol… mas ele fora tolo em se deixar apanhar. *Volte, Jacob. Por ela! Deixe-a em segurança. Leve-a para longe, onde não possam encontrá-la.*

Fux ainda estava ao lado de Sylvain. Ele podia vê-la através dos galhos. *Por ela. Desista, Jacob.* A Arcádia… por que não? Lá ninguém ouvira falar de elfos dos amieiros. Ou que tal Aotearoa, Tehuelcha, Oyo? Tantos lugares onde eles nunca estiveram...

O cartão se encheu com novas palavras. Já cumprimentos por sua decisão? Não, era mais do que isso. Era a recompensa. As letras se formaram com um traço tão fino, como se uma aranha escrevesse com seus fios.

Em Nihon cresce uma árvore em cujos galhos a lagarta de uma borboleta invisível faz seus casulos. Transmorfos que carregam consigo um dos casulos não envelhecem mais rápido do que pessoas normais…

O Jogador? Ah, não, ele era um diabo. “Faça o que quero e lhe darei o que você mais deseja.” E ele enfiará o anzol ainda mais fundo.

A lagarta faz casulos apenas de dez em dez anos.

Jacob jogou tão longe o cartão quanto seus membros cansados permitiram. Mas o vento o trouxe de volta.

— Você precisa enterrá-lo na terra úmida.

A mulher que estava na margem do açude cobria o rosto com um véu. Ele era tão vermelho quanto seu vestido, que teria combinado com um palácio, mas não com uma aldeia de Varângia.

Jacob se levantou.

Ele estava procurando uma fada e encontrara outra. Sua amante fatal, tão bela e inalterada. Involuntariamente, Jacob fez menção de pegar o amuleto que escondera dela durante anos, mas não o usava mais. Imprudência. Ela viera por que se cansara de esperar que sua irmã o matasse? Afinal de contas, já tentara duas vezes em vão. Ele deveria ter se sentido honrado por ela ter vindo pessoalmente. Afinal, a Fada Vermelha, ao contrário de sua irmã escura, nunca deixava a ilha. *Não olhe para ela, Jacob!* Mas era difícil diante de tanta beleza.

“Não tem como acabar bem quando nos metemos com imortais.” Não.

Ela tirou o véu. Olhos que de dia eram mais escuros do que à noite. Jacob realmente pensava que ela o tivesse esquecido.

— Como você me esqueceu? — Ela ainda podia ler seus pensamentos. O sorriso que lhe deu já havia custado a vida a muitos homens. Ou a razão deles. Miranda. Jacob era o único que conhecia seu nome. Ela não se importava tanto com isso quanto sua irmã escura, mas nunca o perdoaria por tê-la deixado.

— Sim, você ainda está com a raposa na cabeça — ela disse, enquanto se aproximava dele. — Só que a beleza dela não é nem a metade da minha.

Atrás da Fada Vermelha, o sol se punha, colorindo o céu de vermelho como o seu vestido.

Ele nem se atrevia a gritar, com medo de que Fux pudesse ouvi-lo.

O camponês que passava com sua carroça na certa os tomara por um casal apaixonado. Ele nunca saberia que vira uma fada.

Jacob recuou. Sentiu os galhos do salgueiro nas costas. Eles o deixaram passar como uma cortina, mas a Fada Vermelha o seguiu. A luz do sol poente atravessava as folhas, e por um momento Jacob teve a impressão de que estava na ilha de novo. Com ela.

— Você está branco como a neve. — Ela acariciou seu rosto. — Acha que quero matá-lo. E tem razão. Desejo isso todos os dias. Não deveria tê-lo salvado quando o goyl atirou em seu coração infiel, mas me pareceu uma morte muito rápida e fácil por toda a dor que você me causou. — Ela pôs sua mão de seis dedos sobre o coração dele, e Jacob pensou que batia mais lentamente.

"Olhe para mim!", dizia seu olhar. "Como você pode preferir uma humana a mim?"

"Seja breve", ele quis dizer. "Faça logo." Tinha esperanças de que Sylvain mantivesse Fux longe dela. Foi tudo em que conseguiu pensar. *Por favor, Sylvain!* Dizia-se que as fadas gostavam de transformar suas rivais em flores, que usavam nos cabelos por um tempo. Depois, quando murchavam, jogavam fora.

— Você precisa encontrar minha irmã.

O cérebro de Jacob estava entorpecido demais pelo medo e pela exaustão para entender o que ela estava falando.

— Ela se esconde até de nós. Está nos deixando em perigo, mas nunca se importou com isso. Ela sabia que alguns elfos haviam escapado quando partiu por causa do goyl. E agora só existe um caminho: quebrar a maldição. Por que não deixou a balestra onde estava?

Havia alguma coisa no rosto dela que Jacob nunca vira ali antes. Medo. A imortalidade não combinava com esse sentimento. O que

ela podia temer? Mas a Fada Vermelha tinha medo. E não ia matá-lo.

— O que você quer de mim?

— Que encontre minha irmã antes que seu irmão a mate.

— Will? Ele jamais mataria sequer uma de suas mariposas.

— Bobagem. Eu vi! Nos meus sonhos. Na água do lago. Ele vai matá-la e nós todas morreremos com ela. Porque você levou a balestra para ele.

Ah, ela queria tanto matá-lo! Mas não fez isso.

— Você sabe quanto desespero foi necessário para eu vir até aqui? — Ela cobriu o rosto com o véu. — É uma maldição terrível e estúpida, mas não podemos retirá-la. Por favor. Encontre-a.

Um cão latiu ao longe. Cotidiano e magia. A mistura daquele mundo.

Will. Jacob não queria deixar aquelas imagens vir, mas elas vinham: o irmão com o uniforme encharcado de sangue diante de Kami'en, uma dúzia de cadáveres aos seus pés. Caso Will realmente estivesse com a balestra, ele a recebera do Jogador. O que o elfo lhe contara? Por que seu irmão poderia querer matar a Fada Escura? Ela o deixara partir!

— Jacob?

Fux. Ela vinha em sua direção. Ele podia vê-la através dos galhos. A Fada Vermelha ergueu a mão de seis dedos. Jacob segurou seu braço.

— Toque num fio de cabelo dela — ele sussurrou — e eu mesmo dispararei a flecha no peito de sua irmã.

— Jacob! — a voz de Fux soou preocupada. E muito perto.

— Você vai esquecê-la, como me esqueceu! — sussurrou Miranda em resposta. — E ela vai odiar você por isso, como eu odeio.

Mas a fada abaixou a mão.

— Dizem que minha irmã está a caminho de Moskva — ela disse. — Com certeza vai oferecer ao tsar sua magia. Ela nunca aprende. — A Fada Vermelha passou pelos galhos do salgueiro e se foi em direção ao açude.

Jacob seguiu-a. Ela se virou mais uma vez para ele antes de entrar na água. Havia tantas coisas em seu olhar — tristeza, nostalgia, raiva. Talvez também um pedido para que não esquecesse.

Fux parou de repente quando viu a fada.

— Fique onde está! — Jacob exclamou para ela. Fux não obedeceu.

— Cuide do seu coração, irmã raposa — exclamou Miranda. — Não tenho um e mesmo assim Jacob o quebrou.

Sylvain estava atrás de Fux.

— Não olhe para ela! — Jacob o advertiu, mas já era muito tarde para isso. Seus olhos se arregalavam como os de uma criança. Miranda sorriu para ele enquanto acariciava a água com as mãos. Seu vestido vermelho a envolvia como pétalas, escurecendo enquanto a água o encharcava.

— Você também tem medo deles. Por quê? — ela gritou para Jacob, enquanto afundava ainda mais no açude. — Trouxe a balestra. O que mais podem querer de você? O preço de sempre? Vai ter que pagar caso eles voltem.

A água cobriu seus ombros. Engoliu seus cabelos escuros. O vestido vermelho.

— Para onde ela foi? — Sylvain já tinha a saudade estampada no rosto, mas pelo menos conservava sua voz. Alguns homens ficavam surdos e mudos com a visão de uma fada. Ou perdiam o juízo. Fux olhou para os dois como se quisesse ter certeza de que haviam resistido incólumes à inesperada visita. Ela tinha todos os motivos para duvidar. Quando Jacob encontrara a Fada Vermelha pela primeira vez, Fux tivera que esperar um ano inteiro pelo seu regresso.

— Você ouviu o que ela disse sobre a irmã? — Jacob perguntou.

Fux assentiu. Tinha ouvido tudo.

— Vamos para Moskva, Sylvain — ela disse. — Arcádia e Ontário terão que esperar.



33
A cidade de ouro

Centenas de cúpulas douradas e um tsar que possuía mais objetos mágicos que os reis da Lorena e da Austrásia juntos.

Eles chegaram a Moskva numa tarde fria de julho. Nas ruas, viam-se mais casacos de pele de lobo e de marta do que no inverno em Schwanstein, mas as torres douradas pareciam aquecer até mesmo o vento norte, e o mostarda e o menta que revestiam, as fachadas lembravam os visitantes do oeste que Varângia era mais perto do Oriente do que seu país de origem.

Jacob visitara Moskva pela primeira vez quando era aprendiz de Chanute. Eles estavam em busca de uma boneca mágica que pertencera a Vasilisa, a Bela. No café da manhã, Chanute já bebia aguardente de batata, então Jacob perambulava sozinho pelas ruas a maioria das vezes. Ele jamais vira uma cidade como aquela, nem de um lado nem do outro do espelho. A capital de Varângia era o norte, o leste e o oeste ao mesmo tempo e, embora o ar cheirasse a neve já em setembro, encontrava-se também o sul em suas ruas. Um dos últimos tsares, Vladimir, o amigo dos ursos, era tão apaixonado pela arquitetura de Venetia, que mandou demolir trechos de ruas para que um arquiteto italiano os reconstruísse. O coração de Moskva, porém, batia no leste. Os dragões nos telhados davam a impressão de ter voado de Drukhul, e os cavalos dourados que abriam suas asas nos frontões dos palácios lembravam a estepe de Tangut. Que importância tinha que mesmo na primavera se encontrassem malen'kys (como eram chamados os heinzels de Varângia) congelados entre as pedras do calçamento? Os cidadãos de Moskva esqueciam o clima severo nos inúmeros banhos de vapor da cidade e ali sonhavam com Constantinopla e com as praias do Mar Branco.

Jacob se lembrou de como gostaria de ter ficado mais naquela época, mas, numa das tavernas em que se embriagava, Chanute tinha ouvido falar de um martelo mágico em Suoma e alterou o objetivo da caça da noite para o dia. Eles encontraram o martelo e o venderam por uma fortuna para um príncipe de Holstein — somente anos depois Jacob fora a Moskva novamente.

Antes de embarcar no trem, Chanute havia telegrafado a um velho conhecido pedindo alojamento. “Aleksey Fyodorovich Baryatinskij deve a vida a mim”, ele declarou tão alto que todo o vagão pôde ouvir. Era a resposta à pergunta de Sylvain sobre quem era exatamente aquele conhecido. “Está na hora de cobrar as dívidas. Eu o salvei de ser esquartejado por um lobim. Na época, ainda era o filho pródigo de um príncipe falido da província, mas agora fornece armas para o exército de Varângia. A guerra da Circássia o deixou podre de rico, então nossa estadia vai ser de primeira classe.”

Jacob já havia visto alguns dos velhos conhecidos de Chanute. Os encontros raramente decorriam de forma alegre, mas eles não podiam pagar um hotel enquanto não encontrassem um meio de ganhar dinheiro. Jacob tentara mandar cerzir o lenço que durante anos enchia de forma confiável seus bolsos com táleres de ouro, mas mesmo as costureiras ucrainianas, que eram famosas por seus trabalhos manuais, balançaram a cabeça em negação. Ele precisava arranjar um novo. Mesmo que ainda se lembrasse com horror do beijo nos lábios quentes de uma bruxa que tivera que dar em troca.

Baryatinskij recebera a mensagem de Chanute. Quando desceram do trem na magnífica nova estação de Moskva, um criado de libré os esperava na plataforma. Quando Jacob perguntou se a Fada Escura já havia chegado, ele se persignou e expressou a esperança de que ela tivesse se transformado num enxame de mariposas e voado para Constantinopla. Os jornais de Moskva, por sua vez, promoviam apostas sobre quando ela faria sua visita ao tsar. Chanute entendia um pouco de varangiano e sabia ler no alfabeto cirílico o suficiente para decifrar as manchetes: “A Fada

Escura é esperada no baile do tsar", "A Escura está a apenas um dia de distância", "A fada chegou e está escondida no palácio".

Jacob percebeu-se procurando por Will e o Bastardo na multidão através da qual abriam caminho até a carruagem de Baryatinskij. A tarefa de protegê-lo do goyl ainda lhe parecia substancialmente mais realista do que salvar a Fada Escura de Will. Mas o medo de sua irmã vermelha era real demais. O cartão do elfo estava calado desde sua visita, mas Jacob ainda não seguira seu conselho de enterrá-lo. Tinha medo de perder a única ligação com o elfo. "Como pretende salvá-la da próxima vez?" Ele não fazia a menor ideia. Talvez precisasse suplicar por misericórdia — embora não soubesse por que esperava que fosse concedida.

Ele contara a Fux sobre os casulos.

— Caso existam, vamos encontrá-los — ela respondera apenas. — Mas antes precisamos achar seu irmão. — Fux ficara um bom tempo calada depois que ele lhe contara o que a Vermelha dissera sobre Will.

— Você acredita nela? — ele finalmente perguntara.

— Sim — ela respondera. Então olhara pela janela do trem, como se tentasse imaginar como seria o mundo sem fadas.

Eles não haviam voltado a falar sobre o preço do Jogador, mas, a cada vez que evitava encostar e a cada olhar que Fux lançava para outro homem, Jacob se lembrava. Precisava apenas olhar para saber que acontecia o mesmo com ela. Fux não se importava com a fada, e, como Chanute, achava que Will precisava cuidar de si mesmo. Não desistia da caça porque era o único meio de se vingar do elfo por aquilo que lhe roubara. Mas Jacob sabia que não conseguira protegê-la, e até mesmo os raros tordilhos prateados diante da carruagem que os esperava o lembravam de Dezessete.

O amor gera covardes. Ele nunca havia entendido o que isso significava.

Chanute tinha razão quando lhes prometera um alojamento principesco. Aleksey Fyodorovich Baryatinskij residia no melhor

bairro da cidade, a poucos quarteirões do Kremlin, a fortaleza medieval que o atual tsar declarara sua residência oficial sob os protestos da nobreza. Seu predecessor governara de São Vladisburgo, a cidade portuária que havia sido construída segundo o modelo das cidades ocidentais, mas Nicolau III queria lembrar Varângia de que tinha raízes no leste.

O palácio de Aleksey Fyodorovich Baryatinskij ficava atrás de um portão que ostentava mais ouro do que o palácio imperial em Vena, e os cães ao lado dos guardas eram tão raros quantos os cavalos prateados que os haviam levado até ali: borzois, os cães de vento iacutos. Apesar do tamanho, seus membros eram finos, como se o vento os tivesse moldado, mas não fora isso que lhes rendera o nome: seu pelo mudava de cor quando tocado pelo vento. Os mais preciosos ficavam azul-claros; outros adquiriam um brilho prateado, como se capturassem a luz das estrelas. Essa característica quase os levara à extinção, até que a nobreza varangiana passara a fazer deles cães de guarda em vez de casacos. Um borzoi atacava sem aviso e era tão silencioso e rápido ao fazer isso que beirava a magia.

Eles ergueram seus focinhos afilados quando Fux desceu da carruagem. O palácio que guardavam era típico de Moskva, cujos habitantes, pobres ou ricos, sonhavam com a vida no campo. No amplo pátio interno, pavões e perus ciscavam na horta. Havia galpões para a lenha e uma estufa, cujo vidro protegia as laranjeiras do frio de Moskva. O palácio em si tinha um telhado colorido como um tapete e ornamentado com torres que despontavam no céu como brotos dourados. Fux olhou para Jacob com um sorriso. Sim, a raposa teria construído para si um palácio como aquele.

O homem a quem Chanute salvara das presas de um lobim se fez esperar. A expressão de Chanute ficava mais sombria a cada minuto que ele passava inativo sentado num sofá de couro que valia mais do que toda a mobília do Ogro Voraz, e Sylvain assistia e emborcava a aguardente de batata que os criados serviam em bandejas de prata pársis. Jacob estava contente por Chanute se manter afastado da aguardente, muito embora o motivo para isso fosse o bíter que ele tomava.

Fux estava junto a uma das janelas com cortinas de peles (as noites podiam ser frias em Moskva mesmo no verão), olhando para a silhueta da cidade que se desenhava atrás dos telhados como camadas de papel colorido. Jacob conhecia essa contemplação silenciosa. Ela podia ficar horas assim. Imagens, ruídos, cheiros… anos depois, ainda se lembrava de cada detalhe. Ele adorava observar seu rosto quando estava assim absorta no momento, compenetrada. *Proibido, Jacob.* Chanute contava pela terceira vez como obtivera a gratidão eterna de Aleksey Fyodorovich Baryatinskij enquanto o anseio por aquilo que não podia ser machucava mais Jacob do que a mão de vidro de Dezessete e os corvos da baba.

Na cornija da lareira, batia um relógio do qual a cada hora cheia saía um urso de ouro que girava, fazendo soar um carrilhão. Quando o urso apareceu pela segunda vez, Chanute ergueu-se com um palavrão que aprendera com Sylvain. No mesmo momento, os criados abriram a porta, como se Aleksey Fyodorovich Baryatinskij estivesse esperando por uma deixa obscena. Ele era o homem mais corpulento que Jacob já vira. Mesmo os olche frons, que se protegiam do frio com seis camadas de gordura, teriam se curvado em respeito. Era difícil acreditar que Baryatinskij tivesse participado de duas guerras como oficial altamente condecorado. O olhar com o qual ele mediu Fux, porém, confirmou o fraco que Chanute lhe atribuíra por mulheres bonitas. O anfitrião também tinha uma paixão por duelar. No café da manhã seguinte, um dos criados lhes contou que seu senhor havia acertado recentemente o braço esquerdo de um dos mais famosos pianistas de Varângia, que o acusava de ter um caso com sua mulher.

Baryatinskij passou rapidamente o olhar por Jacob, observou a nuca tatuada de Sylvain com o comentário “Interessante. Iacútia ou Constantinopla?”, porém não esperou pela resposta e logo soterrou Chanute num abraço que parecia pretender compensar o longo tempo de espera.

— Um convite inesperado… o embaixador de Louisiana. Adoro jogar cartas, mas perdi uma fortuna! — A voz de Baryatinskij era sonora como a de um cantor de ópera, o que não espantava considerando o volume de seu corpo, e macia como o pelo de urso

que ele trazia na gola. — Onde você deixou seu braço, meu amigo? — ele exclamou, empurrando o peito de Chanute com seus dedos cheios de anéis. — Olhe só para você! Ficou velho! Não estava em busca da fonte da juventude?

— Não a encontrei — respondeu Chanute mal-humorado. — O que aconteceu com você? Se deixou picar por moscas da carne quirguízias porque o veneno supostamente faz a pessoa defecar ouro?

Baryatinskij alisou a barriga com um sorriso de satisfação.

— Que interessante! Mas não, a culpa é de meus novos dentes caninos. Você não vai acreditar, mas dão fome. — Ele arreganhou-os como um cão: quatro dentes de cornalina rosada. — Precisei mandar fazê-los quando os goyls afundaram a frota de Álbion. E sabe de uma coisa? Eu o fiz com prazer! Mesmo que a guerra contra eles tenha me enriquecido, está na hora de alguém finalmente contestar o domínio dos mares. Sem querer ofender — ele acrescentou com um olhar para Jacob. — Você é de Álbion, não é? Um dos meus melhores amigos é de lá. Ele até espiona para o rei de vocês. Nega, mas todo mundo em Moskva sabe disso. É uma pena. A gente pode se embriagar divinamente com ele. Uma vez, tentei convencê-lo a trabalhar para mim, mas não quer nem ouvir falar disso. Amor à pátria. Como alguém pode amar outro país que não seja Varângia?

Chanute riu com ele, mas o olhar que lançou para Jacob era calculadamente frio.

— Ah, que nada! Tenho certeza de que você tem espiões melhores a seu serviço! — ele disse, e pôs o braço que lhe restava em volta dos ombros corpulentos de Baryatinskij. — Agora me conte: a Fada Escura já está em Moskva?

Baryatinskij ajeitou as abotoaduras douradas com um ar tão irritado como o de um estudante que tivesse sido apanhado se gabando.

— A fada! A fada! Quem se interessa em saber onde ela está? — ele retrucou com um gesto desdenhoso que quase custou a visão ao criado. — Varângia não precisa de magia para derrotar os inimigos. Sem contar que nosso tsar jamais seria tão idiota a ponto

de atacar os goyls por causa da amante rejeitada de seu rei. Mas vamos deixar isso para lá. Você está em Moskva, a melhor cidade do mundo! Que tal um novo braço? Conheço um ferreiro que fabrica membros artificiais para todos os oficiais que ficaram aleijados na guerra da Circássia. Seus braços de aço são muito mais adequados para o grande Albert Chanute do que essa peça de madeira deplorável que você usa. Os dedos se movem! Se você pagar, eles até o revestem de ouro.

Chanute olhou incrédulo para Baryatinskij, como se o amigo afirmasse que colhia braços na sua horta.

— Besteira… — ele resmungou, e passou a mão na madeira que havia anos substituía sua mão. — Essa peça deplorável já me prestou bons serviços. Mas que amigo é esse do qual você falou? O espião… talvez eu o conheça. — Albert Chanute não desistia facilmente.

— Ele é conhecido como o Borzoi. — Baryatinskij tirou um relógio de bolso do colete bordado e lançou um olhar para o mostrador. — Convenceu o tsar de que tem antepassados em Varângia. É um mentiroso descarado. Sei por fontes confiáveis que é da Caledônia.

— O Borzoi? Uma vez conheci um homem com o apelido de Cão de Vento, como os galgos também são chamados — Jacob acrescentou. — Era o melhor espião de Álbion em Leon.

— Provavelmente é o mesmo. — Baryatinskij passou a mão pelo cabelo cacheado. — Me desculpem. O tsar está dando um baile esta noite. Preciso me trocar e conversar com o cozinheiro sobre o cardápio para o resto da semana. Neste palácio, damos muito importância à comida. — Ele deu um sorriso vermelho de cornalina para Fux. — Preciso de uma companhia feminina para o baile. Minha esposa foi para o campo com nossas filhas. Ela acha Moskva cansativa.

Fux lançou um olhar interrogativo para Jacob.

— Sinto muito, Aleksey Fyodorovich — ele respondeu por ela. — Mas a srta. Auger irá comigo ao baile do tsar.

— Ah, é? — Baryatinskij olhou para ele com atenção pela primeira vez. — Por que o tsar honraria um viajante que acabou de chegar com um convite que alguns dos mais influentes cidadãos de

Moskva pleitearam em vão? Sem querer ofender, mas até mesmo meus cocheiros se vestem melhor.

— O convite chegará, Aleksey — disse Chanute. — Talvez você já tenha ouvido falar dele. Jacob Reckless. Fez uma fama razoavelmente boa como caçador de tesouros. Não admira, afinal, foi meu aprendiz durante anos.

— Reckless? Ah, sim, claro. — Baryatinskij pôs na boca um dos figos recheados que um criado lhe ofereceu. — Você encontrou o sapatinho de vidro para Teresa da Austrásia. Dizem que ela ficou muito zangada com você. O príncipe herdeiro da Lorena não ofereceu uma recompensa por Jacob Reckless? — Ele sorriu para Fux como se precisasse expressar suas condolências pelo acompanhante desqualificado.

Ela retribuiu o sorriso e apertou a mão de Jacob para lembrá-lo de seus bolsos vazios, antes que ele desse uma resposta que lhes custasse a hospitalidade de Baryatinskij.

— Mandei preparar alguns de meus melhores quartos — Baryatinskij disse. — Adoro receber convidados… mesmo que de Álbion — ele acrescentou com um olhar para Jacob. — Todos os dias, ao meio-dia, mando içar uma bandeira no telhado para fazer toda Moskva saber que o cozinheiro fez seu trabalho. Toda a cidade está convidada a vir se convencer de que não há lugar melhor para comer do que aqui. Às vezes, não conheço as pessoas à minha mesa, mas a vida é breve e os invernos, frios! De onde você é? — ele perguntou a Sylvain, que acabava de pôr um dos figos recheados na boca. — Espero que não de Álbion.

Ele engasgou e lançou um olhar para Chanute pedindo ajuda.

— Ah, não, Sylvain é da Arcádia — respondeu Chanute.

Baryatinskij mediu Sylvain cheio de compaixão.

— São muito bárbaras as colônias lá. O Torto não está muito contente com elas. Varângia gostaria de libertá-lo deste peso.

Ele riu da própria piada e fez uma mesura diante de Fux quando um dos criados o chamou.

— Do *swidanja*, senhorita — ele disse, e beijou sua mão. — Pelo prazer de acolhê-la sob meu teto, perdoo Albert de bom grado por

trazer albiões para minha casa. Mas há muitos bailes em Moskva e sou um excelente dançarino. Ainda tenho esperanças.

Chanute mal notou quando o velho amigo os deixou sozinhos com os criados. Ele ficou ali parado olhando para sua mão de madeira.

— Dedos de metal? — ele murmurou. — Não enferrujam?

Jacob notou que Fux olhava para seu vestido sujo. Com o que eles pagariam roupas para ir ao baile? Ele desejou ter no bolso a prata com a qual Dezessete cobrira sua carne. Chanute já olhava para o relógio sobre a cornija da lareira, como se avaliasse seu valor de venda no mercado negro moskvita, quando Fux tirou um anel do dedo.

— Tome — ela disse, e deixou-o cair na mão de Jacob. — Tenho certeza de que sua antiga dona não teria nada contra trocá-lo por roupas de baile.

O ogro de cuja caverna provinha aquele anel estava ocupado em polir as joias de suas vítimas quando ela o matara.



34
O baile do tsar

O burburinho que enchia o salão de baile soava como os zumbidos num ninho de abelhas selvagens. O próprio ouro que cobria as paredes era tão abundante e amarelo como mel. E a música! Quando criança, Fux imaginara muitas vezes dançar num salão daqueles enquanto girava na floresta de olhos fechados, tendo como orquestra a cantoria dos pássaros e o rumorejar do vento nas folhas acima dela. Mal podia esperar para fazer o mesmo naquele palácio, até que seus pés doessem, entre as colunas de malaquita, que, segundo se dizia, haviam sido presenteadas aos tsares de Varângia por uma feiticeira.

O enorme salão parecia quase não poder abrigar as pessoas que afluíam ali através de suas portas altas. Muitos dos homens estavam de uniforme — era muito difícil contar as cores e os países. Fux viu o uniforme preto de Varângia, o azul de Álbion, o vermelho da Lorena. O verde do Reino Sulaimânico. As mulheres usavam lágrimas de ninfas e redes de ouro nos cabelos, véus de renda lorena, vestidos de seda de Zhongga, azul-noite, violeta, esmeralda, vidro élfico e diamantes bordados na barra. Apesar disso, os olhares seguiam Fux quando, de braços dados com Jacob, ela abria caminho entre a multidão. Seu vestido era vermelho.

— Estou chamando a atenção como uma mancha de sangue na neve — ela sussurrou para Jacob.

— Está mais para papoula selvagem num buquê — ele sussurrou de volta enquanto pegava duas taças de champanhe da bandeja de um criado. — Você tem certeza de que pode se cuidar enquanto ofereço nossos serviços ao tsar? Baryatinskij certamente virá atrás de você assim que vir que não estou mais no caminho.

— Desde que ele seja um bom dançarino… se não, vou pisar nos pés dele — sussurrou Fux de volta. — Nosso anfitrião com certeza

se importa muito com seus sapatos.

Ela havia dançado apenas uma vez com Jacob, num baile numa aldeia em Álbion. Eles mal haviam dado os primeiros passos juntos quando alguns soldados bêbados puseram fogo no rabo de rato do amigo historiador de Jacob, Dunbar, e o rapaz fora socorrê-lo.

Ela gostaria tanto de dançar com ele naquele salão, com aquele vestido, mas o elfo dos amieiros havia roubado o que quase lhe pertencera. Teria sido menos cruel se não estivesse começando a ter esperanças. A proximidade dos últimos momentos, os gestos de ternura que se permitiam mais e mais vezes — agora evitavam até mesmo um aperto de mão. Fux conhecia Jacob bem demais para acreditar que isso mudaria. Não enquanto ele acreditasse que assim a protegia.

O tsar ficara felicíssimo com a notícia de que o mais famoso caçador de tesouros do ocidente estava em Moskva. Não somente convidara Jacob para o baile como lhe prometera uma visita guiada à Coleção Mágica, que, ao contrário dos gabinetes de curiosidades de Vena, não era aberta. Fux apostara com Sylvain que o tsar ia encarregá-lo de capturar um pássaro de fogo, enquanto Chanute achava que ele cobiçava o vestido de penas de Vasilisa, a Sábia, a legendária filha de um rei tritão que muitos tsares já haviam tentado em vão atrair para sua corte. Fosse qual fosse a incumbência, o pagamento encheria seus bolsos vazios e, com a proteção do tsar, eles poderiam, caso Will e a fada não tivessem ido para Moskva, viajar por Varângia sem impedimentos — o que não era permitido aos estrangeiros.

Um oficial varangiano quase fez Fux derrubar o copo de sua mão quando passou por ela. O sorriso que lhe deu era metade desculpas, metade galanteios. O porteiro de Baryatinskij, que passava a maior parte do tempo jogando cartas com os jovens mensageiros de seu patrão, contara a Fux que os oficiais de Varângia tinham tanto orgulho de sua habilidade como dançarinos quanto da sua mira e que, para a maioria deles, não era incomum ir a pelo menos um baile por noite. Quando Fux perguntou se eles também duelavam todas as noites, o porteiro assentira orgulhoso.

Tantos homens.

Olhe só, Fux. Não existe apenas um.

Mas seus olhos foram na direção de Jacob. Ele parecia ver algo que não lhe agradava. Ela seguiu seu olhar. Cinco uniformes cinza. Baryatinskij contara a Chanute que Kami'en estava em Moskva — como o goyl não se cansava de enfatizar, porque sua ex-amante também era esperada na cidade, para selar uma aliança com o tsar.

Três dos goyls Fux nunca vira antes, mas dois deles eram velhos conhecidos. A presença de Hentzau não surpreendia. Kami'en raramente se fazia ver em visitas de Estado sem seu cão de jaspe. A goyl ao lado dele Fux encontrara pela última vez numa masmorra. Não era uma boa lembrança.

Hentzau também notara Jacob. Ele o encarou tão incrédulo como se não acreditasse em seus olhos. O esquerdo agora já era branco como a neve — a luz do sol o cegara. Ele disse alguma coisa para o outro goyl. Então se dirigiu a Jacob. A goyl o seguiu como uma sombra.

Fux viu como os ombros de Jacob ficaram tensos. Nem todos os homens tinham a oportunidade de encarar o próprio assassino. Hentzau sorria enquanto ia em direção a Jacob, como se rememorasse o tiro certeiro com que havia atingido seu coração. A sombra uniformizada dele quase havia acertado Jacob no vale das fadas e, ainda por cima, pusera escorpiões em seu peito. O rosto dele nada denunciava disso tudo, mas Fux sentia o esforço que lhe custava.

Lembranças. Jacob fingia serenidade de forma tão convincente quanto o goyl, mas a Fux ele não conseguia enganar. Hentzau entregara Will à Fada Escura e humilhara e tentara matar Jacob. A resposta dele a esses ataques era agressividade, arrogância… e a frieza que Fux tanto temia quando ainda não o conhecia bem o suficiente para ver a vulnerabilidade que tentava proteger.

— Ah, o ladrão de aviões. Ou melhor dizendo: o homem que simplesmente não quer morrer. — Hentzau cumprimentou Jacob pressionando o punho contra o peito, seguindo o costume goyl. Talvez ele também quisesse lembrá-lo da bala que havia disparado e atravessara seu peito. — Eu já havia comemorado seu afogamento junto com toda a Marinha de Álbion no Grande Canal.

Então me disseram que tinha morrido queimado. O Bastardo jura que viu com seus próprios olhos, mas sempre o considerei um mentiroso.

— Ah, o Bastardo. Como ele vai? — A voz de Jacob não mostrava nada além de um tédio bem-educado.

— Como vou saber? Ele vem e vai. Não confio nele. Tem muito sangue ônix nas veias.

Soou como se Hentzau realmente não soubesse com quem o Bastardo estava viajando. Eles estavam em busca do goyl de jade desde as Bodas Sangrentas, e o fato de Nerron ainda não ter entregado Will podia significar muitas coisas. O Bastardo não o reconhecera? Tinha seus próprios planos de vingança? Ou Hentzau fingia bem? Fux não sabia qual das explicações era mais inquietante. Só sabia que até mesmo para ela era difícil ler os rostos de pedra.

O olhar furtivo que Hentzau lhe lançou confirmou sua suspeita de que não a reconhecera. Ela tinha uma aparência bem diferente na última vez em que estiveram juntos: mais jovem, suja e desesperada, convencida de que o goyl havia matado Jacob. Nunca o perdoaria pela dor.

— E então? — Ele olhou para os convidados ao redor. — O que traz Jacob Reckless a Moskva?

— Ainda não mudei de profissão — respondeu Jacob. — Assim como você. Mas vejo que agora tem uma guarda-costas. Todo esse tempo na superfície tem seu preço, suponho. E você não é mais um menino.

Ah, como eles gostariam de pular no pescoço um do outro, como dois cães que ainda não sabiam quem era o mais forte. Hentzau encarou Jacob tão cheio de ódio que Fux tentou se pôr diante dele de forma protetora.

— Gospodin Reckless? — O oficial que parou atrás de Jacob pronunciou seu nome quase sem sotaque. — Sua alteza, Nicolau III, tsar de Varângia, gostaria de conversar sobre as magias inesgotáveis do nosso país.

Hentzau seguiu Jacob com o olhar quando ele foi atrás do oficial. O goyl se esquecera de Fux. As lembranças que Jacob fazia aflorar

em Hentzau eram quase tão humilhantes como as que ele aflorava em Jacob: prisioneiros fugitivos, um avião roubado, as Bodas Sangrentas às quais quase não sobrevivera…

A orquestra começou a tocar uma valsa e Hentzau virou-se abruptamente e desapareceu na multidão com sua sombra feminina. Ela ficou aliviada quando não o viu mais.

Jacob já estava ao lado do tsar. Nicolau III fazia sua aparição na corte numa tribuna na outra extremidade do salão e estava na companhia da sua favorita do momento. Corriam boatos de que ela tinha sangue de russalka nas veias. O leve brilho esverdeado de seus cabelos tornava isso perfeitamente plausível. Ela sorria para um homem que Fux via pela primeira vez sem uniforme. Kami'en, o rei dos goyls. Provavelmente ele usava o fraque para enfatizar suas intenções pacíficas. Sua pele de cornalina brilhava como cobre à luz das velas. Fux gostaria muito de ouvir o que ele dizia a Jacob. Seus guarda-costas pareciam um tanto nervosos diante da multidão que se apinhava ao pé da tribuna. Os ônix haviam perpetrado recentemente mais um ataque a Kami'en, no qual três dos seus guarda-costas haviam perdido a vida. Ele de fato tinha viajado para tão longe apenas para selar pessoalmente a aliança com o tsar ou por medo de que sua amante fizesse a Varângia uma oferta mais atraente? "Kami'en não conhece a palavra medo." Até mesmo seus inimigos diziam isso sobre ele. Mas e o amor? O ciúme? A ira contra a assassina de seu filho? Caso ela fosse a assassina. Jacob duvidava, e não era o único, embora muitos homens nas últimas semanas tivessem pagado com a vida por terem se colocado em seu caminho.

Moskva parecia esperar a Escura com a respiração suspensa, mesmo naquela noite, mesmo naquele salão. E que ocasião teria se mostrado mais adequada para sua aparição do que um baile do tsar? Toda vez que o mestre de cerimônias anunciava um novo convidado, os olhos se voltavam para a porta, inclusive os de Kami'en.

— Posso convidá-la para a próxima dança?

O oficial que fez uma mesura diante de Fux era bonito como uma pintura e usava o uniforme de Varângia. *Não existe só um, Fux.* Ela

pôs a mão sobre o braço que ele lhe oferecera. Talvez descobrisse mais sobre a fada na pista de dança do que Jacob diante de um tsar que queria conversar sobre tesouros encantados. Não seria a primeira vez que a verdade deixava rastros em lugares inesperados.

A orquestra começou a tocar, e o salão se encheu de música como se fosse um perfume inebriante ao qual Celeste podia resistir tão pouco quanto a raposa. O belo oficial não falava a língua materna de Fux nem a da Austrásia ou a de Álbion. Nenhuma resposta dele, apenas um sorriso e um silêncio que a lembrou que estava num país estrangeiro distante. Infelizmente, ele não dançava tão bem quanto Ludovik Rensman, que numa festa de seu pai lhe ensinara os novos passos de Vena. Fux se esforçava por manter seus pés e a barra do vestido a salvo dos coturnos lustrosos. E Jacob ainda estava entre Kami'en e o tsar…

O ministro que convidou Fux a seguir era um dançarino melhor do que o belo oficial e falava loreno fluentemente, mas não foi possível saber dele nada além dos mexericos da corte: a nova amante do tsar (aparentemente, não era a mulher que estava ao lado dele), o melhor alfaiate de Moskva, o mais famoso chapeleiro… pelo jeito, ele era da opinião de que os temas que interessavam ao sexo feminino eram bastante limitados. Fux desejou que a orquestra tocasse mais alto e encobrisse as futilidades que doíam em seus ouvidos. Sua voz se misturava como um instrumento mal tocado às cordas e aos clarinetes.

Seu terceiro admirador era um almirante cujas mãos suadas deixaram impressões úmidas na seda vermelha do vestido. Quando ele lhe deu um beijo molhado na mão e perguntou a Fux seu endereço, ela se arrependeu por não ter deixado a dança para Jacob e não ter ido conversar sobre tesouros com o tsar em seu lugar. Alguém pigarreou ao seu lado.

— Não posso garantir que danço bem o suficiente para fazer jus ao vestido ou à dançarina, mas prometo que me empenharei ao máximo.

O Cão de Vento quase não havia mudado. Ele ainda não se parecia com um espião. O Borzoi — Fux gostava mais do seu apelido em russo. Ele lhe dirigira a palavra na língua materna dela, e

o loreno fluía com bastante naturalidade de seus lábios (se Fux lembrava bem, ele dominava mais de uma dúzia de idiomas), mas matizava cada palavra com cores caledônias: cinza e verde, montanhas rochosas, casas rebocadas em vermelho-sangue, vales cheios de pegadas de gigantes e lagos salgados nos quais se refletiam castelos em ruínas e monstros de escamas de ferro espreitavam pescadores. Em nenhum outro lugar havia praias tão brancas de lágrimas de ninfas, ou vales nos quais a névoa dava à luz guerreiros de chuva. Fux amava a Caledônia. E gostava do Cão de Vento. Estava contente por revê-lo.

Ele era e não era bonito ao mesmo tempo, magro como um talo de junco (o que levava ao equívoco de que devia seu apelido à sua figura), com cabelo loiro-acinzentado tão rebelde que sempre o obrigava a tirá-lo da testa enquanto falava. Seus olhos eram castanhos, o que não era comum na Caledônia. Ele era quase preocupantemente esperto e ainda mais destemido do que Jacob. Talvez fosse ainda mais imprudente — perante si mesmo e os outros.

— Como se chama o maravilhoso vestido e o belo rosto?

Fux esperava que ele não a reconhecesse.

— Celeste Auger. E o seu?

Seu sorriso denunciava o quanto estava satisfeito consigo mesmo. Ele a abordara na língua certa.

O Cão de Vento fez uma pequena reverência, o que revelava que não gostava de se curvar.

— Tennant. Orlando.

Fux estava surpresa. Ela havia esperado um nome falso. Por outro lado… talvez aquele fosse falso.

— Srta. Auger. — Ele lhe ofereceu o braço.

— Com uma condição.

Ele sorriu. Gostava de jogar. Fux suspeitava que para o Borzoi tudo era um jogo, talvez ainda mais do que para Jacob.

— E qual seria?

Ela lançou um olhar discreto na direção de Jacob. Ele conversava com o tsar, enquanto sua favorita tinha olhos apenas para Kami’en.

— Eu defino o tema da conversa — ela disse. — Não vou aguentar mais uma dança na qual tenha que falar sobre a última moda em chapéus.

O Borzoi riu.

— Que pena. É meu tema favorito. Mas vou me esforçar para encontrar outro.

Desta vez Fux aceitou seu braço.

— É mais divertido servir a Wilfred de Álbion em Moskva ou em Metragirta?

Ah, você sabe mais sobre mim do que eu sobre você, disse seu olhar. Isso precisa se alterar.

— Servir nunca é divertido.

Ela gostou da resposta. A raposa farejou astúcia, mas não desonestidade. Nem maldade. Por outro lado, tampouco farejara aquilo no barba-azul. A lembrança fez Fux retirar a mão quando Orlando Tennant quis segurá-la, mas ela logo se recompôs. Às vezes, temia nunca voltar a confiar inteiramente no toque ou no sorriso de um homem. O próprio rosto de Jacob estava ligado para sempre à câmara vermelha.

A pista de dança brilhava à luz dos candelabros como um lago congelado. A orquestra tocava uma polca. Fux sentia a música como uma segunda batida do coração.

— É verdade que o tsar tomou secretamente como amante a filha de um servo camponês?

— Ah, sim. Ele até mandou construir um palácio para ela, no qual a mantém escondida. Tem uma voz maravilhosa, mas não pode cantar para ninguém. Ele continua mantendo todas as outras amantes, para que os príncipes não pensem que prefere a filha do servo.

Ele era um bom dançarino, muito bom, e nunca antes Fux desfrutara tanto de sua figura humana.

— Você gostaria de uma vida assim? Ser amante do tsar, ter um palácio todo seu, mas ser prisioneira do amor?

— Sempre somos prisioneiros do amor. — As palavras saíram dos lábios de Fux como se já as tivesse dito inúmeras vezes, mas ela nem ao menos sabia que pensava aquilo.

— Interessante. O que leva você a dizer isso? A experiência?

— Eu escolho o tema da conversa.

— *Touché*. Os soberanos aos quais servimos, as pessoas que amamos… sobre o que falaremos a seguir?

— A Fada Escura trará sua magia para Moskva?

Mesmo para um espião era difícil esconder a surpresa durante uma dança, mas o Borzoi saiu do compasso apenas por um segundo.

— Lamento. Mas, para essa pergunta, nem eu nem o serviço secreto do tsar temos resposta. — Ele curvou-se diante dela até que os seus lábios quase tocassem seu ouvido. — Prometi a Wilfred, a Morsa, que telegrafaria a resposta no máximo em uma semana, mas você a terá ainda antes dele.

Dessa vez foi ela quem riu. Sentia-se leve perto dele. *Você está tonta de tanto dançar, Fux. É isso.*

Ela continuou a fazer perguntas para que o Cão de Vento não notasse que estava interessada numa só resposta. “Qual é a magia mais valiosa na câmara do tesouro do tsar?” “Ele realmente possui um cavalo voador?” “É verdade que baniu para a Iacútia dois de seus meios-irmãos porque achava que cobiçavam o trono?”

Eles dançaram. E dançaram. O Borzoi contou a Fux sobre um lobo de ferro e os tapetes voadores da Coleção Mágica. Descreveu para ela os palácios de gelo que os irmãos banidos do tsar haviam mandado construir em Iacútia. Disse que as ruas de Moskva uma semana antes haviam tremido tão repentinamente que o tsar mandara procurar por um dragão sobrevivente nos subterrâneos da cidade. Fux adorou a decepção na voz dele quando acrescentou que não haviam encontrado nada além de ratos e da bomba de um anarquista.

Quando a orquestra parou, o mundo parecia muito calmo. E muito frio sem o braço do Borzoi em sua cintura.

— Três dias — sussurrou Orlando Tennant enquanto a conduzia para fora da pista de dança. — Me dê três dias para a resposta. Mesmo que eu não entenda por que quer saber.

Fux sentiu a sombra do barba-azul quando ele a beijou no rosto, mas a espantou para longe, para sua casa sangrenta, e obrigou-se

a esquecer que através dele o desejo ficara ligado ao medo.

— Veja só. Orlando Tennant. — Jacob apareceu tão de repente ao seu lado que Fux levou um susto, como se um estranho tivesse segurado seu braço. — Cansado do verão quente de Metragirta?

— Jacob. — Então o Borzoi se lembrava dele. Franziu a testa e mediu Fux da cabeça aos pés com um olhar incrédulo. — Não. Impossível.

— Eu sei. Ela ainda usa demais o pelo. Diga a ela. A mim não escuta.

Fux não conseguiu ler realmente o olhar que Orlando lhe lançou. Talvez sua profissão fosse o motivo para a compreensão que encontrou ali: quantas vezes ele não adotava um novo nome, inventava uma nova vida num novo lugar, mudava de aparência?

— Isso não é algo que se largue com facilidade — ele disse. — Desculpe tê-la monopolizado por tanto tempo. Não fazia ideia de que tinha diante de mim a garota de Jacob Reckless.

— Ah, não. Fux é apenas dela mesma. — Na resposta de Jacob havia mais que orgulho e ternura. Dor. Arrependimento. Medo. *Vá! Você é livre. Ajude-me a protegê-la…*

Os músicos pegaram os instrumentos apressadamente. O tsar se preparava para deixar o salão. A multidão se dividiu como um bando de pássaros na frente do açor enquanto a orquestra tocava o hino de Varângia. O tsar cumprimentou Jacob com a cabeça quando passou por ele. Nicolau III era mais alto do que a maioria de seus oficiais, tinha cabelo escuro encaracolado e um porte que teria feito jus ao animal heráldico de Varângia, a águia de duas cabeças. As mulheres olhavam para ele com tanta admiração quanto os homens. “Vai tornar Varângia ainda maior.” “Vai lembrar à nobreza que nossas raízes estão no Oriente.” “Vai reconciliar ricos e pobres e libertar os camponeses escravizados!” Naquela noite Fux não ouvira uma só palavra negativa sobre o tsar, mas era seu baile e seu palácio.

Além da amante, seguiam o tsar para fora da sala uma dúzia de oficiais. E Kami’en. Pouco antes da porta, Hentzau e os outros goyls se juntaram a eles.

— Então a aliança entre os goyls e Varângia é oficial? — Jacob perguntou. — Isso não vai agradar em nada seu cliente.

— Não — respondeu Tennant. — Dizem que eles deram um presente ao tsar que será muito mais útil do que as espadas cobertas de pedras preciosas habituais, mas ninguém sabe do que se trata. É o segredo mais bem escondido de Moskva. O que você está caçando aqui? Um pássaro de fogo, maçãs douradas, caveiras de baba yagas? Ou o motivo da sua visita tem a ver com as perguntas da sua acompanhante? — Ele não esperou pela resposta de Jacob. — Espero que a Fada Escura ainda demore um bom tempo — ele sussurrou para Fux. — Caso isso faça com que permaneçam em Moskva.

Então ele se misturou à multidão.



35
Laços

Onde a fada pisava, abriam-se flores na relva. A chuva beijava sua pele, as árvores sussurravam seu nome, mas tudo o que ela notava era a fita. Desde que Kami'en chegara a Moskva, era um laço de fio dourado.

Tão próximo.

Por que ele fora até lá? A tentação de mandar Chithira dar meia-volta, tornar verdade suas próprias mentiras e ir para Moskva era tão forte que a vergonha trouxe a raiva de volta.

Prossiga!, ela ordenou a si mesma enquanto a chuva molhava suas roupas e seus cabelos. Ela caía tão persistente como se quisesse transformar o mundo inteiro no lago de onde provinha. *Para longe dele!* Mas, em vez disso, ela estava ali, sob o vasto céu estrangeiro, e se perguntava o que Kami'en sentia, se tinha saudades dela…

Ele estava muito perto.

— Temos que continuar. — Donnersmarck enxugou a chuva da testa. — Estou com a sensação ruim de que alguém está nos seguindo.

Alguém. Como se ela não soubesse. Seus sonhos eram de vidro e jade. Mas o que contava tudo isso? Era de Kami'en que ela fugia. Suas irmãs jamais entenderiam isso, assim como não haviam entendido quando ela fora embora por causa dele.

Ser livre. Livre delas, livre dele, livre de si mesma. Por isso embarcara na carruagem. Quanto ao jovem que a seguia, ela o encontrava em seus sonhos desde que podia pensar. Talvez devesse deixá-lo alcançá-la, se ela realmente queria ser livre. Sempre acreditara que ele faria aquilo um dia. Quanto àqueles que o protegiam… a Escura os via indefinidamente em seus sonhos, dois vultos de vidro e prata, ao lado da figura escura do goyl —

como se pudessem se esconder dela. Ela sabia quem os enviara, embora nem ela nem sua irmã vermelha tivessem encontrado os elfos perdidos. Anos antes, não muito longe de um palácio no qual passara a noite com Kami'en, deparara com um amieiro de prata. Apesar da neve que envolvia a árvore, embaixo dela o ar estava abafado como em uma noite de verão e, em meio ao rumorejar das folhas, ela ouvira a voz. Gostara dela — como de tantas outras coisas que amedrontavam suas irmãs.

Por que Kami'en viajara para o leste?

Não por causa dela.

Não.

Em todo caso, ela não queria saber.

A Fada Escura ainda ficou um bom tempo ali, embora Donnersmarck não conseguisse disfarçar sua impaciência — para procurar com o coração que ela não tinha aquele do qual fugia. Kami'en lhe dera um coração. Ela o sentia quando estava com ele.

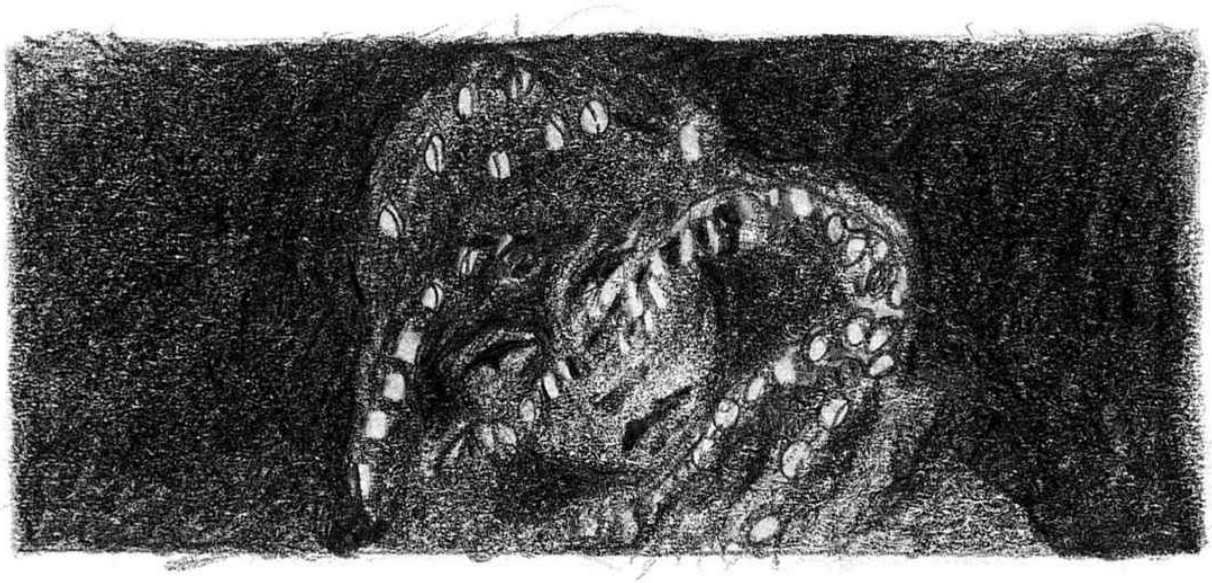
O céu se avermelhava quando ela finalmente subiu na carruagem. O fio dourado estendeu-se como uma corda de violino quando Chithira incitou os cavalos. Ele suspirava e cantava.

A Escura ordenou ao cocheiro morto que fosse mais depressa.

Não por causa da prata.

Não por causa do jade.

Por causa dele.



36
Dela mesma

Era pouco depois da meia-noite quando voltaram do baile do tsar. Seu anfitrião passara o resto da noite jogando cartas na residência do embaixador loreno, mas Jacob deitou-se na cama de madeira cantante que Baryatinskij certamente adquirira em Suoma. Apesar do som agradável que o móvel produzia, ele não conseguia dormir. A fada não aparecera no baile. Não havia nenhuma pista dela, muito menos de Will. Dunbar ainda não dera notícias, e o tsar lhe diria somente dali a dois dias para que contrataria seus serviços. Esperar. Ele nunca fora bom nisso. Deveria ter feito como Fux e dançado até cansar. Com ela…

As noites de verão em Moskva eram curtas, então já amanhecia quando ele finalmente desistiu de dormir e vestiu suas roupas velhas. Os criados de Baryatinskij as haviam lavado e remendado, mas aquilo não as tornara mais apresentáveis, embora o colete tivesse sido um presente de uma ex-imperatriz. Fux gostava de caçoar de seu fraco pela alta costura — e toda vez Jacob se defendia dizendo que era o mundo dela o culpado por aquela fraqueza, porque sempre lhe dava a sensação de fantasia (embora soubesse que aquela não era toda a verdade).

Dessa vez, o cartão caiu do colete.

Vejo que tem um rival. Era de esperar, não?

Ciúme, é claro. Como o elfo poderia perturbar a razão dele de forma mais segura? Ele deveria ter seguido o conselho da Vermelha e enterrado o cartão.

Ela deve estar farta da sua viagem que nunca termina. Mas você prefere obedecer à sua amante perdida em vez de pensar apenas nela. Seu irmão, a fada, Clara… os outros são sempre mais

importantes. A culpa é sua se ela não consegue tirar os olhos do Cão de Vento…

As palavras agiram como um veneno. De nada ajudava lembrar quem era seu autor.

O palácio de Baryatinskij ainda não despertara por completo quando Jacob saiu do quarto. Nos corredores, ouviam-se apenas os passos abafados dos criados que punham tigelas com mel diante das janelas para as kikimoras, espantavam para fora com vassouras de gravetos os malakij que haviam se refugiado da noite fria dentro da casa. Atrás da porta de Fux ainda estava quieto, e Jacob não a acordou, embora fosse bom falar com ela. Teve uma ideia na noite sem dormir, mas sua razão cansada não sabia dizer se ela valia alguma coisa.

Na verdade, Jacob não ligava para videntes e profetas — ele não queria saber nada sobre o futuro, nem o seu nem o dos outros —, mas as leitoras de vidro de Moskva tinham a fama de ver também o presente, não importava onde se passasse. Talvez valesse a pena tentar perguntar a elas sobre seu irmão, em vez de ficar esperando pela fada ou por uma notícia do tsar. Elas vinham de toda parte: Mongólia, Cazaque, Chung-hua. A maioria pertencia aos sintisas, o povo viajante, como chamavam a si mesmos. “Em nenhum lugar elas estão em casa, nem no tempo”, Alma disse para explicar o dom delas. “Isso assusta os sedentários, que as invejam por sua liberdade.” Por isso eles incendiavam suas carroças coloridas de vez em quando.

Jacob encontrou o caminho para a cozinha de Baryatinskij seguindo o cheiro de pão recém-assado. A cozinheira era tão corpulenta quanto seu patrão e, depois de se recuperar do choque de ver um dos nobres hóspedes perdido nas entranhas da casa, tirou uma xícara de chá do samovar e lhe estendeu uma tigela de mingau com canela.

— Atrás dos pátios dos matadouros, pelo que ouvi dizer — ela respondeu à sua pergunta sobre onde poderia encontrar as videntes de vidro. — Mas vão lhe contar mentiras. Só dizem a verdade para seus iguais.

Apesar disso o tsar as consultava, e não apenas ele.

Ainda era cedo quando Jacob saiu. Na sarjeta, diante do portão de Baryatinskij, ele encontrou alguns oficiais que voltavam de uma noite de bebedeira e homens que recolhiam da rua de pedras redondas as fezes de cavalo que os fiacres e os cavaleiros deixavam para trás. Jacob só percebeu o goyl porque o viu atrás de si refletido numa vitrine. Quando ele se virou, seu perseguidor havia desaparecido, mas na próxima esquina Jacob conseguiu vê-lo de relance. Era um goyl de pedra da lua, como a maioria dos espiões. A pedra pálida era a que mais se assemelhava à humana.

Jacob parou na frente da vitrine de um peleiro, embora os casacos de raposa que eram exibidos ali lhe causassem náuseas. Por um momento, quis ignorar o goyl. O que o fato de Jacob Reckless visitar uma vidente de vidro poderia revelar a Hentzau? Por outro lado, caso seu perseguidor descobrisse mais tarde o que ele havia perguntado… não.

Ele decidiu mudar de direção e agiu como se andasse a esmo pelas ruas por um tempo. O goyl era bom, mas Jacob já despistara muitos perseguidores.

A praça dos mendigos estava bastante movimentada já àquela hora. A igreja em seu centro era uma das mais belas de Moskva. Em seus degraus e na praça diante dela ficavam homens, mulheres e crianças que tentavam sobreviver apelando para a compaixão e o sentimento de culpa de seus semelhantes. Alguns amoleciam corações com instrumentos, outros exibiam cicatrizes e feridas ou traziam a marca da infelicidade em seus rostos. Aleijados e leprosos, veteranos da guerra da Varângia e outros enchiam a praça com uma miséria que apenas à primeira vista era igualmente distribuída. A hierarquia entre os mendigos era rígida como na corte do tsar. Havia príncipes e servos entre eles, rebeldes e cortesãos. Os corpos envolvidos em andrajos sobre os quais Jacob passava vinham de todas as regiões. Macacos domesticados e crianças pequenas tentavam agarrar suas pernas e, quando ele observou

discretamente ao redor, viu satisfeito que o goyl parara quando um leproso lhe estendera a mão mutilada. Jacob pretendia dificultar ainda mais para ele.

Pôs a mão no bolso e encheu-a com algumas das moedas obtidas com o anel de Fux que ainda restavam. Ele não esperou até que os príncipes dos mendigos, que já marcavam sua presença entre as colunas da igreja, prestassem atenção nele. Precisava dos súditos que enchiam a praça como um tapete de corpos humanos. Jacob jogou as moedas na densa multidão e o tapete humano se transformou num mar ondulado. O goyl afundou nele sem ter como evitar isso. Jacob quase sentiu pena. Com certeza, não seria divertido relatar a Hentzau que o havia perdido em meio a um bando de mendigos.

Entre uma abadia abandonada e os estábulos de dois matadouros… os sintisas não haviam montado seu acampamento num lugar alegre. De nenhuma forma, porém, ele oferecia uma visão triste. As carroças e as tendas entre as quais pastavam alguns cavalos estropiados eram tão coloridas que poderiam competir com o lençol da baba yaga. Uma viola e um acordeão semeavam nostalgia no ar fresco da manhã… a música era uma fonte de renda segura para o povo viajante. Não apenas em Moskva, os ricos pagavam de bom grado para ter em seus bailes e salões melodias que os faziam sonhar com liberdade e aventura. O próprio tsar tomava café da manhã ao som da viola de um sintisa.

Um urso domesticado (cujo anel no nariz atestava que sua condição não era voluntária) espreguiçava-se diante de uma carroça, galinhas ciscavam entre os mastros das tendas, um gato caolho assistia com um olhar âmbar à briga entre dois cães… era como se um passado havia muito tempo perdido se introduzisse furtivamente nos tempos modernos, que mesmo em Moskva não podiam ser ignorados.

Um heinzel dava piruetas na barba do homem a quem Jacob perguntou pelas leitoras de vidro.

As tendas às quais ele pretendia chegar ficavam um pouco além dos muros da abadia abandonada. Dizia-se que seus monges haviam cultuado o demônio. Jacob proibiu-se de supor que os elfos dos amieiros estavam por trás disso. Não havia tocado no cartão do Jogador desde que o elfo havia alimentado seu ciúme.

“Por favor! Você vai encontrar outra pessoa.” Ele mesmo havia dito, então por que não o Cão de Vento? Porque não era bom o suficiente para ela. *E quem é, Jacob?*

A mulher na primeira tenda em que entrou era tão velha que parecia uma múmia. Ela cuspiu três vezes assim que o viu e gritou com a voz estridente e a boca sem dentes “*Cepdko!* ”, a palavra em varangiano para “prata”.

A mulher na segunda tenda devolveu-lhe rapidamente o dinheiro quando a bola de cristal se encheu de mariposas pretas. Aquilo significava que Will já havia encontrado a Fada Escura? Jacob não obteve resposta.

A próxima tenda parecia vazia. Ele já ia embora quando uma mulher saiu de trás de uma cortina. Suas roupas eram uma mistura de trajes mongólicos e anameses e o véu sobre o cabelo preto-azulado, colorido como asas de borboletas, com certeza vinha de Prambanan.

— É raro aparecer um cliente tão cedo — ela disse com um sorriso tímido enquanto fechava a cortina da entrada. — O vidro das outras vê melhor no escuro.

Ela não precisava de vidro. O terceiro olho que tinha na testa podia ser encontrado também em algumas espécies de ninfas. Até mesmo nos ogros ele aparecia, mas as pálpebras quase invisíveis e os altos ossos malares revelavam que a moça era filha de uma mulher-bambu.

— Que imagens está procurando? — Ela puxou o véu sobre a testa até cobrir o olho extra. O gesto devia ser um hábito de infância. Um terceiro olho era considerado mau agouro.

— Estou procurando meu irmão. Ele desapareceu e eu gostaria de saber onde está.

Jacob já havia mostrado a foto de Will em tantos lugares que ela estava gasta e amarrotada. Então, felizmente o fato de ela ser

colorida não chamava a atenção. As fotografias daquele mundo ainda eram em preto e branco.

A garota-bambu examinou a foto e a devolveu. Então fechou os olhos. O olho em sua testa se arregalou. Jacob podia vê-lo através do véu.

Lá fora um cavalo relinchou.

Uma criança chorava.

A garota-bambu começou a ofegar.

— Ele o enganou… Ele é astuto. Prometeu que pode fazer tudo voltar a ficar bem.

— Tudo o quê? — Jacob segurou as mãos dela. Eram delicadas como as de uma criança. — Você pode ver onde está meu irmão? Está sozinho?

Ela sacudiu a cabeça, horrorizada.

— O goyl está com ele?

Ela não o ouviu.

— Eles são de prata e vidro — ela sussurrou. — Tão vazios… Apesar de todos os rostos. — Ela pressionou a mão na testa e olhou ao seu redor como se as imagens que via enchessem a tenda. — Ele tem pele de pedra — ela sussurrou. — E vai matá-la. Ela sempre soube.

Então ela se ajoelhou e pressionou a testa contra o chão. Jacob ajoelhou-se ao seu lado, mas não conseguiu entender o que balbuciava. Era uma língua que não conhecia. A garota balançava de joelhos como uma criança e começou a cantarolar. Soava como se ninasse alguém.

Jacob já tinha visto o homem que entrou na tenda fazendo malabarismos com polegares do lado de fora.

— Ela ainda vai ficar aí horas — ele disse. — Espero que a tenha pagado bem.

— Claro — mentiu Jacob.

Ele saiu. Dois homens, provavelmente caça-talentos de algum dos teatros da cidade de Moskva, assistiam a um número perigosíssimo de acrobacia, no qual seis crianças formavam um dragão que parecia muito real.

“Prometeu que pode fazer tudo voltar a ficar bem.” O quê? Ele nem mesmo podia ter certeza de que ela estava falando de Will. Fora uma ideia idiota ir até ali.

Jacob levantou e assistiu à escultura de dragão voltar a se transformar em crianças, que se curvaram e esperaram nervosas pela reação dos visitantes. Elas ainda não haviam aprendido que aqueles homens não demonstravam entusiasmo para manter o preço baixo.

“Eles são de prata e vidro.” Bom. E ruim. Se Dezessete e sua irmã estivessem fazendo o papel de guarda-costas de Will, isso explicava por que não os tinha visto mais desde o ataque. “Ele tem pele de pedra.” Essa fora a pior frase. A garota vira o presente ou o futuro?

Não. Não podia ter sido tudo em vão. Toda a dor, todo o medo… a proximidade da morte. *Você morreu, Jacob.*

O malabarista de polegares ainda estava na frente da tenda da garota-bambu. Sua expressão informava que por enquanto ele não tinha a intenção de deixar ninguém entrar.

Mas você prefere obedecer à sua amante perdida.

O Jogador tinha razão. Quem se importava se Will matasse a Fada Escura? Ela mais do que merecia. Se tivesse transformado seu irmão num goyl novamente, ele também pretendia matá-la, assim como suas irmãs.

“Ele tem pele de pedra.”

Jamais Jacob desejara tanto conversar com Fux. Ninguém sabia ordenar melhor seus pensamentos. Ninguém sabia dar conselhos como ela. O caminho de volta ao palácio de Baryatinskij parecia não ter fim. Foi absurdo o alívio quando finalmente viu o portão dourado. Mas Fux não estava no quarto, e a camareira que estava arrumando a cama murmurou em varangiano mal falado que a srta. Auger saíra.

Jacob não perguntou se ela saíra sozinha.

Ela deve estar farta da sua viagem que nunca termina.

Veneno.

Jacob foi para o quarto, olhou para baixo, para o pátio movimentado, e desejou ser um dos criados que arreavam os cavalos diante das baias ou o mensageiro que vinha correndo pela rua como se não houvesse nada mais importante no mundo do que a notícia que levava. Ele nunca quisera uma vida normal. Com a mesma rotina, as mesmas pessoas, os mesmos lugares, as mesmas tarefas. Mas, depois dos últimos dias — *Dias, Jacob? Semanas, meses, não importava* —, aquilo não parecia tão ruim. Sem perigos além de uma carruagem atravessando a rua, sem decisões que podiam significar a vida ou a morte, sem imortais, sem dois mundos… Ele gostaria de manter apenas um. O dela.

Jacob estava tentando anotar o que a garota-bambu dissera antes que se esquecesse das palavras exatas quando o criado chegou com um telegrama. Seu humor melhorou um pouco quando viu o nome de Dunbar, mas o que leu o fez voltar a si.

> Situação da biblioteca na colônia penal de Álbion tão desoladora quanto esperado pt mais encontros prateados? pt alguma pista da Escura? pt jornais dizem que a Morsa está doente? pt sem saber se é boa ou má notícia, saudações, Dunbar

Mesmo no fim do mundo, Robert Dunbar não se esquecia da política. Boa ou má notícia… provavelmente a primeira pergunta que o Jogador lhe faria seria se Artur de Álbion era de fato filho de um elfo dos amieiros com uma fada.

Jacob pôs de lado a folha de papel na qual havia anotado as palavras da garota-bambu e escreveu uma resposta a Dunbar: “Por favor, continue procurando. Temo que voltaremos a ver os espelhins, se realmente encontrarmos Will. Gostaria de saber se eles têm algum ponto fraco. Soda cáustica e ácido nítrico também funcionam em vidro que respira? Ainda penso que é melhor recorrer à magia do que à matéria. Nenhuma pista da Escura, mas sua irmã tentou me recrutar. Para o inferno com todos os imortais. Jacob”.

Dunbar não precisaria ler nas entrelinhas em que estado de espírito ele lhe escrevia.

Jacob pediu a um dos mensageiros de Baryatinskij que transmitisse o telegrama, e afogou no vinho do seu anfitrião a pergunta sobre onde Fux estaria para demorar tanto. Por um tempo, ele conseguiu se convencer de que estava preocupado por causa de Dezessete, mas finalmente o ciúme mostrou seu rosto até mesmo no copo que já havia enchido vezes demais.

Foi uma distração bem-vinda quando Chanute e Sylvain se juntaram a ele, e Sylvain contou, entremeando sua fala com imprecações de espanto, que haviam estado com o construtor de membros cujas próteses Baryatinskij havia elogiado. Pelo jeito, a ideia da visita fora de Sylvain. Chanute fazia graça com seu entusiasmo, mas Jacob vira como ele ficara impressionado com os membros de aço. Quando Sylvain contara quanto custavam, Chanute voltou a parecer o homem velho e doente que ficava enfurnado em seu quarto em Schwanstein, e involuntariamente Jacob pôs as mãos nos bolsos, embora soubesse que seu conteúdo não daria nem mesmo para um dedo artificial. Para animar Chanute, ele lhe contou sobre sua audiência com o tsar no dia seguinte e o adiantamento que esperava receber. Adiantamento pelo quê? Jacob não fazia a mínima ideia, mas o rosto de Chanute se alegrou, e uma hora depois ele e Sylvain faziam planos de se juntarem à caça ao tesouro.

Fux demorou ainda duas horas. Jacob precisou apenas olhar para ela para saber com quem saíra. O Borzoi lhe mostrara as igrejas douradas, o portal dos dragões, os cavalos nos quais os mensageiros do tsar viajavam até Iacútia e Zhongga, e os padeiros que assavam pão cantante diante dos muros do Kremlin. Ele nunca a vira tão despreocupada desde o barba-azul.

Vejo que tem um rival. Era de esperar, não?

O ciúme era como uma doença. *É exatamente isso que o elfo quer, Jacob.* Nem mesmo esse pensamento ajudava. Ele disse a Fux que no dia seguinte ia encontrar o tsar e ver a Coleção Mágica.

Ela parecia tão ausente, como se ainda não tivesse voltado.

— Orlando vai se encontrar amanhã com alguns de seus contatos para saber se eles têm novidades sobre a fada. Ele me convidou para ir junto.

Orlando. Ela nunca pronunciara o nome de outro daquela maneira. *Que maneira, Jacob?* Céus, ele estava morrendo de ciúme. Tinha as palavras na ponta da língua: venha comigo. O que vou fazer sozinho na Coleção Mágica? O que vou fazer sozinho com o tsar?

Ela parecia tão feliz. Por que não? O Borzoi não tinha dívidas com o elfo dos amieiros.

Ele mostrou a ela o telegrama de Dunbar e contou sobre a garota-bambu, mas disfarçou quanto o que ela lhe dissera o preocupava. Todas as perguntas que queira fazer a Fux… simplesmente não vinham aos seus lábios.

Seu irmão, a fada, Clara… Os outros são sempre mais importantes.

Aquilo era o pior… O elfo dos amieiros tinha razão.

Ela parecia feliz.

— Pensei que você não acreditasse em videntes. — Fux o encarou como sempre fazia quando percebia que ele não estava dizendo o que sentia ou pensava de verdade.

O que ele esperava, depois de tudo o que lhe dissera em Schwanstein? Que não acontecesse tão depressa. Droga. Ele mal podia imaginar ficar sem vê-la mais do que algumas semanas. *Comece a imaginar, Jacob.*

— Mesmo que ela esteja certa sobre tudo… Will está vivo, Jacob — Fux disse.

— Sim, mas e se ele voltar a… — Ele mal conseguiu pronunciar. Não precisava. Ela sabia a que se referia.

Fux segurou sua mão. Jacob não a soltou, como vinha fazendo nos últimos dias. Era tão bom.

— Você se lembra do que Alma costuma dizer sobre profecias? As pessoas sempre as entendem errado, porque o futuro não é nossa linguagem. Vamos ver o que Orlando vai descobrir amanhã.

Orlando. Amanhã. Ele imaginou como… *Pare.*

— Ela viu o goyl com ele?

— Ela não disse nada sobre ele.

O Bastardo gostaria de ver a pele de pedra de volta a Will. Não seria uma vingança ruim, mas pelo menos isso acabara desde que a fada se fora. *Ele tem pele de pedra.* Não, a Escura podia trazer o jade de volta.

Todos os meses em que acreditara que Will havia esquecido a pedra…

Todos os meses? Quantas vezes você o viu, Jacob? As coisas que escondemos dos outros… E se o irmão nem mesmo quisesse que ele o encontrasse? Como antes.

— Você parece cansado — disse Fux. — Por que não vai dormir?

Ela se sentia segura, Jacob percebeu isso na voz dela. Gostava de Moskva. Ou talvez apenas estivesse com o outro em seus pensamentos.



37
As coisas que desejamos

Um punhal humano com cabo de madrepérola. Seu irmão encontrara a arma numa das cavernas em que haviam construído cidades subterrâneas. Sim. Fora a primeira coisa que Kami'en realmente desejara. A cobiça era tão forte que o roubara do irmão. Skala quebrara dois dedos seus em troca. Quatro anos depois, Kami'en o matara numa batalha — e o enterrara junto com o punhal. Os dois dedos doíam quando estava frio.

As coisas que desejamos…

O palácio no qual o tsar o havia hospedado estava repleto de coisas que despertavam a cobiça. Para os olhos de um goyl, os cômodos pareciam sobrecarregados em sua pompa, todas as flores e gavinhas douradas, os afrescos povoados de deuses e heróis humanos. Apesar disso, Kami'en não pôde evitar admirar aquilo. De onde vinha seu fraco por objetos humanos?

Os pés de sua cama com formato de patas de leões não o faziam dormir melhor. Os lordes de ônix mantinham leões negros em seus palácios. Kami'en ordenara que o último assassino que haviam enviado fosse morto por um leão.

Havia também um espelho. Os humanos eram obcecados pela própria imagem. Em seus palácios, ninguém podia fugir do próprio rosto. Kami'en examinou a si mesmo por um momento no vidro polido. Um rosto goyl não denunciava nada, nem a ira, que eles sentiam tão facilmente, nem o amor, que vinha e partia depressa, nem o orgulho, que governava todos eles, ou a decisão de compensar todas as humilhações com as quais cresciam de forma tão natural quanto o calor sob a terra.

Ele deu as costas para o espelho.

Ela ria para Moskva?

Verteu água num copo e apanhou-se com esperanças de ver nele o rosto dela.

Ele nunca amara antes daquela maneira, e mesmo assim a traíra por coisas que desejava mais: poder, um filho com pele humana, o trono de uma inimiga… Sempre desejara aquilo mais do que o amor. O amor lhe dava medo. Deixava-o tolerante e vulnerável demais.

Um de seus guardas anunciou Hentzau. Para tranquilizá-lo, Kami'en postara soldados goyls diante da sua porta. O Cão de Jaspe via espiões dos ônix mesmo entre os guardas do tsar. Como de costume, seu rosto não revelava se trazia boas ou más notícias. Nos últimos dias, haviam sido quase exclusivamente boas. Os rebeldes no norte tinham se mostrado dispostos a um acordo, os goyl-homens voltavam em bandos para suas tropas, Wilfred de Álbion estava gravemente doente, o que ameaçava sua aliança recém-selada com a Lorena, e os ônix estavam em conflito porque três de seus lordes se coroaram ao mesmo tempo rei dos goyls. Mas Hentzau não trazia notícias sobre inimigos políticos.

— Temos provas de que o padrinho de Amália entregou seu filho a enviados da mãe dela.

O trono da inimiga… Eles mantinham Teresa da Austrásia presa duas milhas abaixo da superfície, mas havia alguns meses Hentzau suspeitava que ela se comunicava com o mundo exterior.

— E onde ele está?

— Não conseguimos encontrar nenhuma pista.

Hentzau transmitia más notícias com uma objetividade agradável. Kami'en apreciava muito isso.

O príncipe de pedra da lua era o quinto filho de Kami'en. Nenhum deles havia tocado tão fundo seu coração como ele. O rei dos goyls tinha uma suspeita do motivo. Era o filho dela para ele. Kami'en mandara divulgar oficialmente que a Fada Escura não era assassina, mas aquilo não trouxera a criança de volta. E ele a queria de volta.

— Nenhuma pista… Você perdeu o talento de fazer os prisioneiros falarem?

Hentzau endireitou as costas, mesmo que se pudesse ver que aquilo lhe causava dor. Praticamente não existia uma parte de seu

corpo que não causasse dores ao Cão de Jaspe — e tudo aquilo pelo seu rei. Ou melhor: tudo pelo velho amigo. Kami'en tinha consciência de que a submissão de Hentzau não se devia à coroa, e sim ao passado. Ele teria de bom grado devolvido a Hentzau sua juventude como agradecimento, até pedira isso a Niomee, mas ela afirmara não dispor de uma magia como aquela. Kami'en tinha certeza de que era mentira.

— Não consegui fazê-los falar porque não sabem onde está a criança. — Hentzau soou rude, e Kami'en maldisse a si mesmo, como sempre fazia quando o ofendia. — Três dos antigos anões da corte de Teresa pegaram seu filho. Dois deles nós encontramos, mas não há nenhuma pista sobre o terceiro. Supomos que seja Auberon, o antigo confidente dela. Aparentemente, os outros serviam apenas para nos despistar. Assim como o padrinho de Amália, eles não sabem para onde Auberon levou a criança.

A raiva. Sua velha inimiga. Kami'en a sentia como um ardor que dissolvia toda a racionalidade e todo o cálculo político. Ele se aproximou da janela para que Hentzau não visse como estava furioso — com a astúcia de Teresa, mas também com sua própria imprudência. Deveria ter previsto que Amália tentaria de tudo para expulsar a fada. Ela a odiava quase tanto quanto a temia. Mas tinha que admitir que jamais esperaria que usasse o próprio filho como instrumento. Ele não a conhecia. Casara-se com uma estranha, e ela ainda era uma.

No pátio, sob a janela, as tropas do tsar se exercitavam. Seus aliados. Kami'en assinara os acordos pela manhã. Varângia era um poderoso contato no leste, e era uma ideia tranquilizadora que Álbion tivesse pagado por aquilo, ainda que para isso ele tivesse que renunciar mais uma vez ao engenheiro que construíra aviões e trens subterrâneos. Felizmente, os goyls haviam aprendido muito com ele antes que escapasse e se tornasse Isambard Brunel.

— Teresa da Austrásia foi interrogada sobre meu filho?

— Sim. Ela afirma que não tem nada a ver com o desaparecimento do príncipe. Acho que foi inteligente o bastante para dar instruções a ponto de nem mesmo ela saber o paradeiro da criança, caso fosse interrogada com mais rigor.

— Disseram a ela que mandarei executar sua filha caso não tenha meu filho de volta?

— Sim. Ela mandou lhe dizer que o senhor é um monstro.

Vindo da boca de Teresa, soava quase como um elogio. Ela também era um. *Mande executar as duas*, sussurrou sua ira. Mande expor os cadáveres empalhados, como faziam com os antepassados dos goyls. Porém Kami'en sabia que suas conquistas não se deviam à ira, mas ao controle dela.

— Mande espalhar que temos a pista do anão. E cuide para que Amália saiba o jogo de sua mãe.

Hentzau pressionou o punho contra o peito. Ele teria preferido receber a ordem de executar ambas as mulheres, mas era inteligente o suficiente para saber que aquilo também significaria a morte do príncipe. Infelizmente, Teresa da Austrásia também sabia.

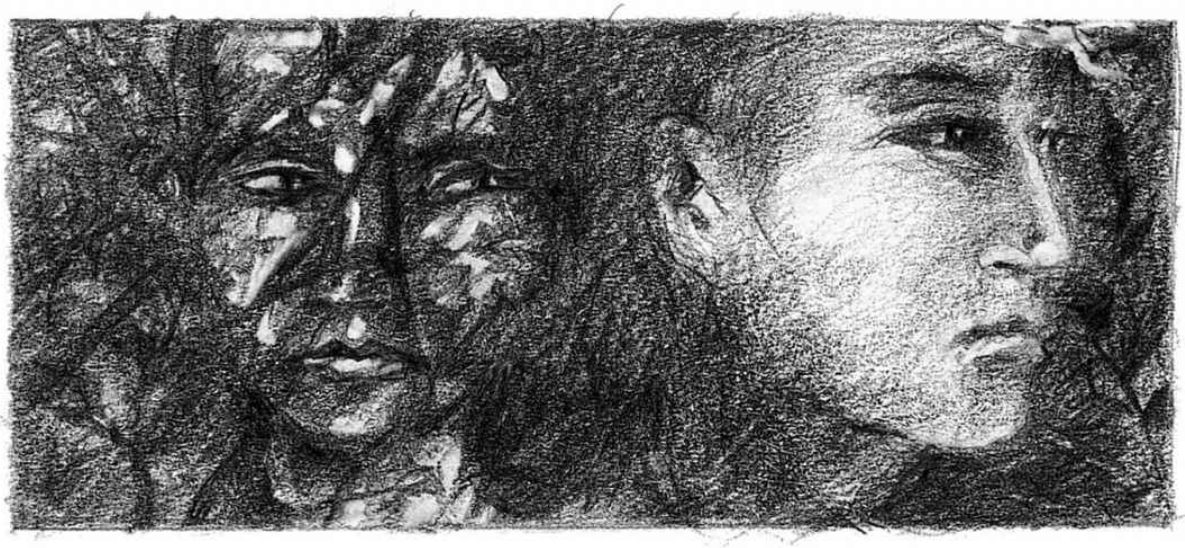
— Deveria voltar para Vena, majestade. Pode ser que em breve Álbion tenha um novo rei. Dois outros líderes dos goyl-homens estão dispostos a negociar um retorno a nossas tropas, e os anarquistas na Lorena querem falar sobre cooperação. O vento está virando a nosso favor.

"Não importa o que sua amante faça." Kami'en tinha certeza de que Hentzau acrescentara aquilo em pensamento.

Ele olhou para os telhados de Moskva.

Por que ela não vinha? Porque sabia que ele estava ali?

Por um momento, sentiu uma dor aguda — como se tivesse perdido algo que desejava mais do que os soldados que estavam no pátio ou o filho que ele devia a ela. Mas tinha muito medo de dar um nome ao sentimento.



38
Ridículo

Eles prosseguiram. Atrás de uma pista que outro lia com o coração. Nerron já seguira muitos rastros, mas era a primeira vez que confiava nos olhos de outro. *Olhos, Nerron?* Não. Will Reckless seguia a Fada Escura sem lançar um olhar para a terra. Talvez ela apagasse seus rastros com toda a chuva que caía quase sem parar do céu cinza e infinitamente vasto havia dias. Não sobrava nenhuma pista, nem na terra nem na relva que crescia como cabelo eriçado naquele país, mas ela parecia não poder se esconder do jovem que experimentara sua magia no próprio corpo.

Se de vez em quando não despontasse no horizonte a torre solitária de uma igreja ou a silhueta de uma aldeia, Nerron teria acreditado que ela os estava atraindo para uma terra que pertencia aos animais: eles estavam por toda parte, veados, porcos selvagens, castores, martas, lebres, cobras, sapos… como se fossem eles que apagassem o rastro da Escura. Seu próprio rastro infelizmente era tudo menos invisível, e pelo jeito tinha um cheiro bastante agradável. Uma alcateia de lobos, um urso-negro e finalmente um ogro de um tamanho bem preocupante… todos cometeram o erro de tomar Will Reckless por uma presa fácil. Seus guarda-costas atacavam os predadores de forma tão silenciosa que o Filhote às vezes nem mesmo olhava ao redor. Cortava o coração de caçador de tesouros de Nerron deixar todo aquele metal brilhante na taiga varangiana, mas pelo menos Dezessete seguira seu conselho de esconder as vítimas maiores. Nerron anotara os lugares no mapa que levava consigo. Sua reserva pessoal de prata… nada mau. O urso e o ogro renderiam uma fortuna. Eles ainda estavam vivos. Nerron havia posto a mão no pescoço endurecido de um dos lobos e sentira sua respiração quente. Por quanto tempo? Quem poderia dizer?

Uma vez Will quase viu seus guarda-costas de vidro. Dezesseis fora imprudente. A casca de árvore agora crescia por todo o seu corpo, e ela esquecera a camuflagem enquanto descascava a madeira dos braços. Nerron desviou a atenção do Filhote a tempo, fazendo seu cavalo empinar com uma pedrada. O desconhecimento de Will dava a ele a sensação agradável de que tudo corria de acordo com seu plano. Mas o inquietava cada vez mais que realmente estivesse apreciando a companhia do Filhote.

O Bastardo gostava de trabalhar sozinho. O último acompanhante que aceitara havia sido um tritão, e o tempo todo Nerron não via a hora de se ver livre dele. Nunca sentira a falta de ter alguém ao seu lado freando o cavalo por causa de um rouxinol ou achando imoral matar um veado. Apesar disso, sentia que estava se acostumando de maneira ridícula ao Barba de Leite. Talvez estivesse sentimental porque o Filhote lhe fizesse perguntas sobre a história dos goyls. Nerron tinha que admitir que ele podia passar horas falando sobre a Cidade Perdida e as Guerras Esquecidas, sobre o povoamento das Cavernas Mortais ou as expedições ao Lago Sem Margem (não que tivesse encontrado alguém que o ouvisse por horas). Uma vez até mesmo se apanhara com o desejo de mostrar tudo aquilo a Barba de Leite. O que estava acontecendo? Estava comendo pouco? Era o frio, a chuva? Algum vírus humano que atacava seu coração de pedra?

Will observou ao redor, como se o tivesse ouvido praguejar.

Sim, o Bastardo o amaldiçoa, Barba de Leite. Ele vai vendê-lo. Roubá-lo. Traí-lo. É da sua natureza! Você não pode esperar que um lobo se torne vegetariano por causa de um filhote fofinho.

Nerron lhe deu seu sorriso mais matreiro.

O Filhote sorriu de volta com sua cara de príncipe! Não, nos contos de fadas, quem era tão lindo que apesar da estupidez ficava com a princesa era o pobre e insuportavelmente nobre pastor. Ah, o confeito açucarado da inocência ainda causava náuseas a Nerron! Mas alguma coisa em seu coração, uma mancha menor do que uma moeda, ficava mole como pele de lesma quando, durante aquela cavalgada interminável, Will lhe perguntava quando vira um humano pela primeira vez ou com que idade um goyl ia para a superfície. O

Barba de Leite parecia se lembrar mais claramente a cada dia da fortaleza real, da Alameda dos Mortos, da Ponte dos Vigias. Ele levava Nerron consigo em suas lembranças de volta para debaixo da terra, para casa, e o goyl lhe contava coisas que o Barba de Leite ainda não vira: as estalactites vivas, as cavernas de espelhos, os campos azuis… Ele prestava atenção como uma criança.

Ridículo.

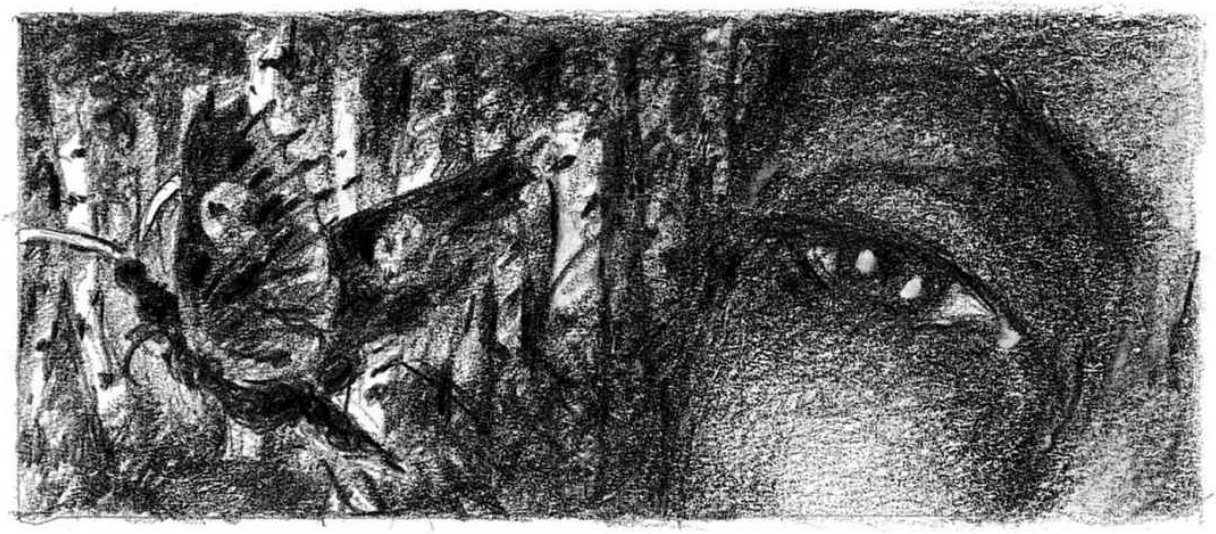
Perigoso.

— Vocês falam demais! Preciso lembrá-lo de que estamos com pressa? — Dezessete lhe dissera na noite anterior entre os dentes, com sua expressão mais colérica.

Não. Nerron não esquecera. E, sim, era melhor que aquele passeio terminasse logo. Não apenas por causa da casca de tronco que devorava os acompanhantes de vidro.

O Bastardo apreciava seu coração de pedra. Aproveitara toda a dor que a vida lhe trouxera para endurecê-lo, toda a humilhação, toda a derrota, toda a traição, e houvera tudo isso em abundância. Mesmo sendo do tamanho de uma moeda, uma mancha mole era demais.

Mais um motivo para, a cada sorriso do Filhote, lembrar-se do irmão dele e de sua vingança.



39
Uma parte sua

A mariposa voou para dentro da carruagem como um fragmento da noite. Era um absurdo que sua irmã a vestisse de vermelho. Preto era muito mais adequado para a alma de homens que escolhiam aquela existência de sombra em nome do amor. A Escura se perguntou quem fora aquele. Haviam sido tantos… Haviam se afogado em açudes de aldeias e em lagos de castelos por causa dela e de suas irmãs. Parecia mesmo justo que por vezes elas próprias sofressem a dor que haviam impingido com tanta frequência. Justo… A Escura não estava muito certa de já ter pensado naquela palavra antes.

A dor gerava frutos interessantes.

Assim como o amor.

Por que ela ainda queria saber o que fora feito com a criança? Por um momento, quis enxotar a mariposa, porque talvez lhe trouxesse imagens dela. A Fada Escura a havia visitado algumas vezes em segredo, à noite, quando a ama dormia ao lado do berço. Ela tocara suavemente os diminutos punhos fechados, tocara sua testa para lhe conceder a proteção de sua magia por toda a vida, e sentira medo do que se movia dentro dela. Aquilo desapareceria quando cortasse a fita que a ligava ao pai da criança. Ou não?

Ela pegou a mariposa e as imagens vieram.

Um rio, cercado por encostas íngremes, cobertas por florestas densas. Um edifício grande, alto, com muros brancos. A fada ouviu o tintilar de um sino. E o choro de uma criança. Ela o ouvia tão claramente como se a chamasse. Uma mulher saiu pelo portão. Vestia um hábito preto de freira. Um convento? Amália abominava igrejas, ao contrário de sua mãe. Teresa da Austrásia, mesmo na cela subterrânea na qual os goyls a mantinham presa, se ajoelhava todas as manhãs. Tratava o deus ao qual se devotava como um de

seus criados: “Veja, eu acendo velas para você. Me proteja. Realize meus pedidos. Aniquile meus inimigos”. Por que um convento? Talvez por causa da crença supersticiosa de que as fadas viravam água quando ultrapassavam a soleira de uma igreja? Amália havia esquecido que estivera em seu casamento na catedral?

A construção tinha muitas janelas, mas a mariposa a fez olhar por aquela da qual vinha o choro. Quase não se podia ver a criança nos braços da jovem freira que a segurava, envolvida em várias camadas de tecido azul-claro e renda branca. Mas a mãozinha minúscula que se agarrava ao pano preto tinha a cor da pedra da lua vermelho-opaca.

A Escura mandou Chithira parar a carruagem, embora o crepúsculo ainda fosse demorar horas. Ela não queria sentir o que estava sentindo — alívio, como se tivesse reencontrado um pedaço de si mesma.

Desceu da carruagem. Mesmo à noite, a terra que a cercava diferenciava-se tanto da floresta que acabara de ver à margem de um rio. Lorena? Não. Lá os conventos tinham outro aspecto.

Ela ainda segurava a mariposa entre as mãos. O que deveria fazer? Mantivera o filho de Kami’en vivo. Ela lhe devia proteção, mesmo que tivesse medo do que a criança a fazia sentir.

Finalmente deixou a mariposa voar.

A Fada Escura a encarregou de encontrar Kami’en e lhe mostrar as mesmas imagens. Ele amava a criança. Muito. Ele a encontraria.

A noite estava clara. As duas luas pairavam no céu, tão grandes como se fossem descer à Terra a qualquer instante. Donnersmarck ergueu os olhos para elas. “Ele está ficando mais forte”, suplicava seu olhar quando encontrou o dela. “Por favor, me proteja!” Mas ela também tinha que proteger a criança que vivia apenas por sua causa. Em vez disso, ficara sentada em sua gaiola de vidro suspirando pelo amor perdido.

A Fada Escura deveria dizer a Donnersmarck que nada do que ele aprendera como soldado o ajudaria naquela batalha, nada que soubesse sobre si mesmo ou sobre o mundo? Provavelmente ele já sabia. O medo em seu rosto parecia tão estranho quanto o que se mexia dentro dele.

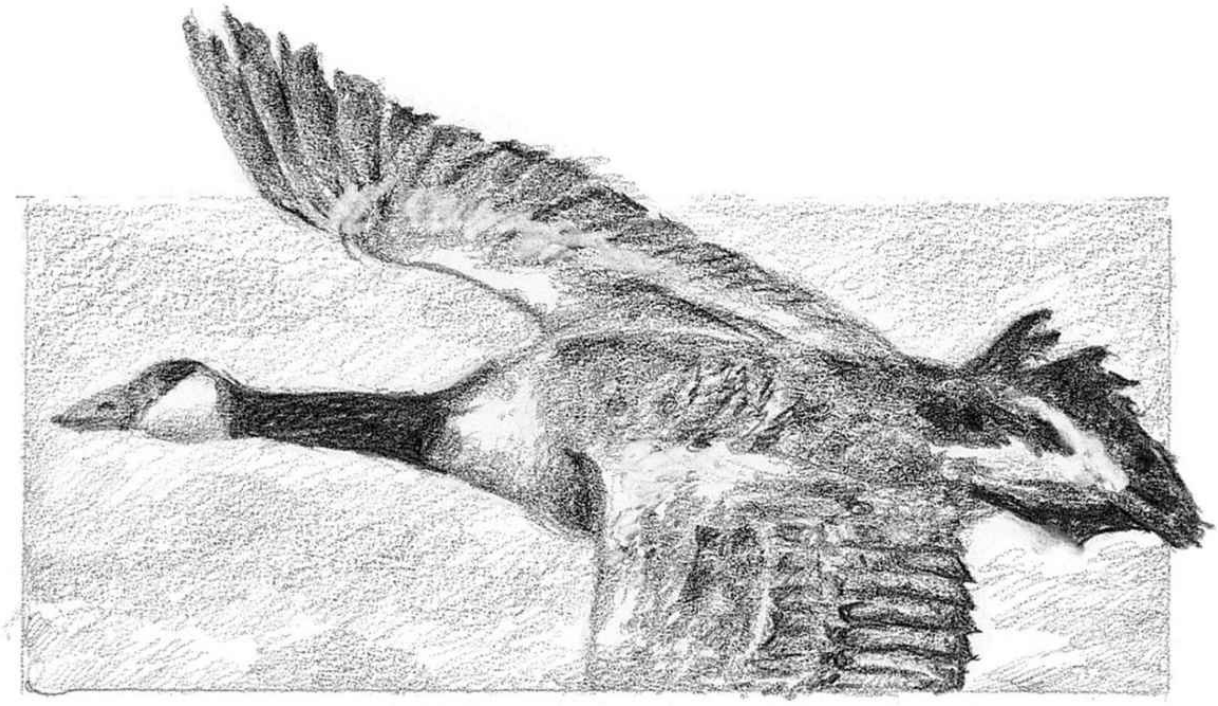
Ela andou até o cavalo, pegou as rédeas e o encarou.

— Do que exatamente você tem medo? — perguntou. — De que ele faça você esquecer quem é? E daí? Pense em suas lembranças. A maioria delas é dor, cansaço e medo. Ele não vai tirar a alegria de você, não vai tirar o amor nem a força. Não vai fazer você esquecer que precisa comer, dormir e respirar. É verdade que ele não sabe nada sobre ontem ou amanhã, mas isso pode ser bom, não pode? Você vai ver, ele sabe muito mais sobre o agora.

Donnersmarck não entendia do que ela estava falando, mas logo entenderia.

— Fique com ele — ela disse a Chithira. Segundo sua experiência, os mortos entendiam mais do mundo do que os vivos.

Donnersmarck seguiu-a com o olhar. Ela saiu dali e penetrou na noite. Precisava ficar sozinha quando queria reencontrar a força que todos esperavam dela. A vasta paisagem que a envolvia parecia não saber nada do tempo. Dava, mesmo à fada, a sensação de ser jovem, e ela se fez crescer até sentir as nuvens no cabelo. Fizera-se pequena por tempo demais para caber no seu mundo.



40
Existem outros

O goyl estava escondido atrás da coluna com anúncios do outro lado da rua. Jacob contara que Hentzau mandara segui-lo, mas pelo jeito trocara o perseguidor. Aquele tinha uma pele de citrino amarelo-pálido.

Fux não perguntou a Jacob como ele o despistara — eles faziam isso de maneiras muito diferentes. Enquanto esperava que os guardas abrissem o portão, Sylvain apareceu atrás dela.

— Vou com você por causa daquele ali — ele cochichou.

Apontou para o goyl de um jeito nada discreto. Sylvain não fazia nada discretamente, mesmo quando tentava. Comovia Fux o fato de ele ter posto na cabeça que ia protegê-la, mas ela não sabia muito bem como deveria lidar com aquele cuidado. Não estava acostumada a que se preocupassem com ela. Mesmo Jacob o fazia raramente, porque sabia quão bem ela sabia cuidar de si mesma — e quanto a irritava quando alguém duvidava daquilo.

— Sylvain, sou adulta — ela disse. — Não preciso de um pai. — "E o pai de quem eu precisava já está morto", ela acrescentou em pensamento.

Ele passou a mão no queixo sempre por barbear. Os pelos pretos que brotavam ali menos de uma hora depois que ele havia se barbeado impecavelmente, o cabelo crespo, até mesmo as sobrancelhas cresciam em abundância, como as de um fauno. Ele realmente parecia um, se Fux parasse para pensar, com seus lábios macios e olhos castanhos. Até mesmo suas orelhas mostravam um princípio de ponta, como as dos faunos, sem falar do apetite insaciável por comida boa e todo tipo de bebida alcoólica. Sylvain era uma mistura estranha de força e vulnerabilidade, de homem adulto e menino mal-educado. Às vezes, Fux tinha a sensação de

que todos os homens tinham os sonhos e os desejos de um menino de nove anos — pelo menos os de quem ela gostava.

— Desculpe, é o cabelo ruivo. — O olhar sombrio que ele lançou para o outro lado da rua devia ter sido pensado como uma advertência para o goyl. — Me lembra da minha filha. Uma delas. Tenho três. Tabarnak, já contei isso? — Ele acompanhou um fiacre com os olhos como se quisesse fazer seus próprios pensamentos andarem com ele. Sylvain carregava um peso no coração, Fux via isso claramente.

O guarda lançou-lhe um olhar irritado quando ela parou no portão aberto.

— Mais alguma coisa, Sylvain?

Ele olhou para o nó dos dedos da mão direita.

— Não sei o que dizer. Você e Jacob… conhecem todos esses tesouros mágicos. Sabe se existe algum que traga o amor de volta?

Ele se empenhou bastante em parecer tão despreocupado como de costume, mas Fux ouviu saudades por trás das palavras; esperança, dias tristes. Ela gostaria de responder que sim, mas não conhecia tal magia.

— Você deveria perguntar a Chanute — ela disse. — Ele conhece mais tesouros do que eu e Jacob juntos.

Mas Sylvain balançou a cabeça energicamente.

— Não! — ele murmurou. — Seria muito constrangedor! Albert ia se divertir às minhas custas!

— Imagina! Albert Chanute, no que diz respeito ao amor, é muito mais sentimental do que você pensa. Provavelmente vai sair em busca disso imediatamente. Pergunte a ele!

Sylvain lançou um olhar cético para a janela do quarto em que Chanute estava hospedado. Ele ainda ficou ali parado quando o guarda fechou o portão atrás de Fux. “Algum que traga o amor de volta”… Enquanto atravessava a rua, Fux se perguntou que amor Sylvain tinha perdido. E qual seria a sensação de não o sentir mais. Ela sentia o mesmo já fazia tanto tempo…

Despistou o goyl transformando-se atrás do quiosque de uma florista. Antes que ele entendesse que a mulher que seguia havia mudado de corpo, a raposa já estava longe.

A igreja diante da qual Orlando a esperava parecia muito humilde comparada às incrustadas de ouro que ficavam ao redor do palácio do tsar. Ele próprio, no terno cinza que vestia aquela manhã, parecia mais simples e inofensivo do que no fraque preto, mas o olhar com que a mediu o denunciava. Fux pensou ouvir o relatório mental que fazia: o vestido foi feito por um alfaiate da Lorena, não é barato, mas já está bem usado; cabelo naturalmente ruivo; dois anéis, um deles mágico; canivete escondido na manga do casaco.

Ainda assim, ela gostava do Borzoi. Talvez até gostasse mais dele em cinza.

A igreja era de madeira, como muitas que tinham visto no caminho para Moskva. A visão do alto de suas torres valia todos os degraus que precisaram escalar. Os telhados de Moskva a envolviam com uma paisagem de telhas de pedra, torres e estátuas de seres fabulosos, mas Orlando não a levara até ali por isso.

A águia que estava pousada no peitoril da torre tinha duas cabeças, como o animal heráldico de Varângia, e carregava um bolysoj nas costas. Exceto pelo chapéu e pela minúscula casaca de couro de veado, ele se diferenciava dos polegares da Austrásia pela cor do cabelo. Carregava um dente de ouro no pescoço que custou um táler de Álbion. O rosto de Orlando mostrava, ainda antes que traduzisse para Fux as palavras do pequeno espião, que não recebera muita coisa em troca. Eram os boatos costumeiros: a Escura veio para Moskva em um cavalo negro, sobrevoou o Kremlin como mariposa, está no palácio do tsar montando um exército mágico de ursos…

Fux também pôde ler no rosto de Orlando que não havia acreditado em nada, e o bolysoj deve ter feito o mesmo, porque sumiu dali em sua águia antes que exigissem o dinheiro de volta.

— Espero que minha próxima fonte seja mais produtiva — ele disse, enquanto acenava para um fiacre diante da igreja. — Ludmila Akhmatova é uma das melhores espiãs de Moskva. Vamos nos encontrar em meu apartamento por causa de outra coisa que está investigando para mim, mas vou perguntar a ela sobre a Fada Escura. Você gostaria de estar presente ou devo pedir ao cocheiro para deixá-la na residência de Baryatinskij?

Fux hesitou. Ainda era cedo, e ela ficaria sentada na sala de Baryatinskij esperando Jacob e ouvindo Sylvain e Chanute discutirem se era a aguardente de vinho ou de batata que embriagava melhor.

— Gostaria de estar presente — ela disse.

Orlando não escondeu que a resposta o alegrava. Fux gostava de sua companhia, e muito, mas, quando ele abriu a porta do fiacre para ela, aquilo lhe trouxe imediatamente a lembrança de outro rosto, tão belo que a escuridão do mundo ficara escondida atrás disso. Ela se envergonhou por seu coração disparando em pânico quando recuou, mas as lembranças eram muito mais fortes do que o que sua razão tinha a dizer. O último homem para cuja casa ela fora enchera uma jarra com seu medo.

Orlando fez um sinal para o cocheiro seguir.

— Por que não vamos a pé? — ele disse. — Está um dia bonito e aqui eles são muito mais raros do que em Metragirta.

Fux ficou muito grata por ele agir como se nada tivesse acontecido. Ambos caminharam em silêncio por um bom tempo, passando por casas e palácios, igrejas e lojas. Era fácil ficar calada com Orlando.

— Com que frequência você se transforma?

A pergunta veio tão repentinamente que por um momento Fux não sabia se a queria responder com franqueza. Ela nunca falava com Jacob a respeito da frequência com que sentia falta do pelo. Tinha a sensação de que seria uma traição fazê-lo com outro, mas ao mesmo tempo ela queria responder, dar palavras ao anseio por ser as duas coisas.

— Menos do que o suficiente. — Ela esperava que a resposta despertasse sua curiosidade, e que viessem as perguntas que todo transmorfo conhecia, a incompreensão, o medo, muitas vezes misturado com o nojo ou o desprezo.

No rosto de Orlando não havia nada disso.

— Nunca é suficiente, é? — ele comentou e tirou um pente do bolso. À primeira vista parecia um dos pentes de marfim de elefantes e tigres-dentes-de-sabre, mas os ornamentos no cabo revelavam que fora talhado em osso humano por uma bruxa.

Orlando passou o polegar sobre os dentes finos.

— Eu o encontrei num mercado proibido em Din Eidyn. Ele me custou um ano de ganho, mas se mostrou bastante útil profissionalmente. Admito que isso foi apenas um pretexto para comprá-lo.

Fux ainda não encontrara muitos transmorfos que, como ela, haviam nascido como pessoas comuns. Evitava os que se exibiam, e os outros quase sempre mantinham a vida dupla em segredo, como ela mesma fazia.

— O pente faz você envelhecer mais rápido?

— Não sei. Pássaros envelhecem mais rápido do que pessoas? Ou raposas? — Seu sorriso era travesso como o de um garoto. Ele parecia mesmo um garoto, embora fosse mais velho do que Jacob.

Jacob também possuíra um pente de bruxa. Ele o roubara de uma casa de doces quando ainda era muito jovem, mas nunca o utilizara. Não queria ser nada nem ninguém diferente, aquilo lhe dava medo. Então trocara o pente por um cavalo.

Orlando lançou um olhar através da arcada que havia entre dois edifícios próximos e puxou Fux. O pátio que se abriu diante deles, assim como o de Baryatinskij, a fez esquecer que estava numa cidade grande. Entre a horta e os estábulos, crescia uma velha faia cujos galhos os protegiam das janelas que davam para o pátio. Apesar disso, Orlando olhou cuidadosamente ao redor, antes de passar o pente em seu cabelo loiro-acinzentado. Então tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Penas brotavam em seus braços.

Fux tocou a quilha afiada.

— Dói?

— Sim.

As penas eram cinza como a luz do inverno.

— Uma ave selvagem — sussurrou Fux.

— Um ganso selvagem.

Orlando estalou os dedos, e as penas se soltaram da sua pele e cobriram o calçamento a seus pés, como se um gato tivesse dilacerado sua presa ali. Ou uma raposa.

Orlando ajeitou a manga sobre a pele avermelhada.

— Espero que pense em mim da próxima vez que caçar um.

— Por que não um corvo? — Fux pegou uma das penas cinzentas do chão.

— Tive receio de desenvolver apetite por olhos de enforcados. O homem do qual comprei o pente me revelou que a pessoa pode desejar qual pássaro quer ser. Quando criança, meu livro preferido era sobre um mago que transformava um menino num ganso selvagem.

Fux gostou da escolha. A raposa ia riscar gansos selvagens de seu cardápio dali em diante.

Orlando vestiu o paletó e guardou o pente no bolso.

— Você também pode evocar o pelo facilmente?

Fux hesitou em responder mais uma vez. Ela estava muito acostumada a ver o pelo como seu segredo. *Mas ele entende, Fux.*

— Está ficando mais difícil. Antigamente acontecia naturalmente com frequência. Agora já faz bastante tempo que não acontece.

O edifício em que Orlando morava tinha a mesma pintura verde-água que se via em muitas fachadas de Moskva. Era um belo prédio com janelas altas, frisos de pedra e sacadas de ferro fundido que lhe lembravam Lutis, mas o reboco estava manchado de chuva.

— Como você vê, o rei de Álbion não me paga o suficiente para morar num palácio — disse Orlando. — Mas não há nenhuma kikimora neste edifício, o que é muito raro em Moskva. Eu sei, elas são úteis. Mas não consigo suportá-las. As do edifício vizinho deixam gatos mortos na porta dos inquilinos que não lhes dão leite pela manhã. E gatos que estão mortos há bastante tempo.

Uma senhora que passava a mediu com os olhos, como se sua visão lhe lembrasse os dias em que fora jovem. O que ela estava imaginando? *O que você está imaginando, Fux?*

Num nicho ao lado da porta de entrada, havia uma figura de gesso pintada. Alguém pusera flores a seus pés.

— Esta é Vasilisa, a Sábia — sussurrou Orlando. — Você está vendo a tigela ao lado das flores? Tem água salgada. É filha de um rei do mar e protege muitas casas em Moskva.

Ele pôs uma pena diante dos pés de pedra antes de abrir a porta do edifício. Sua mão estava muito quente quando segurou o braço

de Fux. Talvez pudesse limpar as carícias do barba-azul da sua pele. Talvez pudesse fazê-la esquecer que nutria um desejo por outro durante todos aqueles anos. As flores do barba-azul haviam conseguido aquilo por um tempo…

Alguns malen'kys saíram correndo quando ela seguiu Orlando pela escada. No palácio de Baryatinskij, eles roubavam o açúcar da mesa do café da manhã.

O apartamento dele ficava no segundo andar. Estava tão vazio como se seu morador tivesse receio de revelar através dos objetos que o rodeavam quem realmente era. As paredes eram cinza como as penas que o pente de bruxa fizera crescer. Uma modesta escrivaninha diante de uma janela alta, três cadeiras, um sofá, uma cômoda com um samovar: essa simplicidade fez bem a Fux depois dos cômodos abarrotados de coisas de Aleksei Baryatinskij. Duas janelas estavam abertas e deixavam entrar os cheiros de um estranho verão frio. Por um momento, a raposa se agitou dentro dela, queria ir embora, para as florestas que farejava sob os cheiros da cidade. Mas Celeste queria ficar.

Antes do barba-azul houvera outros homens: o filho de um madeireiro, uma vez que Jacob ficara fora por semanas; um jovem soldado que a surpreendera na floresta trocando de corpo. Ambos apenas a haviam feito sentir ainda mais a falta de Jacob.

A empregada que ajudou Fux a despir o sobretudo falava apenas varangiano. Orlando respondeu como se fosse sua língua materna. Um transmorfo. A garota pegou chá do samovar enquanto Orlando se aproximava da janela.

— Ela deve chegar logo — ele disse. — Quando Ludmila se atrasa é preocupante.

Uma casa estranha, cômodos estranhos… ali estavam elas novamente, as lembranças de outra casa estranha, vazia exceto por algumas mulheres mortas. Fux sacudiu a cabeça abruptamente quando a garota lhe ofereceu a xícara de chá. O que ela estava pensando? Nunca ficaria livre daquelas lembranças. Permaneceriam como as cicatrizes em seus punhos. O ar de repente tinha cheiro de flores brancas, discreta e embriagadoramente doce.

— Tenho que ir. — Ela pensou ouvir o criado com os chifres sujos de sangue na porta. Alguém tocou seu braço, ela tirou a mão e se virou. Orlando o segurou e passou a mão na pele marcada pelas cicatrizes que as correntes do barba-azul haviam deixado.

— Às vezes, pensamos conhecer as pessoas à primeira vista — ele disse. — Como se já as tivéssemos encontrado centenas de vezes, em outra vida, em outro mundo. E então compreendemos que não sabemos nada. Que aparência tinham quando crianças? Que sonhos as fazem acordar assustadas? — Ele soltou o braço dela, como se o devolvesse com todas as recordações que sua pele guardava.

A empregada ainda estava ali com a xícara. Ele quase derramou o chá no avental branco quando a campainha tocou. Deu a xícara para Fux e foi atender.

— E aí está ela — disse Orlando. — A melhor espiã de Varângia.

A anã que a empregada conduziu até a sala estava vestida conforme a última moda, o que era incomum para seu povo. Os anões costumavam se vestir de modo muito antiquado para indicar que suas tradições remontavam muito mais longe do que as dos humanos. Eles envelheciam mais lentamente. Ludmila Akhmatova podia tranquilamente ter setenta anos, embora seu rosto fosse o de uma mulher muito jovem e bonita. A um olhar destreinado, certamente teria passado despercebido que carregava uma pistola sob o sobretudo, mas Fux estava acostumada a procurar tais segredos.

— Permitam apresentá-las — disse Orlando. — Ludmila Akhmatova… Celeste Auger.

Os olhos que fitaram Fux eram tão grandes e expressivos que quase não cabiam no belo rosto. Eram quase tão negros quanto o cabelo de Ludmila Akhmatova.

— Ah, a raposa — ela disse com um tom de voz que, como em todos os anões, era espantosamente grave. Estendeu a delicada mão para Fux. — Que honra. Sigo a carreira de vocês com grande interesse. Entre caçadores de tesouros, as mulheres são ainda mais raras do que em minha área.

— Fux aprendeu com um homem — disse Orlando.

— Um homem que, pelo que eu ouvi, já estaria morto há muito tempo se não fosse por ela. — Ludmila Akhmatova sorriu para Fux e se sentou no sofá. — Ela pode ouvir o que tenho a relatar?

A empregada trouxe um prato com bolinhos. Orlando sorriu para Fux, desculpando-se.

— Não, lamento. É estritamente confidencial, mas talvez você saiba alguma coisa sobre os planos da Fada Escura. A srta. Auger está procurando por ela.

Ludmila Akhmatova pegou um bolinho e bebericou o chá que a empregada lhe estendera.

— Você sabe o que os espiões do tsar contaram sobre ela? Está delicioso! E dizem que ele acreditou piamente.

Orlando arrastou uma cadeira para Fux.

— Gostaria muito de ouvir — ela disse.

A anã limpou algumas migalhas da gola da camisa.

— Disseram que a Fada Escura está a caminho de Kamchatka para oferecer sua magia ao príncipe dos camponeses. Provavelmente um dos príncipes-lobos ou o clã pagou-lhe para isso, na esperança de que Nicolau mande matar o príncipe antes que seus próprios castelos sejam tomados pelos camponeses rebelados. Vivemos tempos interessantes.

Mais um gole de chá.

— Mas você não acredita nesta história. — Parecia que Orlando não sabia ao certo o que achava.

— Claro que não. Nenhuma mulher acreditaria nisso. — Ludmila piscou para Fux.

— O que está insinuando? Que a Fada Escura está farta de todos os homens que usam uma coroa? Além da sua rival na Austrásia, atualmente só há uma mulher no trono, e é a imperatriz de Nihon. Uma longa viagem.

Fux trocou um olhar com Ludmila Akhmatova. Orlando entendia o que significava trocar de figura, mas talvez a diferença entre homem e mulher fosse mais profunda do que entre homem e animal.

— Acho que Ludmila se refere a outra coisa — ela disse. — A Fada Escura não ajudou Kami'en porque ele tinha uma coroa. Por que agora ela deveria distribuir seus favores por causa de uma?

— De fato. — Ludmila mergulhou seu bolinho no chá. Ele era escuro e forte, como se bebia em Varângia. — A Fada Escura amava o goyl, Orlando. Dizem que era um grande amor. Mesmo para uma fada, certamente é doloroso quando se é traído por um amor. Ela não está viajando para o leste para encontrar um aliado contra seu amado. Está procurando quem pode cortar a fita irrompível.

Fux olhou interrogativamente para Orlando.

Ele segurou sua mão.

— Com licença, Ludmila — ele disse. — Vou pedir a Olga para trazer algo da cozinha de Álbion que você tanto ama. Estarei de volta antes que a sua próxima xícara de chá esfrie e poderemos conversar sobre o outro assunto.

A sala para a qual ele puxou Fux era pequena demais para todos os livros e papéis guardados ali. Eles se empilhavam até mesmo na cama que ficava sob a janela. Atrás da porta havia um armarinho de boticário. Orlando abriu uma das gavetas e pegou uma luva coberta por escamas.

— Um presente da minha pátria — ele disse enquanto a vestia. — Eu estava encarregado de descobrir para a Morsa se o ministro das Relações Exteriores havia se envolvido com uma ninfa na juventude. A filha dele era a prova viva, mas não denunciei nenhum dos dois. Em agradecimento, ela me honrou com esta luva e me garantiu que ela pode tornar o verdadeiro amor visível. Você me permite?

Orlando pegou o ar vazio diante de Fux e segurou na mão o fio dourado idêntico ao que a neta da baba yaga havia lhe mostrado.

— Amor verdadeiro, desinteressado e mais profundo do que o oceano em seus pontos insondáveis. — Orlando passou o dedo ao longo do fio que vibrava no ar como um raio perdido de sol. — Contudo, temo que não seja dedicado a mim. Esses fios não se tecem em poucos dias.

Ele abaixou a mão e o ouro desapareceu, como se fosse realmente apenas um raio de sol que tivesse se perdido no quarto.

— O fio dourado… ou a fita irrompível, como também é chamado, tão irrompível quanto todos os fios do destino. Há apenas uma que

o tece e pode cortá-lo.

— *La Tisseuse de la mort et l'amour* — Fux sussurrou o nome que ouvira quando criança. Na Austrásia ela era chamada de Weberin, a Tecelã.

Fux jamais imaginaria que um dia sentiria compaixão pela Fada Escura, mas as palavras de Orlando lhe lembraram a dor que vira no rosto dela nas Bodas Sangrentas — e os dias em que ela mesma se sentira tão ferida por todo o amor em vão por Jacob que quase se pusera em busca de La Tisseuse.

Orlando acariciou suavemente seu rosto. O toque fez bem à raposa e a Celeste.

— Sim. La Tisseuse. Die Weberin. The Weaver. A Fiandeira. Ela tem muitos nomes. Algumas histórias até afirmam que são três irmãs. Apenas numa coisa todas coincidem: é muito perigoso para um mortal lhe pedir ajuda, pois pode cortar não apenas a fita do amor, mas a da vida. — Orlando tirou a luva. — Quanto a isso, a Escura não precisa se preocupar. Afinal ela é imortal.

E mais poderosa do que qualquer rei e imperador.

— Não posso acreditar que ela própria não possa romper o fio.

— Sim, nem mesmo ela. Já tentamos de tudo, não? Existe algo consolador em que mesmo as fadas imortais nada possam contra o fio dourado, você não acha?

Talvez.

— Mas o que acontece se ela mandar cortá-lo? — Fux estava falando sobre a fada, apenas sobre ela.

— Suponho que o amor acabe, como a dor de uma ferida, e resta apenas a lembrança da cicatriz.

Sim. Uma cicatriz. Nada mais.

Orlando guardou a luva de volta na gaveta. Fux amava seu rosto. Ele era uma promessa — de que desejos fossem satisfeitos, de que anseios pudessem colher mais do que sonhos.

Ela beijou sua boca antes de saber o que estava fazendo. O fio dourado. Devia haver outras cores também.

Vermelho. A câmara do barba-azul transformou-se em flores quando os lábios de Orlando corresponderam ao beijo, e nas sombras que escureciam seu coração brotaram penas brancas.

Cada beijo tornava a respiração mais leve, e seus dedos procuraram a pele dele como se buscassem a sua própria. Celeste. Pela primeira vez era tão bom ser Celeste. E ela não precisava esconder a raposa dele, pois ele sabia do prazer pela outra figura, vinha ao seu encontro com pele e penas, seguia-a pela floresta que crescia nela e na qual ninguém antes a encontrara além de Jacob. Eles se perderam nela até que Orlando encontrou seu coração, que batia muito rápido nas mãos dele, mas ele o segurou firme mesmo assim, entremeando o fio dourado com vermelho e cinza.

Minutos. Horas. Tempo transformado em toque. Nenhuma palavra mais em seus lábios, nem mesmo o nome de Jacob. Apenas os beijos que dava em outro.

Fux, ele a chamava de Fux, sussurrava de novo e de novo, como se quisesse lembrá-la enquanto beijava sua pele humana de que também amava a raposa. Eles esqueceram a anã e aquilo que ela deveria descobrir para Orlando, esqueceram a empregada, que servia bolinhos de Álbion à espiã.

Fux não sabia que horas eram quando tudo aquilo lhe voltou à mente. Orlando dormia tão profundamente que ela conseguiu se libertar de seu abraço sem acordá-lo. Foi difícil tirar o olhar do rosto adormecido, como se houvesse um medo de esquecê-lo novamente. Tirou o cobertor quente da pele, sentiu nele seu suor e o dele, e acariciou os braços nus. Tão macio. Tão quente. Ela estava feliz? Sim. E não. Pois as palavras estavam de volta, e com elas o nome que tecia ouro em seu coração havia tanto tempo que ela nem lembrava mais como se sentia antes dele.

Olhou mais uma vez para Orlando dormindo.

Ouro e cinza.

Ela queria os dois. E paz entre eles.

Recolheu as roupas entre as flores tecidas no tapete à frente da cama. Nunca largara o vestido de pelo tão descuidadamente e ficou aliviada de encontrá-lo entre as roupas humanas.

Ludmila Akhmatova havia ido embora. Deixara uma carta para Orlando. Segredos. Fux não a leu.

Era um longo caminho até o palácio de Baryatinskij, mas mesmo assim ela foi a pé. Não se apressou, ia observando as vitrines como

uma estranha, sem saber se devia rir ou chorar, e não fez uma coisa nem outra. Deixara alguém para trás nas ruas de Moskva: a Celeste que ainda estava sentada à mesa do barba-azul, mas também a garota que por tantos anos seguira Jacob como uma criança. Ainda não sabia bem por quem as havia trocado. Ao passar pelo portão de um parque, chamou o pelo. Aconteceu tão naturalmente como havia muito tempo não acontecia. A raposa arranhou as costas quando se enfiou por baixo do portão, mas fazia bem deixar de lado todas as lembranças humanas. Se pelo menos o sol não tivesse tecido fios dourados nas árvores…

O guarda atrás do portão de Baryatinskij abriu sem dizer uma palavra. Ele baixou o olhar quando ela passou por ele, como se tivesse visto o desejo em seus olhos. Como um eco do que acontecera.

Jacob não voltara.

Fux ficou contente com isso.



41
O urso do leste

Wladimir Molotov não era apenas o arquivista da Coleção Mágica do tsar. Também lecionava história varangiana na Universidade de Moskva, como contara orgulhoso a Jacob antes de começar a visita. Em dez minutos, Jacob já sentia compaixão pelos estudantes. A coleção se revelou tão singular como se afirmava no oeste, e o austrasiano de Molotov era quase perfeito, mas falava ainda mais devagar do que suas pernas entortadas pela artrose o conduziam pelas salas, e mesmo as famosas magias do tsar perdiam toda a graça quando Jacob tinha que escutar as explicações mais secas do que pó para observá-las.

Armaduras que tornavam invulnerável quem as vestisse, lareiras que deixavam forte como um urso quem dormisse em cima delas, duas salas cheias de cogumelos que proporcionavam invisibilidade, nozes mágicas, bagos de rosa mosqueta, barcas de baba yagas, três salas com esculturas de madeira de todo o mundo capazes de evocar deuses antigos — o deus do trovão de Fron, a deusa-serpente de Bengala, os dançarinos do fogo de Savai'is… Aquilo nunca acabava, e a apresentação tediosa de Molotov dava oportunidades demais a Jacob para pensar sobre o que Fux estaria fazendo com Orlando. Era ridícula a tenacidade com que seus pensamentos se voltavam para ela. Por mais que se obrigasse a ouvir seu guia, ele tinha plena consciência de quem realmente seguia em espírito, de forma tão natural como ela o seguira todos aqueles anos.

A sétima sala pela qual Molotov conduzia Jacob estava lotada até o teto com livros de magia. Até então, Jacob apenas vira uma coleção comparável na biblioteca da Universidade de Pendragon e num mosteiro na Ligúria. A capa de um dos livros era de prata. Isso o fez pensar no elfo dos amieiros. Molotov explicou que, uma vez

aberto, permitia tornar realidade objetos e personagens de qualquer livro que se lesse em voz alta. Mas alguém seria tão imprudente? Jacob nunca ouvira falar de magia semelhante, e ia perguntar sobre o ourives que fizera o livro de prata quando viu o que esperava na sala seguinte.

Eles desciam pelas paredes como cascatas de água e evocavam mil e um lugares distantes com seus desenhos. Tapetes voadores.

O coração de Jacob disparou mesmo com a voz arrastada de Molotov. Ali estava a magia com a qual poderia encontrar Will. Como pudera esquecer que a Coleção Mágica do tsar era famosa por isso? *Você não consegue pensar de tanto ciúme, Jacob!* A maioria dos tapetes voadores simplesmente levava os passageiros aonde desejavam, mas alguns deles também conduziam a uma pessoa. O desenho que continha essa rara magia era tão complicado que mesmo os mais talentosos tapeceiros raramente os terminavam sem erros.

Os primeiros tapetes pelos quais Molotov passou haviam sido feitos em teares e podiam ser utilizados apenas para viagens curtas. Depois vieram alguns cujos desenhos tramados com nós eram sinal de que não podiam voar nem muito alto nem muito rápido. Molotov tinha uma informação sobre cada um deles, e Jacob teve que se controlar para não deixá-lo falando sozinho e procurar o tapete certo por conta própria.

Os desenhos foram ficando mais complexos. Florestas de flores e animais tramadas nó a nó, figuras abstratas, signos do zodíaco.

— Este tapete faz as pessoas que voam nele em noite de lua cheia se apaixonarem.

Sim, sim. Já basta. Adiante.

— Este exemplar se livra do que carrega assim que alguém recitar as palavras escondidas em seu padrão. Foi usado para acabar com inimigos.

Ótimo. Adiante. Vamos logo.

Tapetes que serviam refeições abundantes no ar. Tapetes que flutuavam como baldaquinos sobre cabeças coroadas ou que atuavam como guarda-costas. Tapetes que roubavam, seduziam… Talvez ele tivesse se alegrado antes do tempo. Havia menos de uma

dúzia de exemplares que tinham o poder que ele buscava, e não era improvável que nunca tivessem deixado seu país e somente pudessem ser encontrados nas câmaras de tesouros de sultões e sulaimanos.

— Este exemplar — o tapete diante do qual Molotov parou estava pendurado no teto numa barra que terminava em cabeças de dragões douradas — é a peça mais valiosa da coleção, e não apenas por seu tamanho. — Ele mastigava as palavras, como se falasse do capacho na porta em que havia esfregado as botas. — Pode carregar seis homens e seis cavalos e encontrar qualquer destino.

O tapete era verde e azul e não apenas cobria toda a parede, que era bastante alta, como também se estendia no chão em diversas dobras, de modo que Jacob estimou que tivesse mais de quinze metros. Mas o comprimento não era determinante. A magia estava escondida no desenho. Ele era tão intrincado que mesmo para olhos bem treinados era difícil distinguir as palavras escondidas ali. Estavam escritas em lahkmid, a língua secreta dos tecelões de tapetes. Qualquer caçador que se prezasse conhecia pelo menos as palavras mais importantes e conseguia pronunciar de forma razoavelmente correta aquelas que não conhecia. Jacob encontrou as palavras que esperava no coração do tapete, habilmente escondidas entre flores e pássaros fabulosos.

Encontro aquele sobre quem você me contar.

Era tão difícil continuar seguindo Molotov com um ar indiferente, mas Jacob se lembrou de que não teria outra oportunidade de ver aquela coleção — e de que faria papel de bobo na audiência com Nicolau III se ele lhe pedisse para procurar um tesouro que já possuía.

Jacob encontraria Will.

Mas por que ia fazer isso? Para quê? Porque o elfo dos amieiros queria impedir? Isso era suficiente?

O que seu irmão pretendia?

Jacob não sabia a resposta.

— E agora… hunf… — Mais uma escada, mais um andar. Molotov ofegava tanto que Jacob temia que ele desfalecesse a cada degrau. — Chegamos à última sala da coleção. — Ufa, o fim estava à vista.

Encontro aquele sobre quem você me contar.

Molotov enxugou o suor da testa e parou diante do portal que o esperava no fim da escada. As fechaduras estavam vedadas com arame de fogo e cobre de Pasthun. Aquilo prometia tesouros inusitados.

Ele tem pele de pedra.

O que seu irmão desejava? Quando havia sido a última vez que soubera? Fazia muito tempo.

Molotov pediu que Jacob se virasse enquanto abria o portal. Jacob tinha um espelho de bolso para tais ocasiões, mas não se deu ao trabalho. Não pôde deixar de pensar, cercado por todos aqueles tesouros, nos presentes que antes levava para Will, o encantamento em seu rosto, o espanto profundo. Houve uma época em que o irmão ficara tão deslumbrado quanto ele por aquele mundo. *Mais, Jacob. Ele lhe deu outra pele. E se tiver gostado dela?*

Pois é, e então?

O Jogador entendia seu irmão melhor do que ele? *“Ah, por favor. Você está falando com um elfo! Conheço seus desejos mais secretos. O meu negócio é realizá-los.”*

O cheiro que sentiu quando Molotov abriu as portas pesadas antecipou o que os esperava. O infortúnio das criaturas mágicas tinha o mesmo odor forte dos animais comuns. Teresa da Austrásia nunca se interessara em colecionar seres vivos, razão pela qual apenas se encontravam exemplares empalhados em Vena.

Dizia-se que ela mandava usar animais vivos em produtos de beleza e na cozinha imperial. As criaturas nas jaulas pelas quais Molotov guiava Jacob certamente teriam preferido a morte ao cativeiro. Graças à longevidade, em muitos casos os animais deveriam passar séculos confinados. Uma gansa que botava ovos de ouro, um basilisco cego… De que adiantava que as jaulas

tivessem barras de ouro e as paisagens de sua pátria estivessem pintadas na parede ao fundo? Uma russalka dividia a água turva de seu aquário com alguns gnomos aquáticos. Ao lado, dois corvos mágicos bicavam o vidro enfeitiçado que mantinha suas pragas longe dos ouvidos humanos. Jacob estava contente por Fux não estar com ele.

Um bode com cascos de prata ("Não, Jacob não tem nada a ver com o elfo"), três abelhas de Vasilisa, a Sábia, e o Lobo Cinzento, que salvou três tsares. Em agradecimento, o terceiro o mandara trancafiar ali, e era provável que a pobre fera fosse imortal. Os olhos dourados perderam um pouco de sua indiferença quando Jacob chegou mais perto da grade. O lobo era quase tão grande quanto um pônei, e seu pelo, mesmo depois de todos os anos de cativeiro, ainda brilhava como o luar. Sua jaula era a última. Atrás dela havia mais uma passagem, mas Molotov curvou-se diante de Jacob como um ator antes de sair do palco e lhe deu um sorriso amarelado.

— Espero que tenha desfrutado da minha apresentação, sr. Reckless. O chofer do tsar o levará para a audiência com sua majestade. Por favor, transmita-lhe meu respeito. Quando jovem, servi o Exército sob o comando do pai dele.

Jacob tinha apenas uma característica tão indomável quanto sua impaciência: sua curiosidade. Ele apontou para a porta que Molotov havia claramente ignorado.

— O que há ali atrás? Até onde sei, o tsar deseja que eu veja todos os tesouros.

Deixe disso, Jacob. Mas havia uma porta trancada que Molotov não queria abrir.

— Ali é a ala secreta da coleção. — A voz de Molotov saía abafada por um tom de desaprovação. — Abriga exclusivamente tesouros cuja existência, por motivos de segurança de Estado, é conhecida apenas pelos mais próximos do tsar.

Viu, Jacob? Deixe de perguntas idiotas. Todo caçador de tesouros já ouviu falar da ala secreta da Coleção Mágica. O mais famoso de Varângia, Arkadj Vitrouk (que diziam ser filho ilegítimo do tsar anterior), tentara entrar nela em virtude de uma aposta, e desde então passava seus dias num campo de prisioneiros em Sakha.

Pelo que Jacob notava, o portal possuía uma fechadura mágica, embora Molotov tentasse bloquear a visão dele. Em Pombal ele conseguira abrir uma semelhante. *Pare, Jacob.*

Jacob pagou por suas perguntas idiotas. Molotov não tirou mais o olho dele, de forma que o garoto não teve oportunidade de observar melhor as fechaduras das portas da sala dos tapetes.

No pátio, o chofer do tsar esperava em um carro impecavelmente polido. Os veículos modernos sem cavalos eram irresistíveis mesmo para um opositor apaixonado dos tempos modernos. A águia de duas cabeças varangiana abria as asas sobre o capô. Jacob já vira muitos cavalos açoitados quase até a morte, então não achava carruagens nada românticas, mas o bater dos cascos soava muito melhor do que um motor cuspindo fumaça. Fux teria rido dele por esse pensamento e lembrado que cavalos certamente não gostavam de carregar ferro sob as patas. Onde ela estava? Ele se proibiu de pensar sobre o assunto.

Salas de audiências e tendas militares, estábulos, carruagens e trens… Jacob já fora recebido por príncipes nos mais diversos lugares atrás do espelho, mas nenhum havia lhe pedido para tirar as roupas e entrar numa sauna.

O vapor tinha cheiro de folhas frescas de bétula, erva puskin e madeira queimada. Podia ver seu anfitrião apenas quando dois criados corpulentos dissipavam as nuvens brancas com galhos frescos.

A piscina da qual Nicolau III emergiu nu era ladrilhada de mosaicos que celebravam a diversidade de seres fabulosos em Varângia. Russalkas, kraken, espíritos dos rios… o movimento da água lhes dava uma vida ilusória. O tsar pegou a toalha que um criado lhe estendeu e a enrolou em volta da cintura. Sua pele, normalmente pálida, estava cor de âmbar. Dizia-se que a proteção com que os tsares que cediam à paixão por banhos de vapor

revestiam seu corpo seguia uma receita goyl. Afirmava-se que ela era resistente a balas de revólver. Os sabres que os criados portavam tornavam bastante evidente para Jacob sua vulnerabilidade. Talvez, no final das contas, um banho de vapor fosse a sala de visitas mais segura para um príncipe.

— E então, *Gospodin* Reckless? — Nicolau III pegou a tigela com carne crua que lhe estenderam. — Espero que minha coleção tenha conseguido impressionar o caçador de tesouros mais bem-sucedido do mundo…

O urso que assomou do vapor fungando usava um colete bordado sobre o pelo preto. O tsar raramente aparecia sem ele. Em ocasiões oficiais, o animal domesticado usava o uniforme da cavalaria russa, uma visão que Jacob esperava ter no baile, mas Ivanuska-Dyracok tinha se engasgado com uma espinha de peixe. Os ursos do tsar sempre eram batizados com o nome do herói que salvava o mundo em tantos contos de fadas russos, embora tenha passado a maior parte da vida dormindo em cima de uma lareira. Ivanuska pegou no ar a carne que o dono lhe jogou, e Nicolau III entregou a tigela vazia ao criado, enquanto seu olhar focava o peito suado de Jacob.

— Os goyls afirmam que um deles deu um tiro no coração de Jacob Reckless, mas não estou vendo cicatriz. É mentira?

— Não. Ele mirou bem e acertou.

— E como se sobrevive a algo assim?

— Não sobrevivi.

Jacob Reckless e seu coração baleado… O tsar não parecia surpreso. Certamente seus espiões haviam relatado diversas versões da história. Havia algumas circulando. A favorita de Jacob era aquela em que a Fada Vermelha plantava uma mariposa em seu coração.

— Como é morrer?

— Não fiquei morto tempo suficiente para saber responder a essa pergunta.

As almofadas bordadas que os criados trouxeram eram coloridas como os tecidos das baba yagas. Varângia e Ucrainia não tinham apenas as mesmas bruxas. Os dois países possuíam tanto em comum que o vizinho maior engolia o menor.

Seu nobre anfitrião sentou-se numa das almofadas e, com um aceno da cabeça, indicou a Jacob que fizesse o mesmo.

— A Coleção Mágica é bem mais abrangente do que você viu hoje — ele começou. — Ela preenche ainda dois outros palácios, cujas localizações são mantidas em segredo há séculos. Durante décadas, meu pai mandou procurar no acervo dois ovos que contêm a água da vida e da morte. Dizem que um dos nossos antepassados chegou a uma idade muito avançada por causa deles. Mas não foram encontrados.

Ele falava a língua de Álbion com um sotaque loreno. Era tradição da nobreza varangiana instruir os filhos com professores da Lorena, mas Nicolau pôs um fim a essa prática depois de duas guerras com o Torto. O leste se inspirava no leste. O que significaria para Álbion e a Lorena se Varângia fizesse uma aliança com os goyls? Jacob gostaria de perguntar a Orlando Tennant, mas… *Pense bem, Jacob. Fux está com ele.* Ele deveria ter roubado pelas costas de Molotov a noz que o faria se apaixonar pela primeira mulher que encontrasse. Contudo, a primeira mulher que encontrou foi uma velha mendiga que lhe estendera um prato. A visão da própria pele nua trazia os pensamentos errados. *Por favor, Jacob. Lembre-se de onde está.*

— Sua coleção é memorável, majestade — ele disse. — Mas ainda há coisas que posso encontrar.

O urso deitou o focinho no ombro nu do tsar. Seus olhos tinham quase a mesma cor da pele besuntada do dono. Contava-se que um dos antepassados de Nicolau, num inverno especialmente rigoroso que custara a vida de mil súditos, quis salvar seu urso de morrer de inanição oferecendo a si mesmo como alimento. Mas o animal aceitou apenas sua mão esquerda. Talvez fosse por isso que se faziam membros artificiais tão perfeitos em Moskva.

— É raro que um objeto mágico cumpra vontades políticas, não é? — Nicolau acariciou a cabeça do urso. — Algum país já foi conquistado por botas de sete léguas ou pela poção de uma bruxa?

“Neste momento meu irmão está viajando por seu país com uma arma mágica que aniquilou três exércitos.” Jacob tinha as palavras na ponta da língua, mas não as disse. Nicolau tinha razão. A maioria

dos objetos mágicos realiza desejos bastante privados — beleza, juventude, amor eterno…

Ele conhecia uma mulher na Caledônia que tivera um longo caso com Orlando. Ela até mesmo seguira o Cão de Vento até Leon. *Pare com isso, Jacob.*

O tsar afastou o focinho do urso de seu ombro. Embora usasse roupas, seu hálito era o de um animal selvagem.

— Quero que encontre um sino para mim.

O criado deu um punhado de folhas para o urso comer. Jacob sentiu cheiro de menta.

— Dizem que seu som traz os mortos de volta. Suponho que já tenha ouvido falar dele. Quem seria mais indicado para encontrá-lo do que um caçador de tesouros que já esteve no Reino das Sombras?

Não, Jacob nunca tinha ouvido falar desse sino, mas ia se furtar de dizer isso.

— Claro — ele mentiu. — Dizem que se encontra numa igreja na cordilheira de Jamantau. Mas sua magia tem efeito apenas quando se borrifa o badalo com água salgada. Pertenceu a um rei tritão.

Muito bem, Jacob. Ele mesmo quase acreditou. O urso não tirava os olhos de Jacob, e ele torceu para que fosse somente um boato que farejava qualquer mentira.

Pelo menos seu dono estava visivelmente impressionado.

— Eu não sabia disso. Muito bem. Quando pode partir? Eu lhe darei meu cavalo mais veloz.

Fora mais fácil do que o esperado. Só restava esperar que o próximo passo se mostrasse tão fácil quanto aquele.

— A cordilheira de Jamantau é um terreno difícil para um cavalo, majestade. Um de seus tapetes voadores seria um meio de transporte muitíssimo mais vantajoso. — Ah, ele era um mentiroso fantástico. Já conseguira se libertar do fogão de uma bruxa lorena e do caixão de um vampiro catalão apenas com mentiras. A prática fazia o mestre.

Nicolau franziu a testa. O suor formava gotas de vidro em sua pele âmbar.

— Não sei. Os tapetes são magia estrangeira. Tem certeza? Tenho cavalos muito bons.

Magia estrangeira. O tsar expressava um temor que se encontrava por toda parte atrás do espelho. Mesmo que os tapetes viessem de Fars, Pashtun e Almohada, aquilo não os tornava mais traiçoeiros do que os objetos mágicos de sua pátria.

— Não se preocupe — disse Jacob. — Estou acostumado a lidar com objetos mágicos dos mais diversos lugares. Faz parte do ofício. É preciso apenas tempo para entender sua magia.

Nicolau pegou o copo que um dos criados lhe estendeu.

— Está bem. Como quiser. Prefiro me separar de um dos meus tapetes voadores a de um de meus cavalos.

O criado estendeu um copo para Jacob. Vinho com especiarias. Ele preferiria água naquele ar quente.

— Desculpe a pergunta, majestade, mas quem gostaria de resgatar dos mortos?

Nicolau jogou o copo vazio contra a parede ladrilhada. Sem dizer uma só palavra, os criados se puseram a recolher os cacos. Em Varângia, acreditava-se que o vidro quebrado espantava as sombras que as desgraças do passado haviam deixado.

— Meu filho Maksim.

— Há quanto tempo ele morreu?

— Trezentos dias, cinco horas e alguns minutos. Traga-me o sino e será um homem rico.

O tsar se levantou da almofada, sinal de que Jacob tinha licença para fazer o mesmo.

— Trarei o sino, majestade. — A mentira foi difícil para Jacob. Ele estava no melhor caminho possível para se tornar inimigo do tsar de Varângia, e sentia pena dele, embora não tivesse se importado com a imperatriz da Austrásia e o príncipe herdeiro da Lorena no passado.

Os criados verteram água de rosas na fornalha. As nuvens de vapor que encheram o banho ficaram tão espessas e brancas como se todos estivessem nas nuvens.

— Ordenarei que lhe enviem o tapete. Molotov lhe mostrou algum exemplar de sua preferência?

— Sim, mas é o tapete mais valioso que o senhor possui.

O tecelão precisava pisar em cima do desenho por dez dias e dez noites com os pés descalços. Apenas assim a magia ia para o tapete, “e com a arte das mãos do tecelão”, teria acrescentado Robert Dunbar. “É o que eu sempre digo, Jacob. Qualquer pessoa pode se tornar um mago se for um mestre em sua área.” O roupão que o tsar recebeu com certeza fora desenhado por um mestre. Pássaros de fogo abriam asas vermelhas flamejantes sobre a opaca seda dourada. Que magia gerara tanta habilidade? A vestimenta tornava seu portador feliz?

Nicolau fez um gesto para que o urso se aproximasse.

— Vou ordenar que lhe entreguem o tapete amanhã. Você ainda está hospedado com Baryatinskij?

Jacob assentiu. Tão fácil.

— Do Svidanija, *Gospodin* Reckless. — O tsar lhe estendeu a mão. — E *blagodaryu*. — Ele foi atrás do urso.

O criado enxugou o suor da pele de Jacob antes de conduzi-lo à câmara onde havia deixado suas roupas.

— Que idade tinha o filho do tsar quando morreu? — Jacob lhe perguntou.

— Seis anos, senhor. Teve febre tifoide.

Ele estava com a consciência pesada. Jurou a si mesmo encontrar o sino e reparar as mentiras que havia contado ao tsar. Um dia, com Fux, como nos velhos tempos. Sem fadas nem elfos, apenas os dois em busca dos objetos perdidos daquele mundo.

Ele pegou a camisa.

O cartão caiu.

Ela esteve com ele por bastante tempo. Quem diria que a raposa e o Cão de Vento seriam um casal perfeito?

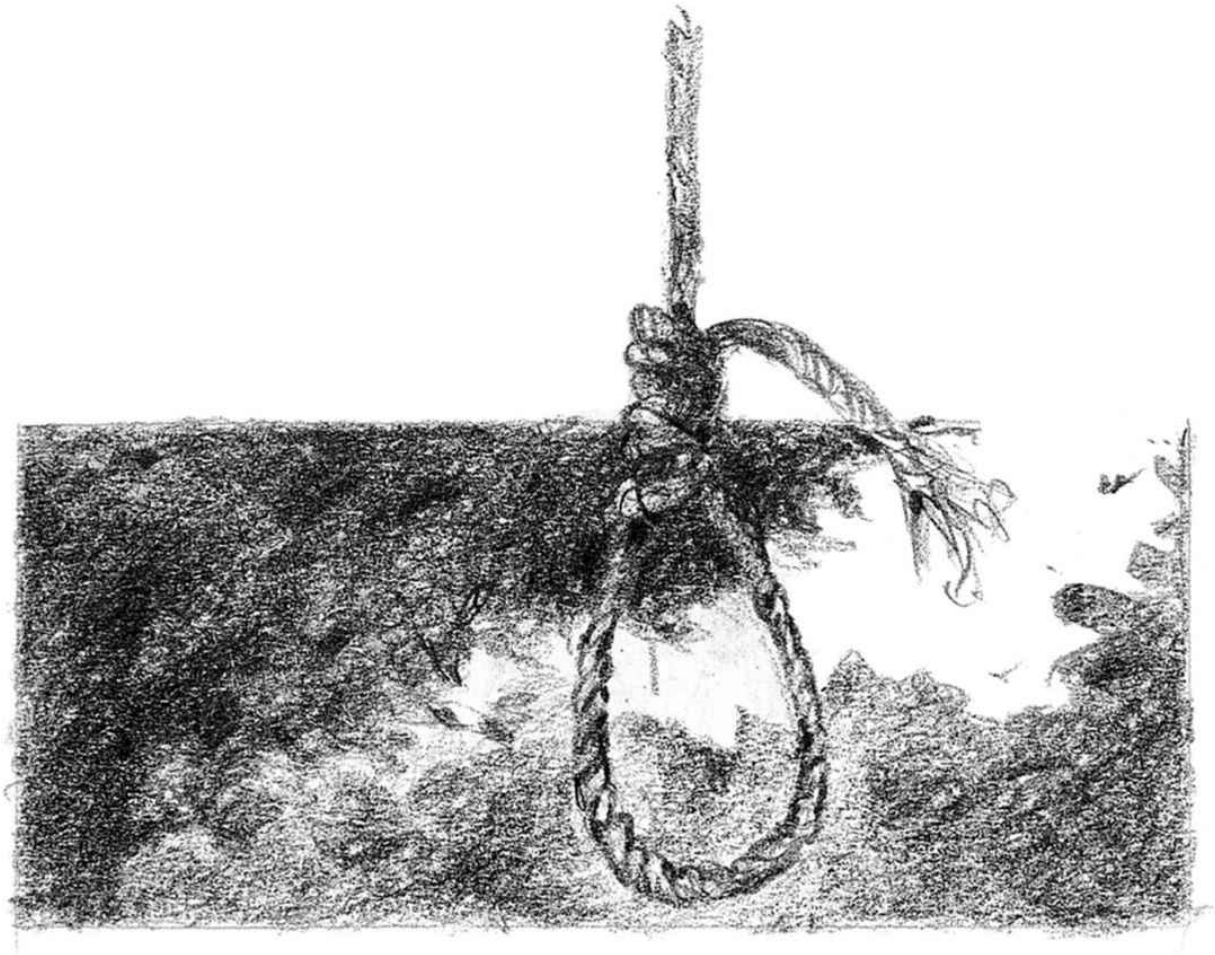
Acertou bem no coração.

Conforme esperado, o tsar ordenara que lhe fosse pago um adiantamento. Jacob pediu ao chofer para esperar depois que

recebeu o dinheiro e deixou um dos brilhantes rublos de prata na mão de um menino que mendigava em frente ao portão do palácio.

— Enterre isso para mim na beira do rio — ele disse, e enfiou o cartão do Jogador embaixo das moedas. — Mas vou lhe avisar uma coisa: se jogar fora o cartão ou ficar com ele, vai lhe trazer infelicidade cem vezes por dia, durante cem dias.

Aquilo não espantou o ciúme, mas Jacob se sentia melhor quando entrou no carro do tsar.



42
Os salteadores nas árvores

Ele deveria ter sido mais cuidadoso? Sim, Nerron. Depois de cada chuva, Dezesseis quase não conseguia se mexer até raspar a casca de árvore das articulações, e seu irmão criava raízes nos pés que depois cortava com as próprias mãos. As manhãs enevoadas pioravam a situação, o luar, as sombras úmidas sob as árvores. Era evidente que a magia das fadas estava vencendo a luta contra o vidro e a prata, mas ele — *Maldito seja, Nerron, você e sua pele marmorizada de bastardo!* — havia confiado na vigilância dos espelhins e focado nos tesouros das Cidades Perdidas, no mundo novo em folha que o esperava como recompensa… como se tivesse deixado a sua inteligência no alforje!

Quando alguma coisa se mexeu no carvalho acima deles, pensou que o vento estava trazendo a chuva que seguia a fada como um véu úmido. Então veio o assobio estridente e eles começaram a cair da árvore como pássaros sem asas.

Velhas histórias… Aquele país estava empesteado delas! Solevei, o salteador que se transformava em pássaro para fugir de seus caçadores. Anos antes, Nerron desmascarara outro caçador de tesouros que se vangloriava de possuir uma flauta com cuja melodia aquele legendário bandoleiro havia devastado regiões inteiras do país. Mas os homens que os cercaram não pareciam bandoleiros sobre os quais se escreviam poemas. Estavam tão sujos que dava para sentir seu cheiro a milhas de distância! Um era caolho, a outro faltava uma orelha, e as penas em suas roupas certamente não haviam crescido ali. Elas nem ao menos eram do pássaro certo! Solovei era chamado de rouxinol, mas aqueles idiotas haviam salpicado seus andrajos com penas de corvos e pintassilgos.

Eram doze. Nas Bodas Sangrentas, o goyl de jade dera conta de um número substancialmente maior, mas Will tinha uma pele

humana quando sacou o sabre. Eles mataram três antes que o bando os derrubasse. Nerron gritou por Dezesseis e Dezessete, enquanto laçavam sua cabeça. Eles o haviam atado muito bem, de forma que a corda não quebrasse seu pescoço imediatamente. Animador! Queriam vê-los estrebuchando. Nerron ainda quebrou o nariz de um deles antes que o erguessem. Will pisoteou a mão de outro, mas logo estava pendurado ao seu lado. O Filhote se debatia como um peixe no anzol — a pele de goyl de Nerron protegia mais da pressão da corda —, e seu corpo ficou flácido rapidamente. Logo seria asfixiado.

Abaixo deles, os salteadores fugiam com os cavalos. Tão idiotas como aparentavam, sequer encontrariam a balestra dentro do saco mágico. Os dedos de Nerron fecharam-se em torno da lâmina em sua manga antes que desaparecessem entre as árvores. *Apresse-se, Nerron. O Filhote tem o pescoço mole.* Ele já parecia morto.

Logo suas mãos estavam livres, mas a corda ao redor do pescoço era mais difícil de cortar. Quando finalmente conseguiu, Nerron quase quebrou o pescoço ao cair com um baque no chão úmido da floresta. O rosto de Will estava azul como lápis-lazúli, e ele caiu como um animal abatido quando o goyl cortou sua corda. Nerron afrouxou o laço ao redor do seu pescoço e viu que ainda respirava. Ele pegou a pedra mais próxima quando ouviu passos atrás de si e supôs que os salteadores haviam voltado, mas era Dezessete. Ele nem sequer se deu ao trabalho de parecer um homem. Talvez aquilo não fosse mais tão fácil para ele. Seu rosto refletia a floresta e seu braço esquerdo estava duro como um galho. Dezesseis não estava melhor. Parecia feita de sombras e folhas, mal se podia distinguir o que era espelho e o que crescia nela. Ajoelhou-se ao lado de Will e estendeu a mão para passar em seu rosto, mas a recolheu quando viu que não estava usando luvas.

— Ele está morto? — Dezessete esfregou com os dedos a casca de árvore de seu braço endurecido.

— Não. Mas não graças a vocês. — A voz de Nerron soou rouca como a de uma tartaruga. Ele estava surpreso de conseguir tirar uma palavra de sua garganta dolorida. — Vou lembrá-los disso da próxima vez que me perguntarem para que precisam de mim.

— Ah, é? E por que ainda não alcançamos a fada? — A voz de Dezessete soava metálica quando ele estava irritado. — Você é um guia preguiçoso! Veja só como minha irmã está!

Irmã! Desde quando espelhos tinham irmãs? Nerron curvou-se sobre Will, esquecendo a nuca dolorida. Onde a corda havia machucado, a pele estava verde-pálida.

Jade. Mais perfeito do que o mais precioso amuleto que se podia comprar na fortaleza real.

Nerron recuou quando o Filhote sentou, tossindo. Os dedos com os quais procurou o pescoço inchado também estavam verde-pálidos. O tom marmorizava sua testa e pintava sua nuca. Dezesseis olhou apavorada para Nerron, mas Dezessete fez um sinal para que ela o acompanhasse.

O goyl não deu atenção quando desapareceram entre as árvores.

Não acreditava no deus cuspidor de lava para o qual os ônix construíam grutas negras, nem no deus de malaquita de sua mãe. Não sentia nada quando entrava numa igreja, não importava que deus a habitasse. Mesmo os mais sinistros templos de sacrifícios que se encontravam entre os amieiros de prata ou às margens dos lagos de tritões não o impressionavam. Mas, ao ver o jade na pele de Will Reckless pela primeira vez, Nerron sentiu o calafrio de veneração que os outros lhe haviam descrito. O goyl de jade. Era uma sensação boa quando os contos de fadas viravam realidade. Era por isso que ele procurava tesouros. Por aquela sensação. Não era?

O Filhote buscou seu olhar. Os olhos manchados de ouro. Ele se movia de forma diferente quando se levantou. Manso como um goyl. Um deles.

E agora, Nerron? Ele não queria pensar. Queria apenas ver.

— Eles estão com a balestra — o goyl disse, embora não tivesse mais certeza de que tivesse importância.

— Você sabe para onde estão indo?

Nerron assentiu. O jade se espalhava. Will tateou a pedra em sua face.

— Eu a chamei — ele disse. — E ela veio.

— Bom — disse Nerron, com a voz rouca.

Estava tudo bem.



Robert Dumbar,
retratado por
Travis Luie

43
Histórias perdidas

Para alguém que não gostava muito de viajar, Robert Dunbar fizera as malas com muita frequência nos últimos meses. Palestras em Bengala, Nihon e Tasmânia. Não sabia se fazia sentido falar sobre a história de Álbion num país em que metade dos habitantes eram condenados que haviam sido desterrados. Mas aceitara o convite na esperança de que naquela parte do mundo talvez achasse um lugar no qual seu pai, um far-darrig de raça pura, pudesse passar o resto da vida sem ser insultado ou espancado por sua cauda de rato.

Mas ele já não sabia mais se a Tasmânia era esse lugar. Afinal, ali não se tratavam com consideração nem mesmo os humanos nativos. Dunbar apreciava o clima (o pelo que havia herdado de seu pai eriçava-se de forma muito desagradável na umidade de Álbion) e era bom estar longe de tudo o que se considerava importante em Londra e Pendragon. Mas ele sentia falta dos livros, das bibliotecas, de todas as inúmeras fontes de conhecimento que os séculos haviam deixado ali para espíritos insaciáveis como o seu. O telegrama de Jacob o lembrara dessa falta de forma muito dolorosa.

Elfos dos amieiros! Nem mesmo em Pendragon saberia onde procurar seus rastros havia muito tempo perdidos. A maioria de seus colegas historiadores teria zombado dele só por tentar. Era como se alguém saísse à procura de deuses esquecidos: Zeus, Apolo, Odin, Freia… Haviam realmente existido? A resposta de Dunbar era: sim, com certeza. Mas ele havia se acostumado a não expressar sua opinião em voz alta. As chances de descobrir alguma coisa sobre as criaturas do espelho eram um pouco maiores. A descrição de Jacob soava como se Isambard Brunel decidisse que fabricaria pessoas associado aos elfos dos amieiros. Que eles se

chamassem Dezesseis e Dezessete era bastante encorajador, afinal podia significar que quinze outros haviam deixado rastros.

Em Álbion, Dunbar teria procurado por referências aos elfos desaparecidos primeiro em Tintagel e Camelot. Ali se encontrava a mais abrangente literatura sobre Artur e as lendas que o cercavam. As histórias eram as únicas que ele conhecia nas quais se mencionavam os elfos dos amieiros. Contudo, qualquer historiador que defendesse a opinião de que o lendário rei de Álbion de fato descendia de uma fada e de um elfo se exporia ao ridículo. A maioria nem ao menos sabia que os elfos dos amieiros haviam sido um tipo muito especial de elfos. Quanto às criaturas de espelho, o bibliotecário do Seminário Histórico de Pendragon, que não devia ver a luz do dia fazia décadas, certamente o teria lembrado das notas de viagem do escritor que menos de um século atrás vira mulheres de prata num campo da Austrásia. E, com um colega que migrara para a botânica, Dunbar teria investigado os amieiros que cresciam não muito longe do antigo muro da cidade e carregavam enfeites de prata em seus galhos havia séculos. Mas… ele não estava em Álbion, e sim na Tasmânia, e a biblioteca da recém-fundada Universidade de Parramata era bastante reduzida se comparada aos tesouros impressos de Pendragon.

Se pelo menos no último telegrama Jacob não soasse tão preocupado — o que era bastante atípico para ele. Algo dessa preocupação certamente se mostrava também no rosto de Dunbar quando andava entre as estantes escassamente providas da biblioteca da universidade.

— Posso perguntar o que procura? O senhor parece não encontrar. — A bibliotecária que estava diante dele apoiava o queixo na enorme pilha de livros que trazia nos braços. Seu cabelo era acinzentado e parecia ter sido preso no alto muito apressadamente, mas o sorriso que deu combinava com o rosto de uma menina de doze anos.

— Não, mas admito que as informações que procuro seriam difíceis de encontrar mesmo nas bibliotecas da nossa velha pátria. Pelo seu sotaque, presumo que também seja de Álbion, não é? Sou Robert Dunbar.

Ela deixou os livros em cima de uma mesa para apertar a mão estendida, embora estivesse coberta por uma pelagem cinza.

— Jocelyn Bagenal. Nasci em Álbion, mas um navio me trouxe para esta parte do mundo há muitos anos. Posso perguntar que informações são essas que está procurando?

— Relatos sobre criaturas de espelho, animais e pessoas prateadas… elfos dos amieiros? — Dunbar acrescentou aquilo com hesitação. A maioria das pessoas pensava em elfos da relva e da areia, criaturas menores do que um dedo, e aquela lista já parecia bastante ridícula sem isso.

— Ah… Histórias perdidas.

Jocelyn Bagenal começou a separar os volumes da pilha de livros: política colonial de Álbion, história dos koori e anangu, minas em Neu-Cymru. Uma bibliotecária. Ou sacerdotisa dos livros, como Dunbar gostava de dizer. A srta. Bagenal — Dunbar não viu aliança em seus dedos hábeis em manipular livros — pôs o último volume na estante.

— Far-darrig?

Ela pronunciara corretamente.

— Sim.

— Tenho um parente distante que tem algumas gotas de sangue far-darrig nas veias, o suficiente apenas para que sua barba seja um pouco mais pronunciada. — Ela ajeitou uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. A pérola do brinco era uma lágrima de ninfa caledônia. — Talvez eu possa ajudar. Coleciono histórias esquecidas. Ou relegadas, o que quer que seja… De Álbion, Immrama, Nam Viet, Aotearoa ou Alberica. Todos em Parramata sabem dos estranhos livros de Jocelyn Bagenal. E alguém sempre me traz mais algum. Logo só vou poder aceitar livros de anões. Quase não tenho mais espaço para a cama.

Ela escreveu um endereço num pedaço de papel e o entregou a Dunbar.

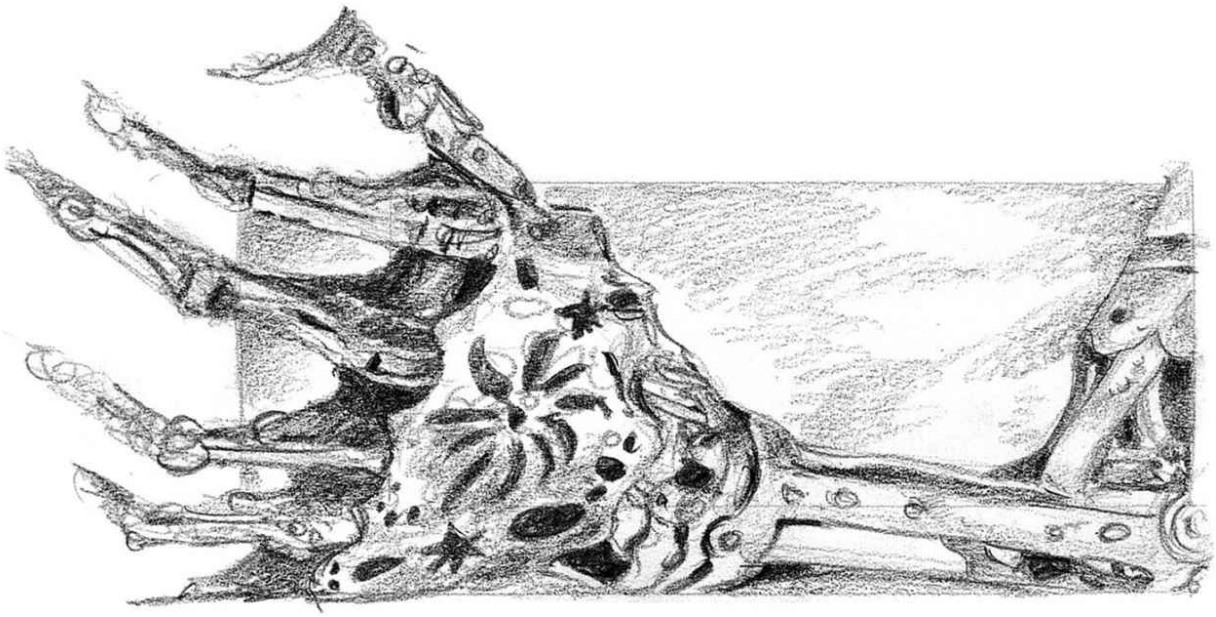
— Depois das cinco e antes das dez.

Então desapareceu entre as estantes, como se tivesse saído de um dos livros apenas para ajudá-lo.

Ela também se movia como uma menina de doze anos. Talvez ainda mais jovem.

Dunbar tirou o papel do bolso. Jocelyn Topanga Bagenal.

Seria Parramata o lugar certo?



44
Uma nova mão

Chanute estava no sétimo céu. A idade, a morte… tudo esquecido. Ele estava sentado no sofá de couro de Alekseij Baryatinskij segurando uma pistola. Com um braço que tinha tendões e articulações de aço.

Sylvain sorria como uma criança que conseguira fazer uma travessura quando Fux lhe perguntou como Chanute pagara o braço.

— Vendi a pulseira do meu relógio. Você devia ter visto a cara do relojoeiro! *Tabarnak*, pensei que fosse cair morto! E olha que era apenas uma falsificação barata de Rolex, mas aqui ninguém percebe!

Jacob o mataria a pauladas. Ele o picaria em pedacinhos se soubesse! Mas Sylvain apenas franziu a testa ofendido quando a raposa lhe perguntou se ele havia afogado sua inteligência na aguardente de Baryatinskij. Então ele lhe sussurrou que Albert Chanute, *tabarnak câlisse*, precisava de uma mão nova, e ele, Sylvain Caleb Fowler, considerava um amigo mais importante do que toda aquela ladainha sobre os dois mundos e como era preciso mantê-los separados.

Talvez Sylvain tivesse razão.

Chanute ria como uma criança quando seus novos dedos conseguiram pôr a pistola de volta no coldre. Fazia oito anos que o ogro havia saboreado seu braço direito.

— Veja isso, ma puce. — Sylvain tirou um medalhão dourado do bolso. — O dono da loja jurou que só preciso pôr uma mecha de cabelo da minha ex-mulher aqui dentro.

Para quê? Fux pegou o medalhão da mão de Sylvain e o segurou na frente do nariz. Sempre a raposa. Não farejou nenhum sinal de magia. Sylvain a observava preocupado, como um cão que jogou a

presa aos pés do dono. Então ele tirou o medalhão da mão dela sem dizer nada, abriu uma das janelas e o jogou na horta de Baryatinskij. As obscenidades canadenses que se seguiram eram abundantes o suficiente para encher o palácio até o teto. Então Sylvain encheu um copo até a borda com a gorzalka com canela (que se podia encontrar por toda parte na casa) e mergulhou carrancudo na edição de três dias antes do *Londra Illustrated News* que Chanute havia arranjado. Os tipos ornamentais da impressão davam trabalho a Sylvain, mas ele se empenhava em ler cada pequena matéria impressa como se naquele mundo fosse possível encontrar tesouros nos jornais. Fux não teve coragem de lhe tirar essa esperança também.

Lá fora, o céu noturno estava poluído pela claridade dos lampiões de Moskva, e as próprias luas trajavam véus de fumaça. Apesar disso, Fux não desejava estar em nenhum outro lugar. O sentimento que preenchia seu coração substituía a floresta e as estrelas. Por quanto tempo, ela não queria saber. Nem mesmo queria dar um nome àquilo.

— “A inauguração do túnel de Londra foi celebrada sem seu inventor” — Sylvain leu em voz alta. — “A doença de Isambard Brunel parece ser pior do que admite a Casa Real.” Londra? Soa como Londres. É assim que se chama aqui?

Fux lançou-lhe um olhar de advertência.

Ela se serviu de um copo do vinho doce de Baryatinskij, embora já tivesse tomado bastante, e pegou o livro que lia fazia horas sem guardar nenhuma palavra. Tinha a impressão de que as carícias de Orlando estavam tão visíveis em sua pele como o pólen das flores no pelo da raposa. Estava tão feliz. E tão infeliz. De nada adiantava ficar se lembrando de quantas vezes limpara o pó de arroz de outra mulher das roupas de Jacob ou sentira um perfume estranho em seu corpo.

Onde ele estava?

Quando Chanute a convidou pela terceira vez para admirar a grandiosidade de seu braço, Fux reagiu tão irritada que Sylvain deixou o jornal cair e a encarou com reprovação. Para o stilz com os

dois. Para o stilz com ela mesma. Desejava voltar para a cama de Orlando. E nunca ter estado nela.

Sylvain perguntou a Chanute o que era um goyl-homem quando uma carruagem passou lá fora. Fux ouviu os guardas abrirem o portão. Seu coração batia quando ela se aproximou da janela, mas não foi Jacob quem saiu da carruagem, e sim Baryatinskij. Fux dera para a camareira o perfume que ele deixara em seu quarto.

Sylvain se levantou para se servir novamente, mas a nova mão de Chanute se fechou mais rápido em volta do gargalo da garrafa. Ele sorriu triunfante para o amigo — e praguejou desapontado quando o vidro se quebrou entre os dedos de aço. Sylvain soltou um "*oupelaï*" que quase fez os criados estremecerem tanto quanto Chanute rindo. Um deles se cortou com os cacos. Sylvain murmurou um pedido de desculpas e o ajudou a catá-los — o que o deixou ainda mais constrangido, mas Sylvain não notou.

— *Ayoye tabarnak!* — ele gemeu quando despencou no sofá ao lado de Fux. Soltou um suspiro tão satisfeito como se houvesse salvado o mundo. — Nunca me aconteceu coisa melhor do que ir parar numa cela com Jacob. Quando penso que teria passado toda a minha vida num só mundo…

Ele pôs a mão sobre a boca como um menino travesso quando Fux lhe lançou um olhar de advertência, mas isso não estragou seu bom humor. Nada naquele ou no outro mundo podia estragá-lo. Pelo menos ele passava essa impressão.

— Quer que eu lhe conte um segredo? — ele perguntou a Fux. Ela não tinha certeza se queria, mas Sylvain não esperou pela resposta. — Chanute e eu vamos para a Arcádia! Ele já comprou mapas e me explicou a rota. Vai ser uma viagem longa. Primeiro pegamos um dos navios que vai pelo rio e que os peleiros tomam para ir para Kamchatka. De lá vamos com outro navio até o Alasca. Não, espere! Aqui se chama Alyeska. Ainda estamos discutindo como continuaremos de lá. Chanute diz que precisamos atravessar uma região indígena e que podem nos transformar em marmotas.

Fux lançou um olhar para Chanute. Até onde ela sabia, ele não contara aquilo a Jacob.

— E quando isso aconteceria?

Sylvain deu um sorriso de cumplicidade.

— Assim que Jacob partir de Moskva. Chanute diz que vocês não precisam dele e que seria uma terceira roda na carroça. Bem, provavelmente ele quis dizer quinta, não é muito bom com números. Acho que ele gostaria que vocês desistissem de toda essa aventura. Disse que os espelhins estão deixando vocês em paz porque perderam o rastro de Will e que Jacob não quer admitir que é perigoso demais. Chanute acha que cada um tem que seguir seu próprio caminho, e que isso também vale para os irmãos. Bem, você o conhece melhor do que eu, ele não tem papas na língua.

Talvez ele esperasse que Jacob o demovesse de seus planos de viagem. Não, Chanute conhecia bem seu antigo aprendiz, mas Fux já podia ver seu rosto quando revelasse suas intenções.

— Quando você pretende contar para Jacob?

Sylvain deu de ombros.

— Quando der.

Chanute pedira para o criado trazer outra garrafa. Olhou triunfante para Sylvain quando seus novos dedos se fecharam ao redor do gargalo e a ergueram sem que ela quebrasse.



45
Dela

A mariposa pousou no peito de Kami'en quando ele revistava tropas ao lado do tsar. Estava cercado por generais varangianos e um urso que vestia o mesmo uniforme dos soldados que marchavam por eles. Soube de imediato de quem vinha a mariposa, mas só compreendeu a imagem que ela trazia quando ouviu a criança chorar. Por que Niomee a havia mandado para ele? Para se vingar de Amália? Para provar que suspeitara dela injustamente e a traíra? Talvez não a tivesse perdido, foi tudo o que conseguiu pensar. E que seu filho estava vivo.

Logo depois do desfile, o rei goyl pediu a um desenhista que registrasse o que a mariposa havia lhe mostrado: o rio, o mosteiro, as freiras que seguravam a criança nos braços. Um de seus oficiais acreditava ter visto o edifício na Lorena, outro na Lombardia, mas Hentzau lançou um olhar para o desenho e sacudiu a cabeça:

— Bavária.

Fazia sentido. O país era aliado da Lorena e o jovem rei de lá era parente do Torto. (Todos eram parentes de todos.) Um esconderijo bem pensado, e de tola sem dúvida Teresa da Austrásia não tinha nada.

Não seria difícil descobrir onde o mosteiro se encontrava, mas quem ele poderia enviar para buscar a criança? A Bavária era um país inimigo, lá um unicórnio chamaria menos atenção do que um goyl, e os espiões humanos de Hentzau consideravam a criança uma aberração que não deveria ter visto a luz. Até mesmo alguns de seus oficiais a viam assim.

Quem ele poderia enviar?

Havia apenas uma resposta.

Hentzau tentou fazê-lo mudar de opinião. Lembrou o rei de que a Bavária tolerava organizações que conclamavam abertamente ao

extermínio de todos os goyls e goyl-homens. Mas isso apenas fortaleceu a decisão de Kami'en. Apenas uma pessoa teria chances de trazer a criança incólume. Ele precisava fazer aquilo pessoalmente.

— E se for uma armadilha? — Hentzau indagou. — A mariposa vem dela! Por que se importaria com a criança, a não ser que queira se vingar?

Kami'en não tinha resposta que Hentzau fosse aceitar.

Ele ordenou que preparassem sua partida.



46
As perguntas erradas

O palácio de Baryatinskij era ainda mais fantástico à noite do que de dia. Ficaria bem em um globo de neve. Não havia nenhum sinal da sombra goyl de Jacob quando o chofer do tsar o deixou diante do portão. Durante três horas inteiras, Wladimir Molotov o fizera assinar papéis e repetir as instruções de uso do tapete voador — e não escondera como desaprovava a decisão do tsar de entregar um objeto tão valioso a um estrangeiro suspeito com sotaque de Álbion. Roubar o tapete teria sido bem mais divertido.

Os lampiões a gás manchavam o pátio de Baryatinskij com as sombras dos dragões e dos cavalos alados, e pela primeira vez desde que haviam chegado a Moskva havia esperança de encontrar Will. Mas Jacob estava cansado e de mau humor. Ia se tornar inimigo do tsar, e ainda havia a promessa que tinha feito tão nobremente em Schwanstein. Que idiota ele fora, que cretino! O que ela estava imaginando? Que ele ia simplesmente desistir, nobre e altruísta? Aquilo parecia com ele?

— Jacob? — Uma figura se desprendeu da sombra ao lado da escada. Baryatinskij a mandara construir segundo o modelo das escadas celestiais que se viam nas imagens religiosas varangianas.

Orlando Tennant.

Mais essa agora!

Ah, não. Fux é apenas dela mesma. Ele o convidara a roubá-la! *Aqui, tome meu coração, não preciso dele.*

— Posso falar com você rapidamente?

Sobre o quê? O Cão de Vento queria saber se Jacob se importava que Fux parecesse tão feliz? Que ela não perdesse uma oportunidade de saborear o nome do outro em sua boca?

Ele já dormira com ela? *Pare, Jacob.* Mas não conseguia pensar em outra coisa enquanto olhava para o rosto de Tennant. Todos os

pensamentos que nunca permitira a si mesmo… sufocavam qualquer centelha de razão.

— Suponho que ouviu falar do presente que os goyls deram para o tsar.

Aquilo era uma surpresa. O Cão de Vento não ia falar sobre Fux.

Recupere sua razão do pântano do amor, Jacob.

— Sim, ouvi, mas se você espera que eu saiba o que é…

— Eu sei — Tennant o interrompeu. — E tenho que roubá-lo. Mas para isso preciso entrar na ala secreta da Coleção Mágica. Você esteve lá hoje, não?

O Cão de Vento. Pelo jeito, não era à toa que Orlando Tennant tinha a fama de ser mais louco do que o próprio Jacob.

— Vi apenas as portas. Esqueça. Verniz venenoso. Engrenagens de vidro. Arame-faca.

Saía luz da janela de Fux, e a única coisa sobre a qual Jacob queria falar com Tennant era se ela havia dormido na cama dele. Jacob quase perguntou.

— Com o arame-faca e as engrenagens de vidro eu sei me virar. Mas como passo ileso pelo verniz venenoso?

— Os anões produzem um explosivo que o torna inofensivo. Eles negam, mas, se suplicar, podem vendê-lo para você.

O Cão de Vento não seria o primeiro a se matar com aquilo. Era mais perigoso do que nitroglicerina. Jacob apanhou-se pensando que Orlando Tennant estava no melhor caminho possível para morrer jovem.

— Esqueça! — ele disse, como se com isso pudesse compensar a satisfação que sentira com a ideia.

— Não posso esquecer. São ordens reais. O que há com você?

— Logo partiremos. Tenho uma incumbência do tsar. — O que era aquilo? Ele queria se gabar para o rival? Pelo menos não era mentira.

Tennant olhou para a janela de Fux.

— Suponho que ela vá com você. A fiel companheira de Jacob Reckless.

Seu tom respondeu à pergunta que Jacob não tivera coragem de fazer. Atrás deles, os guardas que vigiavam o portão discutiam com

um cocheiro que trazia vinhos e queria usar o portão principal para fazer sua entrega.

— Eu não teria tocado nela se você não tivesse dito que não era sua.

O cocheiro continuava falando ainda mais alto.

— É como eu disse: ela é livre.

Tennant fitou-o como se duvidasse de seu bom senso.

— Sou realmente bom em fingir para outros — ele disse. — Mas comigo mesmo não funciona tão bem assim. Pelo jeito você não tem esse problema. Não sei se o invejo por isso.

Ele olhou por cima dos ombros de Jacob.

Fux estava no topo da escada. Ela sorriu quando viu o Cão de Vento. Jacob havia tomado aquele sorriso por sua propriedade.

— Chanute já queria sair para procurar você — ela exclamou para Jacob.

— Ele teve bons motivos para demorar — Orlando respondeu. — Acabo de saber que vai caçar um tesouro para o tsar. Quer tomar café comigo amanhã? Na praça Wolski tem um lugar em que fazem panquecas cobertas com ouro comestível.

— Claro. — Fux evitou olhar para Jacob.

Dada de presente. O fato de que fizera aquilo para protegê-la não ajudava em nada. Nem um pouco. Ela pertencia a ele. Por que só se reconheciam essas verdades quando se tornavam mentiras?

Os guardas chamaram um fiacre para Orlando. Os galgos lamberam suas mãos enquanto ele esperava. O Borzoi. Fux ficou ali e acompanhou o fiacre com o olhar. Jacob tentou lembrar, a cada degrau que subia em sua direção, alguma coisa que tivesse feito ou dito para impedir que Fux olhasse para ele daquela maneira. Ah, sim, ele era um idiota. Sempre tivera medo de precisar tanto dela. Agora era tarde demais.

“Você o ama mais do que a mim?” Jacob preferia morder a língua a lançar essa pergunta — mas daria a mão direita para saber a resposta.

— Já ouviu falar do fio dourado? — Fux perguntou quando ele estava ao lado dela.

— O que é isso?

Ela olhou novamente para o portão, como se não tivesse ouvido.

— O tsar vai nos ceder seu mais valioso tapete voador. Talvez ainda possamos encontrar Will. Podemos partir logo. — *Daqui a três dias, no mínimo, Jacob.* Era o tempo de que ele precisaria para se entender com o tapete. Por que não dizia aquilo? Porque queria ver o quanto ela se importava de deixar Moskva. Ele nunca a magoara de propósito antes. A boa fama do amor era injusta.

— Que bom — Fux respondeu. Mas não foi o que sentiu. Soou triste. E parecia ter a consciência pesada.

— Tem certeza de que quer ir? Ele é meu irmão.

Por um momento Jacob pensou que ela aceitaria ficar. Fux permaneceu calada por bastante tempo.

— Para depois encontrar você transformado em estátua de prata em alguma câmara do tesouro? — ela finalmente perguntou. Não era o que queria ter dito.

Fux se virou sem olhar para ele.

— Vamos encontrar Will — ela disse por cima do ombro. — Depois veremos.



47
Um recado para Celeste Auger

Conforme prometido, o tapete chegou na manhã seguinte. Jacob precisou arrastar alguns móveis para poder desenrolar pelo menos parte dele, embora a sala de estar dos hóspedes de Baryatinskij fosse quase tão grande quanto o salão da taverna de Chanute. Antes de se fechar por três dias e três noites com o tapete, ele se permitiu um esplêndido café da manhã. Nos retratos da parede que olhavam para ele, viam-se casacões de pelo de urso e turbantes de seda bordada, rostos pálidos como dentes de dragão e escuros como ébano. Os antepassados de Baryatinskij (caso fossem eles) representavam toda a diversidade de Varângia. E sua enorme dimensão. Era melhor filosofar sobre aquilo do que olhar para a cadeira vazia na qual Fux costumava se sentar para o café da manhã. Panquecas com ouro comestível…

Jacob bebericava com ar soturno sua terceira xícara de café quando Chanute e Sylvain se juntaram a ele. O rapaz não estava com disposição para conversa, e os olhares que os dois lançaram para ele e para a cadeira vazia foram demais. Todos os pensamentos sobre Will e o elfo dos amieiros não pareciam importantes perante o sorriso com o qual Fux cumprimentara o Cão de Vento. *"Depois veremos"*, ele repetira em sua cabeça, enquanto voltava para o quarto. *"Depois veremos!"*

Jacob foi para o quarto, trancou a porta e sentou-se sobre o tapete. Era hora de deixar o presente de lado. Apenas o passado podia ensinar o objeto a levá-lo até Will. Normalmente Jacob não gostava de visitar o ontem, mas naquela manhã ele oferecia refúgio contra pensamentos que não queria pensar, sentimentos que não queria sentir.

Era uma vez, Jacob…

Lembranças. De acordo com que padrão elas eram guardadas na sua memória? Por que se lembrava do dia que passara com Will no parque, embora houvesse tantos outros? Por que se lembrava de uma briga, de um sorriso, como se tivesse sido no dia anterior, e não conseguia encontrar outras imagens, embora se lembrasse dos sentimentos? Quão pouco de todas as semanas, de todos os meses, de todos os anos ficava guardado na memória… *"Meu irmão não gosta de brigar."* Algumas coisas se mantinham através das palavras com as quais eram compreendidas. Ou na memória de um toque, de mãos dadas com Will, quando ele ainda era muito menor, as batidas na porta quando ele não conseguia dormir, o ciúme, a raiva quando era obrigado a levá-lo junto consigo, a impaciência …

Lembre, Jacob.

Mas o que vinha eram as imagens erradas. Os primeiros traços do jade, a briga na caverna, a luta no palácio imperial de Vena, Will ao lado de Kami'en nas Bodas Sangrentas. Goyl-homem.

"Ele tem pele de pedra."

Não. Jacob obrigou-se a voltar ainda mais no tempo. Precisava das imagens do outro mundo, do Will que ele conhecia melhor do que a si mesmo.

Fechou os olhos e encontrou o caminho de volta através do espelho. Viu Will em seu quarto, quando ainda era cheio de bichos de pelúcia e brinquedos, os dois juntos no pátio da escola… No armazém cujo dono vendia cigarros a Jacob quando tinha somente doze anos, se mandasse lembranças para sua mãe em troca… Will sempre tentava puxá-lo para fora da loja.

Antigamente.

Will era tão parecido com ela. Não, não era verdade. As imagens vinham rapidamente, e de novo eram aquelas que ele não queria. Ataram-se ao desenho do tapete, até que Jacob estava sentado sobre sua infância. De repente havia ali uma imagem que fez seu coração parar por um instante. Ele não sabia de onde vinha, mas era tão clara como as outras: o Jogador na sala de sua casa, com o rosto que Jacob vira quando voltara a si ajoelhado na frente dele. Sua mãe estava ao lado do elfo, tão perto como apenas amigos próximos ficam. A imagem era tão surpreendente que Jacob olhou

ao redor sem querer. O Jogador podia lhe sussurrar falsas lembranças? Se aquela fosse verdadeira, por que o rosto que lhe mostrara não parecera conhecido? *Porque durante muitos anos isso não teve a menor importância, era apenas um dos muitos amigos de sua mãe… Para qual dos filhos ela olhava mais atenta? Por que ele sempre a visitara quando Will e ele não estavam em casa?*

Jacob levantou-se e abriu a janela.

Sylvain estava lá embaixo entre as baias dos cavalos. Fux estava com ele.

Ela voltara.

Quanto tempo Jacob ficara sobre o tapete? Não importava, Orlando não estava com ela. Era ridículo como isso o deixava aliviado.

Ele tinha tantas recordações de Fux que poderia alimentar todos os tapetes voadores do mundo. *Seu irmão, Jacob. Pense em Will! Ou quer que o tapete o leve até Fux?*

Fechou a janela e o quarto voltou a cheirar a passado, como um buquê de flores murchas.

Sentou-se novamente sobre o tapete.

Fechou os olhos. Lembrou-se da noite em que os goyls haviam ferido Will. Não!

Alguém bateu à porta.

Jacob dissera aos criados que não podia ser incomodado. Chanute queria exibir mais um truque com sua nova mão? Sylvain comprara mais um objeto mágico falso? Ou era Fux?

Ele abriu a porta na esperança de ver seu rosto. O corredor estava vazio.

— Altura errada — disse uma voz feminina.

A anã que olhava para ele era bonita como as bonecas de porcelana que Amália da Austrásia colecionava. Não. Era ainda mais.

— Jacob Reckless? — ela perguntou. — Ludmila Akhmatova. Poderíamos conversar a sós por um momento? Trago o pedido de um amigo, mas preferiria expô-lo atrás de uma porta fechada.

Fux contara a Jacob sobre a anã espiã, mas a figura que ele imaginara não fazia jus a Ludmila Akhmatova. Ela parecia alguém

que poderia alimentar o tapete voador com um mundo de lembranças, de forma que, por garantia, Jacob apontou para o salão em que os criados de Baryatinskij serviam o chá da tarde. Para cada refeição havia um salão, assim como para cada um dos numerosos hobbies de Baryatinskij: três salas de música, duas para as coleções de borboletas e de armas e cinco (Sylvain havia contado) em memória de antigas amantes. Além disso, ele também dispunha de uma biblioteca bastante impressionante.

Ludmila Akhmatova esperou até que Jacob tivesse fechado a porta.

— Venho em nome de Orlando Tennant — ela disse enquanto tirava as luvas de couro. — Ele lhe pede que seja o portador de uma mensagem. E espera que encontre alguma maneira de não fazê-la soar tão ruim como é.

— E a quem essa mensagem se destina?

— À srta. Celeste Auger. Orlando lhe pede para dizer a ela que lamentavelmente não poderá levá-la ao balé esta noite.

Ele entregaria a Fux uma mensagem de seu amante. Jacob não sabia que o Cão de Vento era tão cruel.

— Orlando sugere que alegue assuntos urgentes de Estado — Ludmila Akhmatova prosseguiu. — Ele acha melhor que a srta. Auger seja informada do verdadeiro motivo somente quando não tiver mais nenhuma oportunidade de fazer algo impensado.

— Impensado? Isso não soa muito à srta. Auger. Posso saber qual é o verdadeiro motivo?

A anã lhe deu um sorriso triste.

— Orlando foi preso. Nas primeiras horas da manhã, por ordem do tsar, será colocado diante de um pelotão de fuzilamento. — A voz controlada enganava. Não era possível deixar de notar que ela havia chorado, embora tivesse tentado cobrir o vermelho ao redor dos olhos com pó.

Jacob não sabia o que ele próprio sentia. Talvez não quisesse saber.

— Eu adverti Orlando — ele disse. — Mas tenho que admitir que tampouco sou bom em ouvir os alertas dos outros.

Ludmila Akhmatova tirou da bolsa um lenço que não era muito maior do que um cartão de visitas.

— O homem a quem Orlando pretendia libertar é imprescindível para Álbion, e ele precisava ser rápido. Segundo nossos informantes, ao contrário do que esperavam os goyls, o tsar não utilizará seu precioso prisioneiro para o progresso de Varângia, mas mandará executá-lo. Não é totalmente incompreensível. O presente deles foi culpado pela derrota de Varângia para Álbion.

O presente dos goyls…

Era nisso que dava se distrair com elfos dos amieiros e ciúme. Quantas vezes nos últimos dias Jacob ouvira que Isambard Brunel não aparecia em público por causa de uma doença, e mesmo assim não vira o óbvio?

— Onde Orlando está preso?

— No lugar do qual pretendia libertar Brunel. Na ala secreta da Coleção Mágica. — Ludmila assoou o nariz, o único sinal de perturbação que se permitia. — Orlando conseguiu abrir a porta, eu mesma comprei o explosivo para o verniz venenoso, mas ela se fechou atrás dele e o alarme foi acionado.

O arame-faca. Pelo jeito, Orlando não sabia lidar tão bem com ele quanto afirmara.

— Vou sentir falta dele. — Ludmila limpou um vestígio de rímel do rosto. Um pouco fuligem de lampião, algumas gotas de suco de bagas de sabugueiro… Também existia a possibilidade de mandar uma bruxa espessar os cílios. — Jamais houve um espião melhor do que Orlando Tennant — disse Ludmila Akhmatova. — Nem dançarino. Não deixa de ser adequado que o fuzilem com o melhor engenheiro. Mas estou muito decepcionada com nosso tsar. Pensei que ele tivesse mais respeito pelo talento!

Ao lado da porta, uma pintura que mostrava uma batalha naval estava pendurada. Como muitos dos quadros de Baryatinskij, era bom o suficiente para ser exibido num museu, mas lembrava Jacob de outra batalha. Os aviões dos goyls haviam afundado o primeiro navio de ferro daquele mundo apenas alguns meses antes, no Grande Canal, mas nas docas de Goldsmouth já estavam construindo outros três a partir do projeto de Isambard Brunel.

Graças ao engenheiro havia trens subterrâneos em Londra e suas pontes se lançavam sobre os rios mais amplas e elegantes do que as de qualquer outro mundo. Ninguém representava a nova magia de forma mais convincente do que aquele homem. Ele se mostrara mais do que digno do nome que usava como um eco do mundo de Jacob: Isambard Christopherus Brunel.

Ludmila Akhmatova havia se recomposto. Ao contrário da maioria dos anões, ela se vestia segundo a última moda de Varângia. Parecia ter muito orgulho de sua origem e de seu país. Jacob se perguntou por que então ela espionava para Álbion. Ela não dava a impressão de que fizesse qualquer coisa em sua vida sem convicção. A anã lançou um olhar para a porta fechada e abaixou a voz.

— Tentaremos libertar Orlando e Brunel. Planejamos escondê-los no bairro Volodj até que a comoção inicial tenha passado. Muitos lobins moram ali, por isso nem mesmo a polícia secreta se atreve a revistar as casas com rigor. Uma carroça de lixo vai se encarregar do transporte. As ruas ficam cheias delas assim que escurece.

Por que ela estava contando tudo aquilo a ele? *"Assim que escurece."*

— Vocês pretendem tentar esta noite?

— Quando mais? Amanhã de manhã Orlando estará morto. E Brunel também.

— Com quantos colaboradores contam?

— Dois.

Para invadir a ala secreta da Coleção Mágica? Absurdo!

— Suponho que um deles saiba bastante sobre feitiços de proteção.

Ludmila Akhmatova olhou para ele com um sorriso. Ah, sim. Um recado para Celeste Auger. Talvez Orlando tivesse de fato enviado a anã, mas não apenas por essa razão.

— Não. — Jacob ergueu as mãos num gesto defensivo. — Orlando e eu somos apenas conhecidos. — Nos últimos dias ele lhe desejara coisa pior do que uma cela, mas a anã não tinha nada a ver com isso.

— Então nos ajude por Álbion. É sua pátria, não é?

— Nem se fosse. Pareço com alguém que morre por um rei ou por uma pátria?

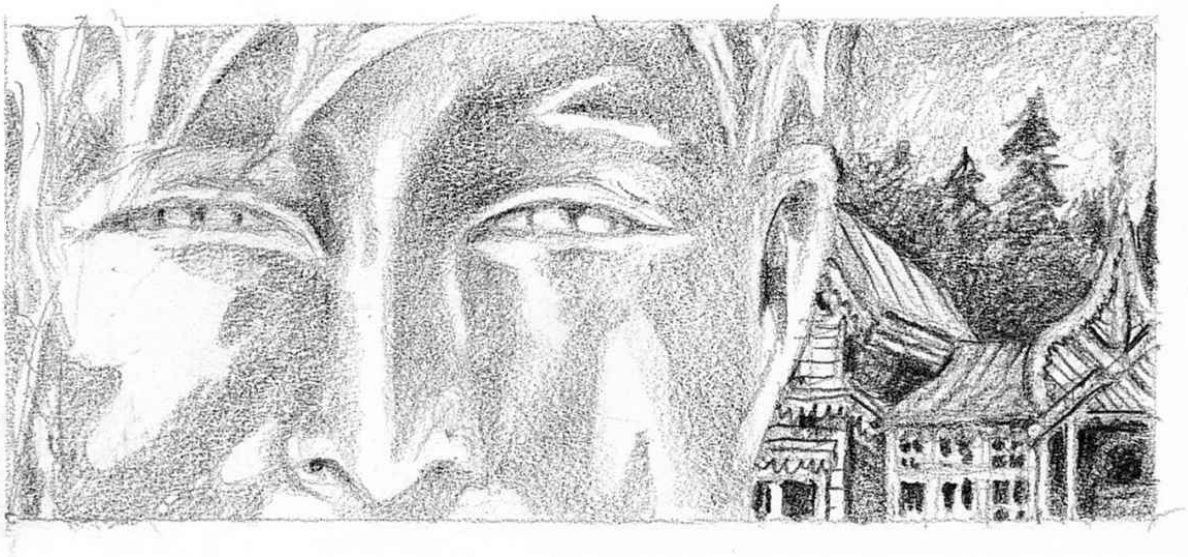
Se ajudasse Ludmila, provaria a Fux que ele não desejava mandar Orlando para o inferno. *Mas você deseja mandá-lo para o inferno, Jacob.*

A anã sorriu.

— *Blagodaryu*, *Gospodin* Reckless — ela disse, e vestiu as luvas nas mãos delicadas. — Eu tinha certeza de que nos ajudaria, e acho que nós dois sabemos por quem o fará. Uma hora depois da meia-noite. — Ela estendeu um envelope diminuto para Jacob. — O endereço está aqui.

Jacob abriu a porta. Sylvain estava lá.

— Não me olhe assim. Foi ideia de Chanute que eu escutasse vocês! — ele se defendeu. — E *voilà*! Vocês vão precisar de uma distração.



48
O traje de guerra

O ritmo das batidas de seu coração havia se alterado. Will sentia aquilo tão claramente quanto a dor em seu pescoço. A luz do dia fazia seus olhos arderem. Como antes. Por que dessa vez lhe causava menos medo? Porque já havia passado por aquilo? Não. Ele havia chamado a pedra. Por medo, por raiva… não importava. Ele próprio.

Os salteadores não haviam se dado ao trabalho de apagar seus rastros. E para quê? Achavam que ele e o goyl morreriam. Os dois seguiram a pista pelas profundezas da floresta até que depararam com uma casa. A pintura azul-clara estava deteriorada e o musgo e a podridão manchavam as esculturas que adornavam o telhado e as janelas. Um galpão de madeira ficava atrás de um jardim abandonado, como o esqueleto de prazeres esquecidos. As garrafas vazias e os ossos roídos deviam provir dos novos moradores, assim como a cabeça de urso pendurada sobre a porta. As patas estavam pregadas no batente.

— Olha só, um guarda-espírito. Que comovente… — Nerron sussurrou para Will. — Devem ter enterrado o coração debaixo da soleira. Caso o urso se mostre, ignore-o, ele não pode lhe fazer nada. Na Lorena fazem o mesmo com gatos e cachorros. Nunca entendi o motivo. Por que meu espírito protegeria alguém que me matou?

Algo se movia atrás de uma das janelas. Will ouviu gritos. Um dos vidros cobertos de sujeira arrebentou e uma esfera atingiu uma estaca podre da cerca ao seu lado. Os salteadores haviam levado suas armas, mas Nerron tinha uma faca, e Will encontrou uma foice enferrujada na relva.

A porta dos fundos, pela qual se esgueiraram para dentro da casa, dava numa cozinha abandonada. Os salteadores ainda não

haviam chegado até as armas que estavam guardadas ali. No próximo cômodo, encontraram seis cadáveres prateados em cima de um tapete roído pelos ratos. Will os observou incrédulo. Os mesmos homens maltrapilhos que haviam laçado seu pescoço eram esculturas de prata brilhante, rígidos como o metal até o último fio de cabelo. Ele olhou pasmo para o goyl, que não parecia surpreso.

Do lado de fora, ouviram-se os relinchos de um cavalo, estridentes de medo. Will aproximou-se de uma das janelas imundas. Ao lado de cinco animais que empinavam em pânico, jaziam mais três mortos. Nas duas figuras que se curvavam sobre eles, refletiam-se os canteiros abandonados e a pintura degradada da casa. Will recuou quando um deles olhou para a janela em que estava. Era uma garota com olhos de vidro. Seu rosto refletia o céu atrás dela, mas as nuvens cinzentas se transformaram em pele humana enquanto se dirigia para a casa.

— Ah, finalmente você os viu. — Nerron cortou fios de cabelo prateados de um dos mortos e os guardou no bolso. — O rapaz se chama Dezessete. Dezesseis talvez lhe pareça familiar.

Sim, ela parecia. A garota que apareceu na porta com marcas de tiros parecia tão humana como se tivesse morado naquela casa, e Will conhecia o rosto de seus sonhos. Exceto pela erupção cutânea na bochecha esquerda. Dezesseis escondeu-a com a mão quando notou o olhar.

— O que você está fazendo? — Na figura do jovem que apareceu na porta ao lado dela ainda se espelhava o mundo. Ele a puxou para o lado e sussurrou alguma coisa, mas ela não tirava os olhos de Will. Seus olhos de vidro.

O rapaz segurava a balestra na mão. Andou até Will e a depositou aos seus pés. Dezessete. De seus braços brotavam folhas. Ele as tirou da pele com os próprios dedos.

— Esqueça que nos viu — ele disse. — Ela não deveria se mostrar a você. Estamos aqui para protegê-lo, nada mais. Vamos cuidar para que faça aquilo que veio fazer.

— Ah, é? Devo dizer que não estão fazendo isso muito bem. — Nerron ergueu a balestra e estendeu-a pra Will. — Quem o tirou da árvore? Vocês?

O rosto de Dezessete se transformou em prata. Nerron gemeu quando ele cutucou seu peito com o indicador.

— Você prometeu encontrar a fada. Onde ela está? É melhor achá-la logo, está me ouvindo, Pele de Pedra? Logo mesmo!

A prata se transformou em vidro novamente, e Will viu apenas a si mesmo, o goyl e a sala deteriorada na figura de espelho. Então Dezessete se foi.

— Cuidado — Nerron sussurrou. — Ele pode ficar totalmente invisível. Não é verdade, Dezessete? — Ele esticou a mão e tateou no ar. — Não se pode nem senti-los. São uma ideia, nada mais. Uma ideia tenebrosa.

Dezesseis ainda estava na porta, com a mão na bochecha.

— Ele se foi, Pele de Pedra — ela disse. Então se virou e se transformou em vidro como o irmão. Caso fosse mesmo seu irmão.

Nerron tirou um pedaço de pão prateado da mão de um dos mortos e, com um palavrão, jogou-o pela porta aberta. Pareceu tranquilizá-lo quando aquilo não causou nada.

Will passou por cima dos mortos enrijecidos e parou onde Dezesseis estivera pouco antes. Por que ela aparecera em seus sonhos? Ele se obrigou a pensar em outro rosto. Clara. Mas a via apenas na cama do hospital, tão silenciosa e estranha. Puxou o saco mágico de baixo de um dos mortos e olhou incrédulo para sua mão. Pele humana. Passou-a no pescoço inchado. A pedra desaparecera. A decepção que sentiu foi tão grande que o goyl a percebeu.

— “E ele usava o jade apenas como traje de guerra.” Minha mãe sempre terminava a história do goyl de jade com essa frase — ele disse. — Toda vez eu me perguntava o que isso significava. Tenho certeza de que a pedra voltará quando você precisar.

Will acariciou a mão macia. Queria a pedra de volta e odiava a si mesmo por isso. Ele a estava traindo novamente? Clara. *Lembre o nome dela, Will. Clara.* Qual fora a última vez em que pensara nela? Nem sonhava mais com Clara. Ele a estava esquecendo. Como da outra vez.

“Tudo voltará a ser como deveria.”

— Vamos voltar! — disse o goyl atrás dele. — Quem se importa com a fada? O goyl de jade está de volta! Vamos esperar até a próxima chuva para nos livrar dos seus guarda-costas e dar o fora. Mais alguns dias de água e nem poderemos mais distinguir os dois das árvores lá fora. Não fico triste com isso, devo admitir.

Voltar? Não.

Will sacudiu a cabeça.

— Preciso encontrar a fada. Eu prometi.

— Prometeu? Quer que eu lembre você de outra promessa? Você fez um juramento a Kami'en. Ele está em Moskva, são menos de três dias daqui!

— A balestra não pertence a Kami'en.

— É mesmo? A quem pertence então?

— Àquele que a fez.

— Ah, é? Você parece conhecê-lo bem. Como são os elfos perdidos?

Elfos? Era isso o que ele era, o estranho na frente do hospital? Will pôs o saco mágico sobre a balestra.

— Não o conheço. Só o vi uma vez. Você acha que ele os enviou?

— Quem? Nossos amigos prateados? — O goyl esfregou o peito. — Não quero falar sobre eles. Nunca se sabe onde estão. E são rancorosos. — Onde Dezessete cutucara seu peito, o casaco de pele de lagarto estava manchado de prata. Os pontos úmidos lembraram Will de que o sangue goyl era incolor.

— Ei! Filho de um espelho! — exclamou Nerron. — Ratos de vidro sem alma! — Ele olhou ao redor e cuspiu. — Parece que não estão por aqui. Devem estar arrancando as folhas dos membros.

Prata. Prata e vidro. *O que isso lembra, Will?*

Nerron parou na sua frente. Segurou Will brutalmente pelo queixo quando o garoto tentou virar a cabeça.

— Pare com isso. Quero ver seus olhos. O que eles lhe prometeram? Por que está servindo de garoto de recados?

Will empurrou-o para trás e pegou… o quê? Pensou sentir o cabo do sabre entre os dedos. Seus ombros se lembravam do empurrão.

O Bastardo recuou.

O olhar de Will denunciara que o jade havia voltado. Antes mesmo que o visse em suas mãos.

O goyl sorriu.

— A garota… — Will enfiou o saco mágico debaixo da camisa. — Dezesseis… ela parece doente.

Nerron deu uma risada.

— Você fala como se ela tivesse lhe mostrado seu rosto verdadeiro. A maldição das fadas? Os elfos de prata? Tem noção do que estou falando? Esqueça. Eles mesmos devem lhe explicar, senão vou acabar como estes aqui. — Ele deu um chute nas costelas de um dos mortos, então se virou e se pôs a roubar os cadáveres.

"Eles mesmos devem lhe explicar."

Will saiu.

O silêncio da morte enchia o jardim abandonado. Ele pôs a mão no rosto e encontrou pele. O jade desaparecera novamente. Ele ia e vinha como uma febre. Seu traje de guerra. Assim mesmo, a luz do dia ainda fazia seus olhos doerem, e ele sentiu atrás de si as profundezas que a relva úmida ocultava. O seio da terra. Sentira falta daquele saber.

Não.

Ele precisava esquecer. Como já fizera uma vez. Por Clara e por ele próprio. O jade não pertencia a Will, por mais que o sentisse, agora ainda mais forte do que da outra vez. Era uma maldição. *Uma maldição, Will! Você está enfeitiçado.* A palavra já o assustava quando criança. Enfeitiçado.

Sentiu uma lufada de vento quente, embora o sol fosse apenas uma moeda pálida entre as nuvens cinzentas.

Dezesseis estava ao pé da escada apodrecida, quase invisível, mas dava para notar o contorno de uma figura.

— Você nunca vai encontrar a fada, não é?

A casca de árvore também crescia em seu braço. Will lembrou-se do dia em que descobrira os primeiros traços de pedra em sua pele, do horror, da repulsa por si mesmo. Passava. Talvez o pior fosse aquilo.

— Veja só como ela me torna feia. — Dezesseis havia raspado a casca do braço com os dedos. O sangue correu por sua mão como vidro líquido. — Você fica ainda mais bonito com a magia dela. Por quê?

— Dezesseis!

Ela se virou.

Por um momento, Will teve a impressão de que Dezessete tinha o rosto de Jacob.

— Deixe-o em paz. — O pássaro que Dezessete segurava na mão era de prata, como os mortos. — Temos que prosseguir. Você o está atrasando.

Dezesseis hesitou. Prata subiu ao seu rosto como se corasse de raiva. Então ela recuou e se transformou em relva e céu, no galpão em ruínas, nos canteiros abandonados.

Will a viu novamente em seus sonhos, na noite seguinte. E na seguinte. Mas ela começava a se mostrar também de dia. Para onde quer que olhasse, lá estava ela, como uma flor de vidro e prata, mas a casca de árvore aumentava, assim como o sangue sem cor em sua pele.

E Will ia mais depressa.

“Você nunca vai encontrar a fada, não é?”

Ele precisava encontrá-la.

Era como se pela primeira vez soubesse por quê.

Não, Will.

Por Clara. Ele ainda o fazia apenas por Clara. E se repetia isso muitas e muitas vezes. Mas o rosto dela era de prata e vidro.



49
Em casa

Cuidado, cães. Robert Dunbar estava bastante tentado a chamar de volta o cocheiro do fiacre que o conduzira até o extremo norte da periferia de Parramatta quando viu a placa no portão de Jocelyn Bagen. Atrás dele, ficava o tipo de casa que se encontrava com frequência na Tasmânia, uma mistura arrojada de madeira, pedra e ferro fundido. As vigas brancas do terraço e as bordas de ferro sob o telhado o lembravam do confeito das casas de bruxas. Não era de admirar. As casas eram transportadas em módulos nos navios que partiam de Álbion para todo o mundo, a fim de proporcionar a sensação de se estar em casa no estrangeiro. Mas, sob o vasto céu azul e cercadas de eucaliptos, elas já eram parte dele.

Dunbar amaldiçoou seus olhos míopes enquanto tentava descobrir se os cães anunciados estavam escondidos atrás dos arbustos floridos na frente da casa. Muitas noites de leitura com má iluminação… em algum momento ele ficaria cego como um morcego (havia um número irritantemente grande deles na Tasmânia). Far-darrigs não se davam muito bem com cães, mas Dunbar evocou na memória os riscos que Jacob correra para salvá-lo dos soldados bêbados e abriu o portão. Os latidos pareciam vir ao seu encontro enquanto subia os degraus até a porta da casa e quase o fizeram voltar, mas ele finalmente ergueu a mão e bateu. Eram quatro cães, que iam do tamanho de pequenos ratos de areia até o de lobos castanhos. Embora sua dona os tivesse chamado, eles deixaram sua afeição em forma de saliva registrada em sua roupa. Dunbar tinha que admitir que nenhum deles parecia ameaçador.

Jocelyn Bagen não aparentava ligar muito para ordem, o que era comum entre bibliotecários, segundo a experiência de Dunbar. O cômodo em que estava era próximo das salas do Instituto de Arqueologia de Pendragon, onde seus colaboradores depositavam

cacos de cerâmica, objetos de arte e armas excêntricas que roubavam de outros países (ele não tinha uma boa imagem dos arqueólogos de Álbion). A coleção de Jocelyn Bagen era pelo menos tão variada quanto aquilo. Dunbar descobriu um caldeirão de Eire que aparentemente era usado para cozinhar (os arqueólogos teriam fuzilado a srta. Bagenal por isso), fusos de teares de stilzes da Bavária, panelas de bufanas da Lombarda (que faziam as vezes de vasos de flores), um samovar de dragão varangiano e uma lança de Tilafeiga…

— Eu sei. — Ela examinou seus tesouros com a testa franzida. — Suvenires acumulam muito pó, mas não tenho coragem de trancá-los atrás de vidros e apenas olhar para eles. Como entender alguma coisa se não se pode pegá-la de vez em quando?

Uma tese interessante. Dunbar não tinha certeza se concordava. Ele se lembrou de um estojo de joias da Caledônia que quase lhe custara a mão quando cedera à tentação de apalpá-lo. Estava curioso por saber como Jocelyn Bagen havia acomodado todos os seus livros. O corredor ao longo do qual ela fez um sinal para que a seguisse tinha o ar quente e abafado da Tasmânia, e a porta ao final era decorada por uma máscara usada para afastar ladrões em Nihon.

Lar… Dunbar não dava esse nome a nenhum lugar do mundo, mas quando entrava numa sala cheia de livros a palavra lhe vinha à língua e ao coração. A coleção de histórias perdidas de Jocelyn Bagen era um dos lugares mais incríveis entre os quais ele já havia visto. No meio da sala, havia um poste com muitas setas de madeira carcomida que parecia ter sido roubado de algum cruzamento. Contudo, as inscrições eram da própria Jocelyn. Dunbar leu o nome de países e lugares que existiam, mas também de cidades místicas, ilhas submersas, oceanos esquecidos… Muitos dos nomes se repetiam nas estantes para que o viajante dos livros não se perdesse, pois a biblioteca era dividida por países.

Ah, que tentação passar alguns dias naquela câmara do tesouro! Não foi fácil para Dunbar se lembrar de que tinha ido até ali com uma tarefa. Com muito esforço, ignorou a estante amarela da Tasmânia e as prateleiras verde-azuladas nas quais Aotearoa

sussurrava suas histórias. As informações que buscava muito provavelmente estariam escondidas nas histórias do Velho Mundo. A de Álbion estava abrigada, de forma bastante adequada, numa estante pintada de um verde chamativo. O verde da Caledônia era um pouco mais escuro. A Helvécia encontrava-se em verde-pálido. Bolanda, em azul. O homem encontrou livros de contos de fadas de Leônia, lendas de Sveriga e Norga, sagas populares de Hellas… mas havia também relatórios de viagens, jornais, biografias de descobridores e aventureiros, diários, atlas ilustrados e guias da natureza. Muitos dos livros estavam gastos de tantas leituras, alguns eram apenas uma coleção de folhas soltas, mas a espessura dos volumes era tão impressionante quanto a organização. Dunbar achou o sistema muito mais estimulante do que o da Biblioteca de História em Pendragon.

— Estou gostando da expressão em seu rosto. — Jocelyn Bagen ajeitou alguns livros. — Substancialmente mais organizado do que o resto da casa, não é? Me lembre o que estamos procurando.

Um cão passou furtivamente pela porta, mas nem mesmo isso foi capaz de desanimar Dunbar.

— Criaturas de vidro espelhado, que transformam coisas e corpos em prata através do contato. E meios de se proteger delas. Um amigo teve um encontro bastante desagradável.

— Encontro? Fascinante. — Dunbar ouviu certo lamento na voz de Jocelyn Bagel por algo semelhante não ter acontecido a ela. — Espelho, espelho meu… — ela murmurou. — Não, improvável. Mas acho que sei onde devemos procurar. Você não mencionou algo a mais? Elfos dos amieiros?

Dunbar assentiu. Bibliotecários… Ele ainda não havia encontrado nenhum com memória ruim. Tinha a teoria de que as palavras se fixavam na sua mente como moscas em teia de aranha.

— O pai do rei Artur… estamos falando sobre esse tipo de elfos?

— Exatamente.

Jocelyn Bagen olhou cética as estantes.

— Essa é a história mais perdida de todas. Receio que meus livros não sejam antigos o suficiente. Mas vamos tentar.



50
O presente dos goyls

Nada de mentiras. Jacob não esquecera a promessa nem a noite em que a fizera para Fux. Mas ele se lembrava da câmara do barba-azul e do rosto prateado dela. A Coleção Mágica não era a choupana de uma baba yaga, mas podia ser perigosa, e ele não suportava a ideia de sentir medo por Fux novamente — mesmo que em troca precisasse arriscar o próprio pescoço pelo amante dela.

Ele misturou o pó sonífero no purê de ervilha da garota, porque o cozinheiro de Baryatinskij servia faisões muito recheados. O farmacêutico garantira que dormiria pelo menos vinte horas e não sentiria nenhum efeito colateral. Se estivesse certo, o Cão de Vento estaria livre antes que ela acordasse — ou estariam todos presos ou mortos com ele. Jacob considerava a última hipótese mais provável.

Chanute e Sylvain preparavam-se tão fervorosamente para o papel que desempenhariam na ação que era quase preocupante. A apenas algumas ruas de distância da Coleção Mágica, havia um parque em cujo pavilhão eram realizados concertos para a alta sociedade de Moskva. Um objetivo plausível para um dos incêndios que os numerosos grupos anarquistas da cidade praticavam regularmente. Como se situava no meio do parque, esperava-se que o fogo fosse controlado antes que chegasse muito perto das casas circundantes.

Sylvain estava tão entusiasmado com a ideia de fazer o papel de anarquista que pediu aos cavalariços de Baryatinskij que anotassem para ele todas as frases que já haviam sido pichadas nos muros de Varângia. Quando Jacob o apanhou pintando uma delas no chiqueiro de seu anfitrião, Sylvain enumerou orgulhoso todos os edifícios de Nova York onde estava eternizado. Ele era uma caixinha de surpresas.

Sylvain e Chanute haviam combinado que o segundo faria o papel do incendiário, enquanto o primeiro escreveria suas frases nos monumentos do parque e em alguns edifícios das cercanias. Jacob precisou deixar que Chanute lhe contasse com detalhes como um cliente bêbado pusera fogo em sua prótese de madeira uma vez e como seria muito mais seguro fazer aquilo com uma mão de metal. Restava apenas torcer para que todos sobrevivessem àquela noite. Enquanto esperavam pela escuridão, Jacob desejou mais uma vez ter subido com Fux no tapete do tsar antes que o Cão de Vento fosse preso.

Não era a primeira vez que invadia uma coleção mágica. Nos gabinetes de curiosidades de Vena ele roubara um caracol cuja gosma tornava a pessoa invisível. Ele alcançara Ludmila no corredor para lhe perguntar se existiam esses caracóis em Moskva, mas ela apenas sorrira e sussurrara compassiva: “Levarei algo melhor”. A anã também prometera se encarregar da sombra goyl que montava guarda regularmente diante do palácio de Baryatinskij.

Fux já se deitara havia horas (o pó tinha um efeito rápido), mas o céu da noite de verão ainda estava claro quando um criado entregou, pedindo mil desculpas, um telegrama que havia chegado para ele pela manhã.

Era de Dunbar.

> Menção a animais de prata em relatos de viagens na Lorena, fonte de anos atrás pt agressores de vidro com muitos rostos em contos de fadas de Cymru e Helvetien pt à luz da lua viram árvores pt armas inúteis, invulneráveis pt o herói do conto Cymru se salva na terra úmida, o herói de Helvetien foge para a água pt nenhuma menção a elfos dos amieiros pt histórias sobre humanos enviados por imortais pt não esqueça: citei conto de fadas e relato duvidoso de viagem pt melhor conselho: mantenha-se longe de espelhins pt não quero um dia visitar você e a raposa como estátuas de prata pt saudações do outro lado do mundo, Dunbar pt.

“Mantenha-se longe.” Jacob desejou poder seguir o conselho de Dunbar.

Bateu meia-noite nas numerosas torres de igreja de Moskva quando Jacob entrou no quarto de Fux para se assegurar uma última vez de que a garota dormia. O farmacêutico cumprira sua

promessa. Lá embaixo, Chanute e Sylvain se esgueiravam para fora como dois garotos que partiam para uma travessura noturna. Fazia bem ver Chanute assim, depois de ter lhe pedido em Schwanstein que verificasse a ortografia de seu epitáfio: “Albert Chanute. Caçador de tesouros. Ainda em busca”. Aquela noite podia render ao velho um túmulo em Moskva, mas se aquilo acontecesse seria uma morte da qual com certeza gostaria mais do que em sua cama em Schwanstein.

A pena no criado-mudo de Fux não era aquela com a qual Jacob enganara a baba yaga. Era a pena da asa de um ganso selvagem. Fux virou a cabeça e Jacob desejou poder ler com o que estava sonhando.

É mesmo, Jacob?

Ele acariciou o rosto adormecido. Por que não deixava o Cão de Vento onde ele estava? A própria Fux não teria lhe pedido que arriscasse o pescoço por Orlando. Tampouco o perdoaria por deixá-lo morrer sem que ela tivesse a chance de salvá-lo. E ele próprio se perguntaria pelo resto da vida se ela não teria sido feliz com Orlando.

Ludmila Akhmatova havia cumprido a promessa. Nenhuma sombra goyl o esperava diante do portão de Baryatinskij, mas as ruas de Moskva ainda estavam cheias de vida. Mendigos, bêbados, floristas, legiões de nobres e oficiais a caminho dos bailes, do carteado noturno ou de um dos numerosos bordéis da cidade. Em cada esquina havia vendedores ambulantes, domadores de ursos ou cartomantes, mas a cidade foi ficando mais silenciosa à medida que Jacob se aproximava do quarteirão em que se situava a Coleção Mágica. A transferência da coleção para dentro dos muros do Kremlin estava em discussão, mas felizmente ainda não acontecera. Aquilo teria tornado ainda mais desesperados os planos daquela noite.

O palácio que abrigava os tesouros mágicos de Varângia estava cercado de edifícios oficiais e escolas cujas janelas estavam escuras quando Jacob desceu do fiacre. Ludmila Akhmatova esperava-o numa rua secundária sem iluminação. Era quase impossível vê-la em seu vestido preto. O nome que o anão ao seu

lado sussurrou soou familiar a Jacob, assim como seu rosto barbudo. Basil Sokolsky… um artista com o mesmo nome se exibia no maior circo de Moskva. Jacob havia apreciado sua vertiginosa arte da escalada quando estivera em turnê em Álbion. Sokolsky usava o nome artístico de A Mosca, e não era difícil adivinhar que papel Ludmila lhe atribuíra naquela noite.

— Reckless? — ele repetiu quando ela apresentou Jacob em voz baixa. — Você é o caçador de tesouros por cuja cabeça um comerciante anão em Terpevas ofereceu um quilo de ouro como recompensa?

Um quilo? Qualquer um que conhecesse Evenaugh Valiant sabia que ele não pagaria a recompensa, mas Jacob se sentia honrado apesar disso. Seu velho inimigo pelo jeito ficara muito chateado quando o fizera de bobo.

Ludmila escutou a noite.

Os sinos da brigada de incêndio ecoavam estridentes pelas ruas vazias.

Ela deu um sorriso de reconhecimento para Jacob.

— Seus amigos são muito pontuais.

— E onde está o outro ajudante? — Jacob sussurrou de volta. Não que outra pessoa tornasse aquele plano mais promissor…

A resposta vinha pela rua escura. O homem revelava o que era não apenas pelo tamanho, mas também pelo andar. Um lobim. Entre eles, havia caçadores de tesouros e de cabeças muito bem-sucedidos. Jacob já encontrara alguns. Podiam chamar o pelo como Fux, mas já haviam nascido como transmorfos e precisavam se transformar todos os dias para manter o lobo sob controle. Os lobins que esqueciam isso logo começavam a uivar para a lua como lobisomens. Ludmila não mencionara que um deles fazia parte do plano, e Jacob estava duplamente contente por Fux não estar ali. Havia anos ela matara um. Dizia-se que podiam farejar isso.

O lobim não se apresentou. Como as fadas e as bruxas, gostavam de guardar seu nome em segredo. Cumprimentou os anões com um aceno da cabeça silencioso e examinou Jacob com um olhar amarelo-pálido. Em alguns países, as mães afogavam as crianças que nasciam com olhos de lobo, mas em Varângia eles

eram tratados com grande respeito. Afinal, os tsares afirmavam descender de ursos e lobos.

— Está funcionando. Os guardas no portão não perceberiam nem mesmo um exército — ele sussurrou. Sua voz era tão áspera que ficava fácil imaginar como se transformaria em um rosnado de lobo. — Vocês tinham que ver. Esticam o pescoço como se quisessem ver por cima dos telhados. Agora só resta esperar que nosso heroico corpo de bombeiros não se apresse demais para apagar o fogo!

Ludmila Akhmatova pôs a mão no bolso do sobretudo e deu a cada um deles algo que parecia um novelo de lã empoeirado.

Sokolsky olhou para o seu com espanto.

— Uma pele para a noite — ele sussurrou com veneração na voz. — Feita com a teia de aranha da cerca de uma baba yaga…

— É mais difícil de encontrar do que uma águia de três cabeças — sussurrou o lobim. — Como arranjou logo três?

— Tive um admirador que comerciava com elas — respondeu Ludmila, começando a desfiar seu novelo. Os mantos que assim se formavam tornavam a pessoa invisível quando o vestia. Era uma visão estranha, ver desaparecer um ao outro, pedaço por pedaço, na noite.

— Não leve a mal a pergunta, mas você deu uma a Orlando? — sussurrou Sokolsky.

— Sim, a pele da noite permitiu que passasse pelos guardas — respondeu Ludmila. — Mas não pela porta da ala secreta. *Gospodin* Reckless está aqui para nos poupar de problemas semelhantes.

Jacob só podia esperar não decepcionar Ludmila.

O plano era escalar a parede dos fundos do palácio. Eles esperavam que o alarde da brigada de incêndio fizesse os guardas esquecerem seus turnos por um tempo, pois as peles da noite não tornariam invisíveis a corda da qual precisavam para escalar até o segundo andar. Jacob estava grato por alarmes complexos ainda serem promessas do futuro atrás do espelho. Os muros que cercavam o palácio eram protegidos apenas por lanças de ferro. O único metal que resistia aos anões era a prata, e a maior parte dos construtores era imprudente o suficiente para economizar nisso.

Chanute e Sylvain fizeram bem sua parte: os guardas nem mesmo olharam ao redor quando A Mosca pulou no pátio. O barulho das carruagens e as vozes agitadas ecoavam na noite. Jacob só esperava que Chanute não achasse a coisa tão divertida que os dois acabassem na prisão. Uma só ação de resgate noturna era mais do que suficiente.

Sokolsky honrou plenamente seu nome artístico. A Mosca escalou tão facilmente a fachada que de fato parecia que estavam assistindo a um inseto. As janelas gradeadas não eram um problema para as mãos de um anão, bem como as lanças no muro. As peles da noite os escondiam tão completamente que precisavam se fazer notar através de sussurros, para que não pegassem todos ao mesmo tempo a corda que ele lançara. O lobim já começava a subir quando um dos guardas se lembrou de sua obrigação. Quase esbarrou em Jacob, que esperava ao pé do muro, mas graças à pele da noite não notou nem o rapaz nem a corda que ele escondeu com seu corpo. Invisível… Jacob nunca gostara daquela sensação, embora como caçador de tesouros muitas vezes dependesse dela.

Os espiões de Ludmila haviam informado que o tsar mandara postar galgos diante da coleção depois que Tennant avançara tão facilmente até a porta da ala secreta. Eles estavam com as orelhas em pé quando Jacob se lançou através da janela, mas assim que o lobim tirou a pele da noite e lhe estendeu a mão ficaram mansos como bichinhos de estimação.

A sala na qual estavam abrigava os ovos mágicos. Jacob estava grato por poder dar mais uma olhada nela sem a voz de Molotov em seus ouvidos. Alguns não eram maiores do que um ovo de galinha, outros teriam envergonhado uma avestruz. As cascas eram de ouro esmaltado e continham, de acordo com o tamanho, jardins, florestas ou ilhas exóticas inteiras. Diziam que o artífice de cuja oficina vinham os ovos, Hiskias Augustus Jacobs, aprendera seu ofício com os espíritos das minas, e que os atuais ourives do tsar eram seus descendentes. Jacob ficou muito tentado a roubar uma das obras-primas para Fux — ela adoraria ter sempre uma floresta no bolso —, mas os ovos eram tão famosos que seriam imediatamente reconhecidos como mercadoria roubada.

Na próxima sala havia um objeto que podia fazer o arame-faca perder o fio. Uma machadinha derretedora de Nihon, tão finamente forjada como as espadas que provinham de lá. Molotov havia descrito para Jacob com todos os detalhes como passara à posse do tsar, mas não sabia muito sobre suas propriedades mágicas.

Jacob prestou atenção apenas nos dispositivos de segurança instalados por fora quando abriu a vitrine em que a machadinha estava. Sua mente ainda estava ocupada demais com todos os pensamentos que não queria ter sobre Fux e Orlando. Ele próprio já advertira arquivistas imprudentes contra minúsculas moscas de cicuta que gostavam de fazer seus ninhos nos cabos de madeira de objetos mágicos. Sentiu a picada assim que pôs a mão dentro da vitrine. O veneno causava perturbação do equilíbrio e inconsciência. *Parabéns, Jacob.* Sua mão já estava inchada quando tirou a machadinha de lá. Só podia esperar que seu corpo conseguisse combater o veneno até que estivessem em segurança.

Os outros já estavam na sala com as criaturas fabulosas. O lobim olhava petrificado para a jaula do Lobo Cinzento.

— Deveríamos libertá-los quando estivermos com os prisioneiros — Jacob sussurrou para ele. — Vão distrair os guardas e nos dar tempo para fugir.

Ludmila não gostou da ideia. Jacob viu que ela temia as criaturas selvagens que rosnavam e gritavam em suas jaulas, mas a anã era inteligente o bastante para saber que o lobim não iria embora sem o Lobo Cinzento — e Jacob devia a Fux a libertação dos outros.

O portal diante do qual Molotov terminara a visita guiada ainda apresentava vestígios do material explosivo que Ludmila havia fornecido a Orlando. Jacob se perguntou o que ele teria utilizado no arame-faca. A machadinha o derreteu sem desencadear nenhum alerta. O resto foi simples, pois o explosivo havia danificado os outros mecanismos de segurança. Jacob enfiou a machadinha na mochila antes de abrir a porta. Caso fossem pegos, o roubo seria sua menor preocupação.

Em Varângia havia muita gente que se posicionava de forma crítica perante o progresso e gostava de reivindicar a volta aos bons e velhos tempos. O tsar era um representante moderado dessa

facção. A ala secreta de sua coleção lembrava que esses velhos tempos não haviam sido apenas bons. Entre as paredes sem janelas, o passado se alojava como a sujeira, e as jaulas não ocultavam sua finalidade atrás dos ornamentos dourados. Os galgos puseram o rabo entre as pernas quando o lampião de gás de Ludmila desprendeu da escuridão as grades equipadas com lanças. Os ladrilhos do chão mostravam as pegadas de prisioneiros ilustres — garras, caudas espinhosas, pés que queimavam até mesmo pedra…

A prisioneira na primeira jaula tinha o rosto e o dorso de uma mulher humana, mas o corpo de um pássaro. As penas azul-claras certamente já haviam perdido seu brilho fazia décadas: Sirin, o pássaro da dor. Havia em Varângia mais histórias sobre ela do que penas em seu corpo. Um antepassado do tsar a havia prendido pensando em extinguir a dor, mas uma semana depois a irmã de Sirin, Alkonost, chamada de pássaro da alegria, fora encontrada morta na floresta em que as duas moravam. O ovo que havia sido encontrado no corpo morto de Alkonost estava na sala vizinha. Todos os tsares haviam tentado fazê-lo chocar, mas o que quer que se encontrasse nele ou estava morto como o pássaro da alegria ou ainda aguardava dentro da casca azul.

Sirin bateu as asas freneticamente quando os galgos passaram diante de sua jaula. As quilhas douradas das penas faziam as barras de ferro ecoarem como sinos, e o grito que soltou foi tão estridente que o próprio lobim tapou os ouvidos. A voz de um pássaro saindo da boca de uma mulher. Ludmila apagou o lampião para se certificar de que os guardas não veriam a luz caso o grito os fizesse olhar para as janelas, mas ninguém veio. Tudo o que ouviam era o raspar das garras de Sirin no poleiro no qual pousara. Para lá e para cá, para lá e para cá… havia mais de cem anos.

Ludmila fez o lampião arder novamente e Jacob esqueceu a mão picada quando a luz libertou da escuridão o próximo prisioneiro. A jaula era quase tão grande como um vagão de trem e mesmo assim era pequena demais para a criatura que se encolhia ali dentro. Diziam que, antes de sua extinção, os últimos dragões haviam acasalado com outros animais. A criatura diante deles tinha o corpo

de um dragão, mas a cabeça sobre o pescoço longo e escamoso se assemelhava à dos bodes gigantes que se encontravam em algumas montanhas de Varângia. Quem quer que fossem os antepassados da criatura de escamas, ela não fora feita para o cativeiro. Sua visão fez o coração de Jacob bater mais depressa. Dragões… ele nunca deixara de sonhar que um dia encontraria um atrás do espelho. A criatura que os encarava com olhos vazios possuía tanta semelhança com a de seu sonho quanto um asno com um cavalo, mas assim mesmo acendeu suas esperanças.

As jaulas seguintes tinham paredes de ferro, e apenas uma abertura na porta permitia enxergar seus ocupantes. Bruxas e magos eram trancafiados daquela maneira. A primeira cela estava vazia, mas a abertura na porta seguinte proporcionou a visão de dois homens dormindo num catre de ferro.

Brunel parecia ileso, mas Orlando fora maltratado.

Ludmila pressionou a porta com o cotovelo quando a fechadura se mostrou renitente. A força dos anões não se restringia aos do sexo masculino. Sokolsky ajudou-a a curvar ainda mais o metal. Orlando mal conseguia se ajoelhar, mas Brunel se arrastou depressa através da porta aberta como se não fosse a primeira vez que escapasse de uma cela. Quando viu Jacob, o encarou tão terrificado que se esqueceu de se endireitar. O rapaz ficou surpreso. Não esperava que Brunel se lembrasse dele. O oficial que os havia apresentado em Goldsmouth devia tê-lo elogiado bastante depois do encontro.

Orlando apenas o cumprimentou com um aceno de cabeça sem dizer nada enquanto se punha de pé ainda cambaleante. Não parecia que ele tinha forças para muito mais do que isso. Abriram apenas uma fresta das outras jaulas, para que conseguissem voltar antes que seus ocupantes entendessem que estavam livres. Eles os ouviram bater asas e arrastar pés quando se cobriram com as peles da noite. Ludmila tinha mais duas consigo, para Orlando e Brunel.

Prenderam Orlando com uma corda, porque ele estava fraco demais para escalar. Ludmila devia estar se perguntando se havia dito seus nomes ao torturador. Adiante, onde ficava o parque, o céu

estava tão vermelho sobre os edifícios que Jacob teve receio de que Chanute tivesse ido pelos ares junto com o pavilhão.

O lobim já estava lá embaixo quando um dos guardas notou a corda. O soldado deu somente mais alguns passos, mas sua pistola disparou antes que o lobo o enterrasse debaixo de si. Quando os outros guardas apareceram, Jacob já segurava a arma na mão, mas o pássaro da dor lhe poupou o tiro. Os guardas agacharam-se quando Sirin se lançou da janela com gritos furiosos. O Lobo Cinzento vinha atrás dela quando Jacob pulou do muro para a rua. Os guardas olhavam para o alto como crianças enfeitiçadas, sem lembranças de onde estavam e do motivo do uniforme. As histórias com as quais haviam crescido voavam acima deles entre as estrelas.

A carroça de lixo já esperava atrás da coleção conforme o combinado. As peles da noite já se tornavam transparentes como as teias de aranha das quais eram feitas, e eles as tiraram antes de embarcar. Apesar do fedor que o veículo de fuga exalava, Brunel subiu tão depressa quanto havia se posto para fora da cela. Jacob o tomara por um homem mais corajoso, tendo em vista suas invenções. Por outro lado, a covardia certamente fornecia uma motivação excelente para o desenvolvimento de armas e paredes de ferro.

Orlando e Sokolsky também já estavam agachados na carruagem quando um lobo gigantesco, meio invisível, pousou suavemente sobre o muro da coleção, como se a força da gravidade não atuasse sobre ele. Voltou à figura humana mais lentamente do que Fux. O pelo em seu rosto desapareceu apenas quando atravessou a rua. Ele mancava, mas o sangue em suas mãos certamente não era apenas seu. Um dos guardas esqueceu a magia no céu e apontou a arma para o lobim através da grade do portão. Ludmila o derrubou com um tiro e pôs a pistola no bolso com um ar indiferente, como se matasse com frequência. Jacob também já havia matado muitas vezes, mas ficava contente por ainda se sentir mal com isso.

Agora ele sentia o veneno da mosca em todo o corpo. O lobim segurou-o quando seus joelhos fraquejaram. Jacob quis mostrar a eles a picada, para explicar, mas não dava mais. Eles o içaram para

dentro da carroça fedendo a lixo, e a última coisa que ele viu foi o rosto amedrontado de Brunel.



51
Um conto de fadas

Dezessete agora amaldiçoava a chuva como a um inimigo. Cravava fundo os dedos de prata no tronco das árvores, para fazê-las pagar pelo que a fada lhes fazia. E brigava o tempo inteiro com Dezesseis. Não aprovava que não se escondesse mais de Will. O garoto devia era agradecer a ela!

O Filhote parecia cada vez mais incansável em sua busca pela fada, e Nerron tinha certeza de que Dezesseis era a causa. Os olhos de Will a procuravam constantemente. O goyl imaginava a espelhim o transformando em prata com um beijo, mas a ideia de fazer penicos de prata de seus vigias era muito mais apaziguadora.

O jade.

O jade era culpado.

Nerron ainda sentia a veneração que despertara dentro dele com a visão, embora o goyl de jade com o qual sonhara quando criança tivesse pouca semelhança com o rosto inocente que cavalgava na sua frente. Seu goyl de jade havia afogado os ônix num lago subterrâneo, assim como os ônix faziam com seus bastardos. Quando criança, ele embarcava tanto nesses sonhos que procurava traços de jade no próprio rosto. Que idiotas sentimentais eram as crianças. A vida tratara de espantar tais sonhos. Ela lhe trouxera desprezo pela própria pele e pelo próprio coração, desconfiança diante de histórias que terminavam bem e de heróis que o salvassem ou salvassem o mundo. Mas o que se movia dentro dele desde que vira o jade eram exatamente essas ilusões encharcadas de veneração. Era irritante que naquelas terras esquecidas pelos goyls não houvesse devoradoras de crianças. Elas a teriam expulsado com um copo de sangue!

Quando pararam para dar de beber aos cavalos — a única ocasião em que descansavam —, Nerron viu, não pela primeira vez,

como o Filhote acariciava o saco mágico com a balestra. Ele estendia o arco de vidro com tanta naturalidade como se tivesse a força de um ogro. Nerron se perguntava se aquilo se devia ao jade ou ao fato de as armas mágicas possuírem vontade própria. O Filhote apontou para uma árvore… e acertou. Sim, a balestra sentia-se muito bem em suas mãos.

Como se tivesse sido feita sob medida para ele.

Maldito.

O cavalo de Nerron tirou o focinho gotejante da água quando ele se amaldiçoou com todos os insultos com que os bastardos eram xingados sobre e sob a terra.

Um recado para a fada…

E ele achara o Filhote ingênuo…

Observou ao redor. Que diabos! Aqueles espelhins ouviriam que ele havia entendido todas as mentiras. Já era constrangedor o suficiente o quanto havia demorado para perceber. Puxou seu cavalo para longe da água.

O Filhote tirou a flecha do tronco no qual a havia disparado.

— Você tem que matá-la, não é? — Nerron segurou-o pelo ombro e o empurrou contra o tronco da árvore. — Não era por causa do jade!

Os olhos de Will se mancharam de ouro.

Nerron agarrou a mão em que ele segurava a flecha.

— Suponho que com a balestra a imortalidade dela não seja um problema. Mas esqueceu os cossacos? Mesmo que consiga matá-la antes que ela o mate, e se a Escura levar o jade embora?

O Filhote se soltou.

— Espero que o leve.

— O quê?! O jade é a melhor coisa que já lhe aconteceu! — Nerron queria bater no rosto mole para que a pedra voltasse, mas eles já estavam ali. Seus cães de guarda de vidro. Não pareciam bem. A casca de árvore crescia mais depressa do que conseguiam tirá-la.

— Deixe-o. — Dezesseis. Dezesseis vezes dez rostos, todos loucos pelo Filhote. O que ela achava do jade? Ou tinha mais apetite pela molenga carne humana?

O Filhote também a devorava com os olhos. Dezessete andou até Nerron.

O sangue (caso fosse sangue) grudava como um óleo sem cor na sua pele. Ele se livrava das cascas de árvores com excesso de zelo.

— Vá embora, Pele de Pedra. Você mesmo disse que ele pode encontrar a fada sem você. Não precisa mais da sua ajuda!

Ah, é? O Filhote nunca precisara dele! Ainda segurava a flecha na mão. A balestra estava prateando a sua mente. A balestra e Dezesseis.

— É mesmo? Quem foi que o salvou de virar comida de corvo? — Nerron chegou tão perto de Dezessete que viu a si mesmo em seus olhos. — Deixe-me pensar… Acho que fui eu! E não vou a lugar nenhum. Temos um trato.

O goyl se perguntou se a crueldade no sorriso de Dezessete era roubada como o próprio sorriso ou se era um ingrediente da prata.

— Acredite, você não quer ver os espelhos. Ou aqueles que esperam atrás deles. — Agora Dezessete usava sua característica humana como uma máscara que não lhe caía bem.

— Ainda não o matamos, Pele de Pedra. Isso já é pagamento suficiente. — Dezesseis foi para o lado do irmão, para dar mais força à ameaça. — Encontrou a fada? Não. Pelo que quer ser recompensado?

Filho de um espelho.

O Bastardo estava farto de ser enganado. Logrado. Ludibriado. Roubado. Se alguém ia fazer aquelas coisas, que fosse ele.

— Eu a encontrarei! — ele disse. — E trato é trato.

Nos dedos de Dezesseis brotaram espinhos de vidro.

Vá embora, Nerron, antes que suas pernas se transformem em prata!

Mas ele não conseguiu. Estava furioso. A maldita ira. E o orgulho. Ferido vezes demais.

Dezesseis queria poder transformá-lo numa massa de metal. Ele via aquilo nela. Estava quase tão ávida por aquilo quanto pelo Filhote. Um goyl de prata. Provavelmente o primeiro. Não exatamente a fama que ele esperava.

— Você é tão feio. — Dezesseis o encarava como se quisesse lhe apresentar a prova em seus olhos de espelho. — Todo este mundo é feio. Espero que o tornem mais bonito quando voltarem.

Ela pressionou a mão contra o coração de Nerron. Ah, maldição, como doía! Ele a empurrou de volta, mas Dezesseis pegou seu braço e bexigas de prata brotaram na pele de Nerron.

— O que está fazendo? Deixe-o. — O Filhote a puxou pelos ombros.

Dezesseis olhou para ele como uma criança repreendida. Mas Dezessete olhava fixamente para o braço do goyl. Ele parecia surpreso por não ser de metal. *Pele de goyl, rato de vidro!*

Nerron deu as costas para eles até chegar ao lado de seu cavalo.

Sim, vá embora, Pele de Pedra, zombava o olhar de Dezessete. Antes que eu o transforme em prata, como minha irmã não fez. O Barba de Leite não vai poder protegê-lo.

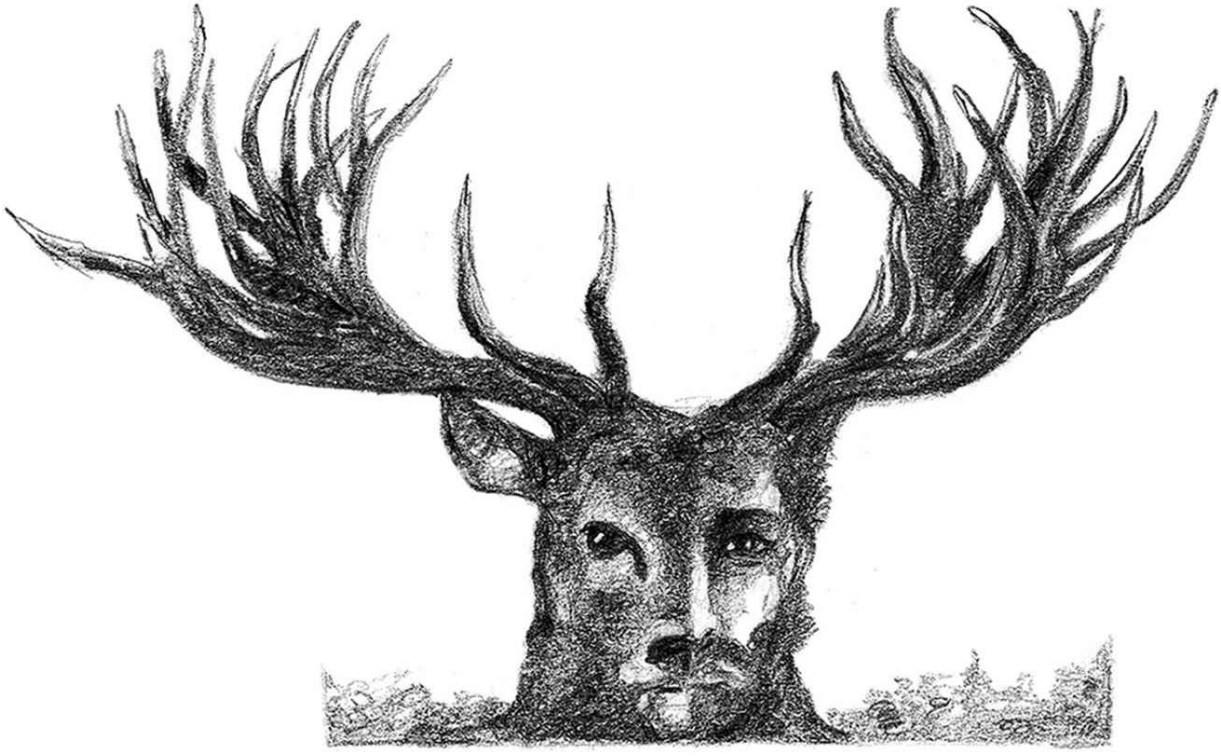
Não. Mas ele havia tentado.

A chuva continuaria a cair e em algum momento o Bastardo ia alimentar um fogo com eles.

Não os perdeu de vista enquanto montava. O Filhote não fez nenhuma tentativa de detê-lo, mas, quando Nerron virou para trás, ele ainda o seguia com o olhar.

Eles partiram logo. Nerron começou a segui-los assim que não podiam mais vê-lo. O Filhote deixava um rastro claro.

Sim, ele tentara protegê-lo, mas deixara que seus anjos da guarda o enxotassem como a um cão vira-lata. O Bastardo se lembraria disso quando o jade o tornasse sentimental novamente.



52
Esquecimento

Por que ele achara que aconteceria durante a noite? O sol estava alto no céu quando o veado chegou. A fada dormia sob sua teia, os cavalos pastavam debaixo das árvores e a boleia estava vazia. Durante o dia, Chithira preferia a forma de mariposa.

Ele não permitiria que acontecesse. Aquele era o mantra de Donnersmarck desde que a devoradora de crianças o deixara partir. Ele o venceria. Afinal, estava acostumado a combater. Não era a primeira vez que o adversário estava dentro dele mesmo. Todo soldado conhecia o cão sabotador que havia em si. Por causa dele, Donnersmarck caíra diversas vezes, com os joelhos trêmulos. Gritara para que saísse de seu corpo, correra, pisoteara-o ou sufocara-o no sangue dos outros. E sempre o vencera. Mas aquilo que levara da casa do barba-azul não lhe dava tempo de gritar.

A coisa irrompeu com a mesma violência com a qual fora semeada. A dor também era parecida. Como se a galhada que havia rasgado seu peito investisse de dentro. Antes que soubesse o que estava acontecendo, Donnersmarck ergueu a cabeça e correu para a floresta com bramidos, enquanto seu nome ia ficando tão sem importância quanto o uniforme que um dia usara. Esfregou a nova pele e olhou para a rede escura estendida entre as árvores, como se a noite tivesse perdido seu vestido. O veado que um dia tivera um nome sabia quem dormia ali embaixo, embora tivesse se esquecido de todo o resto. Ela era o fio que o atava ao que fora uma vez. Ele levou a lembrança consigo quando se perdeu entre as árvores.



53
O filho perdido

Por que o esconderijo tinha que ser justamente num porão? John só conseguia controlar o pânico que sempre sentia em lugares subterrâneos quando se lembrava da cela de ferro em que passara a semana anterior. (Ou haviam sido duas semanas? O tempo passava tão depressa…)

Pelo menos entrava um pouco da luz do dia através de uma janela gradeada, mas os cômodos apertados tinham um cheiro de terebintina e de tinta a óleo. Seu esconderijo era a oficina de um pintor de imagens religiosas. Ele certamente não era muito bem-sucedido, já que exercia num porão escuro um ofício que exigia luz!

Seus libertadores discutiam novamente possíveis rotas de fuga da cidade. John não falava varangiano, mas de vez em quando alternavam com o albião, porque um deles aparentemente vinha de lá. O que deduziu daqueles fragmentos de conversa não melhorava necessariamente o mal-estar que o porão e a terebintina lhe causavam. Aparentemente o tsar pusera toda a cidade em estado de alerta, ninguém podia sair nem entrar em Moskva sem autorização policial. Havia revistas a casas, bloqueios de ruas…

Eles o encontrariam e o fuzilariam!

De nada ajudava lembrar que já havia pensado coisas semelhantes muitas vezes e sempre saíra ileso no final. Os sintomas costumeiros se apresentavam: falta de ar, taquicardia, suor. O médico anão que haviam levado até seu companheiro de cela não fez nenhum esforço para esconder quão ridículas considerava tais queixas. Pelo olhar com que o examinou, John desejou que a peste do polegar atacasse seu pescoço curto. Anões… Os goyls haviam conseguido com eles muitas das matérias-primas que eram necessárias para a produção das armas desenvolvidas por ele. Mesmo em Álbion, eram seus principais

fornecedores, e John passara horas intermináveis regateando preços e prazos de entrega. Eles exploravam mais minas do que Álbion e a Lorena juntos e possuíam postos comerciais nas colônias mais afastadas. “Rico como um anão” era uma expressão corrente naquele mundo, e eles gostavam de lembrar que, ao contrário de seus concorrentes humanos, não deviam sua fortuna ao comércio de escravos. Apesar disso, John não gostava deles. Aquilo não se alterara nem mesmo com o fato de que dois anões haviam participado de sua libertação.

Que a Morsa tivesse arriscado seu melhor espião na primeira tentativa de resgate lisonjeava muito John. Orlando Tennant ficara inconsciente muitas vezes depois que o jogaram na cela, mas mesmo assim John sabia quem era. O sotaque caledônio de Tennant tornara a saudade ainda mais dolorosa. Ele queria voltar para casa.

Uma palavra problemática, John.

Olhou furtivamente para os colchões de palha estendidos entre estantes e cavaletes no chão sujo de tinta. Sim, ali estava ele. O outro paciente para o qual haviam chamado o médico. *Pense, John. Seu filho.* Jacob estava consciente e fora tão impaciente com o médico como quando era criança. Era difícil conter o ímpeto de olhar fixamente para ele, mas John receava que o lobim percebesse seu interesse fora do comum. Ele não parecia especialmente orgulhoso da tarefa de salvar um homem que causara a derrota militar de Varângia para Álbion. Mesmo os traidores eram patriotas naquele país. Por outro lado, lobins sempre davam a impressão de que queriam devorar o outro no instante seguinte.

Jacob mal conseguia se manter em pé, mas tentou mesmo assim. Rejeitou a mão que o puxava de volta para o colchão. Brigou com o lobim porque ele não queria deixá-lo andar. Todos aqueles anos… por que ainda lhe parecia que o tinha segurado nos braços poucos dias antes?

As provisões de sementes de samambaia-geada que John havia costurado na barra da camisa estavam se esgotando. Ele tentara sem sucesso produzir um sucedâneo químico, mas até agora o falso rosto ainda o estava poupando de ter que se apresentar ao filho

mais velho. Para quê? Não havia nada a dizer. Os motivos que o levaram a abandonar sua mãe pouco serviam como desculpa: ambição, egoísmo, a decepção nos olhos de Rosamund…

— Brunel! — O homem que lhe estendia o prato com borscht era o dono da casa. Talvez não obtivesse sucesso com suas pinturas porque ainda retratava os deuses antigos. John examinou os quadros que estavam apoiados nas paredes: Vasilisa, a Sábia, a Kolya zumbi… Não, seu anfitrião era simplesmente ruim.

John aceitou a sopa embora não estivesse com fome.

Como um pintor religioso vinha a esconder espiões e prisioneiros do tsar?

De seus salvadores, o lobim era o único que aparecia de vez em quando no esconderijo. Jacob ainda estava discutindo com ele. *Pare de olhar, John.*

A presença de seu filho perdido quase não deixava espaço para o alívio que deveria sentir com a própria libertação. O fato de que Jacob se parecesse ainda mais com ele quando adulto o havia assustado e ao mesmo tempo comovido John no encontro dos dois em Goldsmouth, mas agora descobrira traços de Rosamund no rosto dele. Ela não havia sido a primeira pessoa que fizera John duvidar se era realmente capaz de amar. O filho que brigava com um lobim a poucos passos dele era o único pelo qual sempre nutrira sentimentos que mereciam aquela designação.

Agora ele sentia amor por Jacob? Não, a consciência pesada não deixava espaço para isso. Além disso, aquele rapaz era um estranho. John desejou de volta a criança, o menino que escutava todas as suas palavras com admiração e achava maravilhoso tudo o que fazia. O homem que aquela criança se tornara certamente não o honraria com tais sentimentos. Apesar disso, John desejava ter coragem para revelar a Jacob quem ele havia salvado do pelotão de fuzilamento na noite anterior. Mas coragem era algo que John já havia desejado em vão muitas vezes. Era preciso merecer a coragem, andar por caminhos desconfortáveis para isso. John sempre se decidira pelo conforto. Ou pela fuga.

Jacob o encarou. O que pensava do homem que se chamava Isambard Brunel? Até mesmo o nome falso ele roubara de alguém

melhor. O lobim apontou para Tennant, e John pensou ouvir Jacob dizer algo sobre um irmão. Will. O filho de Rosamund, nunca o seu. O médico anão deu alguns comprimidos para Jacob. Em Álbion, as bruxas falsas vendiam uma erva que apagava lembranças sem deixar vestígios, tal como as ondas apagavam as pegadas na praia. O problema era que se perdiam também os sentimentos, e o amor por seu filho, que estava ali sem reconhecê-lo, ainda era um sentimento importante para John. Perdê-lo significaria tornar ainda mais vasto o vazio que surgia dentro dele com demasiada frequência. Não era uma ideia atraente.

Por um momento, ele se apanhou desejando que Jacob desmascarasse seu falso rosto, assim como Hentzau o fizera. Afinal, seu filho fizera nome encontrando coisas escondidas. Mas Jacob virou as costas para ele e andou até o colchão onde Tennant estava deitado.

Tantos anos… Pelo menos ele o seguira até aquele mundo.



54
Palavras ocultas

Foram os sinos do meio-dia que despertaram Fux. Ela não se lembrava de já ter dormido tanto alguma vez. O palácio de Baryatinskij vibrava em alvoroço, alguma coisa acontecera, mas ela não conseguia entender o que a camareira tentava lhe contar em seu varangiano afoito. A única coisa de que tinha certeza era que Jacob, Sylvain e Chanute não haviam passado a noite lá.

Quando foi ao quarto de Jacob em busca de algum recado, encontrou apenas o tapete desenrolado. Um lembrete de que logo deixariam Moskva. Por alguns instantes irreais, imaginou como seria não ir, largar a caça ao tesouro, mudar-se para o apartamento de Orlando, chamar um lugar de lar… Ele queria uma vida assim? O ganso e a raposa… dele tampouco havia recado. A última coisa que ouvira fora que ele viajara por alguns dias com uma incumbência secreta.

Fux não conseguia tirar os olhos do tapete. Mais uma vez seguiria a viagem sem destino na qual ela e Jacob estavam havia tantos anos. *Esta é a vida que você quer, Fux.* Era mesmo? Sempre tivera tanta certeza disso, mas algo a cansava. Até então Jacob fora o norte que a orientava — sem saber para onde todos os outros caminhos levavam e se em algum lugar havia algo pelo que valia a pena ficar. Até então.

Como eles não voltaram após o almoço, ela decidiu visitar uma igreja sobre a qual Orlando havia lhe contado em vez de ficar parada esperando notícias. As igrejas de Moskva se diferenciavam muito das austeras construções de pedra de sua pátria. O deus dentro dela parecia quente como o ouro que o envolvia, embora os santos lançassem olhares sérios e sombrios das paredes. Um deus que gostava de se cercar de ouro devia ter uma queda por caçadores de tesouros. Quando ela saiu para chamar um fiacre, as

carruagens engarrafavam a rua e as pessoas olhavam para o céu. Um grupo de turistas da Lorena começou a conversar com Fux. Uma governanta de Lutis vira um lobo sobrevoando a cidade, e um coletor de impostos de Callas a aconselhou a tapar os ouvidos caso ouvisse o grito de um pássaro com a cabeça de uma mulher.

O que acontecera enquanto ela dormira?

Fux voltava para perguntar aos criados no estábulo quando o porteiro lhe entregou uma carta. O envelope era pequeno como os utilizados pelos anões, mas a letra era de Jacob.

Ela fechou-se em seu quarto antes de tirar o papel do envelope. As bagatelas que estavam escritas confirmavam que a notícia verdadeira estava invisível. Havia muitos meios de escrever cartas invisíveis, e Jacob sempre carregava consigo uma pena de rouxinol. A notícia se teceu entre as palavras como um segundo fio assim que Fux sussurrou as palavras que tornavam a tinta visível:

Através dos galhos trêmulos soa apenas a canção do rouxinol.

As primeiras palavras que ficaram visíveis continham a confissão de Jacob de que havia misturado um pó sonífero em sua comida. Suas mentiras normalmente saíam com facilidade, mas ele havia riscado e reescrito muitas vezes… talvez por isso Fux tivesse acreditado que apenas queria protegê-la. Ela oscilava entre medo, raiva e amor enquanto lia — medo por Jacob e por Orlando, raiva por guardarem um segredo dela. Mas o amor se revelava naquilo que Jacob procurava esconder até mesmo atrás das palavras invisíveis: seu ciúme e sua vergonha do desejo de salvar Orlando para ela, embora provavelmente preferisse fuzilá-lo, toda a coragem apesar do medo, sempre apesar — e amor… tanto amor que ela precisou enxugar as lágrimas que borravam a carta. Pelas desculpas e explicações, soava como algo que era grande demais para continuar a esconder. Jacob precisava de sua ajuda mais uma vez. Ela deveria ajudá-lo a enganar Orlando. Como sempre, ele pedia demais.

Fux gravou o ponto de encontro indicado e o horário, mas ignorou a instrução de queimar a carta. Decidiu guardá-la, para os dias em

que se escondesse novamente, e tudo o que importava.

Foi comovente como Baryatinskij pareceu perturbado quando ela lhe revelou que a incumbência do tsar exigia que precipitassem sua partida. Ele ordenou que seus criados acomodassem os poucos pertences de Chanute e Sylvain em suas melhores malas (Fux ficou aliviada por não terem encontrado nenhum objeto de seu anfitrião) e ofereceu a ela sua carruagem pessoal (ao contrário do tsar, Baryatinskij não ligava para carros). Baryatinskij ficou bastante decepcionado quando Fux lhe assegurou que Jacob já havia providenciado o transporte. Os mantimentos que ele fez trazerem da cozinha eram suficientes para uma viagem ao redor do mundo. Khleb, zakuski, kulebeika, blinys… as palavras tinham um sabor tão bom quanto as iguarias. Sua pronúncia a lembraria para o resto da vida de um tempo no qual fora muito feliz.

Fux prometeu a Baryatinskij que se hospedariam em sua casa novamente quando fossem devolver o tapete para o tsar. Ela torcia muito para que não suspeitassem dele como cúmplice — e para que de fato voltassem. Caso encontrassem Will. Caso ela decidisse se continuaria a viajar com Jacob ou se ficaria com Orlando. Fux realmente se perguntava isso? Nem para essa questão ela tinha a resposta.

O goyl diante do portão desaparecera. Fux gostaria de saber por quê. Era difícil imaginar que Hentzau tivesse perdido o interesse neles.



55
Traição

Se alguém perguntasse a Ashemez Tchiourak por que era informante dos goyls havia tantos anos, ele contava uma história sentimental sobre uma garota com pele de ametista que lhe revelara como se produziam a partir da pedra as cores brilhantes pelas quais seus concorrentes o invejavam… Tão comovente que Hentzau não acreditava em nenhuma palavra. Tchiourak não sabia dizer o que fora feito de sua musa nem por que, apesar do segredo que revelara, era tão mau pintor. Não. Ele supunha que a verdadeira motivação do homem era sua origem. Afinal, ele vinha da Circássia, uma província que era saqueada por Varângia havia séculos.

Essa origem também explicava por que daquela vez ele lhes vendia informações que prejudicavam Álbion, o país que havia pouco derrotara sua velha pátria numa batalha sangrenta. E também havia o lobim. Os libertadores de Brunel provavelmente não sabiam que o irmão de Tchiourak fora aleijado por um. O que seria dos serviços secretos do mundo sem essas histórias? Vingança, ciúme, ambição… todos os espiões afirmavam ter motivos mais nobres para sua traição, mas Hentzau ainda não havia encontrado um em que tivesse acreditado.

Tchiourak contou com todos os detalhes como os prisioneiros que se escondiam em sua oficina fediam e que monstro o lobim era antes de finalmente chegar ao que havia escutado. Tudo indicava que em breve Brunel seria levado para fora da cidade. Hentzau estava muito tentado a enviar imediatamente um comando à oficina, mas aquilo desmascararia o seu mais importante espião em Moskva, e mesmo a polícia secreta do tsar se arriscava apenas com muita relutância no bairro pobre em que ele vivia. Não, seria melhor preparar uma armadilha para os libertadores de Brunel quando fossem levá-lo para fora da cidade.

O pintor apenas lhes revelara o local sob a condição de que deixariam os conspiradores livres, com exceção do lobim, e de que a polícia secreta varangiana não seria acionada. Hentzau não pretendia se ater à primeira condição, mas teria grande prazer em cumprir a segunda. Ele mal podia esperar para devolver aos idiotas arrogantes o fugitivo e com isso comprovar novamente quão superiores ao gênero humano eram os goyls, não importava se fossem de Varângia, Álbion ou qualquer outro lugar. No que dizia respeito a Orlando Tennant, Hentzau brincava com a ideia de ficar com ele para si. O Borzoi poderia lhe fornecer informações importantes sobre a rede de espionagem albiã.

— Você disse que tem mais um estrangeiro de Álbion. Como ele é?

Tchiourak deu de ombros e examinou uma mancha de ouro no polegar.

— Jovem. Uns vinte e cinco anos. Cabelos escuros.

Sim, parecia ele. Não havia muitos homens fora de Nihon que sabiam como usar uma machadinha. Tantos coelhos com uma cajadada só. Hentzau se perguntou o que Jacob Reckless achara de seu pai. Caso o tivesse reconhecido…



56
Parque Prividenij

Quatro dias haviam se passado desde a invasão à Coleção Mágica quando, pouco depois da meia-noite, o lobim fez um sinal para Jacob e os dois homens mais procurados em Moskva para que saíssem para uma rua lateral parcamente iluminada. As duas carruagens fúnebres que esperavam na outra rua agradavam bem mais ao rapaz do que o carro de lixo cujo cheiro ainda sentia em suas roupas. Brunel estava menos entusiasmado e achou absurda a ideia de fazê-los passar pelas barreiras das estradas em caixões, até que Ludmila Akhmatoka trouxe um traje de luto do fiacre que estava à espera atrás das carruagens e lhe assegurou que enterros noturnos não eram incomuns em Moskva e que não havia jeito melhor. Era a primeira vez que a anã aparecia desde a invasão. Ela pediu ao lobim que lhes mostrasse como um dos caixões realmente continha um cadáver para tornar o disfarce perfeito, e deu um sorriso muito sugestivo quando Jacob perguntou se também tivera um namorado dono de casa funerária.

Orlando havia se recuperado bem das artes inquisitórias da polícia secreta de Varângia e entrou em seu caixão com visível deleite. Nos dias em que haviam passado juntos num espaço tão apertado, Jacob se perguntara muitas vezes se o fato de gostar dele tornava o ciúme ainda pior. Os dois haviam conversado sobre tudo: a situação política de Álbion e Leônia, perigo e prazer, apenas evitando cautelosamente aquilo que com certeza não saía da cabeça de nenhum dos dois.

Ludmila ia na frente em seu fiacre, e o lobim ia de cocheiro. O véu preto tornava a beleza da anã tão estonteante que Jacob teve vontade de ir com ela apenas para observar como convencia as sentinelas nas estradas de sua inocência com um olhar dissimulado.

Foi uma despedida incomum de Moskva: deitado sobre a seda vermelha do caixão, sentindo as pedras do calçamento debaixo de si e se perguntando por quais ruas estavam passando. Foi uma viagem inesquecível. Toda vez que paravam, Jacob ficava em posição de morto. O lobim havia passado um pó branco no rosto deles e, além do cadáver que ia na carruagem de Brunel, escondera três gatos mortos entre os caixões para imprimir-lhes o cheiro adequado. Mas o caixão de Jacob não fora destampado uma só vez.

Ele deixara muito claro que o tapete do tsar estava à disposição para a fuga de Brunel apenas se Chanute e Sylvain também fossem junto. Através de um contato, Chanute fizera chegar a notícia de que Sylvain e ele haviam sobrevivido ilesos a suas tarefas incendiárias, mas estavam escondidos numa parte da cidade bem distante do ponto de encontro. Por isso, Ludmila não aceitara de bom grado a condição de Jacob. Para o rapaz, a anã era um enigma, mas ele conteve o impulso de lhe perguntar por que espionava para Álbion, embora amasse sua pátria, como parecia evidente. “A Morsa paga bem” fora tudo o que Orlando dissera a respeito, mas Jacob não podia imaginar que fosse toda a verdade. Uma coisa era certa: todos tinham segredos e eram bastante versados em escondê-los. Apenas Fux sabia que ele não pretendia levar Brunel e Orlando de volta a Álbion, e se todos terminariam em liberdade ou numa prisão era algo que dependia dela mais uma vez — e de ter recebido sua mensagem.

O destino para o qual Ludmila disse à sentinela que se dirigiam era um cemitério na periferia norte da cidade, mas assim que os controles diminuíram as carruagens mudaram de direção. As ruas ficaram piores, Jacob podia sentir claramente em seu esconderijo funerário, e logo ele não tinha mais noção de onde estavam.

Quando a carruagem finalmente parou e o lobim abriu o caixão de Jacob, ele avistou árvores antigas, gramados amplos e bancos carcomidos em caminhos que pareciam pouco utilizados.

— O parque Prividenij — Ludmila sussurrou enquanto punha o véu para trás. — O jardim dos espíritos. O lugar preferido para duelos em Moskva há dois séculos. Muitas celebridades morreram

aqui. Dizem que quem encontra a morte neste parque permanece nele por toda a eternidade. Portanto, devem estar todos aqui.

Sim, eles estavam ali. Não havia lampiões iluminando os caminhos escuros e mal se podiam distinguir os transeuntes entre as velhas árvores. Eles tinham a cor de sangue recém-derramado, prova de uma morte violenta.

Brunel olhou para eles aterrorizado.

— Evite que passem por você — Jacob sussurrou para ele. — A não ser que queira compartilhar as lembranças de um morto. De resto, são inofensivos.

Brunel pôs os cabelos para trás com gestos rápidos e observou irritado o pó que deixava seus dedos brancos.

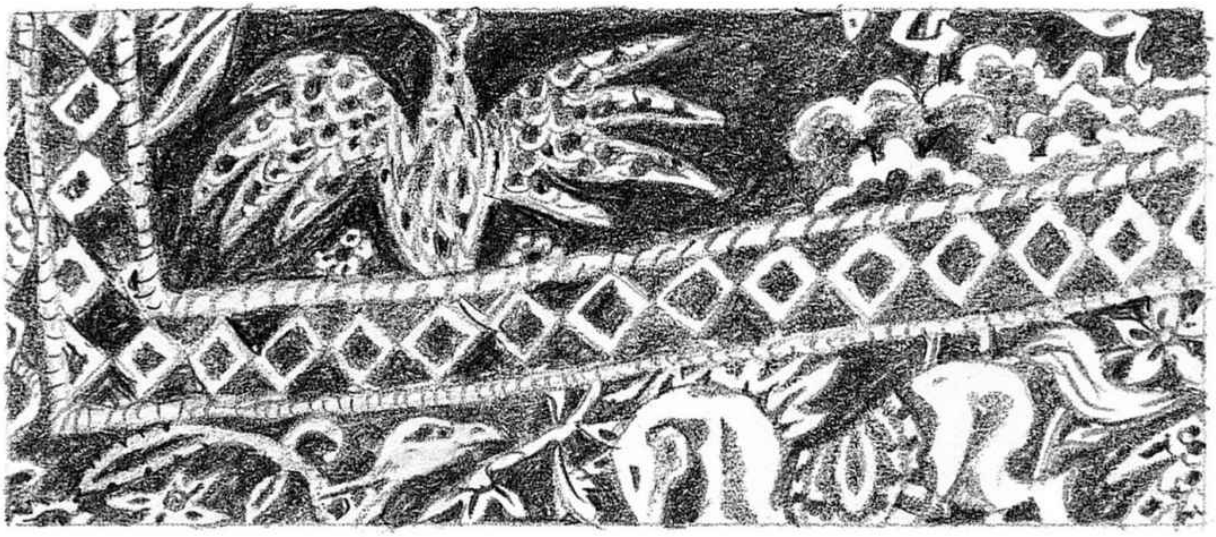
— Associações demais com a morte para uma noite só — ele disse. — Tenho dificuldades em me conformar com minha própria mortalidade. Vocês parecem não ter esse problema.

Um espírito parou ao lado das carruagens, como se o lembrassem do próprio sepultamento. A figura vermelha despareceu assim que Ludmila bateu palmas, e Jacob apanhou-se procurando involuntariamente por silhuetas de vidro, mas o vento que balançava as cortinas vermelhas das carruagens permanecia frio.

Ainda não havia nenhum sinal de Chanute e Sylvain, e Jacob se lembrou de todos os pontos de encontro nos quais esperara em vão por seu antigo mestre. Chanute quase nunca sabia qual era o dia da semana, o que dizer do horário, e, embora fosse um dos caçadores de tesouros mais bem-sucedidos daquele mundo, perdia-se com uma facilidade espantosa. Jacob podia apenas esperar que Sylvain fosse mais confiável.

— Posso saber pelo que estamos aguardando? — Jacob ouviu Brunel perguntar.

— Por um tapete — respondeu Ludmila Akhmatova.



57
Voe, tapete, voe!

O policial que perguntou grosseiramente sua procedência e o motivo de sua visita a Moskva. A desconfiança no rosto das sentinelas quando viam o valioso tapete naquele veículo simples. O oficial que examinou calado os papéis com a descrição dos fugitivos que tinha em mãos, antes de finalmente dar o sinal para que prosseguissem. Em seu deslocamento noturno por Moskva, Fux teve oportunidades de sobra para sentir medo. Mas o temor de um aprisionamento ou dos fuzis que apontavam para ela e para o jovem que conduzia a carruagem não era nada perto da perspectiva de rever Jacob e Orlando — e do medo de que ambos buscassem em seu rosto a resposta para a pergunta de quem amava mais. Ela própria não sabia.

Apesar disso, ficou contente quando viu o portão de ferro do parque mencionado por Jacob emergir da noite. Alguns dos espíritos aos quais devia seu nome esperavam logo atrás do portão, como se gratos pela distração noturna. Os cavalos se arriscaram a passar pelo portão apenas quando Fux tirou as rédeas da mão do jovem cocheiro. Ela já deparara com muitos espíritos, não apenas na caça ao tesouro. Os afogados que via com frequência quando criança eram cinzentos como o mar em que haviam encontrado a morte, mas os soldados com os quais ela e Jacob haviam se deparado uma vez num campo de batalha tinham a mesma cor que as sombras no parque Prividenij. Fux temia os mortos que não queriam ir embora dali apenas por um motivo: sua tristeza.

O obelisco diante do qual os vivos esperavam homenageava um poeta que havia matado o amante de sua mulher num duelo. Enquanto descia da carruagem, Fux se perguntava o que a mulher tinha achado daquilo. Jacob estava ao lado de Ludmila Akhmatova e um homem que cheirava tão suspeitosamente a lobim que ela sentiu

o pelo eriçar. Orlando estava encostado no obelisco. Fux nunca vira antes o homem ao lado dele. Provavelmente Brunel. Era estranho, seu cheiro não combinava com o rosto.

Orlando poupou-a da decisão de quem devia abraçar primeiro. Andou até ela e a apertou junto a si, como se tivesse certeza de que nunca mais a teria nos braços novamente. A primeira coisa que saiu de seus lábios foi o nome de Jacob, ao dizer que, se não fosse por ele, teria terminado numa vala comum em Moskva.

Fux jamais abraçara Jacob de forma tão contida. Era possível amar dois homens? Ela viu nos olhos dele a preocupação de que não a tivesse perdoado pelo pó sonífero e sentiu seu alívio quando segurou firme seu braço — pelas palavras que ele escrevera, mas que nunca poderia pronunciar.

Jacob estava preocupado porque Chanute e Sylvain ainda não tinham chegado. Fux suspeitava do motivo pelo qual Chanute não tinha pressa de aparecer na sua frente, mas não disse nada. Já seria difícil o bastante ouvi-lo dele próprio.

O tapete começou a brilhar assim que ela o desenrolou, como se a luz das estrelas reavivasse suas cores. Era tão grande que sem dúvida poderia carregar vinte pessoas, mas, quando Fux perguntou a Ludmila se iria com eles, a anã sacudiu a cabeça.

— Não gosto de voar — ela disse. — Anões são criaturas da terra. Mas acho que vou sair de Moskva por um tempo. O irmão dele — ela apontou para o lobim — trabalha para um príncipe-lobo em Kamchatka. Tenho certeza de que precisa de uma boa espiã ou, quem sabe, talvez eu vigie o tsar de lá. Uma mulher está sempre do lado do amor, irmã — ela acrescentou com um sorriso que teria caído bem no rosto de uma raposa. — Os homens estão sempre do lado do poder. Mesmo a Fada Escura precisa aprender isso. Eles nos traem o tempo todo pelo poder, por que não deveríamos fazer o mesmo? Se pelo menos isso não tornasse nosso coração tão frio com o tempo…

Ela estendeu a mão enluvada para Fux.

— Espero que nos vejamos novamente. Cuide do seu coração. O fio dourado é uma ligação dolorosa.

A anã lançou um olhar de cumplicidade para Jacob.

Ele foi ao encontro das duas figuras que vinham hesitantes pelo portão, como se não estivessem sendo esperadas por amigos, e sim por inimigos. Jacob estava aliviado demais para notar isso quando gritou para Chanute se apressar.

Chanute foi até ele, enquanto Sylvain ia em direção a Fux. Ele mancava. Pelo jeito, não escapara de sua noite como anarquista tão ileso assim, mas parecia ter se divertido muito.

— Como você acha que ele vai receber? — Sylvain sussurrou preocupado para ela.

Mal. De que outra maneira? Fux não podia ouvir o que Chanute dizia, mas sabia ler a expressão de Jacob. Ele fez um esforço considerável para esconder sua decepção, a surpresa, a dor, o ciúme… mas não foi muito bem-sucedido.

Fux se pôs ao seu lado, caso precisasse de consolo — ou ela tivesse que proteger Chanute.

— E o que vai ser do Ogro Voraz? — Ah, sim, ele estava furioso. Ofendido como um garoto cujo melhor amigo fora roubado por outro. Chanute fingia que não notava nada daquilo.

— Telegrafei para Wenzel. Ele pode ficar com a taverna. Você vai ver, vamos voltar com os bolsos cheios de ouro!

Jacob evitou olhar para Sylvain. Gostava dele, mas naquele momento gostaria de mandá-lo para o inferno. Ou de volta para a cela dos elfos dos amieiros.

Ludmila andou até eles.

— Vocês têm que partir!

Jacob apenas assentiu. “Você sabia o que eles pretendiam fazer?”, perguntou o olhar que lançou para Fux. Claro que sabia. Jacob lia a verdade nela.

Sylvain quase os esmagou em seus braços. Não encontrou um impropério que aliviasse seu coração.

— Mande um telegrama para o Ogro Voraz quando chegarem sãos e salvos — ela disse para Chanute. — Seja lá aonde.

— Telegrama? Imagina! Vocês lerão em todos os jornais sobre nossas aventuras! — Chanute sempre falava alto quanto ficava sentimental. Ele abraçou Fux com quase tanta força quanto Sylvain.

— Cuide dele! — sussurrou. — Você sabe que ele não consegue fazer isso sozinho!

Sim. Ninguém sabia melhor daquilo. Mas, se ela continuasse a cuidar dele, em algum momento partiria seu coração.

Orlando já estava em cima do tapete. Ele observava seu desenho. Provavelmente sabia as palavras que se escondiam ali, mas desconhecia as lembranças com as quais Jacob o havia alimentado. Quanto tempo demoraria para notar que não voavam para Álbion? Um ganso sabia identificar os pontos cardeais a partir das estrelas tão bem quanto uma raposa.

Ludmila e o lobim conduziram quatro dos cavalos para o tapete. Brunel observou cheio de desconfiança. Preferiria um de seus aviões. Fux não sabia o que pensar dele. Aquilo não acontecia com muita frequência.

O tapete era macio e firme ao mesmo tempo, como um leito de seixos cobertos de musgo. Era preciso subir nele sem pressa para que se familiarizasse com o peso. “Você precisa se ajoelhar em cima dele como se fosse rezar”, explicara em Maghrib um velho homem que atava os nós coloridos desde os quatro anos de idade. “Todos têm alma e exigem respeito e crença em sua capacidade de se erguer no ar apesar da força da gravidade. Sem isso, eles não são nada além de capachos que acumulam poeira.”

Jacob ainda estava com Chanute. Ele abraçou o velho como se não fosse soltá-lo nunca mais. Ninguém havia merecido mais ser chamado de “pai” por ele do que Albert Chanute. Brunel observava os dois com uma expressão estranha.

Eles tinham que partir, Ludmila tinha razão.

Orlando ajoelhou-se ao lado de Fux. Era bom senti-lo de novo ao seu lado. Ainda era irreal quão familiar Orlando era para ela, embora pudesse contar nos dedos os dias que passara com ele. Suas mãos estavam cobertas de queimaduras, tinha marcas de estrangulamento no pescoço e em seus olhos havia um cansaço que Fux nunca vira antes. Quando pegou a mão dela, a garota retribuiu a pressão em seus dedos, mas o gesto teve gosto de traição, e seu olhar buscou Jacob.

Ele hesitou por uma fração de segundo quando viu Orlando ao seu lado. Então se ajoelhou tão longe dela no tapete quanto possível. O coração de Fux se partiu.

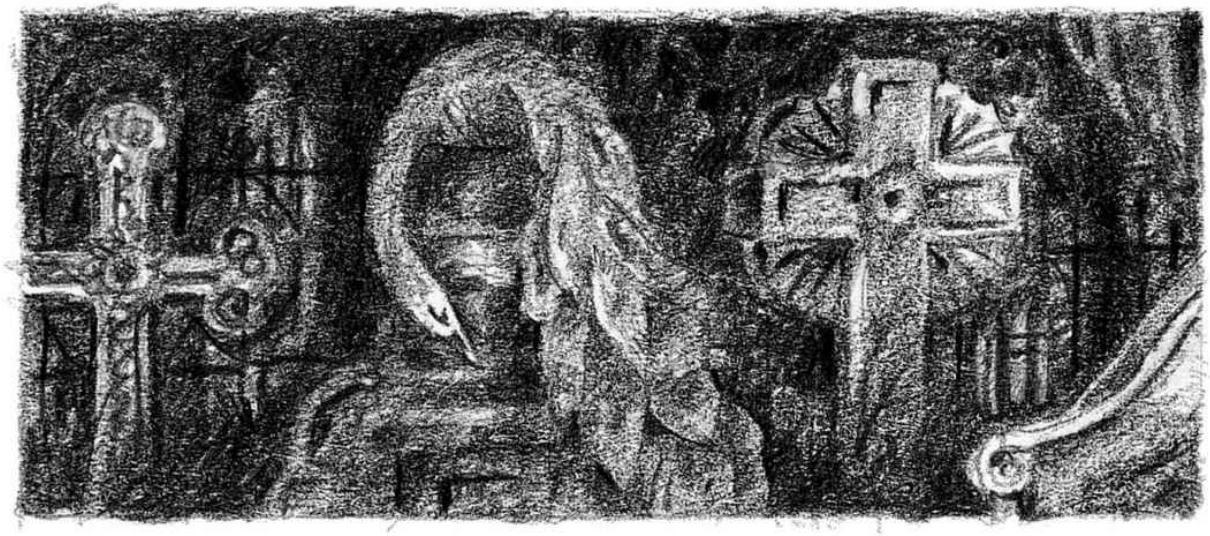
Chanute enxugou algumas lágrimas do rosto por barbear enquanto voltava até o lado de Sylvain, e Brunel só se ajoelhou no tapete quando o lobim instou-o com um aceno da cabeça. Ludmila olhou para o céu, embora soubesse que os espiões alados do tsar não os procurariam acima do parque Prividenij.

Um arrepio correu através do tapete quando Jacob leu as palavras ocultas. Fux também podia lê-las e sussurrou junto com ele.

Cavalgue no vento
até minha mão
tocar o firmamento.
Voe, tapete, voe!

Ele se ergueu tão suave quanto a voz de Jacob o chamava. Nem mesmo os cavalos se assustaram quando saíram do chão e subiram mais e mais. A noite engoliu Ludmila e o lobim, Chanute e Sylvain… e os mortos no jardim dos espíritos.

Orlando se deitou no tapete e fechou os olhos. Ele dormia quando deixaram as luzes de Moskva para trás, e Brunel não olhava para as estrelas que lhe teriam revelado que Jacob não conduzia o tapete para Álbion.



58
Os mortos errados

Para Hentzau, não havia uma demonstração mais clara de como os humanos eram estranhos do que seus cemitérios. Enterrar corpos em decomposição em caixas de madeira que apodreciam como eles enquanto sobre as sepulturas pedras e estátuas lamentavam a efemeridade da carne… Entre os goyls, a morte tinha muito mais dignidade. As alamedas subterrâneas eram cheias de cabeças inalteradas de heróis, pedras na vida como na morte. Não importava onde a morte se passasse, deixavam o corpo para trás, para que voltasse a se unificar com a rocha e a terra que os havia dado à luz. Era assim que tinha que acabar.

Hentzau via o desconforto no rosto de seus soldados quando eles entraram no cemitério de onde os libertadores de Brunel queriam fugir de Moskva — se desse crédito ao pintor de imagens religiosas. Por que aquele cemitério, Tchiourak não pudera explicar, mas jurara que o lobim que comandava toda a ação o mencionara diversas vezes como ponto de encontro.

Hentzau supunha uma rota de fuga subterrânea — a hipótese mais óbvia para um goyl — ou uma carruagem do serviço secreto de Álbion. Um carro sem dúvida chamaria muita atenção. Porém, tudo o que acharam foram sepulturas.

Já estavam escondidos havia duas horas atrás de lápides e estátuas sentimentais esculpidas de forma amadora e que teriam matado de vergonha qualquer artesão goyl quando uma pomba branca pousou sobre uma lápide. Trazia na pata uma das cápsulas douradas com as quais os moscovitas ricos enviavam convites para jantares e bailes.

Nesser a apanhou e a levou para Hentzau.

A mensagem estava escrita em goyl.

O pintor não sabia. Ele é um homem crédulo e tão inábil com as ferramentas da traição quanto com o pincel. Desejo-lhe mais sorte da próxima vez, tenente Hentzau.

LA

A oficina estava vazia quando Hentzau a invadiu com seus homens.

Exceto pelo inútil pintor idiota. Ele o deixou viver, embora Ashemez Tchiourak não soubesse dizer quem era LA.



59
Montanhas mentirosas

Mesmo com a pele de ônix não era fácil permanecer incógnito quando não havia outra coisa a não ser relva por quilômetros. Mais de uma vez, Nerron desejou ter a pele de espelho de Dezessete, e apenas à noite ousava seguir o Filhote. Ele já parecia precisar de tão pouco sono quanto um goyl. *Ele é um goyl, Nerron, mesmo que pareça um bebê de leite.* Todas os dias e as noites nos quais havia feito o papel de babá… ele podia esquecer. Enganado pelos dois irmãos… Por que perdoava aquele tão mais facilmente? Por que continuava a cavalgar atrás do Filhote, embora bastasse pensar em seus protetores para sentir um arrepio metálico na pele de pedra?

Ah, para o inferno com o motivo!

"Acredite, você não quer ver os espelhos. Ou aqueles que esperam atrás deles." Ah, é? Ele queria o que era dele!

Nerron fora privado vezes demais de seus lucros nos meses anteriores! Ao seu redor, finalmente a relva deu lugar à pedra. Montanhas cresciam em direção ao céu, mais e mais altas até carregar a neve nos flancos e lançar as sombras que o tornavam invisível. Através de escuros desfiladeiros de ônix e atrás da criança que queria matar uma fada imortal… caso a encontrasse.

E se ele o fizesse? Kami'en lamentaria pela antiga amante? Alguém sentiria falta dela e das irmãs? Todos os idiotas doentes de amor que se afogavam por causa delas, princesas que dormiam como mortas, seus bandos de mariposas assassinas… *Deixe-o matá-la, Nerron. Você ainda pode ter sua vingança se ele fizer o serviço encomendado pelos elfos.* Os espelhins não vão mais protegê-lo, e o que a Escura levará consigo?

Sim, o quê…

O jade.

Nerron odiava que bastasse pensar naquela palavra para sentir a veneração e o anseio. Pelo quê?

Pelo quê, diabos?

Ao seu redor as encostas se erguiam ainda mais íngremes e o Filhote avançava lentamente. Seus vigias gostavam tão pouco disso quanto das sombras cada vez mais úmidas que as montanhas lançavam. Apesar disso, Nerron tinha a sensação desagradável de que o Filhote se aproximava cada vez mais da fada. Flores negras preenchiam as fendas nas rochas com perfumes carregados, bandos de pássaros agitados voavam em círculos sobre os desfiladeiros e o rastro de um veado sempre voltava a aparecer… Nerron não conseguia entender o que aquilo significava, mas eram provas da presença de magia forte. E se ele roubasse a balestra do Filhote antes que encontrasse a fada? Por alguns segundos, sua pele o protegeria dos espelhins. Eles já haviam se dado conta disso e não tinham gostado. Nerron imaginava como quebrava seus dedos lenhosos e lançava seus olhos de espelho no fogo, como seu rosto se torcia em caretas enquanto se transformava em casca de árvore. Talvez pudesse se pôr em seu caminho naquela área difícil de transitar. Provocar Will e trazer o jade de volta. Era mentira que não o queria, uma grande mentira!

— Bastardo… Bastardo, Bastardo, Bastardo…

Ele freou o cavalo.

Vozes.

Ecoavam através de alamedas subterrâneas, de palácios de malaquita. Todas as praças e escadarias, de verde-saturado, como folhas de oleandros.

Nerron desceu do cavalo.

— Bastardo, Bastardo, Bastardo…

De onde vinham?

Subiu pela rocha até conseguir ver as montanhas no horizonte. Era de lá que vinham as vozes?

Elas ficaram mais altas, como um coro carregado pelo vento.

Vinham de longe, do topo da cordilheira que se desenhava no horizonte como uma cerca de esmeralda diante do céu infinito.

As Cidades Perdidas! Impossível. Elas ficavam mais ao norte.

— Bastardo, Bastardo, Bastardo…

Nerron pensou enxergar como as montanhas ao longe tomavam a cor de sua pele. Via brotarem colunas, torres, o Bastardo num trono, Hentzau de joelhos diante dele, o Torto, a Morsa e ao seu lado quatro princesas, todas belas como a fada. Ele subiu ainda mais, escorregou, arranhou a pele e continuou a subir.

— Onde você esteve por tanto tempo, Bastardo? Onde você esteve? Onde você esteve?

Seria uma cavalgada de cinco dias no máximo, talvez menos.

Espere

Espere, Nerron.

Pare, com mil diabos!

Ele se encostou ofegante na rocha áspera.

Tinha cérebro de morcego?

Não eram as montanhas que sussurravam, era o vento.

O vento!

Um canto de sereias para o cão perdido que fosse tão idiota a ponto de segui-las. E ele caíra naquela teia traiçoeira.

Tirou a luneta do cinto.

Claro. Nenhum sinal do Filhote.

Ah, ele queria se amarrar na próxima árvore e se deixar devorar pelos corvos que voavam acima.

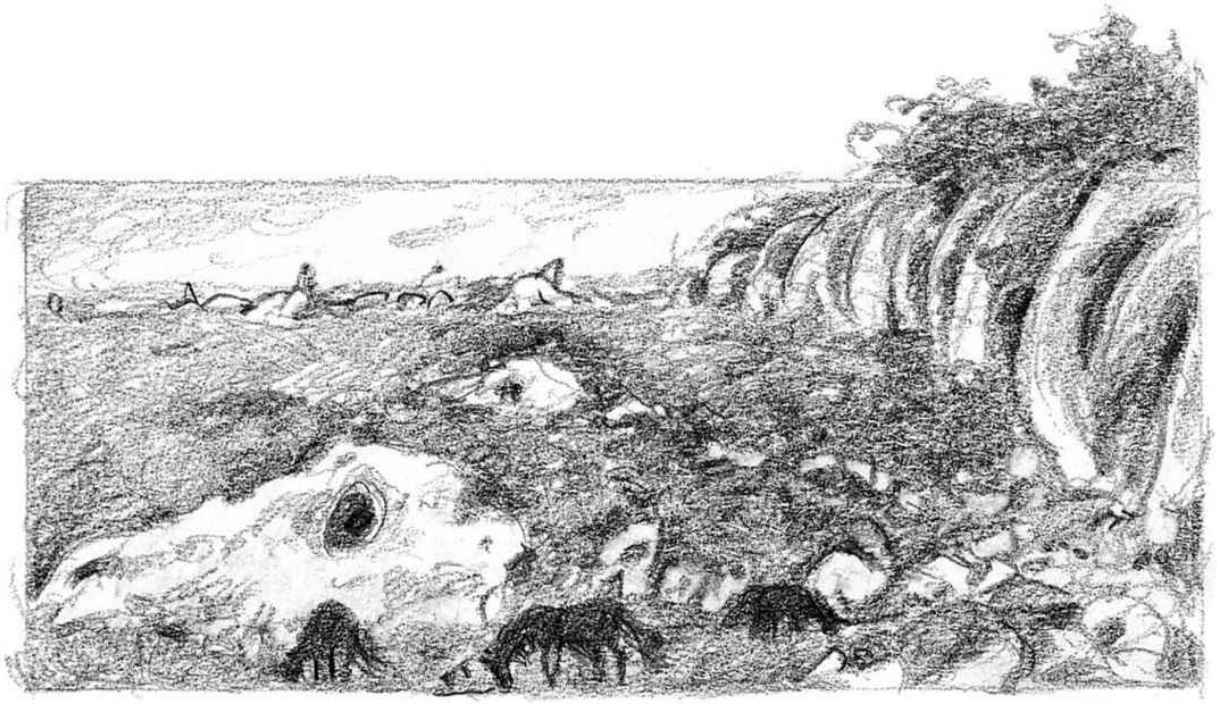
Recomponha-se, Nerron.

Bateu no próprio rosto. Uma vez. Duas. Até sua pele de pedra arder.

Ele o encontraria novamente. Com certeza.

O Filhote não podia estar longe.

Nerron o encontraria. E, quanto mais furioso o deixasse, melhor.



60
O lugar apropriado

Uma noite clara cedeu lugar a uma manhã nublada e, aos seus pés, as vastas estepes se estendiam de Moskva para o leste. Sobre os velhos mosteiros de Novgarod, um pássaro de fogo os atacou. Talvez o tapete tivesse lançado uma sombra muito ameaçadora sobre seu ninho, mas ele os deixou passar quando Fux se transformou e tentou abocanhá-lo. Brunel não conseguia tirar os olhos dela enquanto a ajudava a recolher as penas que o pássaro de fogo havia deixado no tapete. Talvez nunca tivesse visto uma transmorfa. As penas eram mais valiosas do que o adiantamento que o tsar pagara a Jacob.

Quando Orlando perguntou sobre a rota pela primeira vez, Jacob disse algo a respeito de uma tempestade que tornava impossível seguir para oeste. A presença de Fux distraía o Borzoi de tal maneira que ele aceitou a desculpa esfarrapada sem fazer mais perguntas. Seu olhar se fixou nela com tamanha insistência que despertou em Jacob o desejo de torná-la invisível. Fux se mantinha distante de ambos. Ao contrário de Orlando, ele conhecia esse estado de espírito dela — longe de tudo e consigo mesma, em seu próprio mundo. Não havia um caminho até ela quando estava nesse lugar, a paisagem de seu coração feita de lembranças que apenas Fux conhecia.

Abaixo deles, o verde de um verão que ia ficando cada vez mais frio se alternava com o marrom de campos arados e rios largos. Voaram por cima de igrejas, mosteiros, grandes propriedades rurais cercadas por aldeias pobres… O tsar proibira a importação da cana-de-açúcar porque ela era colhida por escravos, mas muitos dos camponeses de Varângia não eram mais livres do que homens, mulheres e crianças que os navios de escravos albiãos de Oyo ou Dahomey transportavam.

Por volta do meio-dia, o vento ficou mais fresco, e acima deles começaram a se aglomerar nuvens cada vez mais escuras. O tapete curvou suas bordas para cima como uma amurada de proteção, mas logo começou a oscilar tão bruscamente para cima e para baixo que os cavalos se assustaram e Jacob procurou um lugar para pousar. Eles não podiam correr o risco de ter de pedir abrigo numa das grandes propriedades que haviam sobrevoado. Orlando tinha certeza de que ainda estavam sobre o território de Varângia, e os mensageiros do tsar levavam notícias como as da fuga de Brunel para os cantos mais distantes do reino quase tão depressa quanto o vento. Mas as nuvens através das quais viajavam pareciam anunciar chuvas fortes — e aquilo era algo que os tapetes voadores suportavam muito mal. Provinham quase sem exceção de países desérticos.

Eles já sentiam as primeiras gotas no rosto quando Fux chamou a atenção de Jacob para umas colinas com formas estranhas. Elas acabaram se revelando partes do esqueleto de um dragão. Os três crânios entre os quais Jacob pousou o tapete eram maiores do que um vagão de trem. As vértebras que um dia os haviam sustentado estavam tão densamente cobertas de grama que só podiam ser identificadas de perto, e os ossos não revelavam mais se haviam sido separados do crânio violentamente, mas a imponente caixa torácica apresentava um buraco suspeito. Os dragões de Varângia eram quase tão famosos por seu ímpeto de liberdade quanto os zhonggas. Alguns haviam desenvolvido um grande apetite por filhas de tsares, outros localizavam tesouros para construir seu ninho em cima deles e assim proporcionar escamas de ouro e prata aos rebentos. Poucos haviam morrido pacificamente.

As costelas do dragão formavam uma ampla caverna, na qual até mesmo os cavalos se alojaram confortavelmente. Eles haviam acabado de arrastar o tapete para dentro quando a chuva irrompeu, mas os arbustos e as árvores que durante décadas haviam lançado suas raízes sobre o esqueleto formavam uma cobertura tão fechada que permanecia seco dentro da caverna de ossos.

Brunel estava visivelmente fascinado pelo esqueleto. Logo começou a explorá-lo. Quando Jacob lhe explicou que todas as

partes valiosas já deviam ter encontrado um dono, ele lhe deu um sorriso enigmático.

— Caçava tesouros com meus filhos — ele disse. — Meu interesse é de natureza científica.

Ainda assim, Fux foi atrás dele. Mesmo cem anos após sua morte, um dragão escondia perigos: espinhos venenosos, ossos de fogo… Ela saberia sobre o que precisava advertir o melhor engenheiro de Álbion. Era fascinada por dragões e tinha, como Jacob, o sonho de um dia encontrar um ovo que ainda guardasse uma centelha de vida.

Quando Orlando a seguiu com o olhar, Jacob se perguntou se seu rosto denunciava com a mesma nitidez o quanto a desejava.

— Por que ainda não estamos voando para oeste?

Até que enfim. O Borzoi não tinha apenas Fux na cabeça.

— Você viu as nuvens.

Orlando sorriu, mas seus olhos estavam alertas.

— Deixe disso. Para onde estamos indo?

— Não para oeste.

— Maravilha. Suponho que se trate de um tesouro. Acha que dessa maneira pode fazer o tsar esquecer que libertou seus prisioneiros? É muito improvável.

— Não tem nada a ver com tesouros.

Jacob não queria falar com ele, assim como não queria que olhasse para Fux ou segurasse sua mão. Se pelo menos Alma estivesse lá… Ela conhecia algumas receitas fantásticas contra o ciúme.

— Está ciente de que nós dois iremos parar nas masmorras geladas de Sakha se nos pegarem?

— Não me ofereci para ser do seu pelotão de fuga. Você se deixou prender como um idiota, e só o tirei daquela cela por causa de Fux. Eu o adverti contra o arame-faca, mas você se achou muito esperto, então tive que arriscar meu pescoço por você.

— Ela pediu isso a você?

— Não.

A chuva tamborilava nos velhos ossos, como se quisesse entoar para eles a canção de sua própria imortalidade, mas não era na

morte que ambos pensavam. Mas o amor não era chamado de “pequena morte”?

— Temos que deixar Brunel em segurança.

Claro. Política era um tema muito mais inofensivo.

— A recompensa que Álbion pagará a você é maior do que qualquer tesouro pode lhe render.

— Duvido disso, e não venha me explicar meu ofício. E vou lhe dizer mais uma vez: não se trata de um tesouro.

Era ridículo como Jacob ficava agressivo com a simples visão de Orlando. O amor tornava as pessoas muito idiotas.

— Do que se trata então? É algo tão importante assim para que você a coloque em perigo?

— Ela está acostumada. Há muitos anos.

Céus, você está se ouvindo, Jacob?

— Suponho que não faça sentido apelar para seu patriotismo.

— Não sou de Álbion. É uma mentira.

Orlando ia responder, mas se calou quando Brunel apareceu entre os ossos, com os cabelos e as roupas molhados da chuva.

— Ela se transformou — ele disse. — Me pediu para dizer que logo estará de volta.

A chuva não perturbava a raposa, que gostava de senti-la no pelo e farejar os cheiros que a terra liberava.

O pente de bruxa que Orlando tirou do bolso era um exemplar especialmente bonito. Os dentes tinham a forma de penas, o que significava que transformava seu usuário no pássaro de sua preferência. Por que Jacob estava surpreso? Haveria melhor transmorfo que um espião?

— Eu não faria isso — ele disse. — Ela quer ficar sozinha.

Orlando foi mesmo assim.

Idiota.

Mas o que ele sabia? Orlando fizera dela sua amante, enquanto Jacob nem mesmo segurava sua mão sem se preocupar com as consequências. Ele o invejava por Fux tê-lo encontrado num baile, e não com a pata sangrando, em uma armadilha. Jacob desejou que fosse Orlando quem tivesse feito ao elfo a promessa para salvá-la do barba-azul.

Mas foi você.

Brunel ficou parado ali e ergueu o olhar para o ponto em que o coração do dragão batera. Dizia-se que quem o comesse adquiria coragem e uma vida longa… Muitos dragões haviam sido mortos por isso.

— Não estamos voando para oeste.

Sim, naquele mundo se podia supor que a maioria dos habitantes sabiam determinar os pontos cardeais.

— Qual é nosso destino?

— Isso apenas o tapete sabe. Parece que algum lugar no sudeste.

— Ah… Você alimentou o tapete com lembranças. Uma magia interessante. Uma vez tentei utilizá-la na navegação de aviões, mas parece que só funciona com materiais antiquados como lã.

Jacob não percebeu irritação em Brunel. Ele parecia não ter pressa em voltar a Álbion. A Morsa estava à beira da morte e sua filha era a próxima no trono. Talvez ela não fosse uma defensora tão aferrada da nova magia quanto o pai…

— Um amigo meu tem uma teoria de que esse tipo de magia não provém do material, mas da maestria do artesão — disse Jacob.

— Interessante. Isso significaria que neste mundo um mestre mecânico também poderia dotar suas construções de magia.

Jacob não sabia o que o espantava mais: o fato de Brunel ter dito “neste mundo” ou a forma como passava a mão no cabelo. Tão familiar…

O inventor ainda olhava para o lugar em que batera o coração do dragão. Finalmente ele se virou. Fez isso devagar como um homem que decidira olhar de frente para o perigo.

— Não vai funcionar por muito mais tempo — ele disse. — Já dá para ver, não é? Os goyls confiscaram minhas provisões de semente de samambaia-geada. Eu tinha mais algumas para emergências costuradas na barra da minha camisa, mas já acabaram. Não havia contado com uma viagem tão longa.

O nariz de Brunel, o queixo, o arqueamento das sobrancelhas… todo o seu rosto mudou, mas não como nas criaturas do Jogador, em que um rosto se transformava em outro tão naturalmente como

reflexos que se sobrepõem no espelho. Os traços de Brunel se alteravam como se um ceramista impaciente lhes desse forma.

Magia tummetott. Teresa da Austrásia a utilizara para circular incógnita entre os ministros e ouvir suas intrigas, mas com o tempo ela deforma, e a vaidade de Teresa era maior do que seu desejo de poder.

O homem em quem Isambard Brunel se transformou era familiar demais a Jacob, mesmo que não o visse havia mais de catorze anos. Ele sentiu frio, sentiu calor, tinha cinco anos de idade, doze, vinte e cinco… e já tinha imaginado esse reencontro vezes demais para compreender que realmente estava acontecendo.

— Então você me reconheceu em Goldsmouth. — Jacob desejou que ele estivesse longe dali, muito longe, como sempre estivera.

— É claro. Mas eu precisava manter a fachada. Isambard Brunel garante minha sobrevivência. Depois do nosso encontro, cogitei me revelar, mas supus que você tinha se afogado com o naufrágio da frota.

Seu pai. Você está conversando com seu pai, Jacob. Quantas vezes discutira com ele em pensamento, brigara, gritara, se calara? Todos os anos em que buscara desculpas para sua traição, respostas para por que os deixara, a ele, Will, sua mãe… Jacob percebeu que não queria mais saber.

Ele sentiu como sua boca se esticava num sorriso amargo, mas o escárnio era dirigido a si mesmo. As saudades, a fúria, a espera… apenas para ficar ali como um ator numa peça para a qual havia aprendido as falas erradas durante anos. O esqueleto de um dragão sem coração. Que palco para o encontro! Ele não poderia imaginar lugar mais adequado.

— Afogado pelos aviões que seu próprio pai construiu — ele disse. — Não seria irônico?

Como ele evitava seu olhar. Pareceu-lhe menor. Claro.

— Suponho que seja muito tarde para explicações.

— De fato.

Ele o deixaria ali. Orlando que ficasse com o homem se quisesse. Pela pátria ou pelo que fosse. Talvez por isso o conceito de pátria sempre fora estranho para ele: porque não tivera pai. E ainda não

tinha. Era tão típico que tivesse roubado o nome do melhor engenheiro do século para se esconder. “John Reckless gosta de se apoiar nos outros”, o pai da sua mãe costumava dizer, mas por muito tempo Jacob não acreditara nisso.

Ele se virou abruptamente demais (estava tão furioso) e se precipitou por entre os ossos petrificados, embora ainda estivesse chovendo forte. Brunel gritou alguma coisa. Jacob pretendia nunca chamá-lo por outro nome, muita coisa havia acontecido. E encontrar Will era mais importante, muito mais importante.

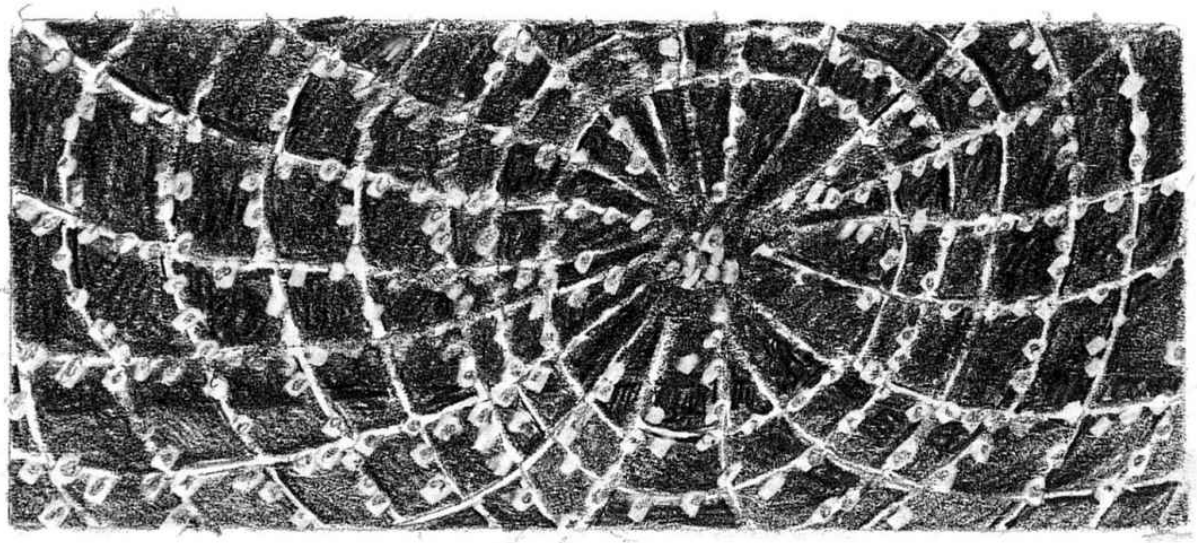
Ele começou a andar devagar pela chuva que fazia o céu e a terra desaparecerem atrás de véus de neblina. Tinha dificuldade em respirar — como se o estranho com dois rostos tivesse lhe roubado o mundo que chamou de seu por tanto tempo.

Tropeçou. *Devagar, Jacob.* Mas ele acelerava. Talvez porque soubesse que nunca conseguiria deixar para trás aquilo de que fugia.

— Jacob? — A raposa que emergiu da chuva transformou-se de forma abrupta, como se o corpo da mulher nascesse de seu pelo molhado. — O que aconteceu?

Ele a puxou para seus braços, como naquela vez em que teria morrido afogado sem ela, buscou seus lábios, como se precisasse respirá-la para não sufocar em toda aquela raiva. Não, Jacob. Nunca. Ele a soltou, balbuciou uma desculpa… Fux tapou sua boca com a mão. Ela beijou a chuva no seu rosto, as lágrimas, a raiva, e ele retribuiu seus beijos, apesar do elfo, apesar da promessa. Jacob não a perdera. Ela era sua, toda sua. Pela primeira vez e desde tanto tempo. Sempre devia ter sido Fux. Aquilo bastava como desculpa?

Atrás deles, um ganso selvagem levantou voo dos galhos gotejantes de uma árvore.



61
No destino

A paisagem que passava pela janela da carruagem era novamente vasta e árida. Um mar de relva amarelada que ao fundo, na distância azul, se interrompia diante de montanhas escarpadas, iurtas nômades e cavalos estropiados entre os quais camelos pastavam. Os homens tinham cabelo preto e olhos azuis, e afirmavam descender de uma princesa que havia nascido como uma gansa da estepe. Kazakh. Ela até dera seu nome ao país. “Kaz” de ganso, “akh” de branco.

A escura passara a viajar também durante o dia. Ela perguntava pelo caminho a cada rio ou riacho e à chuva. A resposta era sempre um ponto cardeal. Sul. Leste. De novo para leste. E Chithira impelia os cavalos adiante, por um país cuja magia era tão estranha à fada que ela enviava Donnersmarck às aldeias e iurtas para colher histórias, pois alguns segredos eram guardados apenas dentro delas. A Fada Escura ouviu sobre um homem que ludibriara a morte por tanto tempo que ela se transformara numa serpente e o mordera, sobre homens dourados, travesseiros mágicos de madeira preta, príncipes-águias e hordas de cavaleiros, mas nenhuma palavra sobre aquela que procurava, embora se falasse dela em tantos outros lugares. A fada sabia o que isso significava: ela estava se aproximando. Apesar disso, sentiu um medo cada vez maior de que aquele que a seguia a alcançasse antes que chegasse ao seu destino.

Então — ela não sabia dizer por quê — soube que finalmente havia encontrado aquela por quem procurava.

Chithira sentiu ainda antes dela. Ele parou a carruagem sem ter recebido ordem para tal.

Uma gigantesca teia de aranha, tecida com mais apuro do que as mais preciosas rendas, estendia-se entre duas macieiras. Mil gotas

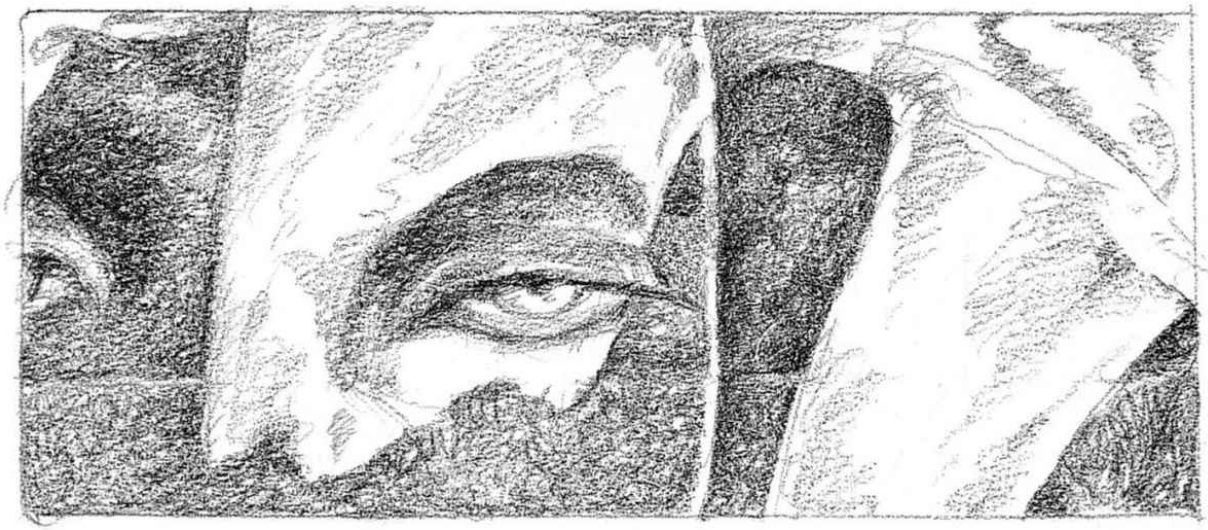
de orvalho pendiam dos fios grudentos e capturavam a imagem do mundo. A aranha que estava no centro da teia era tão verde quanto as folhas das árvores entre as quais havia estendido sua armadilha de seda.

— Saia do meu caminho — disse a fada.

A aranha obedeceu somente quando a Escura tocou a teia com sua mão de seis dedos. Subiu apressada por seus fios até que a folhagem da árvore a escondeu, e a gigantesca rede se estendeu diante da fada sem sua guardiã.

Você tem certeza?, algo sussurrou dentro dela.

Quem perguntava? Não era ela. Não aquela que queria ser. Sentiu os fios se romperem quando andou através da teia e o orvalho frio escorreu como pérolas em sua pele.



62
Covarde

Tantos experimentos infrutíferos com tapetes voadores para copiar sua magia nos aviões… Quem teria pensado que um dia iam se revelar úteis? Era preciso pisar no desenho no sentido anti-horário para apagar o destino. Contudo, John quase não conseguiu puxar sozinho o gigantesco tapete para fora da caverna de costelas, e precisava se apressar: a raposa podia voltar a qualquer momento com Tennant — ou Jacob. Seria difícil esquecer como o filho o encarara. Havia algo no olhar dele que John nunca vira em Rosamund, apesar de toda a decepção: raiva. E a decisão de não perdoar.

Esqueça, John. Ele era bom nisso, contudo parecia estar ficando mais difícil com a idade. Sua razão ainda formulava todas as coisas que não dissera a Jacob: explicações, desculpas… tantas e tantas vezes, nas mais inspiradas variações.

Acima do esqueleto, o céu estava ameaçadoramente amarelo. *Você precisa ir embora daqui, John!* Mas para onde? Não podia voltar para Álbion. Mesmo que a Morsa ainda vivesse suporiam que havia revelado ao tsar seus segredos mais bem guardados. Não, ele tinha saudades de Álbion e de sua amante, mas não o suficiente para arcar com meses de interrogatórios nas catacumbas da polícia secreta. Havia muitos outros países que receberiam Isambard Brunel de braços abertos.

No sentido anti-horário… a sensação era de que massageava com os pés descalços nas costas peludas de um animal. Era preciso pisar no desenho sem sapatos, isso John também aprendera em seus experimentos. Ele se obrigou a ir mais devagar. Tapetes voadores eram incrivelmente teimosos. Existia a teoria de que assumiam a personalidade do tecelão. John esperava que aquele não tivesse sido muito obstinado.

Como seu filho mais velho… John sempre admirara essa característica em Jacob. Rosamund não soubera apreciá-la tanto. De fora, era possível distinguir facilmente que aquilo acontecia por amor, mas ambos tinham dificuldade em demonstrá-lo, como se um tivesse medo do que o outro poderia fazer com ele. Não era verdade que seu filho mais velho era parecido apenas com ele. Rosamund percebera aquilo alguma vez? Ou se deixara cegar pelo fato de Will ser nitidamente tão mais parecido com ela? Meu Deus, como as lembranças de Rosamund sempre voltavam a escapar da câmara trancada que havia em seu coração. Por mais fundo que a guardasse, sua vida perdida permanecia ali… John gostava de chamá-la assim — dava a aparência de uma tragédia, do cumprimento de um destino. Como se não tivesse sido ele próprio quem havia deixado Rosamund e os filhos como um paletó que não gostasse mais de usar.

Para onde Jacob pretendia ir? Na certa, atrás de algum tesouro — ele sempre estava em busca de alguma coisa. Tinha procurado o pai alguma vez? Era uma das perguntas que poderia ter feito a ele. Porém era bastante duvidoso que respondesse. O orgulho… algo que John também sempre admirara. Nele próprio, a ambição era muito mais forte do que o orgulho.

Ele olhou para o tapete sobre o qual estava. *Como sempre, John, a resposta para todas as dificuldades: fugir.*

E se dessa vez ficasse?

E se recuperasse o filho que tanto amara? Se lhe contasse sobre todos os artigos de jornal que colecionara, as encomendas que obtivera em Álbion por recomendação de Isambard Brunel? Talvez pudesse até mesmo explicar que havia deixado sua mãe porque chegara à conclusão de que Rosamund seria mais feliz sem ele. Não era toda a verdade, mas uma parte dela.

Bem, ele precisaria encontrar uma desculpa para explicar por que apagara o destino do tapete.

Talvez pudesse dizer que havia sido a chuva. O vento que acariciava seus pés descalços não combinava com o dia frio. Olhou para o esqueleto. Ele ainda exalava calor depois de tantos anos? Ossos de dragão como possível fonte de energia… John calçou os

sapatos. Seria uma descoberta fantástica! Afinal, aqueles esqueletos eram vistos por toda parte.

O ar morno parecia vir dos crânios. O primeiro ainda escancarava a boca, ameaçador. Alguma coisa se moveu entre os dentes. John parou abruptamente. Uma figura de vidro. Viu ossos e dentes através dos membros, e nuvens cinzentas. De repente ela tinha um rosto. Sim, foi ficando cada vez mais humana. Era uma garota. John tateou em busca da pistola que a anã havia lhe dado, enquanto olhava para aquela figura ali numa mistura de horror e fascinação. Não que tivesse certeza de que balas de revólver pudessem lhe fazer alguma coisa.

Recuou até sentir o tapete sob seus pés. A figura pulou da boca da ossada para a relva.

Os olhos. Eram como espelho. E a pele… parecia humana, mas as mãos tinham cantos angulosos como vidro lapidado, com unhas de prata. O mais estranho, porém, era o rosto. Parecia ser cem num só. Quase como se um negativo de prata fosse revelado repetidas vezes, e cada foto se transformasse na próxima. Fascinante. John nunca vira algo assim. A criatura de vidro e prata parecia mais provir de seu mundo e de seu tempo do que daquele. Não, ela parecia uma mistura de ambos, algo com que sempre havia sonhado, mas todas as suas tentativas de associar tecnologia à magia haviam falhado deploravelmente. Aquela também parecia não ter dado totalmente certo. O rosto apresentava sinais como cavidades e sulcos, e folhas brotavam dos ombros lisos de vidro.

A figura andou até ele. Uma criança? Uma mulher? Sim, definitivamente era uma mulher, bela como uma pintura. Agora ela escolhera um rosto. Ele quis fugir, e nesse caso a reação parecia mais do que justificada. Ainda estava sobre o tapete voador. *Diga as palavras, John.* Mas mesmo sua razão estava paralisada, o que não acontecia com muita frequência.

— Olá, John. — Ela parou diante do tapete. — Ou devo chamá-lo de Isambard? É um nome estranho.

John quase estendeu a mão para descobrir se a pele era morna como a de uma pessoa. O vento com o qual ela havia se anunciado era morno.

— Pode me chamar de Dezesseis.

Seu rosto se transformou novamente. Rosamund. Era uma piada de mau gosto. Mas quem a fazia?

— Foi uma boa ideia pegar o tapete, John. — Dezesseis não tinha a voz de Rosamund, mas soava quase tão agradável quanto ela. — Os príncipes-cavalos deste pedaço não querem saber de engenheiros. Seu ofício significa o fim da forma de vida deles. Se o encontrarem aqui, mandarão empalar sua cabeça e alimentarão as águias com seus olhos!

Dezesseis era muito convincente. John correu os olhos pela estepe em busca de cavaleiros. Dezesseis o quê? Havia outros quinze de sua espécie ou ela era o décimo sexto tipo?

Ela estendeu a mão. A sensação quando o tocou não foi boa. Por um momento, John pensou ter mercúrio nas veias. Dezesseis não tinha mais o rosto de Rosamund. O novo rosto infundiu medo em John, mas pelo menos não lhe trouxe a culpa de volta.

— Ajoelhe-se. — Dezesseis soou impaciente. Passou os dedos sobre as bochechas arranhadas. Algo brotava ali como uma crosta cinzenta.

Ele se ajoelhou.

O tapete já se movia. Dezesseis sussurrou as palavras com as quais Jacob o fizera voar. A relva molhada de chuva deixara o tapete úmido, e ele se ergueu com dificuldade.

— Para onde, John? — exclamou Dezesseis. — Norte, sul, leste, oeste?

A relva já se espelhava em seus membros. Era quase impossível distingui-la.

John agarrou-se na borda do tapete.

— Sudeste! Alberica! — ele exclamou.

Sim, o Novo Mundo. Ele parecia diferente daquele lado: outras alianças, três nações indígenas, uma guerra de independência que fora bem-sucedida apenas em parte, e ao que se dizia uma nova guerra se anunciando… O que mais Isambard Brunel podia desejar? Iam se digladiar por seus serviços, e o apelo pelo progresso lá era muito mais forte do que em Varângia, onde o tsar mandara fuzilá-lo!

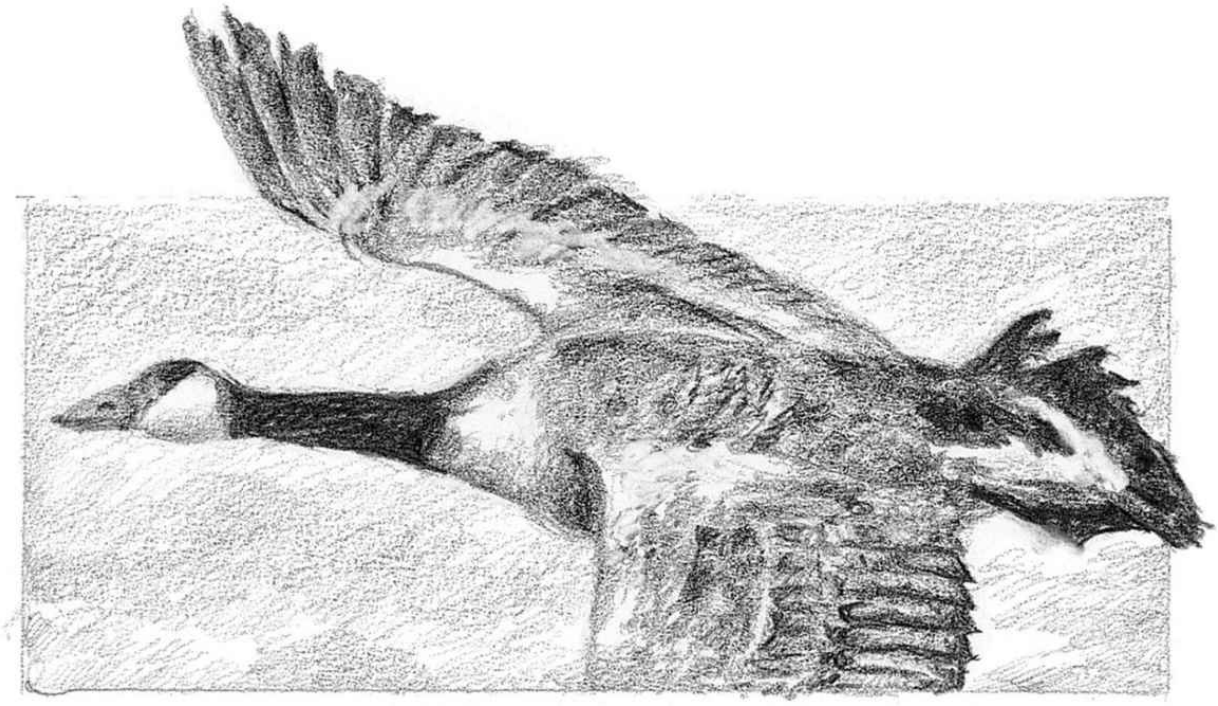
John sempre tivera mais dificuldades com línguas do que com números, mas a pronúncia de Dezesseis era ainda mais perfeita do que a de Jacob. O tapete descreveu um largo arco e se lançou no vento.

Ele gostaria de ter perguntado a Dezesseis quem a tinha feito. Alguém devia ter. Havia certo vazio em seus olhos de vidro — ausência de uma alma, caso algo assim existisse. Fascinante.

O esqueleto de dragão já não estava mais à vista.

Em algum momento ele explicaria tudo a Jacob.

Tudo.



63
Caminhos separados

Orlando se encostou nos ossos de uma das asas do dragão. Atrás dele, na relva, os ossos se abriam como um leque de marfim. Algumas penas ainda estavam grudadas em suas roupas, mas Fux teria visto no Borzoi que ele sabia o que acontecera mesmo sem aquela prova.

Acontecera.

Sim, Fux.

Tantas vezes sonhado. Tantas vezes desejado. Sob o olhar de Orlando, os toques de Jacob se transformavam em piche e em ouro em sua pele. Nada deixava sua felicidade mais real do que a dor dele. Jacob a deixara sozinha. Desaparecera entre as costelas do dragão, como se quisesse poupar o outro de sua visão.

Orlando obrigou-se a sorrir quando Fux parou na sua frente.

— O fio dourado — ele disse. — O que devo dizer? Nem as fadas podem contra ele.

Fux nunca o amara mais do que naquele momento.

Mas seu olhar desviou-se dela. Jacob vinha em sua direção.

— Onde ele está? — A fúria em sua voz não tinha nada a ver com ciúme. — Onde está o tapete?

— Suponho que no ar — respondeu Orlando. — Receio que Isambard Brunel considere sua segurança mais importante do que a nossa. Primeiro, pensei que ele tinha levado os cavalos também, mas achei dois ali atrás dos crânios. Estavam muito assustados. Talvez ele os tenha enxotado, embora não consiga encontrar sentido nisso.

Jacob nunca tinha ficado tão pálido, nem quando Hentzau atingira seu coração com um tiro.

Orlando não fazia a menor ideia de quão grande era aquela traição. Orlando não sabia nada sobre pais que traíam filhos. Ele

falava do pai daquela maneira descontraída com que se fala dos quais de cujo amor nunca se duvidou.

Fux podia sentir a fúria de Jacob tão claramente como se fosse dela mesma. Dor e raiva de si mesmo por não ter previsto o que o pai faria.

Quando criança, ela achava que não existia nada mais doloroso do que perder o pai para a morte. Jacob lhe mostrara que havia. Fux desejava para John Reckless o mais profundo inferno que o temor humano poderia imaginar.

— Você chegou a vê-lo? — Jacob perguntou.

— Se eu estivesse aqui teria voado atrás dele! — Orlando tirou uma pena da manga. — Idiota. Vai ser o meu pescoço se ele não chegar são e salvo em Álbion. Como pensa que vai conseguir?

— Álbion? Não acho que ele queira voltar para lá — disse Jacob.

— Para onde, então?

— Para um país onde não o entreguem para a Morsa, para o tsar ou para os goyls, e que seja rico o suficiente para construir suas invenções. — Não dava para perceber que Jacob falava de seu pai.

Orlando olhou para o sul, onde se viam as montanhas de Kazakh ao longe.

— Bem, não vou levar Brunel de volta para Álbion. O Cão de Vento falhou. É melhor eu encontrar um novo cliente. Dizem que o Reino Sulaimânico está recrutando espiões.

O Reino Sulaimânico… isso o tornaria um traidor aos olhos de Álbion.

— Eu ficaria grato se me deixassem um dos cavalos — disse Orlando. — Os habitantes dessa região os vendem tanto quanto suas crianças, e a próxima cidade fica a pelo menos cem milhas de distância. Eu poderia voar, mas admito que um ganso não é um adversário difícil para uma águia dupla dessa região.

— Claro — disse Jacob, sem prestar atenção ao que o rapaz lhe pedira.

Fux abaixou a cabeça quando Orlando retribuiu seu olhar. Ela voltaria a vê-lo um dia?

Talvez fosse melhor não, seu olhar parecia dizer.

Orlando pegou um osso estilhaçado do chão. Dragões tinham ossos ocos como os pássaros. A substância mineral em seu interior era um explosivo poderoso.

— Vocês ainda estão procurando a fada? — ele perguntou. — Ou isso já foi liquidado?

— O tapete desapareceu — Jacob respondeu. — Podemos considerar “liquidado”, não?

— Depende. Eu talvez saiba como encontrá-la.

Orlando olhou para Fux. “Não leve muito a mal eu não ter dito nada”, seu olhar pedira. “Você sabe por quê.”

A mal? Ela estava grata, ainda que Jacob talvez não o entendesse. Os dias em Moskva pertenciam a ela, apenas a ela, não a Jacob, não a Will. A ela. E eles lhe haviam devolvido o que perdera na casa do barba-azul.

Talvez Jacob entendesse, apesar de tudo. Ele não perguntou a Orlando por que dizia aquilo somente agora.

— E então? — disse apenas. — O que você sabe? Já contou para Fux?

— Quão idiota você acha que sou? O que ela sabe você também sabe. — Orlando enfiou os ossos no bolso. — Ela lhe contou o que a Escura está procurando?

— La Tisseuse? — Jacob sacudiu a cabeça, incrédulo. — A Tecelã? Você acha que a Escura precisa de ajuda para cortar o fio da vida de Kami’en? Para que mais ela procuraria a Tecelã?

Fux nunca vira com tanta clareza de onde vinha toda a sua raiva. Toda a aspereza com a qual ele tantas vezes protegia seu coração. “Ele se foi, Jacob”, ela queria dizer. “Seu pai se foi, esqueça-o.” Mas ela sabia pela própria experiência que era impossível esquecer certas coisas.

Orlando não entendia nada disso também. Ele encarou Jacob como se duvidasse de sua razão. “Você realmente não tem nenhuma noção?”, zombava seu olhar. “Ah, sim, muitas vezes ele é desse jeito”, Fux quis revidar, “e eu o amo apesar disso.” Mas Orlando sabia… como também sabia que o “apesar” era o centro do amor.

— Então, você quer ouvir o que eu sei?

Jacob olhava fixamente para o local na relva onde ainda se via a marca do tapete.

— Não — ele disse. — Vou voltar para Schwanstein com Fux. Caso a Fiandeira realmente exista, deve ser mais difícil de encontrar do que as fadas, e provavelmente é tão perigosa quanto elas.

Ele olhou para Fux. *Vamos partir. Para qualquer lugar.* Ela nunca vira tão claro no rosto de Jacob o desejo de dar meia-volta e desistir. O anseio por desfrutar daquilo pelo que haviam esperado tanto tempo, de esquecer o resto do mundo, irmãos, elfos dos amieiros, fadas… se preocupar apenas com ela e ele.

Era tão difícil simplesmente não dizer sim. Mas ela o amava. Sabia quão infeliz seria em alguns dias. E que nunca se perdoaria por ter abandonado o irmão.

— Conte para mim — ela disse a Orlando. — Conte o que sabe.

Jacob virou as costas sem dizer uma palavra e desapareceu entre as costelas do dragão.

Orlando seguiu-o com os olhos.

— Acho que eu gostaria de duelar com ele — disse. — Pena que não tivemos uma oportunidade de fazer isso no parque Prividenij. — Ele pegou a mão de Fux. — Ainda posso matá-lo se ele a fizer infeliz. Não, deixe-me corrigir. Eu o matarei. — Ele se abaixou e pegou uma aranha que subia pelos ossos atrás dele. Ela correu pelo seu braço quando ele abriu os dedos. — A Tecelã… Jacob tem razão. Sendo otimista, não é fácil encontrá-la. É praticamente impossível que algum mortal consiga. Mas nos primeiros anos aqui em Moskva fui incumbido de elaborar uma lista de todas as criaturas mágicas cujos serviços o tsar poderia requisitar em caso de guerra. O Torto acabara de perder algumas colônias por causa de magias desconhecidas, o que o deixou bastante nervoso. Durante minhas pesquisas, ouvi falar da Tecelã. Existem muitas histórias sobre ela, mas são tão vagas quando se trata de seu paradeiro que eu já pensava em colocá-la na lista das criaturas inventadas. Mas então, uma noite, numa estalagem, ouvi um camponês bêbado contar que sua aldeia se livrara de um cruel proprietário de terras enviando um deles até a Fiandeira para lhe pedir que cortasse o fio da vida do explorador. A Fada Escura com certeza tem seus próprios

caminhos, mas até então eu tinha ouvido que para os mortais apenas a tentativa de encontrá-la já seria fatal. O camponês bêbado deu uma resposta interessante quando perguntei como o enviado deles havia sobrevivido à tarefa. — A aranha subiu nos dedos de Orlando. — Ele perguntara o caminho a um xamã. Mas não qualquer xamã…

Orlando ergueu o dedo. A aranha lançou seu fio ali.

Fux a espantou junto com o fio da mão de Orlando e completou:

— Um que falava com aranhas. Afinal, elas e a Fiandeira têm o mesmo ofício.

— Raposa esperta.

— Você sabe onde encontrar um xamã assim?

Orlando se aproximou dos dois cavalos restantes. Ele os havia prendido junto às vértebras encravadas da nuca do dragão. Um dos cavalos já estava arreado.

— Lamento — ele disse, e apertou a cilha. — Xamãs não acreditam em nenhum deus para os quais se reza em igrejas douradas, mas acreditam nas montanhas e nos rios. O único que já encontrei fala exclusivamente com corvos. Mas estou certo de que vocês dois acabarão encontrando. Você só tem que me prometer uma coisa: caso encontrem a Tecelã, quero saber o que a Fada Escura quer com ela.

Ele soltou as rédeas dos ossos apodrecidos e jogou-as por cima da cabeça do cavalo.

— Vou levar o melhor cavalo. Acho que é justo, não?

Fux não sabia o que dizer. “Vou sentir sua falta”? Era a verdade.

Orlando subiu na cela.

— Você ainda tem a pena, não? Passe o dedo três vezes na quilha se ele a tratar mal. Eu sentirei e irei até você no mesmo instante. Você pode me chamar também se ele apenas a entediar.

— E se eu tratá-lo mal?

— Bem, espero que isso aconteça.

Ele se curvou de cima do cavalo e a beijou no rosto.

— Vivemos uma vida perigosa e queremos isso, embora desejemos outra para aqueles que amamos. Use a pena! Sempre que precisar de ajuda.

Ele dirigiu o cavalo para o sudoeste. Fux nem mesmo conhecia o nome dos países que esperavam além do horizonte, mas espiões com certeza precisavam saber todos eles. Ela seguiu Orlando com o olhar por um bom tempo. Uma parte sua ia com ele, mas o Cão de Vento cuidaria bem dela.

Jacob estava ajoelhado ao lado da cauda petrificada do dragão quando Fux o encontrou. O esqueleto havia sido pilhado a fundo, mas Alma havia ensinado a ele algumas coisas que poucos caçadores de tesouro sabiam. Jacob havia raspado o musgo dos ossos e soltado com a faca alguns espinhos da coluna vertebral. Não eram muito maiores do que espinhos de rosas, mas eram um remédio eficaz contra fraturas e tendões rompidos.

— Não iremos muito rápido com um cavalo só — disse Fux. — Mas eu poderia me transformar. — Por um tempo a raposa conseguiria manter o passo com o trote do cavalo.

Jacob enfiou os espinhos no saco em que carregava medicamentos dos dois mundos.

— Não.

— Não o quê?

— Vamos voltar. — Ele se levantou. — Nós tentamos. Chanute tem razão. Will não é mais uma criança. Ele que decidiu vir para cá. Talvez queira o jade de volta. Talvez queira se vingar da fada. Como vou saber?

Jacob evitou olhar para ela, como sempre que tentava fugir de alguma coisa.

Fux pegou o rosto dele entre as mãos para que fosse obrigado a encará-la.

— Não vamos fugir de nada nem ninguém. Isso não mudou, não é?

Jacob pegou a mão dela e a pôs em seu rosto. Ela o amava tanto. Talvez ainda mais agora que não precisava mais esconder. Mas e se um dia eles traíssem um ao outro, como Kami’en havia feito com a Escura?

O coração dela bateu rápido quando ele a beijou de novo. Ou era o dele? Desde o dia em que a havia libertado da armadilha Fux não sabia distinguir.



64
Desprotegida

A aranha remendava com afinco a rede através da qual a fada havia desaparecido. Quanto mais Donnersmarck a observava, mais parecia que ele próprio estava suspenso pelo fio. A rede que a vida tecia ao seu redor… O veado vinha quase todos os dias agora. Donnersmarck contabilizava as horas perdidas, para pelo menos torná-las suas assim. O veado não fazia contas. Quando ele se fora, Donnersmarck procurara lembrar, mas tudo o que vinha eram cheiros, imagens, o gosto da grama, as batidas aceleradas do coração ao farejar um lobo, a lembrança do vento e da chuva. E ela. Mas ela se fora.

Um besouro havia se enroscado na teia da aranha. Será que ele sonhava que era um besouro-veado? Os zumbidos desesperados lixavam e feriam a mente de Donnersmarck e, quando ele finalmente estendeu a mão para libertar o inseto, Chithira se pôs na sua frente.

— Você ainda quer viver mais um pouco, não quer? A porta não é para mortais.

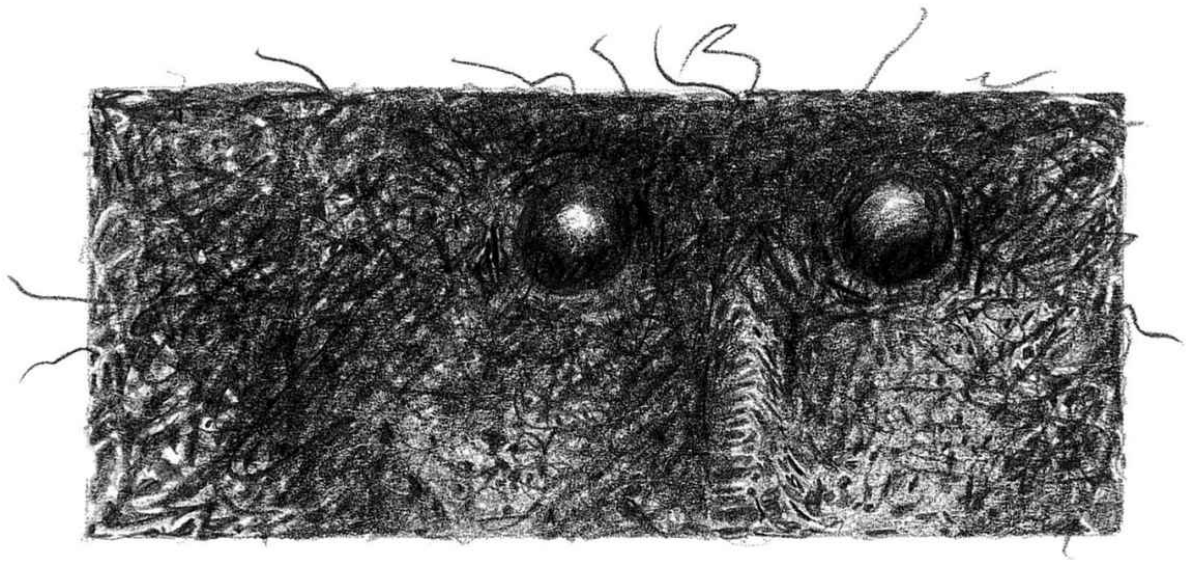
A voz de Chithira sempre soava como se viesse de longe. Não era de espantar, já que ele na verdade não pertencia mais àquela vida. Como era possível escolher ser um inseto voando a esmo por amor, uma sombra sem carne de si mesmo? Donnersmarck nunca amara daquela maneira.

Ele podia se acostumar a falar com um morto, e havia sido uma longa viagem. Donnersmarck soubera que Chithira se casara com oito anos e que sua noiva morrera jovem. Ele lhe contara como a fada o havia encontrado e descrevera o lugar onde nascera e morrera. Mas toda vez que lhe perguntara sobre o outro lado, sobre o mundo dos mortos, Chithira sorria e lhe contava sobre papagaios verdes que moravam nos templos de sua pátria, elefantes

domesticados ou rios que lavavam a dor e a culpa dos corações humanos.

O besouro não zumbia mais. A aranha envolveu-o com seus fios até ele se parecer com o casulo de uma borboleta. Vida e morte eram assustadoramente semelhantes. Donnersmarck não conseguia se lembrar de ter reparado naquilo antes. O veado o havia traído? Ele odiava quando os dois se sobrepunham, homem e animal. Ela teria rido dele, de todo o esforço inútil que fazia. Ela voltaria? E se não voltasse?

Seu cocheiro morto lembraria seu nome?



65
A Fiandeira

O lago da Fiandeira era muito maior do que o que dera à luz a Escura. Não havia floresta cercando a margem, apenas inúmeros açudes envoltos por juncos, nos quais o céu noturno se refletia. Eram tantos que lembravam à fada os olhos da aranha através de cuja teia ela passara para chegar ali.

As teias de sua mestra estavam estendidas entre os juncos e sobre a água. Os fios capturavam as cores da vida, da esperança, do medo, da felicidade, da tristeza… do amor e do ódio. Apenas a Fiandeira conhecia o padrão da teia. Ela conhecia todos. Takushy era seu nome naquele país, mas a Fiandeira tinha tantos nomes quanto teias.

Ela tecia a si mesma do fio da noite, os cabelos do luar, a pele das estrelas. Tão velha. Sem começo nem fim.

— O que faz aqui, irmã que nada sabe da morte? — Sua voz soou como se mil dedos tocassem as cordas do universo.

— Preciso de sua ajuda — respondeu a Fada Escura.

A Fiandeira se transformou num bando de cisnes negros. Eles bateram asas e pousaram no lago, e o maior deles tomou a figura de uma mulher. Seu corpo consistia de fios, negros como a noite, brancos como a morte, permeáveis como teias de aranha. Ela andou sobre a água sem dificuldade e, quando chegou à margem, a fada precisou olhar para cima.

— Você percorreu todo esse longo caminho em vão. — Os olhos no rosto tecido eram redondos e negros como os da guardiã de oito patas. — Não posso ajudá-la. Você quer cortar o que ninguém deve.

— Eu sei — respondeu a Escura. — Mas em troca lhe darei o único fio que você não pode fiar. Liberte-me do fio dourado e um dos três fios da minha imortalidade pertencerá a você.

A Fiandeira sentiu um calafrio, mas talvez fosse apenas o vento soprando seu corpo tecido.

— A teia fica fraca sem um fio. E você quer tirar logo dois.

— Me dê outros em troca! Vermelho, azul, verde… mesmo o branco! Mas não o dourado.

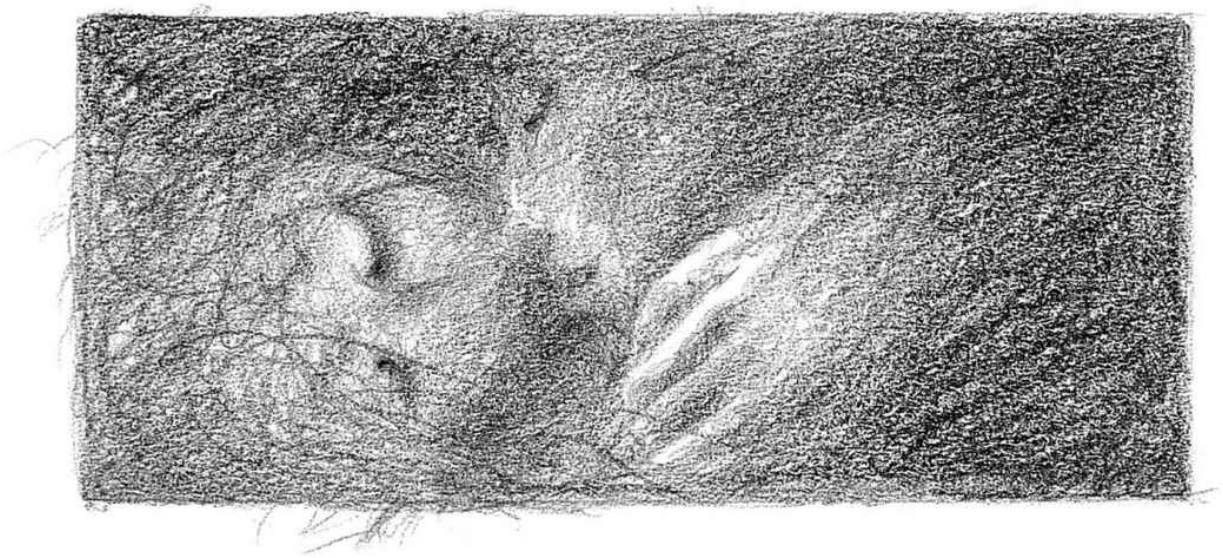
— Você mesma terá que fazer o substituto. Não faço o desenho nem os fios. Apenas os teço.

Ela carregava suas tesouras penduradas no pescoço como joias ao redor, douradas, prateadas, de madeira e marfim. A que ela pegou era de ouro.

A Fiandeira abriu-a como um bico de pássaro.

— Vai enfraquecê-la mais do que pensa.

— Eu sei — disse a Escura. — Corte.



66
Tanto a perder

Um xamã que fala com as aranhas… Dois caçadores que eles encontraram conheciam um velho que conversava com lagartos. Um sacerdote lhes contou sobre um garoto que conversava com o fogo (e pareceu muito preocupado, como se tivesse medo de irritar seu deus com aquela história). E os dias corriam naquele país em que o passado parecia muito mais vivo do que o futuro. Jacob sempre voltava a se apanhar com o desejo de que nunca encontrassem o homem-aranha e ele pudesse cavalgar para mais e mais longe com Fux, até chegar a um país em que ninguém soubesse nada sobre fadas ou elfos dos amieiros.

Ele nunca fora tão feliz.

Nem a ideia de que estava abandonando Will alterava aquilo. Era tão fácil poder finalmente ceder ao amor. Fux aplacava a raiva que mais uma vez o pai lhe dera. Se pelo menos não tivesse tanto medo do fato de que agora tinha tanto a perder…

Eles dormiram juntos pela primeira vez quando uma tempestade os obrigou a fazer uma parada na cabana abandonada de um pastor. As horas que o mau tempo lhes proporcionou, envolvidos por lã crua e tesouras de tosa enferrujadas, foram como um mês, um ano, todos os que haviam esperado, cheios de medo dos beijos, da pele íntima demais. Tão longe de tudo o que despertava as lembranças, era como se os dois se vissem de novo pela primeira vez. O cavalo que raspava os restos de lã, a tempestade, o barulho da chuva… Jacob guardou tudo como joias que penduraria no pescoço de Fux sempre que se lembrassem daqueles momentos.

No dia seguinte, encontraram um jovem que tinha uma águia e era quase tão alto quanto o cavalo estropiado em que cavalgava. O garoto contou-lhes de um homem santo que vivia numa árvore e deixava as aranhas fazerem ninhos em suas roupas.

Não.

Eles ainda dividiam um cavalo, e Jacob sentia como Fux envolvia firmemente o corpo dele com seus braços. Por um momento eles desejaram a mesma coisa: que tivessem ficado mais algumas horas na cabana abandonada e nunca tivessem encontrado o garoto.

Ele lhes descreveu um vale distante e uma floresta de macieiras. Encontraram o vale e a floresta, mas não havia nenhum sinal do xamã. Somente quando um bando de corvos levantou voo de uma das árvores, distinguiram o rosto entre os galhos, tão curtido pelas intempéries que quase não se diferenciava das árvores. Ele ignorou os apelos de Jacob, mas quando viu Fux desceu da árvore. Seu manto estava tão densamente coberto por aranhas que parecia que uma baba yaga havia enfeitado o tecido com bordados vivos. A que ele pinçou do colarinho tinha pernas verde-pálido. Sem dizer nada, ele a pôs na mão de Fux, sorriu para ela e voltou a subir na árvore. A aranha desceu pelos seus fios e se pôs a tecer compenetrada uma rede sobre a relva.

Levou um bom tempo até que percebessem que se tratava de um mapa.

A teia branca formava uma cadeia de montanhas, o braço de um rio, a margem de um lago. De repente a teia começou a tremer. O fino tecido se rompeu e Jacob sentiu um vento morno na pele. Tão morno que tinha gosto de raiva. De dor.

Ele devia ter dado meia-volta. Não podia tê-la ouvido, devia ter voltado!

Daquela vez, Dezesseis tinha o rosto de Clara, embora não se esforçasse mais para parecer humana. Sua figura refletiu Fux, a teia de aranha rompida, a relva e as macieiras, mas sua pele de vidro estava tão fissurada em alguns pontos que as imagens se quebravam em mil facetas. A casca de árvore a deixava listrada como um tigre.

A aranha tentou fugir, Dezesseis a apanhou e lançou o corpo prateado na teia rasgada. Jacob pensou ouvir um grito de lamento vindo dos galhos, mas o xamã não apareceu. Foi inteligente da parte dele.

— O que vocês estão fazendo aqui? Não bastou a advertência do meu irmão?

Os olhos de Dezesseis eram espelhos nos quais Jacob via o próprio medo. O dedo com o qual ela apontou para Fux era uma lâmina de prata e vidro.

— A prata lhe cai bem. Você a expulsou com magia de bruxa, mas aqui não há nenhuma.

Ela sorriu.

Jacob tentou se pôr de forma protetora na frente de Fux. Ela não permitiu e sacou sua faca. Aquilo não adiantaria. Nada adiantaria.

Dezesseis olhou para Jacob como se comparasse seu rosto com outro.

— Você realmente não é parecido com ele.

Claro. Seu irmão.

— Ele é muito bonito — ela prosseguiu. — Mesmo a prata não poderia torná-lo mais bonito.

Jacob resistiu à tentação de perguntar se ela já havia roubado o belo rosto de Will. Mas preferiu fazer uma pergunta que talvez Dezesseis pudesse responder.

— Ele tem pele humana?

Aquilo não pareceu surpreender Dezesseis.

— Sim. Só é de pedra quando está furioso.

Jacob tentou entender o que aquilo significava. Deixe para lá. O que Dunbar escrevera? Terra úmida. Ele olhou ao redor. Árvores. Nada além de árvores.

Dezesseis se abaixou e pegou a aranha endurecida da teia.

— Meu irmão começou uma coleção. Insetos, plantas, um rato, uma serpente… Gostaria que tudo deste mundo sujo fosse de prata.

Ela jogou a aranha na relva.

— Deixe-a ir — disse Jacob. — Por favor. O Jogador está zangado comigo, não com ela.

Fux apertou os dedos tão fortemente em torno de seu braço que doeu.

— Ele está mentindo — ela disse a Dezesseis. — Vou me transformar e rasgar a sua garganta antes que você possa encostar nele.

Dezesseis abriu os dedos como um gato que se alegra com a perspectiva de caçar.

— Você não será rápida o suficiente, raposa — ela disse. Seus traços se tornaram humanos, e novamente o rosto de Dezesseis pareceu muito familiar a Jacob. Ela parecia sua mãe, tão jovem como apenas tinha visto em fotos. A visão paralisou-o tão profundamente quanto a aranha prateada, mas Fux arrastou-o consigo. Ela gritou com ele, que a todo instante voltava a olhar para o rosto de Dezesseis, que o Jogador devia ter roubado muito anos antes. Eles correram, desceram uma encosta, atravessaram um matagal espinhoso e árvores sob as quais a relva cheirava a maçãs pobres. *Pare de olhar para trás, Jacob.* Água e terra úmida…

Dezesseis não tinha pressa com a caça. Ela os seguia tranquilamente. O medo de suas presas lhe dava prazer.

Água. Tudo o que a envolvia era a relva e as folhas que apodreciam, e Jacob queria apenas parar para beijar Fux mais uma vez.

Dezesseis começou a ir mais depressa.

Eles tropeçaram em raízes e galhos secos, puxavam um ao outro para se erguer novamente. Talvez Fux pudesse escapar se ela se transformasse. *Esqueça, Jacob.* Ela não fugiria sem ele. Ele apertou mais forte os dedos em volta da mão dela. Uma estátua dupla de prata, que romântico. O que ficaria gravado mais claramente no rosto paralisado deles? O amor ou o medo?

Primeiro, Jacob tomou o enxame de mosquitos por um delírio de seu desespero. Um açude. Quase invisível entre as folhas pobres que flutuavam na superfície salobra. Ele protegeu Fux quando ela escorregou na margem. Enterrou os dedos na lama enquanto ela andava na água e jogou a terra úmida no rosto de Dezesseis. Ainda era o rosto de sua mãe. Os dedos de vidro tiraram rápido a lama dos traços familiares, mas a terra ficara grudada onde a pele já estava áspera e quebradiça.

O açude não era profundo, a água mal batia no peito, mas Dezesseis parou a um passo da margem, seus olhos um caleidoscópio de centenas de vidas roubadas. Fux envolveu Jacob

com os braços. A água era quente e a folhagem murcha os cobria. Aquele seria o fim deles? Num açude lamacento?

Os pés de Dezesseis lançaram raízes enquanto os encarava. De repente ela virou a cabeça.

A água pantanosa se encrespou.

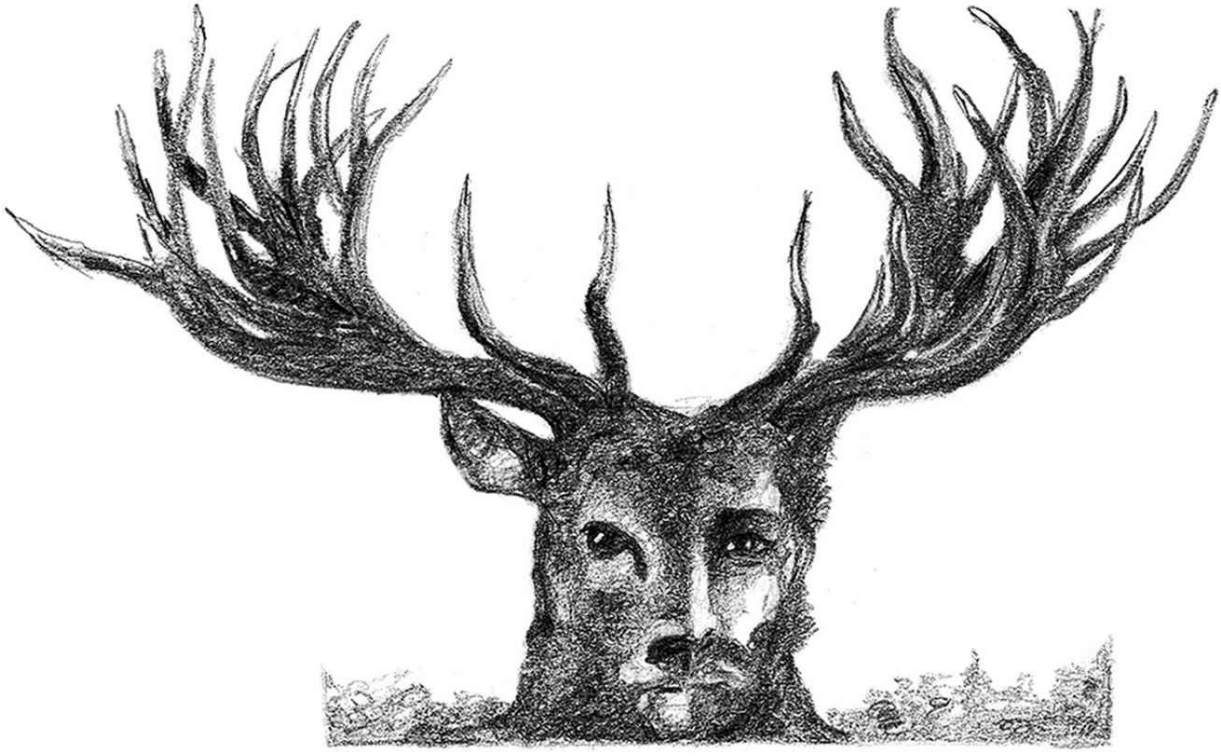
O vento, o vento, a criança divina…

Dezesseis sorriu, como se lhe sussurrassem alguma coisa.

— Acabou — ela disse. — Seu irmão a encontrou!

Por um momento, parecia que ela estava tentada a terminar a caça mesmo assim.

Então se transformou em vidro. E desapareceu.



67
Tão fraca

O veado ergueu a cabeça do pasto sem lembrança de que nem sempre tivera a galhada que carregava tão orgulhoso. Ela voltara como uma melodia que tivesse faltado à música do mundo. Mas sua canção soava mais fraca do que antes.

Ele seguiu o som em que estava contido tudo o que havia visto um dia. E ali estava ela, o vestido coberto com fios de teia de aranha. Apenas aquele em sua mão era de ouro.

O veado se pôs ao seu lado e a fada enterrou o rosto em seu pescoço.



68
Tudo voltará a ser como deveria

As flores e folhas que cresciam na carruagem teriam proporcionado uma boa camuflagem em qualquer floresta, mas ali, entre as montanhas azuis e a relva amarelada, apenas denunciavam que vinha de longe.

Will desceu do cavalo e se escondeu atrás de uma árvore morta.

Ao lado da carruagem, havia um veado. Sua galhada se estendia até mais alto do que Will podia alcançar erguendo o braço. Dois cavalos procuravam por talos na relva que eram tão verdes quanto ela. O homem que arreava um deles usava roupas que fizeram Will pensar em Sherazade e nos contos das mil e uma noites. Eram as histórias favoritas de sua mãe. Se as histórias eram lembranças dela ou o que ele estava vendo, Will não sabia mais fazia tempo.

A fada ajoelhou-se ao lado da carruagem na relva. O crepúsculo do fim do dia coloria seu vestido verde de um preto quase como o da noite que avançava. Will se perdeu nas imagens esquecidas que voltavam à sua mente. O dia em Hentzau o levara até ela, o tempo passado ao seu lado. A noite em que ela o deixara ir. Estavam todos esgotados. Cansados, traídos, metade deles morta. Eles. A quem se referia? A si mesmo e aos goyls sobreviventes. Jacob e Fux também estavam lá, entre os prisioneiros humanos. Por sua causa. Mas ele tinha se esquecido de que tinha um irmão.

Talvez não quisesse saber.

Enfeitiçado.

O veado olhou em sua direção. O que ele via? O próprio Will mal conseguia distinguir Dezessete no lusco-fusco do dia que ia morrendo. Fazia horas que não via Dezesseis.

Ele tirou o saco mágico de baixo da camisa.

A fada se endireitou.

Não olhe para ela, seu idiota! Nunca. O goyl que o treinara sempre o lembrava disso. Hentzau. Sim, era esse o nome dele.

Will passou a mão no saco mágico com a balestra, mas suas mãos pareciam se recusar. *É a magia dela*, sussurrou a prata sob seus dedos. Proteja-se! Mas e se o goyl tivesse razão? E se ela levasse o jade consigo? Will sentia tanta falta da pedra. A constatação era terrível.

A fada olhou para ele. Tão bela.

O veado quis se pôr na sua frente de forma protetora, mas um movimento da mão dela e as gavinhas envolveram suas pernas e o imobilizaram, por mais que se esforçasse e batesse com os chifres contra os grilhões que continuavam a crescer.

Atire!, sussurrou o vento. Ele trouxe um cheiro. O corredor do hospital. O quarto em silêncio. A figura imóvel de Clara na cama. Imóvel como a princesa na torre. Morta, porque o príncipe não chegara.

Atire!

— Abaixe essa balestra, Filhote.

As garras em sua garganta eram uma sensação bastante familiar.

— Então você quer mesmo sua pele de lesma de volta! — sussurrou o Bastardo. — Mesmo podendo ser a pedra sagrada!

Nerron bateu em seu rosto, arrancou a balestra da mão de Will e gritou. Dezessete segurou-o pelos ombros. Era cólera de vidro, morte de prata. O Bastardo se debateu, como se seus dedos derretessem sua pele de pedra. Então caiu de joelhos e agachou-se como um animal ferido.

A fada ainda não tinha se mexido.

Ela estava parada em pé encarando Will.

— Atire! O que está esperando? — Dezessete pôs a balestra diante de seu peito, desafiador. Will ouviu o medo em sua voz. E ali estava Dezesseis! Seu rosto estava ferido e manchado como o vidro de um velho espelho. Dezesseis tentou se tornar invisível, mas a fada ergueu a mão e começaram a brotar folhas nela. A casca de

árvore fechou sua boca e Will viu terror em seus olhos. Ela estendeu as mãos para ele, suplicante.

Atire!

Mas ele ouvia a fada em sua cabeça.

O que eles lhe prometeram?

Ele não sabia que ela podia soar tão fraca. Tão vulnerável.

As mariposas saíam em enxames de seus cabelos e roupas. O próprio cocheiro vestido como nas mil e uma noites criou asas, e Dezessete desapareceu entre os corpos voando, o grito paralisado pela casca de árvore. Dezesseis ergueu os braços que endureciam num gesto de defesa. A visão prateou a mente de Will. Mas seu coração era de jade, e fora a fada quem o dera a ele.

Não olhe para ela, Will.

Ele armou a balestra.

— Não! — O Bastardo soou como se tivesse uma língua de prata. — Deixe-a ir!

As mariposas se separaram de Dezesseis e voaram em direção a Will como uma fumaça feita de asas pretas.



69
Como nos sonhos dela

Ele hesitou. Da mesma forma que ela vira muitas e muitas vezes em seus sonhos. Mas nem mesmo os sonhos de fadas se tornavam realidade sempre. Por isso ela não se escondera melhor dele? Não. Que mentira estava contando para si mesma? Ela estava ocupada demais com sua dor de amor.

A dor se fora, assim como o amor.

Os dois que seguiam o caçador haviam nascido da estupidez das irmãs. Tanta ira. Compensação por velhas dívidas, mais antigas do que ela.

E ela estava cansada.

Isso era tudo o que sentia. Cansaço.

O caçador ainda hesitava. Não, ela não queria chamá-lo assim. Ele estava destinado a proteger. Apenas para isso ela semeara toda a pedra. Mas a balestra tinha vontade própria. Ele apenas precisara levá-la até ali.

Tanta ira. Antiga.

O veado quis saltar no caminho da flecha. Ele se debatia desesperadamente contra os grilhões que o protegiam. Todos tinham pressa de morrer por ela. Mas por quê? A flecha a encontraria. As irmãs tinham razão. Apesar disso, ela fora mais uma vez pelo mesmo caminho. Porque era o seu caminho.

O jade voltou assim que as mariposas o atacaram, e sua própria magia protegeu o assassino. Tudo por Kami'en. O pensamento não doía mais. Ela segurava o fio dourado na mão quando a flecha a atingiu.

Tanta escuridão. Tanta luz.

Era aquilo que chamavam de morte?

O fio escapou de seus dedos quando ela se entregou ao elemento de que nascera. Era um simples córrego, mas aceitou de

bom grado sua última centelha de vida.

As irmãs feneceriam, e ela seria a culpada. Mais uma vez. Até onde conseguiu pensar. Então seus pensamentos se dissolveram, tornaram-se úmidos e fluidos e tão claros como nenhum corpo permitia, enquanto o resto dela morria.



70
A partida

Sim. Aquele era o mosteiro que ele descrevera para o desenhista. Era o rio que vira, e a freira que abria o portão usava um hábito preto. A repulsa costumeira instalou-se em seu rosto assim que ela viu seus homens. O ódio sem fundo. Quando o oficial bávaro que lhe haviam dado como cão de guarda perguntou pela criança, o medo misturou-se ao ódio. Idiota. Ele queria lhes dar tempo para esconder seu filho? Provavelmente.

Caso já não o tivessem levado embora.

Kami'en não tinha mais certeza se fora inteligente ir pessoalmente. Dois atentados no trem, camponeses que cuspiam ao vê-lo, mulheres que se benziam, crianças que olhavam para ele como se tivessem visto o diabo do qual tinham tanto medo — quem podia dizer se o medo que tinham dele e de seus exércitos no final representava proteção ou perigo para a criança? Hentzau tinha razão: na Bavária ninguém escondia que desejavam voltar ao tempo em que queimavam os goyls nas praças dos mercados. Agora ela apenas podia esperar que Hentzau não tivesse razão no que dizia respeito à armadilha. E que a criança ainda estivesse viva.

A freira falava um dialeto que Kami'en não entendia. Ele pediu ao oficial bávaro que traduzisse. O homem dominava razoavelmente a língua goyl, mas, quando repetia para Kami'en o que a freira dissera, seus lábios humanos macios de repente pareciam não emitir nenhuma palavra. Tudo o que Kami'en ouvia era seu próprio coração pulsando. Tão alto como se de repente estivesse sozinho num espaço vazio.

Ela se fora.

Kami'en mudou a direção do cavalo.

Seus homens olharam aterrorizados para ele. O oficial queria segurá-lo. Um de seus guarda-costas pegou as rédeas. Kami'en

repeliu-o e meteu as esporas no animal. Ele foi para baixo das árvores que cercavam a margem do rio e ignorou a gritaria que soava atrás de si. Não o alcançaram. Sempre fora um bom cavaleiro.

Quando finalmente parou, não sabia mais onde estava.

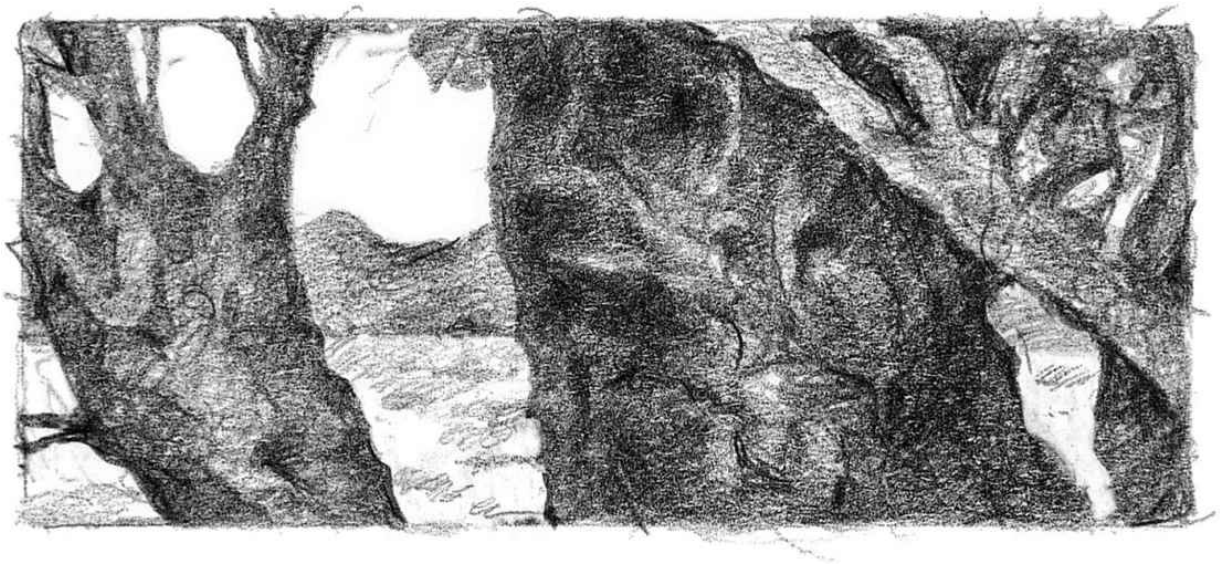
Terra inimiga. E daí? Todas as terras eram inimigas para um goyl.

Ela se fora.

Era tudo o que ele sabia.

E seu coração batia muito rápido e muito alto.

No vazio.



71
O carrasco

A Escura caiu sem nenhum ruído. Como uma folha. Nerron ergueu-se com grande esforço. O que ele esperava? Que ela fosse morrer como uma pessoa? Ele estava manchado como um besouro, e seu corpo doía como se os malditos espelhins o tivessem tostado. Mas estava vivo, embora Dezesseis tivesse tentado fervorosamente transformá-lo num pedaço de metal.

Que aquilo servisse como advertência para seu mestre elfo!, pensou, enquanto raspava a prata do rosto com as garras. Eles não iam se dar melhor com os goyls quando voltassem.

O veado ainda tentava se libertar das gavinhas com as quais a fada o havia agrilhoado. Quase dava a impressão de que ela não queira ser salva. Caramba, era um monstro! Nerron nunca vira um veado tão grande, mas o Filhote passou pelo animal que se debatia como se ele não estivesse lá. Tinha olhos apenas para o corpo sem vida que jazia ao lado da carruagem. Ele era só um garoto perdido, nada mais. *Ah, sim, Nerron. Agora ele tem um título novinho em folha: o carrasco da Fada Escura.*

As mariposas voavam desnorteadas sobre o corpo como abelhas que perderam sua rainha. Não atacaram o Filhote com exceção de uma, que sempre voltava a bater em seu rosto. Will nem mesmo a matou. Nerron se pôs ao seu lado. A fada jazia com os olhos fechados. O que acontecia quando a morte colhia um ser imortal?

O Filhote ainda segurava a arma que causara seu fim.

Na mão de pele de lesma.

Nerron poderia matá-lo. Por que não o fazia? O Filhote não tinha mais guarda-costas.

Dezessete estava totalmente paralisado. Seu rosto de casca de árvore terrificado era uma visão que fazia muito bem ao goyl. Entre

as folhas que brotavam de seus braços, havia também algumas de prata e de vidro.

Dezesseis ainda se movia. Will voltou-se para ela quando sussurrou seu nome. Sim, não era mais do que um sussurro. O Filhote parecia quase tão apavorado quanto o irmão dela transformado em madeira. Ele deixou a balestra cair como um brinquedo quebrado e se precipitou em direção àquilo que havia sido uma garota. Dezesseis estava ajoelhada, mas, ao contrário de Dezessete, mantinha sua figura. Ela podia até mesmo mover um braço, mas o outro já era de madeira. Will acariciou seu rosto. Ela se esforçava para parecer pelo menos um pouco humana, mas em sua pele se espelhava a noite que avançava. O Filhote a beijou mesmo assim. Muito comovente. Apaixonado por uma moça de vidro.

Ele nem mesmo percebeu que Nerron erguia a balestra.

Pois é. Ganhar. Perder. Ganhar. Perder. Ganhar.

Não era bem o final que havia esperado, mas não era ruim. Exceto pela fada. O veado quase se libertara. *Cuidado, Nerron.* Atravessado pelos chifres de um veado com a balestra na mão? Bem, por que não experimentá-la em um animal? Todos os veados morreriam com ele? Não importava. O Bastardo não sentiria falta deles. A flecha deslizou do peito da fada como se ele a tirasse da água. *Depressa, Bastardo.*

O veado empinou e rompeu as últimas gavinhas.

Que galhada! A besta baixou a cabeça para atacar, mas ignorou a balestra e o goyl que apontava para ele. Surpresa! Ele estava indo em direção ao Filhote!

Bom, por que não? O veado ia dar cabo dele. Nerron gostava de deixar o ato de matar para os outros, e com certeza o veado não teria nada contra enviar a cabeça de sua presa para Jacob Reckless.

Will ainda estava ajoelhado ao lado do que havia sido uma garota de prata e vidro.

Ele nem observava ao redor!

Nerron ergueu a balestra com um palavrão.

Esticou a corda de vidro, embora seus dedos doessem como se estivessem imersos em ácido.

Raios, raios, mil vezes raios.

O Bastardo que tinha tanto orgulho de sempre pensar apenas em si mesmo fazendo o papel de protetor! E dessa vez ele nem tinha uma desculpa!

O veado tinha olhos apenas para o Filhote. Talvez fosse por causa da balestra. Muitas armas mágicas tornavam suas vítimas cegas para o perigo.

Nerron apanhou-o no pulo. A flecha atingiu seu flanco desprotegido. O veado avançou mais um passo trôpego em direção ao Filhote — ele realmente não desistia facilmente —, então caiu com um gemido que soou quase humano. Os ônix certamente não teriam deixado a galhada ali, mas o Bastardo não gostava de troféus de caça. A balestra em sua mão era mais leve do que se lembrava. Da última vez, atirara em Jacob Reckless com ela. Muito mais apaziguador. Ele encontrou o saco mágico no chão e estendeu-o sobre a balestra. *O que nos leva para aquilo que interessa agora, Nerron.*

O Filhote estava raspando a casca de árvore dos membros de Dezesseis. Ele o fazia cuidadosamente, como se estivesse descobrindo um tesouro. O rapaz de jade e a moça de vidro. Soava como um conto de fadas. Hora de acrescentar um final infeliz.

Sim. Quem disse que ele não tinha uma boa razão para protegê-lo do veado? Por que deixar para um grande macho da floresta o que imaginara tantas vezes fazer? Nerron não sabia ao certo pelo que desejava mais a desforra: pela humilhação que Jacob Reckless lhe impingira ou pela traição do goyl de jade. Ah, que nada! ele sabia a resposta.

Maldição, bastava olhar para o Barba de Leite e tinha náuseas. Ele queria fazer luvas de sua pele cor-de-rosa de príncipe, lenha de sua guarda-costas. O goyl de jade voltara a ser mais uma vez e para sempre um pele de lesma! Todo o mundo pareceu a Nerron vazio como os olhos da fada, tão morta quanto o veado. Devia ser proibido contar histórias para as crianças. Deviam cortar a língua de todos os que fizessem isso!

Ele se pôs atrás do Filhote e sacou a pistola.

— Esqueça-a! — ele disse, e apontou para o idiota principesco. — Vamos partir. Por que acha que ela está com esse olhar apaixonado? Sabia o que aconteceria se chegasse perto demais da fada. Para que mais você acha que eles o usaram? Eu me pergunto a quem se referiram como seu pai elfo. Alguém muito ruim, ao que parece.

Havia algo na maneira como o Filhote se voltara para ele.

Pare de sonhar, Nerron.

— Não podemos deixá-la aqui. Ela ainda está viva.

— Viva? Não estou muito certo de que é possível dizer isso sobre ela. Você viu os olhos dela? Talvez devêssemos cortá-los fora para que acredite em mim.

Sim. Ah, sim, ali estava ela. Tão verde-pálido quanto os velhos templos na fortaleza real. Não havia nada mais belo sob a terra. Ou sobre. A felicidade que se espalhou em Nerron era tão arrebatadora como ele sentira quando criança.

Era uma vez. *Não, vai ser.*

O Filhote era um deles. Ainda. E para sempre. Graças à fada! A ira em seus olhos escrevia goyl em letras douradas.

— Quer que eu adivinhe em que está pensando?

Nerron apontou a pistola para sua testa verde de jade.

— Que você matou a Escura totalmente em vão, não é? Idiota. Como se fosse sobre você. Tenho certeza de que deu ao mestre da sua amiga de vidro exatamente o que ele queria. E agora o Bastardo vai levar o que ele quer. Final feliz, tudo bem. Você vai subir voluntariamente em seu cavalo ou devo provar a você que munição goyl também atravessa a pele de jade?

Dezesseis levantou-se com um gemido. Ela mordeu os lábios sangrando de dor quando esticou as costas encurvadas.

O Filhote segurou o braço dela.

— Vou encontrá-lo! — Will exclamou. — Ele me enganou. A mim e a ela.

Ah, sim, isso soava ira goyl.

— Quem? — *Deixe, Nerron. Você não vai descobrir nada sobre ele.*

— Ele, seja lá quem for. Esteja onde estiver. Eu vou encontrá-lo.

Através do jade aquilo soava ameaçador.

Apesar disso, Nerron engatilhou a pistola.

— Comovente — ele disse. — De verdade. Mas precisamos encontrar Kami'en. Agora suba nesse cavalo.

Will não se mexeu.

O Filhote era de jade, e o carrasco da Fada Escura.

— Eu mostro o espelho para você, se me deixar ir. Ainda quer vê-lo, não quer?

Ah, não. Ele tinha a balestra. Tinha o goyl de jade. Nunca era bom querer demais. A advertência de Dezessete havia sido muito impressionante.

Dezesseis apenas olhava para o Filhote. Nerron não conseguia entender o que ele via em seu rosto ferido. Ela parecia… se sentir culpada. Sim. Mas a expressão não durou muito.

— Para que você quer encontrá-lo? Por causa da sua namorada? Você não pode despertá-la. Não enquanto o Jogador não quiser.

O Filhote recuou diante dela, como se tivesse se transformado numa víbora diante de seus olhos.

— Você ainda não entende, não é? — Dezesseis gemeu quando tentou curvar o braço rígido. — As fadas não podem nem ver esse espelho! Como o sono da bela adormecida poderia ter vindo delas?

Will olhava para ela como se o chão tivesse se aberto a seus pés. Usado. Movido no tabuleiro sem saber por quem ou o quê. "Não é uma sensação boa, é?", Nerron queria dizer. "O último que me proporcionou isso foi seu irmão."

Dezesseis gritou de dor quando tentou arrancar com os dentes as cascas de árvores de sua pele.

— O Jogador planejou tudo isso por mais tempo do que você imagina. — Sua voz soava como se a casca de árvore crescesse também nas cordas vocais. — Sempre foi ele. Primeiro, me enviou até seu irmão, e depois até sua namorada. Então o esperou à noite na frente do hospital.

Will ficou ali como se cada palavra fosse um soco.

— Meu irmão?

Dezesseis olhou para Nerron. “Você não sabe de nada, goyl”, advertia seu olhar.

— Não se preocupe — ela disse. — A última vez que o vi ele estava vivo.

O goyl se perguntava se era verdade ou se Jacob Reckless não estaria adornando alguma floresta como estátua de prata. Ele guardou a pistola no cinto. O que estava imaginando? O Filhote não iria com ele, e de que adiantaria matá-lo?

— O Jogador. — Will repetiu, como se desse um novo nome a toda a raiva impotente que se via em seu rosto.

— Bem… — disse Nerron. — Deixo você ir se me mostrar o espelho. Com uma condição. Não quero ter nada a ver com esse Jogador ou seja lá como se chama. Essa guerra é sua.

Dezesseis conseguiu dar um sorriso. Não era fácil quando quase não se tinha um rosto.

— E como você pretende evitá-lo, Pele de Pedra? O espelho pertence a ele.

A julgar pelo olhar que o Filhote lançava para ela, ele não sabia disso. Mas logo se recompôs.

— Melhor ainda — Will disse enquanto seu olhar voltava para a fada. — Assim será fácil encontrá-lo.

— Ele vai esperar por você. É uma ideia idiota. — Dezesseis dobrou os dedos lenhosos. Alguns ainda eram de vidro. — Existem outros.

— Outros o quê? — Ah, não, Nerron não confiava nela. O Filhote também não, ele via aquilo nele, apesar do jade.

— Elfos. E todos eles têm espelhos. Eles os escondem uns dos outros, mas… — Dezesseis tentou um sorriso novamente. — Sou feita do mesmo vidro.

Ela foi mancando com a perna dura até a árvore que havia se chamado Dezessete e passou a mão sobre o rosto no tronco.

— Posso encontrá-los — ela sussurrou.

Então ela se virou e foi andando até os cavalos verdes que estavam ao lado na carruagem abandonada.

Nerron se pôs no caminho de Will quando ele quis segui-la.

— Você já deixou de cumprir nosso trato uma vez — ele sussurrou. — Não tente fazer isso de novo. Caso sobreviva ao seu acerto de contas, virá comigo. O goyl de jade fez um juramento a Kami'en, e o Bastardo vai cuidar para que seja cumprido.

Will quis responder alguma coisa, mas finalmente assentiu. O jade ainda não desparecera. O Filhote estava a caminho da guerra.

Os cavalos verdes ficavam tão perdidos quanto as mariposas sem sua dona. Eles se deixaram capturar sem resistência, mas Nerron deixou-os para Dezesseis e o Filhote preferiu o cavalo branco que encontrou atrás da carruagem.

Dezesseis quase não conseguiu montar. O Filhote não olhava para ela enquanto a ajudava.

Por que você vai com ele, Nerron?

Por que ele não conseguia parar de fazer perguntas?

Talvez mandasse um telegrama do caminho para Hentzau. "Bastardo tem a balestra. E o goyl de jade."

Talvez. Mas talvez não. Aquele mundo pertencia a ele. Ele carregava sua arma mais poderosa sob a camisa.



72
Prata e ouro

Levou quatro dias até Jacob e Fux encontrarem o rio e a montanha que a aranha havia desenhado com seu fio, e só tiveram certeza de que estavam no lugar certo quando encontraram uma cobra de prata e o rastro de dois cavaleiros. Viram restos de cascas de árvores sujos com algo pegajoso que parecia vidro líquido, e uma hora depois a carruagem.

Somente se atreveram a chegar mais perto depois que Fux encontrou um riacho pelo qual poderiam fugir. A lembrança do ataque de Dezesseis estava fresca demais.

Will não estava à vista em nenhuma parte, assim como seus guarda-costas ou o Bastardo.

"Seu irmão a encontrou!"

Sim.

Fux segurou a mão dele quando viram o corpo imóvel que jazia ao lado da carruagem. A alguns passos de distância, a relva estava cheia de sangue, mas não de uma pessoa. O rastro que Fux encontrou vinha de um animal ferido que havia se arrastado para longe dali. Não era um cavalo, e sim um veado, como revelaram as pegadas.

Durante todos os dias em que haviam seguido Will, Fux não desperdiçara nenhum pensamento com a ideia de que também se tratava de salvar a fada. Ela a odiava assim como sua irmã vermelha, desde que esperara por Jacob durante um ano à margem do lago delas. Ambas haviam lhe causado tanta dor que Fux muitas vezes desejou ver seu fim, mas quando encontrou a Escura estendida ao lado de sua carruagem como uma presa abatida quase sentiu como se ela mesma estivesse lá.

Eles teriam chegado a tempo. Jacob com certeza pensava o mesmo parado ao lado do corpo imóvel. Se seu pai não tivesse

roubado o tapete. Se Orlando tivesse contado antes sobre o homem-aranha.

Se…

Jacob tentou ler nos rastros a resposta que estava buscando desde que estivera com a garota-bambu, mas nem à raposa eles revelaram se seu irmão voltara a ter pele de jade. Will tinha dois acompanhantes quando prosseguira a cavalgada, ambos perceberam isso. Fux podia apostar que uma das pegadas era do Bastardo, mas a segunda era um enigma para ela. Vinha de um corpo mais leve, talvez de uma mulher. Ela parecia ferida, e a relva estava coberta de pedaços de casca de árvore onde seu rastro começava. A mesma substância mineral clara que haviam encontrado antes estava grudada neles.

Talvez eles não tivessem notado o amieiro se as folhas não fossem de prata e vidro. Com hesitação, Fux se aproximou da árvore. Ela já vira uma vez o rosto que o tronco formava, embora apenas por um terrível momento furtivo.

Jacob observou ao redor preocupado.

Ambos sabiam quem ele estava procurando.

— Acho que ela foi com o seu irmão — disse Fux. — Ela e o Bastardo.

Jacob ficou olhando para o rosto petrificado como se desejasse poder lhe contar se seu irmão fora com eles por vontade própria e, em caso afirmativo, por que havia escolhido acompanhantes tão péssimos.

Fux envolveu-o com os braços e o beijou. Para não sentir o medo que se movia dentro dela, mas a felicidade. Tanta felicidade.

Você tem tudo o que desejou, Fux. Tudo.

Apesar da fada.

Apesar de Will.

Apesar do elfo dos amieiros que esperava pelo pagamento.

Apesar. Que palavra maravilhosa. Ela era cheia de liberdade. Coragem. Esperança.

— O elfo conseguiu o que queria — Jacob sussurrou para ela. — Talvez nos deixe em paz por enquanto. Mas não vou contar com

isso. Prometo que vou encontrar alguma coisa. Alguma magia que a proteja dele.

— Não — sussurrou Fux de volta. — *Nós* vamos encontrar alguma coisa.

Jacob enterrou o rosto em seus cabelos. Ele a beijou, como se isso pudesse fazê-lo esquecer a fada morta. E Will e seu pai e o elfo que conseguira o que queria.

— Vamos surpreender Chanute e Sylvain — ele disse. — Podemos chegar a Kamchatka antes que tomem o barco.

Ah, aquilo soava maravilhoso.

Maravilhoso como o tempo roubado no estábulo da devoradora de crianças e na cabana do pastor. Ou como os preciosos minutos na praia depois que haviam sobrevivido ao naufrágio da frota albiã. Eles eram bons em roubar tempo. Por toda parte. Juntos. Mas ela não podia admitir que Jacob fugisse. Não era típico dele.

— Quando você acha que vai querer voltar? — Fux perguntou. — Amanhã? Depois de amanhã? Quem sabe, talvez você aguente a incerteza por três dias: E então vai me perguntar se posso encontrar o rastro de Will apesar da dianteira dele.

Jacob calou-se, sua forma de admitir que ela estava certa. Nunca deixar o outro esquecer quem se era. Aquilo também fazia parte do amor.

Longe da fada, separada das outras, uma de suas mariposas batia as asas sobre um curso de água que a última chuva havia deixado na relva. Algo brilhante flutuava na água. Fux abaixou-se e catou-o dos juncos úmidos nos quais havia se enroscado.

Era um fio dourado.

Talvez a fada tivesse mesmo encontrado a Tecelã.

A mariposa pousou no ombro de Fux quando ela enrolou o fio dourado em volta do punho. As asas escuras brilhavam como se estivessem salpicadas de ouro.

Jacob estava ao lado da fada. Ele descobrira o nome dela e ela tentara matá-lo por causa disso. Mas também lhe devolvera seu irmão e salvara todo mundo nas Bodas Sangrentas.

A mariposa voou atrás deles quando retomaram o rastro de Will. Fux não teve coragem de espantá-la.



73
Não

Alguma palavra de agradecimento dos outros? Alguém disse: “Jogador, você estava certo”? Claro que não. O Guerreiro, Letterman, Apaullo, toda a facção dos colaboradores do outro lado… todos ocupados demais em ensaiar seu regresso. Quem encontrara Will Reckless? Quem fundira a magia daquele mundo com o seu, para que pelo menos pudessem mandar algo de si através do espelho? Guismund? Não! O Guerreiro queria um cavaleiro! Um cavaleiro! Quem disse que a imortalidade imunizava contra a estupidez? Apaullo havia recrutado Conquistadores, Letterman, um papa espião, sem falar nos stilzes, nos polegares e nas devoradoras de crianças que haviam subornado os membros da facção dos colaboradores do outro lado ao longo dos séculos. Retrógrados, era o que eram. Retrógrados incorrigíveis, no pensamento e nos sonhos. Mas ele não os deixaria esquecer quem havia posto um fim ao exílio. Ah, não!

Era um absurdo como estava agitado. Os outros também estavam nervosos? Ele nem sabia se algum deles havia voltado. Todos mantinham o local de seus espelhos tão secretos quanto sua aparência. Todos tentavam descobrir os outros, quase sempre sem sucesso. Letterman tinha um em Fron; o Guerreiro, um em Nihon.

Ele escolhera para seu retorno o mais velho dos espelhos que possuía, produzido com a primeira água que haviam roubado das fadas. Por muito tempo elas não tinham percebido…

O Jogador passou os dedos na moldura forjada com maestria. Os lírios eram uma representação tão impressionante que os insetos se confundiam com suas folhas. Eles nunca mais haviam encontrado um ourives com um talento daqueles. Volund. Ele havia tido um fim trágico. Não tivera sorte naquele mundo.

O vidro entre as flores de prata tão perfeitas mostrava ao Jogador sua verdadeira aparência. O espelho apenas o deixava passar com ela. Uma grande desvantagem, mas haviam tentado alterar aquilo em vão. Os outros tinham insistido para que ele desse a Dezessete seu rosto — uma tentativa infantil de puni-lo por ter imposto sua ideia. O Guerreiro dera o seu a Dezesseis. Era lamentável que tivessem perdido os dois, mas o Jogador sempre havia considerado muito pequena a chance de que sobrevivessem à missão.

Oito séculos de exílio. Oito séculos no mundo errado.

Ele ergueu a mão.

Aquele mundo fora bom para ele.

Do outro, nem sempre era possível dizer o mesmo. Naquele instante, pelo qual ele ansiara tão dolorosamente e por tanto tempo, tudo o que era difícil e desgostoso parecia se reunir atrás do espelho: derrotas esquecidas, velhos inimigos, o atraso que o esperava, o horror dos últimos dias…

Não, Jogador.

Ele pressionou a mão contra o espelho.

Você vai para casa…

Por um momento, manteve os olhos fechados e escutou apenas a própria respiração, sentiu o espaço modificado ao seu redor, sua amplidão e profundidade. O cheiro não lhe agradava. Era um cheiro de tempo perdido, derrota e um passado tão esquecido que havia perdido todo o gosto. Era também o cheiro dos elementos das fadas: a água e a terra.

O Jogador abriu os olhos e viu coisas familiares que haviam se tornado estranhas por tantos anos de ausência. O mais cruel no desterro era que a pátria se tornava um sonho poupado e purificado de tudo o que havia de ruim. Não se voltava para a imagem que fora cultivada durante tantos séculos, mas para uma realidade que parecia deplorável perante as imagens purificadas. As colunas de prata que ele viu, as sacadas, os candelabros, o chão de vidro… como tudo estava empoeirado, como era velho. “Ontem.” Havia uma palavra mais cruel?

Seus passos ecoaram no salão vazio.

Ele tivera muito orgulho daquele palácio. Era comovente. Ia se sair mal na comparação com as torres de vidro que tocavam as nuvens.

O Jogador parou e pôs a mão na testa.

O que era aquilo?

Acima da sobrancelha esquerda, sua pele parecia raspada. Seus dedos apalparam a crosta áspera. Não, não era uma crosta.

Ele tirou o medalhão com o espelho do bolso com uma pressa quase mortal. Mas, sim, ali estava ela. O belo corpo já começava a se transformar em flores. *Vamos logo, mostre-me as imagens das irmãs.* Ali, o lago. Árvores murchando, a água turva de lírios fenecendo. Nenhum sinal de vida. A maldição morria lentamente como elas? Sim, devia ser.

O Jogador guardou o medalhão no bolso do colete — as roupas do outro mundo, mais uma coisa à qual ele se acostumara — e olhou para a mão direita. Nas costas dela, brotavam minúsculas manchas, ásperas como casca de árvore.

— Não!

Ele disse em voz alta, em seu palácio vazio, que cheirava aos elementos delas, à água, à terra, tão abafado, tão pesado, sozinho com sua ira e toda a decepção imortal.

Um último resto… Era possível? Que um resto delas tivesse ficado?

Ele passou a mão no rosto, no pescoço… nada. Ainda não. *Calma. A maldição foi quebrada, Jogador. Você já seria uma árvore se não fosse assim.*

Mas algo delas devia ter sobrevivido. E se aquela última centelha tivesse encontrado um protetor? Um de seus amantes mortos, um dos fricotes humanos que achavam as fadas irresistíveis.

Pegou novamente o medalhão, mas ele apenas lhe mostrou o corpo dela se degradando e as imagens que já tinha visto.

Não.

Não!

Ele não voltaria.

Encontraria o que quer que houvesse restado delas.

Faria novas criaturas, melhores. Imortais, incansáveis, mais terríveis do que tudo o que fora caçado naquele mundo.

Ah, ele não gostava de si mesmo quando perdia a paciência.



GILLIAN CRANE

CORNELIA FUNKE nasceu em 1958, em Dorsten, na Alemanha. Escritora e ilustradora especializada em literatura infantojuvenil, já publicou mais de cinquenta livros, traduzidos para cerca de quarenta línguas, e pelos quais recebeu diversos prêmios literários. Dela, a Seguinte publicou *O senhor dos ladrões*, *O cavaleiro do dragão*, *O cavaleiro fantasma* e a trilogia Mundo de Tinta. Seus livros já venderam mais de 20 milhões de exemplares no mundo. O fio dourado é o terceiro volume da série Reckless.

Copyright © 2015 by Cornelia Funke e Lionel Wigram

Copyright das ilustrações © 2015 by Cornelia Funke

Copyright do mapa © 2015 by Raul Garcia

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Reckless: Das Goldene Garn

Capa
Flávia Castanheira

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Fernando Nuno
Marise Leal

ISBN 978-85-438-0730-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

SEGUINTE



F



T

CORNELIA FUNKE

Mundo de tinta

CONTOS

Mundo de tinta

Funke, Cornelia
9788580869309
22 páginas

Compre agora e leia

Três contos inéditos que se passam no Mundo de Tinta contam o que aconteceu com alguns personagens depois do desfecho da história de Mo e de sua filha Meggie. Um presente para todos os fãs que estavam com saudades desse universo de fantasia que já conquistou milhares de leitores no Brasil. Sete anos depois do lançamento de Coração de tinta, primeiro volume da série juvenil que conquistou leitores brasileiros de todas as idades, chegam três contos inéditos que se passam nesse universo incrível, criado pela escritora alemã Cornelia Funke, onde algumas pessoas — os chamados Línguas Encantadas — têm o poder de dar vida aos personagens das histórias ao lê-las em voz alta. No primeiro conto, descobrimos um pouco do que aconteceu depois das últimas páginas de Morte de tinta, último volume da trilogia. Orfeu, exilado num reino gelado, longe do alcance das palavras de Fenoglio, tenta reencontrar a magia e se reerguer, na companhia de Brilho de Ferro, seu homem de vidro. Num clima de mistério e fantasia característico das obras de Cornelia, vemos ainda o que se passa cinco anos depois, quando Fenoglio sente a presença de Orfeu e precisa avisar Dedo Empoeirado, anunciando mais uma aventura. Por fim, em Livro de Prata, conhecemos esse objeto mágico misterioso que

sumiu de um museu numa cidadezinha da França e que pode ser a resposta para muitas perguntas — não só sobre o Mundo de Tinta, mas sobre outros universos…Um presente para todos os fãs da série, esses contos levarão os leitores em mais uma viagem pelo universo dos livros, onde eles poderão matar as saudades desse lugar mágico, repleto de personagens fantásticos e histórias impressionantes, que só poderiam ser fruto da imaginação de uma das maiores autoras infantojuvenis da atualidade.

Compre agora e leia


A QUEDA DOS REINOS VOL. 4
MARÉ CONGELADA
MORGAN RHODES
SEGUINTE

Maré congelada

Rhodes, Morgan
9788543805405
440 páginas

Compre agora e leia

No quarto volume da série A Queda dos Reinos, rebeldes e realeza lutam pelo trono de Mítica.

As disputas pela Tétrade, quatro cristais mágicos capazes de conferir poderes inimagináveis a quem os encontrar, continua. Amara roubou o cristal da água, Jonas conseguiu o da terra, Felix enganou os rebeldes para ficar com o cristal do ar, e Lucia está com o do fogo. Mas nem todos sabem como ativar a magia da Tétrade, e apenas a princesa feiticeira conquistou poder até agora, aliando-se ao deus do fogo que libertou de seu cristal.
Gaius, o Rei Sanguinário, também não desistiu de encontrar os cristais. Ele está mais sedento por poder do que nunca, especialmente agora que não conta mais com a ajuda da imortal Melenia nem com o apoio de Magnus, o herdeiro que o traiu para poupar a vida da princesa Cleo. Para conquistar todo o mundo conhecido, Gaius resolve atravessar o mar gelado até Kraeshia, e tentar um acordo com o imperador perverso de lá. No caminho, o rei vai encontrar muitas dificuldades e inimigos, como Amara, princesa de Kraeshia, que tem seus próprios planos para conquistar o poder.

Compre agora e leia


AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO
KIERA CASS
A SEREIA
SEGUINTE

A sereia

Cass, Kiera
9788543804842
328 páginas

Compre agora e leia

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil!
Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

Compre agora e leia


CORNELIA FUNKE
O CAVALEIRO FANTASMA
SEGUINTE

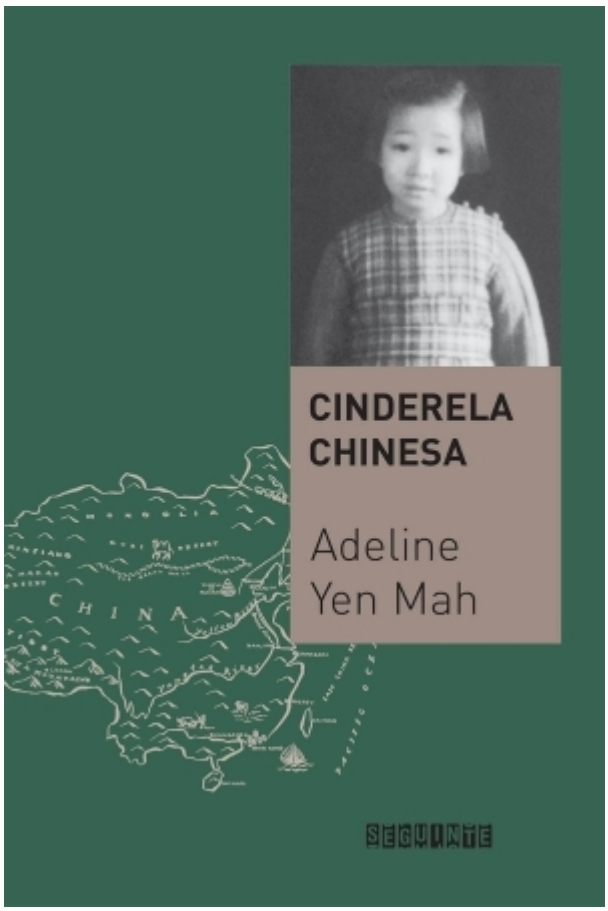
O cavaleiro fantasma

Funke, Cornelia
9788580866278
176 páginas

Compre agora e leia

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

Compre agora e leia


CINDERELA
CHINESA
Adeline
Yen Mah
CHINA
SEGUINTE

Cinderela chinesa

Mah, Adeline Yen
9788543801513
176 páginas

Compre agora e leia

Relato autobiográfico de uma menina que luta para conquistar a independência e a liberdade após uma infância de privação e sofrimento. Cinderela chinesa é um best-seller internacional que fala com sensibilidade sobre a superação de uma juventude extremamente infeliz. Quinta filha de um milionário chinês, Adeline perdeu a mãe apenas duas semanas depois de nascer. Além de sofrer com a hostilidade dos irmãos, que a responsabilizam pela morte da mãe, Adeline ainda sofre com a indiferença do pai e a crueldade da madrasta. A segunda mulher de seu pai despreza os filhos do casamento anterior, que vivem pobremente, limitados a três refeições diárias e a apenas uma muda de roupa além do uniforme escolar. O pai ignora o que acontece em casa, deixando o terreno livre para a madrasta. Por ter ousado contrariá-la e por apresentar um rendimento exemplar na escola, Adeline padece nas mãos dessa mulher, que parece ter saído diretamente da fábula Cinderela. Por isso, acaba num colégio interno, sem visitas nem presentes, e é nos livros que encontra refúgio para sua tristeza e solidão. É dessas leituras que vem sua redenção: aos catorze anos, ela se inscreve em um concurso internacional de peças teatrais para alunos de língua inglesa, e ganha. A partir daí, Adeline tem a chance de

escapar do seu destino. O resultado dessa experiência extraordinária é Cinderela chinesa, best-seller internacional que fala com sensibilidade sobre a superação de uma infância extremamente infeliz.

Compre agora e leia